



Uma paixão
além das palavras.
Um desejo
sem limites.

BETTIE PAGE APRESENTA

A Bibliotecária

"Um dos livros mais quentes do ano."

THE NEW YORK POST

LOGAN BELLE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Bibliotecária

Tradução: Bruh Santos
Revisão Inicial: Va iazf
Revisão Final: Cartaxo

SINOPSE

Regina Finch, uma brilhante rata de biblioteca, conseguiu seu emprego tão sonhado: bibliotecária na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Mas o descobrimento das sórdidas aventuras sexuais de um jovem libertino milionário entre os santos corredores e os sagrados montes de livros da biblioteca desata uma confusa mistura de repulsão e desejo que ameaça consumi-la. Só graças a sua introdução na obra de Bettie Page, a ingênua que foi convertida em modelo fetiche mais popular do mundo, e o próprio despertar sexual de Page, Regina espera descobrir sua destreza sexual e seduzir o homem que ama.

"O amor é um grande castigo para o desejo" Anne Enright

AGRADECIMENTOS

A minha extraordinária editora, Lauren McKenna, que me pressionou em todas e, em cada uma das cenas deste livro. Lauren, não só trocou meu modo de ver esta história, mas também minha visão da narração romântica: agradeço-lhe por isso.

Alexandra Lewis, obrigado por toda sua ajuda e o duro trabalho para manter o trem sobre os trilhos!

Clare Neumann do CMG Worldwide Inc. foi essencial para que este projeto se tornasse realidade. Obrigado por ser uma leitora tão apaixonada.

Muitíssimo obrigada ao Bettie Page LLC por apoiar esta novela, por manter viva ao Bettie no coração e a mente da gente em todo mundo.

A bibliotecária e blogger Wendy Crutcher (aliás, Wendy a Superbibliotecária) e a autora Jessica Rozler por responderam com grande paciência a minhas perguntas sobre o trabalho diário dos bibliotecários.

A prodigiosa fotógrafa Ellen Stagg que me ofereceu generosamente sua experiência no campo da fotografia erótica.

Obrigado também ao guru editorial Matt Schwartz, nossas conversações sempre me inspiraram e uma em particular me levou a escrever este livro.

E finalmente, a cada qual o que lhe corresponde: foi Adam Chromy, meu agente e companheiro, quem teve a ideia de profanar desavergonhadamente uma biblioteca. Obrigado, como sempre, por esse toque de genialidade.

NOTA DA AUTORA

Embora a Biblioteca Pública de Nova Iorque, na Quinta Avenida, é um lugar real (e imponente), tomei-me liberdades com a descrição da distribuição, os nomes e os números das salas para contar esta história fictícia. Para quem está interessado em detalhes reais sobre este magnífico edifício, recomendo o livro *The New York Public Library: The Architecture and Decoration of the Stephen A. Schwarzman Building*, do Henry Hope Reed e Francis Morrone.

CAPÍTULO 1

Regina Finch se deteve na esquina da Quinta Avenida com a Rua Quarenta e dois. As pessoas a empurravam para a esquerda e para a direita em sua pressa por passar. Os pedestres se moviam como ondas rompendo contra uma rocha. Depois de um mês em Nova Iorque, ainda não tinha acostumado ao horário de pico.

Mesmo assim, não permitiu que as pessoas a distraísse. Era seu primeiro dia no trabalho dos seus sonhos e ia saborear cada minuto. Um mês depois de finalizar uma pós-graduação em Bibliotecas e Informática na Universidade do Drexel, dirigia-se à biblioteca mais magnífica de todo o país.

Elevou a vista para o formoso edifício, uma assombrosa obra de arquitetura em pedra calcária branca e mármore. Regina não podia imaginar que existisse um lugar mais perfeito que a Biblioteca Pública de Nova Iorque.

— Está olhando os gêmeos? — perguntou-lhe uma senhora.

Tinha o cabelo tão branco que parecia quase rosa e vestia um traje azul-esverdeado com uns brilhantes botões dourados. Estava com um colar de cristais incrustados, o qual pendia um cachorrinho branco.

— Perdão? — disse Regina.

— Os leões — esclareceu a mulher.

Ah, os leões. Em cada lado da ampla escada de pedra que subia até a biblioteca havia a estátua de um leão de mármore branco. Eram umas

criaturas de aspecto real, que, sentadas sobre uns pilares de pedra, pareciam guardar o conhecimento que habitava o edifício.

— Eu gosto dos leões. — afirmou Regina.

Sua colega de quarto tinha advertido muito séria que não devia responder a todos os pirados que lhe falassem na rua. Mas Regina era da Pensilvânia e se sentia incapaz de ser mal-educada.

— Paciência e Integridade. — respondeu a mulher. —Esses são seus nomes.

— De verdade? — exclamou Regina. — Não sabia.
— Paciência e Integridade. — repetiu a mulher e partiu.

Regina não soube como dizer a sua nova chefe, Sloan Caldwell, que não necessitava de uma visita guiada pela biblioteca, porque tinha ido ali com frequência desde que era menina. Mas Sloan, uma loira alta e fria do Upper East Side, tinha-lhe parecido intimidadora durante a entrevista e, de algum modo, o parecia ainda mais agora que tinha conseguido o trabalho.

— Não quer tomar notas enquanto caminhamos? — perguntou- lhe Sloan.

Regina abriu a bolsa e procurou um papel e um lápis.

Seguiu à mulher pelo grande vestíbulo de mármore, cujo estilo Belas Artes sempre lhe recordava as fotografias dos grandes edifícios da Europa. Mas seu pai lhe havia dito muitas vezes que não tinha sentido comparar a sede central da Biblioteca Pública de Nova Iorque com nada, já que, como obra de arquitetura, era única.

— E esta é a Sala do Catálogo Público. — anunciou Sloan.

A magnífica sala, oficialmente chamada Sala do Catálogo Público Bill Blass, e composta por mesas baixas de madeira escura, providas de abajures de bronze distintivas da biblioteca, com telas de metal rematadas em bronze escuro. Os computadores pareciam estar fora de lugar, já que os móveis lembravam o início do século XX.

— Estes computadores não têm acesso à Internet. — comentou Sloan, claramente aborrecida pela explicação que, sem dúvida, teria dado infinitas vezes. — Sua única finalidade é permitir que os visitantes procurem os livros que necessitam, os números de referência e demais informações, para logo solicitá-los em empréstimo.

É obvio, Regina conhecia esse sistema melhor que tudo na vida. (Ela adorava era um bom sistema. Para ela, a ordem estava acima de tudo). Depois de procurar os livros, os visitantes escreviam os títulos e os números de referência em um papel com os pequenos lápis que tinham ao seu dispor nos boxes de ambos os lados das largas mesas. Para Regina era reconfortante o fato de que nessa época, em que tudo se fazia pelo SMS ou correio eletrônico, a Biblioteca Pública de Nova Iorque era o único lugar onde a gente ainda tivesse que usar papel e lápis.

Sloan continuou andando e os saltos de sua “Ankle Boot” ressoaram no chão de mármore. Usava o cabelo liso preso em um delicado coque baixo e estava vestida da cabeça aos pés de Ralph Lauren. Igual à companheira de apartamento de Regina, Sloan Caldwell, a olhou de cima abaixo e disfarçou o seu veredicto: "Ruim! Muito ruim!". Regina se perguntou se em Manhattan haveria algum código secreto para se vestir, e que todo mundo conhecia menos ela. Desde que mudou para a cidade, sentia-se como um dos extraterrestres da invasão dos ladrões de corpos; quase parecia uma nova-iorquina, mas quem a olhasse com mais atenção via que não era bem assim.

— E aqui temos o coração da biblioteca, a Sala Principal de Leitura.

O pai da Regina ia com frequência à Nova Iorque por negócios e a levava

com ele. Viajavam de trem, comiam no Serendipity e visitavam a sede central da Biblioteca Pública de Nova Iorque, na Quinta Avenida; um ritual para estreitar laços afetivos. O leve aroma de fechado da Sala Principal de Leitura recordava a seu pai de um modo tão vívido e intenso que sempre necessitava um momento para recuperar-se.

Deteve-se para ler a inscrição que havia sobre a porta, um protesto contra a censura de 1644 do Areopagítica de Milton: "Um bom livro é a preciosa seiva para um espírito magistral, embalsamado e entesourado com o propósito de dar vida além da vida".

A sala era impressionante; só com seu tamanho conseguia deslumbrá-la. O teto tinha uns quinze metros de altura, só três metros menos alto que os típicos edifícios de pedra calcária de Manhattan. A sala media vinte e quatro metros de largura e noventa de comprimento, aproximadamente a longitude de todo um bloco de pisos. Pelas enormes janelas em arco entrava a luz do sol. E logo estava o teto, uma pintura de um céu com nuvens do Yohannes Aynalem, rodeada por ornamentadas talhas douradas de madeira de querubins, golfinhos e volutas. Mas sua parte favorita daquela sala eram os lustres de quatro fileiras, de madeira escura e latão, com máscaras de sátiros esculpidas entre as lâmpadas.

Sloan se deteve frente ao balcão de empréstimos que presidia a sala. Era mais que um balcão: ornamentada, a peça de madeira escura abrangia a metade do comprimento da estadia e era, basicamente, o centro de comando. Estava dividido em onze espaços com um guichê em arco cada um, separados por colunas dóricas romanas.

Sloan se inclinou sobre um dos ocios.

— Aqui está, seu novo lar. — anunciou. Regina se sentiu confusa.

— Vou trabalhar no balcão de empréstimos?

— Sim. — respondeu Sloan.

— Mas... Especializei-me em Arquivos e Conservação.

Sua chefe lhe dirigiu um olhar de desaprovação, com uma mão de unhas perfeitamente arrumadas sobre o quadril.

— Não se precipite. É inteligente, como o foram todos os candidatos para este posto. Poderá abrir caminho como aos demais. Por outro lado, a biblioteca tem os arquivos cuidados por Margaret. Teve oportunidade de conhecer Margaret? Ela mesma está muito bem conservada. Acredito que trabalhe aqui desde que se colocou a primeira pedra.

Regina sentiu uma sensação de vazio no estômago. Trabalhar no balcão de empréstimos não era um trabalho muito estimulante. A única coisa que faria seria sentar-se em seu posto, receber os pedidos e inseri-lo no computador e aguardar que alguém trouxesse os livros das diversas salas e espaços para poder entregar ao visitante, que aguardaria sentado numa mesa com uma senha.

Tentou não se deixar levar pelo pânico. Todo mundo tinha que começar em algum lugar, disse a si mesma. E poderia ser pior: poderiam colocá-la no balcão de devoluções.

O importante era que se encontrava ali. No final era bibliotecária. E demonstraria que era digna desse trabalho.

CAPÍTULO 2

Regina pegou o saco de papel marrom em que levava o almoço e se sentou lá fora, no alto da escada da biblioteca. Abriu a garrafa térmica de leite e contemplou a Quinta Avenida.

— É a nova bibliotecária? — perguntou-lhe uma senhora que se deteve seu lado antes de descer a escada.

— Sim, sou Regina. — respondeu ela, enquanto mastigava tampando a boca com a mão.

— Bem-vinda. Sou Margaret Saddle.

Incomodava por estar sentada enquanto a mulher permanecia em pé, Regina se levantou e alisou a saia vincada de algodão que vestia.

— Ah, sim. Você trabalha na Sala de Arquivos, não é? A senhora Saddle assentiu.

— Há cinquenta anos.

— Nossa, é... Impressionante.

Margaret tinha o cabelo branco e o usava meio preso, estilo anos 60, e os olhos eram de um azul muito claro. Além de blush no rosto, não usava maquiagem. Estava com um colar de pérolas de várias voltas e, se Regina tivesse que apostar, diria que eram autênticas.

A mulher voltou o olhar para o edifício.

— Este é um lugar que vale a pena dedicar toda uma vida profissional. — afirmou. — Embora tudo foi de mal a pior desde que perdemos o Brooke

Astor. Bom, prazer em conhecê-la. Venha me visitar no quarto andar quando quiser. Provavelmente terá dúvidas e Deus sabe que nenhum outro se apressará em respondê-las, se é que sabem a resposta. Bom, desfrute do sol.

Regina desejou lhe dizer que se especializou em Arquivos e Conservação, mas não queria que parecesse que estava competindo com ela. Entretanto, tinha certeza que preferia trabalhar com a Margaret Saddle do que com a Sloan Caldwell.

A mulher se afastou e Regina sentou-se novamente no degrau, esquecendo que tinha deixado a garrafa térmica com leite aberta. Derrubou-a, o leite derramou pela escada e a pesada tampa caiu ricocheteando como uma bola.

Ela ficou horrorizada, sem saber o que fazer primeiro, da crescente poça de líquido branco ou da tampa que saltava cada vez mais rápido em direção à Quinta Avenida.

Levantou o recipiente térmico para deter o fluxo de leite e desceu correndo escada abaixo para alcançar a tampa, mas antes que tivesse podido baixar muitos degraus, viu que um homem alto e de ombros largos a interceptava com um rápido movimento da mão. Olhou para ele, seus olhos eram de um escuro castanho aveludado, quase negro. Quando se aproximou, surpreendeu-se ao notar que o coração disparava.

— Isto é seu?

Elevou a tampa com um leve sorriso no rosto, um rosto de feições duras, tão grosseiramente belo que resultava perturbador. Tinha as maçãs do rosto altas, um nariz bem definido e uma diminuta covinha no queixo. Seu cabelo era brilhante e escuro e o usava comprido o bastante para que as pontas se enrolassem ao redor do pescoço. Era mais velho que Regina.

— OH, sim... Sinto muito. Obrigada.

Agarrou a tampa e, embora se encontrasse um degrau acima dele, superava-a em altura.

— Não é necessário que se desculpe. Embora, agora que vejo o desastre... Possivelmente sim.

Envergonhada, ela seguiu seu olhar até a poça de leite.

— OH... Irei limpar. Nunca deixaria que... Mas seu sorriso lhe indicou que só brincava.

— Sem problemas. — disse-lhe, ao mesmo tempo em que devolvia a tampa de plástico preto.

Quando ele roçou os dedos com os seus, Regina sentiu verdadeiro calor com o contato. Então, o homem passou junto a poça e desapareceu pela porta da biblioteca.

Regina subiu os cinco andares até seu apartamento na Rua Bank com a bolsa cheia dos livros que não tinha podido resistir em pedir emprestados da biblioteca.

Vivia num pequeno apartamento no bloco mais perfeito, do bairro mais perfeito da cidade. Pensava nele como seu “Grande Escape”, não só das limitações da sua cidade natal, mas também dos compridos e necessitados braços de sua mãe. Ali, escondida, num típico edifício nova-iorquino, numa vizinhança que em outra época foi o lar de gênios literários, como Willa Cather, Henry James, Edna St. Vincent Millay e Edgar Allan Poe, Regina era verdadeiramente independente pela primeira vez na sua vida.

A única sombra nessa paisagem, totalmente perfeita, da recém- descoberta liberdade era sua colega de apartamento, Carly. Carly Ronak era uma estudante do Parsons totalmente obcecada por duas coisas: moda e homens. E trocava de homem com mais frequência que de jeans. Parecia que cada semana trocava para um menino diferente.

Regina nunca tinha tido uma companheira. Enquanto cursava a faculdade, sua mãe tinha insistido em que ficasse em casa em lugar de instalar-se numa

das residências da Universidade de Drexel, no centro da Filadélfia, há apenas vinte minutos de carro desde seu bairro nos subúrbios. E agora que vivia com Carly se dava conta de que, nos últimos anos, sua mãe possivelmente tinha tido muita influência sobre sua vida social.

Agora que era testemunha diária da turbulenta vida sentimental de Carly, Regina não podia evitar perguntar-se por que ela não se aventurou mais nesse campo. Em parte por causa de sua mãe, que se mostrava tão contrária a que saísse com caras, que quase não valia a pena fazê-lo secretamente. E os poucos encontros que tinha tido, foram tão decepcionantes que não compensavam as mentiras ou as discussões com ela. Mas agora se via obrigada a se perguntar se tinha perdido algo importante.

Quanto a Carly, Regina demorou várias semanas a descobrir por que a garota não se incomodava em ter uma colega de apartamento. Parecia dispor de uma infinita reserva bancária, ao menos para gastar em roupa. As bolsas do Barneys, Alice e Olivia ou Scoop estavam sempre presentes no apartamento. Regina não sabia muito de moda, mas era consciente de que essas lojas não tinham nada a ver com as modestas Filene's e Target, onde ela fazia todas suas compras. E logo estavam as contínuas visitas de Carly ao Bumble&Bumble para manter seu comprido cabelo pintado com mechas, sem contar os constantes jantares fora. Regina não tinha visto nunca a sua companheira servir-se nem sequer uma tigela de cereais. Inclusive pedia que lhe entregassem em casa os ovos mexidos nas estranhas manhãs de fim de semana em que acordava no apartamento.

O mistério ficou resolvido uma noite, quando Regina despertou ao ouvir Carly e seu namorado atual fazendo sexo na cozinha às duas da manhã. Carly brigou com o namorado por todos seus fortes gemidos (que tinham despertado Regina):

— Minha colega de apartamento ficará traumatizada...
— repreendeu-o.

O rapaz respondeu:

— Não entendo por que tem uma colega de apartamento. Seu pai é Mark Ronak.

Carly explicou-lhe que não era uma questão de dinheiro; seus pais tinham insistido que tivesse uma colega dividindo o apartamento por "motivos de segurança". Os dois riram e ele comentou:

— Ainda bem que você tem alguém para te controlar. Do contrário, poderia ser uma garota má.

É óbvio, Regina procurou no Google Mark Ronak e descobriu que o pai de Carly era o fundador da gravadora de hip-hop mais importante do país. Esse pequeno detalhe serviu para aumentar ainda mais a distância que já havia entre as duas. Era impossível imaginar seu pai ou sua mãe escutando hip hop, ou qualquer música pop. O pai de Regina rondava os trinta e cinco anos quando ela nasceu e morreu oito anos depois. Era arquiteto e a única música que escutava era ópera. A mãe de Regina era uma violoncelista que só gostava de música clássica e insistia que na sua casa só se ouvisse esse tipo de música. Enquanto Alice Finch estava em causa, as únicas formas de música, pintura e literatura aceitáveis eram os clássicos, por isso Regina tinha crescido sem música "pop", arte "moderna", nem ficção "barata".

— Como foi seu primeiro dia? — perguntou-lhe Carly, levantando a vista da revista W. — Os rapazes da biblioteca estão se comportando? — brincou.

Estava sentada no sofá, com as pernas cruzadas. Vestia uma calça jeans perfeitamente descolorida e queimados, um pulôver de caxemira que lhe chegava logo abaixo do peito e prendeu o cabelo loiro dourado em um descuidado coque.

A sala cheirava a seu perfume, Chanel Allure.

— Muito bem. Obrigada. — respondeu Regina, enquanto deixava sua pesada bolsa no chão e ia à cozinha pegar uma Coca-Cola.

Nunca sabia se Carly estava realmente interessada em falar com ela ou era só um gesto automático por ser ela a única pessoa que havia ali. Regina

sabia que a garota não compreendia que "pôr livros em estantes", segundo suas próprias palavras, pudesse ser o sonho da vida de alguém. Mas isso era exatamente para Regina.

Desde que tinha seis anos e seu pai tinha começado a leva-la à biblioteca todos os sábados à tarde, embora não fosse a de Nova Iorque, e sim a pequena biblioteca no Gladwynne, Pensilvânia, Regina sabia que esse era seu lugar. Nunca passou por uma fase em que queria ser professora, veterinária ou bailarina. Para ela seu sonho tinha sido sempre tornar-se uma bibliotecária. Desejava trabalhar rodeada pelo cheiro dos livros, ser responsável por fileiras e mais fileiras de ordenadas prateleiras, e de uma meticulosa catalogação e de ajudar às pessoas a descobrir um grande romance, ou o livro que os ajudaria no projeto de uma pesquisa com o qual obteriam seu título ou solucionariam um enigma intelectual.

Sabia desde que era pequena, e nunca tinha perdido de vista seu objetivo. E agora seu sonho virou realidade, por muito insignificante e ridículo que pudesse parecer para alguém como Carly Ronak.

— Fico feliz. — comentou. — Vou receber a visita de um amigo. Espero que não a incomodemos.

O que realmente estava lhe dizendo era que esperava que ficasse em seu quarto e não incomodasse.

— Não se preocupe. Tenho muito que ler.

— Ah e sua mãe ligou. Duas vezes. — comentou Carly, dando-lhe uma nota com a mensagem ilegível rabiscada com marcador permanente.

Para reduzir despesas na sua mudança para Nova Iorque, Regina tinha excluído o celular da sua vida. Isso foi ótimo já que ficou impossível para sua mãe contatá-la as vinte e quatro horas do dia, mas, infelizmente, qualquer pessoa que tivesse um relacionamento com Regina e possuísse uma linha fixa pagava o preço.

Dobrou a nota e a meteu no bolso.

Despertou com um barulho que a fez pensar que alguém estava arrombando o apartamento. Ao menos, isso lhe pareceu. Logo se deu conta de que só era a cabeceira da cama de Carly batendo contra a parede.

O ruído chegava acompanhado de uns gemidos da sua colega e sem dúvida desnecessário grito de:

— Foda-me!

Mais gemidos, dessa vez masculinos. O ruído da cabeceira se fez mais forte e mais rápido e o tom das vozes pareceu de repente mais indicativo de violência do que prazer. Logo silêncio.

Regina respirou com dificuldade, embora ela não sabia se devia ao sobressalto ou à natureza do que tinha ouvido. Era perturbador e excitante ao mesmo tempo e isso a preocupou mais do que o fato de que a vida sexual de sua companheira de apartamento estivesse roubando suas horas de sono.

Sabia que estava muito desatualizada em todo o tema de sexo; ser virgem na sua idade era impensável para a maioria das pessoas. Mas era sua realidade, uma realidade que a preocupava desde que se mudou para Nova Iorque e se deu conta de que era a última a chegar na festa.

Não é que pensasse não praticar sexo nunca. Não tinha feito voto de castidade, muito pelo contrário. Era porque não tinha aparecido oportunidade. Suas amigas lhe diziam que passou pela vida sem perceber que os caras sempre se fixavam nela e que lhe pediriam para sair mais frequentemente se esforçasse mais por relacionar-se e fazer as coisas.

— É sempre tão séria... — diziam-lhe.

Não é que não queria divertir-se. Tratava-se mais de que estava dolorosamente consciente de que cada festa que ia era uma noite que perdia de estudo, e cada cara que gostava a ameaçava desviar sua atenção do que era importante para ela: aprender, trabalhar duro, conquistar um futuro.

Determinação. Esse era o mantra de sua mãe, que não demorou em prevenir Regina de que os meninos não eram nada mais que uma distração, um modo muito eficaz de impedir seu futuro. Tinha-lhe passado, advertiu-lhe com tom solene. Regina tinha ouvido a história dezenas de vezes, mas sua mãe sempre contava-lhe como havia "renunciado a seus sonhos" para apoiar o pai de Regina enquanto este estudava arquitetura e logo nos primeiros anos de luta... E mais tarde veio sua gravidez.

— Depois seu pai morreu e me deixou com toda a carga. Ninguém pensa em imprevistos, Regina. Só pode depender de você mesma.

Olhou o relógio. Eram duas da manhã. Faltavam cinco horas para que soasse o despertador. Ouviu risadas e outro gemido de Carly.

Deitou de barriga para cima, desesperada para dormir de novo. A camisola, um objeto folgado de algodão cinza da marca OldNavy, enroscou na cintura. Regina o soltou, mas a deixou por cima dos quadris. Acariciou estômago tentando relaxar para recuperar o sono. E então, como se movesse por vontade própria, sua mão desceu até a borda da calcinha.

Deteve-se. Do quarto ao lado só chegava silêncio.

Colocou a mão por debaixo da roupa íntima e se acariciou levemente com os dedos entre as pernas. Pensar que havia um homem a poucos metros de distância, do outro lado da parede, excitou-a e a distraiu ao mesmo tempo. Fazia muito que um menino não a tocava e as poucas experiências que tinha tido até então tinham sido vergonhosas e não valia a pena recordar. Agora resultava-lhe impossível imaginar a mão de outra pessoa naquele lugar íntimo e sensível, alguém que a acariciasse até que se umedecesse e logo entrasse e saísse de seu corpo do modo adequado para provocar aquela potente liberação. Moveu a mão depressa, as paredes de sua vagina palpitararam contra seu dedo, e seus quadris se balançaram ao mesmo ritmo. Experimentou a familiar onda de prazer e logo ficou quieta sob o enrugado edredom. O coração pulsava com força.

Como seria ter alguém com ela nesse momento de clímax? Começava a perguntar-se se algum dia saberia.

CAPÍTULO 3

Uma garota com uma camiseta da Universidade de Nova Iorque e o cabelo pintado de vermelho entregou-lhe uma relação enorme de livros toda amassada.

— O que faço? Espero aqui?

A garota se inclinou sobre o balcão.

— Pode esperar numa das mesas até que saia seu número na placa. Então poderá pegar seus livros. — explicou-lhe.

Já estava acostumada a rotina do balcão de empréstimos: as primeiras horas da manhã eram tranquilas, o pico de atividade chegava à tarde e as últimas horas tinham um ritmo mais lento, quando as pessoas iam partindo para jantar; alguns retornariam e outros não.

Regina sabia que era feliz por passar os dias no que poderia dizer como o melhor lugar da cidade. E embora seu trabalho não precisasse de um grande desafio intelectual, contribuía com uma certa satisfação pessoal, entregar os livros aos usuários da biblioteca, que aguardavam com impaciência. Enquanto observava as filas e filas de gente inclinadas sobre livros e laptops, perguntava-se no que estariam trabalhando cada um deles. A próxima grande romance americano se escreveria naquela sala? Inventariam algo? Redescobriria a história?

Mas, às vezes, quando havia uma trégua, sentia-se inquieta.

— Por que não lê algo? — disse-lhe Alex, um estudante da Universidade de Nova Iorque magro e um pouco indecente, mas doce como um mascote, que trabalhava meio-período levando os livros das diversas salas ao balcão

de empréstimos.

— Nos permitem ler aqui? — perguntou Regina.

— A mim ninguém nunca disse nada. — respondeu ele. — E você e eu sabemos que Sloan não perde nenhuma oportunidade de saltar no pescoço de qualquer um de nós. Assim eu diria que não há problema.

Regina pensou que possivelmente Alex e ela pudessem ser amigos, embora nunca tivesse tido nenhum amigo homem. Sua mãe sempre a advertia de que os meninos não podiam ser verdadeiros amigos de uma garota, porque só queriam uma coisa.

Mas Alex parecia sinceramente amável. Embora Regina sentisse que, de algum modo, tinha decepcionado-o quando lhe disse que gostava de seu corte de cabelo, tão Bettie Page, e ela tinha perguntado quem era Bettie Page.

Alex tinha olhado divertido, como se não estivesse seguro que ela falava a sério ou em brincadeira.

— Já sabe... A legendária pin-up. Uma de cabelo negro e franja curta.

Ela tinha assentido, embora não tinha nem ideia sobre quem ele estava falando. As pessoas lhe diziam às vezes que se parecia com tal garota de algum programa... Ou á Zooey Deschanel.

Tinha visto essa atriz numa comédia e, apesar de que podia haver certa semelhança no tom de pele, no corte de cabelo e inclusive nos traços faciais, na sua opinião, a extravagante agitação de Zooey Deschanel fazia qualquer comparação com ela resultasse absurda. Agora teria que procurar no Google essa tal Bettie Page.

— Será que a lanchonete já abriu? — perguntou Alex.

Desde seus primeiros dias de trabalho, há algumas semanas, os dois tinham

tido o costume de sair juntos para comprar um hambúrguer ou um cachorro quente na lanchonete da esquina na Rua Quarenta e um. Mas hoje Regina tinha pensado em propor a Margaret que comessem juntas.

Subiu a escada sul até o quarto andar, que acomodava as primeiras edições, os manuscritos e as cartas e também a Sala de Reuniões. Depois de passar em frente a outra sala fechada, encontrou Margaret anotando uma pilha de livros num registro.

— Faz tudo isto à mão?

— Sim. Temos um especialista que introduz no computador. Eu não posso perder tempo com essas máquinas.

— Vim convidá-la para almoçarmos juntas. Trouxe comida e poderíamos nos sentar no exterior...

Margaret já estava negando com a cabeça.

— As terças-feiras eu não almoço. — respondeu. Regina não estava segura do que dizer. Margaret acrescentou: — Quando você fica mais velha, precisa comer e dormir menos. Você vai ver.

— Oh, está certo. Bom, até mais tarde então. Ah, aproveitando, o que há na Sala 402?

— A coleção Barnes. É necessária uma permissão especial para visitá-la. Nela há as primeiras edições de Virginia Woolf e Charles Dickens.

— Estava acostumada a percorrer toda a biblioteca uma vez por ano quando era menina, mas não me lembro dela.

— Construíram-na faz uns cinco anos. A família Barnes doou vinte milhões de dólares. Foi quando reformaram toda a Sala Principal de Leitura. Recordas que permaneceu fechada mais de um ano?

Regina assentiu.

— Antes a Sala Barnes ficava aberta. Eu passei algum tempo nela, mas não voltei lá, já que tem de pedir permissão.

— A quem temos de pedir permissão? Margaret encolheu os ombros. Regina não era uma pessoa que ignorasse a autoridade, mas não entendia porque mantinham as obras ocultas dos visitantes. Fazia sentido que o público em geral não pudesse entrar nessa sala quando desejasse, mas sem dúvida não custaria nada ela dar uma olhada.

As portas escuras de bronze do salão tinham as palavras esculpidas “Sala Jasper T. Barnes” em letras douradas no umbral de mármore. Regina se aproximou com cautela e pensou que se as portas estivessem trancadas, o dilema que se devia ou não dar uma olhada ficaria resolvido. Apoiou a mão no trinco dourado e, depois de só alguns segundos de hesitação, empurrou para baixo. A porta não estava fechada com chave e abriu.

A primeira coisa que notou foi que a sala tinha um estilo muito mais simples que os outros salões da biblioteca. Era de estilo clássico inglês e as paredes estavam cobertas de livros do chão até o teto, guardados em estantes de madeira e vidro. No centro, havia uma longa mesa de madeira escura, quase como uma mesa de jantar, cercada por poltronas antigas estofas em couro vermelho.

Nesse momento se deu conta de que não estava sozinha.

De um canto da sala, um espaço escondido da entrada, ouvia-se um estranho som, quase um gemido. Quando Regina avançou, viu uma mulher nua inclinada sobre um banco de mármore, estava apoiada nos braços, com a cabeça encurvada e seu longo cabelo quase arrastando no chão. Atrás dela, um homem, também nu, agarrava-a pelos quadris e a investia com uma ferocidade tal que Regina chegou a se perguntar se o que ela estava vendo era uma mulher consumida pelo prazer ou pela dor.

Uma parte de si mesma, a parte prática e racional, sabia que deveria dar meia volta e sair de lá rapidamente, mas outra parte, uma que não

compreendia, estava fascinada.

Com o coração desenfreado, deu-se conta rapidamente de que o que estava vendo, definitivamente, era uma cena de prazer. O ritmo constante dos dois corpos movendo-se juntos, os descontrolados gemidos da mulher e o brilho do suor, que Regina pôde distinguir inclusive daquela distância, em seus longos braços, refletia puro êxtase. Sabia que não devia estar ali e, como se punisse a si mesma pela infração, seu corpo a traiu com um ardente brilho de excitação entre as pernas.

Envergonhada, tentou desviar o olhar, mas em vez disso acabou fixando-o no rosto do homem e, para seu assombro, deu-se conta de que o conhecia. Aquele rebelde cabelo escuro, os olhos negros, as feições bem definidas... Era o que tinha pego a tampa de sua garrafa térmica na escada no seu primeiro dia de trabalho. E por seu sorriso quando seus olhos se encontraram, pareceu que ele também a reconheceu.

CAPÍTULO 4

Regina retrocedeu, saiu da sala e teve a precaução de fechar a porta, com mãos tremulas.

O primeiro que experimentou foi vergonha por ter sentido atração por aquela suja cena. Não deveria ter ficado olhando, deveria ter saído correndo imediatamente. Ou, melhor ainda, pará-los. Sua vergonha se tornou em fúria. Estavam numa biblioteca. O que acontecia com essa gente?

Respirou fundo, fortalecida pela indignação. Uma vez na segurança do corredor, desceu rapidamente a escada sul até o saguão da Sala do Catálogo.

De novo a salvo na zona mais pública da biblioteca, foi capaz de recuperar a compostura e retornar ao balcão de empréstimos, onde Alex estava esparramado numa cadeira, jogando Temple Run com seu Iphone.

— Há muito pouco movimento hoje — comentou. — Nem sequer os nerds querem estar aqui dentro com vinte e quatro graus de temperatura e sol na rua.

Regina assentiu e colocou a sacola de papel marrom com a comida sobre a mesa. A parte de cima estava umedecida pelo suor de suas mãos. Alex olhou a sacola sentido saudades.

— Não tinha ido comer?

— Não tenho fome. Olhou-a com receio.

— O que aconteceu?

— Nada — respondeu.

Sentia-se tão suja e envergonhada como se tivesse sido ela a mulher inclinada sobre o bancada de mármore. E sabia que se sentia assim porque, por muito que odiasse admiti-lo, apesar do atroz sacrilégio, por um breve momento desejou tê-la sido.

Mas o que estava acontecendo? Tinha que ser a influência de Carly. Todo aquele louco transtorno noturno no apartamento estava afetando-a. E também a falta de sono. Vivia com alguém que não tinha nenhum sentido de pudor. Sua mãe tinha razão: nada de bom podia vir de sua mudança á Nova Iorque.

— Se você o diz... Pois eu morro de fome, assim irei comprar algo na barraquinha lá fora. Quer que eu traga alguma coisa?

Levantou-se de um salto e tirou os fones de ouvido do bolso do casaco.

Regina estava lutando ainda com sua descoberta perturbadora e não queria que Alex se fosse. Ela saiu da sala, mas não podia esquecer o que tinha visto. Perguntou-se se deveria informar a Sloan do incidente, mas só em ensa-lo sentia náuseas.

— Espera, posso te dizer uma coisa? — perguntou.

— Claro — respondeu Alex — Hambúrguer ou Cachorro?

Sua mente formou as palavras, mas sua boca não foi capaz de articular.

— Eu não gosto da comida da lanchonete — disse finalmente. Alex meneou a cabeça.

— De acordo, Finch. Obrigado pela informação.

Do patamar do terceiro andar pôde ouvir o rap procedente de seu apartamento. Solto um suspiro e seguiu subindo. Quando colocou a chave na porta, soube que não poderia escutar nem seus próprios pensamentos embora estivessem trancados no seu dormitório.

Do patamar do terceiro andar, ouviu a música rap vindo do seu apartamento. Suspirou e continuou a subir. Quando colocou a chave na porta, sabia que não podia ouvir seus próprios pensamentos ou até mesmo se trancar no seu quarto.

— Oi, tudo bem? — saudou-a um rapaz sentado no sofá e fumando um grande cachimbo.

— De volta para a casa depois do trabalho. — respondeu Regina. Ao menos o conhecia, era um dos mais regulares de Carly. Em outras circunstâncias, provavelmente o teria chamado de seu namorado, mas considerando que o responsável pelos golpes da cabeceira às duas da manhã da noite anterior tinha sido outro, pareceu-lhe que "namorado" não era a palavra mais apropriada.

— Você se importa de abaixar o som? — gritou Regina.

— Você não gosta de J.?

“Ela tem uma bunda que um fio dental se perderia”

“E acima, ah, duas protuberâncias como duas mordidas.”

Regina entrou no seu quarto e fechou a porta. Parecia que ia ser outra noite de exílio auto imposto até que Carly saísse. Se é que ia sair essa noite. Desejou ter alguns amigos na biblioteca para ter com quem sair de vez em quando.

De repente, a música abaixou vinte decibéis. Em seguida ouviu uma batida na porta e, a contra gosto, entreabriu-a.

— Melhor? — perguntou Derek.

— O que? Ah, a música? Sim, obrigada.

— Por que não sai nenhuma vez? — perguntou

— Perdão?

— Carly diz que nunca te viu sair do apartamento à noite. Regina sentiu que ficava vermelha.

— Diria que isso não é da sua conta.

— Cara, não se ofenda. Só estou dizendo que pode sair com a gente esta noite. Vamos ver um show no Rivington. Prometo que estará em casa antes de se transformar numa abóbora.

Ela negou com a cabeça.

— Não, obrigada.

CAPÍTULO 5

A Rua Rivington era o lugar mais estranho que já tinha visto.

Com suas escuras esquinas, as belas mulheres escravas da moda que caminhavam pelas calçadas com seus cigarros e as estranhas fachadas que te faziam se perguntar se eram bares ou lojas. Tudo isso fez que Regina desejasse ter ficado na cama quando Derek, desta vez, acompanhado por Carly, voltou a bater na sua porta insistindo que saísse com eles.

Não querendo ficar em casa e continuar obcecada com a cena que tinha presenciado na biblioteca, finalmente concordou.

Rodaram pela Rua Norfolk e caminharam até o final dela, onde ficava o seu destino, um bar chamado Nurse Bettie.

— Totó, parece-me que já não estamos em Kansas. — Brincou Regina, usando a famosa frase do Mago de Oz. Carly revirou os olhos.

— Você... Relaxe. — disse

O bar era um local pequeno, com pouca luz, teto de painéis metálicos e paredes de tijolo cheias de fotografias “vintage” em molduras douradas e prateadas. O balcão era de madeira escura, e atrás havia umas estantes com garrafas de bebidas coloridas. O som da música pop francesa enchia a sala.

Em frente ao balcão havia uma mesa alta e longa com bancos de assento vermelho. Regina e Carly se sentaram nos dois últimos livres e Derek se aproximou do balcão para pedir as bebidas.

Carly ficou a navegar com seu iPhone. Sempre parecia que estivesse aborrecida e Regina se perguntou se isso seria próprio dela ou algum traço

comum das pessoas que tinham crescido em Manhattan. Ela, por sua parte, não podia imaginar-se indiferente ao que a cercava em Nova Iorque. Cada esquina, cada vendedor de comida, cada multidão barulhenta a deixava maravilhada.

— Qual é seu nome de usuário no Twitter? — perguntou Carly.

— Ah... Regina? — respondeu Regina.

Sua companheira escreveu algo no telefone.

— A Regina? — perguntou.

— A Regina o que?

Carly baixou o telefone e a olhou fazendo um evidente esforço para não perder a paciência.

— Você está no Twitter? — quis saber.

— Acredito que não. — respondeu Regina.

Derek se aproximou e deu um drinque a cada uma.

— Dois Moscow Mules. — anunciou. Carly bebeu.

— Hum. Bom. O que leva?

— Vodca Ketel, suco de limão e cerveja de gengibre — explicou Derek.

Regina o provou, mas não gostou e deixou o coquetel numa pequena saliência que tinha atrás.

— A que hora começa o show? — perguntou Carly.

Regina não pôde ouvir a resposta de Derek, porque a sussurrou diretamente na boca de Carly antes que comesçassem a dar o bote.

Ela desviou o olhar e tentou imaginar aonde poderia haver um espetáculo numa sala tão pequena.

— Sobre o que é o show? — perguntou.

Não houve resposta. Esperava que fosse música ao vivo, possivelmente um cantor de blues. Isso encaixaria com o ambiente do bar.

Quando finalmente seus dois acompanhantes recordaram que ela estava ali, fizeram um esforço por lhe dar conversa.

— Então, o que faz uma bibliotecária durante todo o dia?—
perguntou Derek, amável.

Carly a olhou com interesse. Regina não soube se foi pela pressão que sentia em participar de algum modo da noite, ou porque desde que chegou se sentisse deslocada ou pela sincera necessidade de confiar em alguém, mas soltou:

— Bom, hoje encontrei um casal fazendo sexo. Derek se animou.

— Na biblioteca?

— Sim. — respondeu Regina.

— Possivelmente me precipitei ao rejeitar esse lugar. — disse Carly.

Regina tomou outro gole de sua bebida. Continuava muito ruim.

— Nova Iorque está cheio de exibicionistas. — assegurou Derek.

— E o que fez? — quis saber Carly.

— Nada. Saí correndo da sala.

Carly e Derek pareceram pensar a respeito.

— Suponho que não se podia fazer outra coisa. A menos que tivesse tido a oportunidade de participar da brincadeira. — comentou Derek.

Carly riu e disse:

— Assim que se fala!

Apesar de que o tinham convertido em uma brincadeira, Regina se sentiu aliviada ao falar disso. Não sabia o que a desgostava mais, se a idéia de que alguém profanou desse modo sua preciosa biblioteca, ou o fato de que não só conhecia o executor, mas também parecia-lhe atraente.

— Não disse a ninguém, mas possivelmente deveria ter dito a minha chefe. Quero dizer, e se uma criança os tivesse encontrado?

Regina sabia que isso era improvável, tendo em conta que tinha entrado em uma área restrita. Mas foi o melhor modo que encontrou de expressar sua indignação.

— Era gente normal ou tinham aspecto de pervertidos? — Perguntou Carly.

Uma imagem dos olhos escuros do homem e de seu rosto assustadoramente bonito surgiu na mente de Regina.

— Que aspecto tem um pervertido? — inquiriu Derek.

— Alguém como você! — exclamou Carly, enquanto lhe dava um soco no braço.

As onze, o bar estava abarrotado. Todo mundo se ia movendo para conseguir um lugar o mais perto possível do fundo da sala e Regina a seguir descobriu o motivo.

A música pop francesa foi substituída pela canção Blueberry Hill, do Fats Domino, reconhecidíssima. O fundo da sala se converteu em um cenário banhado pelas luzes azuis e douradas de uns refletores que havia no teto.

O cenário iluminada consistia num pequeno forno de aspecto antigo e uma mesa de fórmica quadrada. Junto ao forno apareceu uma linda mulher. O cabelo preto chegava pelos ombros e usava uma franja curta. Vestia com um antiquado vestido xadrez, muito apertado na cintura e com a saia em godê, e por cima um avental com os dizeres: "Dona-de-casa feliz". Regina reparou que calçava sapatos de couro preto com plataforma.

— Leva o mesmo corte de cabelo que você. — observou Derek. Carly a olhou.

— Sim. – assentiu — Tem que melhorar esse seu estilo hippie de blusas e saias longas que veste do pescoço para abaixo. Mas seu cabelo está muito na moda.

— Não queria ter a franja tão curta, mas estava torta e tive que igualá-la...

— Seja como for, mantenha-a assim. — insistiu Carly. — Fica bem.

A mulher no palco se inclinou para abrir a porta do forno e o vestido subiu o suficiente para deixar à vista as meias e cinta-liga. A multidão aplaudiu e uns quantos gritaram. Regina sentiu o primeiro rubor de confusão, mas manteve a expressão impassível.

A atriz tirou um bolo do forno e levou à mesa. Logo fez todo um número para tirar o avental e se abanou com ele antes de jogá-lo ao público. De novo, a multidão estalou em gritos e aplausos. A seguir, afundou um dedo no centro do bolo, tirou-o e o lambeu.

— O que é isto? — perguntou Regina a Carly.

— Chist. Olhe.

A mulher se abanou então com um guardanapo e ficou de costas ao público. Com uma mão, abaixou o zíper do vestido, devagar, e o deixou cair ao chão. Regina quase não podia ouvir a música por cima dos aplausos e assobios. Então, a atriz virou-se, vestida só com um sutiã de cetim vermelho

pontudo, uma calcinha vermelha, cinta-liga, meias e sapatos.

— Isto é um clube de strip-tease?

— Não! É Burlesque. — explicou-lhe Carly. — Não me diga que nunca viu um espetáculo Burlesque.

"Deve estar de brincadeira", pensou Regina.

A mulher desabotoou o sutiã e deslizou as alças pelos ombros. Regina desviou a vista, mas quando voltou a olhar às escondidas para o cenário, o sutiã estava no chão e a única coisa que cobria os arredondados e escuros seios da mulher era uma brilhante mancha vermelha em cada mamilo.

Então tirou uma faca e começou a cortar o bolo. O contraste entre o exuberante corpo quase nu e a doméstica tarefa que estava realizando era confuso. Havia os suficientes elementos cotidianos para que Regina sentisse que não estava vendo algo realmente sexual.

Mas, nesse momento, a atriz agarrou uma das partes de bolo e deu uma dentada. Um pouco da geléia de mirtilo caiu entre os seios e ela adotou uma exagerada expressão consternada; deslizou um dedo pelo ventre até o pescoço, recolhendo com ele a geléia e o lambeu com os olhos entreabertos de desejo, enquanto passava a língua pela mão.

Regina estremeceu, sentiu que aquela mulher não poderia parecer mais lasciva se estivesse se tocando no cenário. E sentiu como sua própria respiração acelerava, os mamilos endureciam e faziam cócegas dentro do sutiã.

— Vou para casa. — decidiu.

— Não seja ridícula. O espetáculo acaba de começar. — protestou Carly.

— Estou cansada. — replicou.

Pulou do banco e abriu passagem entre todas aquelas pessoas até a porta, onde havia uma longa fila esperando para entrar.

Perguntou-se por que sempre se sentia mais a salvo na rua.

CAPÍTULO 6

Pela manhã, encontrou uma nota de Sloan em sua mesa: "Venha me ver imediatamente". Se sua chefe queria falar com ela, pensou Regina, possivelmente o universo estava ajudando-a a resolver o dilema sobre se devia ou não notificar "o incidente", que era como agora o considerava.

Durante todo o trajeto do metrô até o trabalho, tinha estado pensando se deveria ou não lhe dizer à Sloan o que tinha visto no quarto andar no dia anterior. Quando o metrô parou na Rua Quarenta e dois, tinha decidido que sua responsabilidade era pensar na biblioteca, por isso teria que notificar o acontecido. Sua única dúvida era quando e como abordar o tema. Mas o fato de que a chamasse a seu escritório, sem dúvida facilitaria as coisas.

— Quería me ver? — perguntou Regina da porta.

Sloan estava sentada no seu escritório, folheando um exemplar do *Modern Bride*. Na tela do computador, via-se um desfile de vestidos de noiva de Vera Wang.

— Sim. — respondeu. — Preciso que me acompanhe a uma reunião dos Young Lions. Conhece os Young Lions, não é?

Quando Regina negou com a cabeça, Sloan suspirou.

— Formam parte do comitê de angariação de fundos da biblioteca. É um grupo para associados entre vinte a quarenta anos. Darei algumas informações para que você possa ler. Mas o mais urgente que deve saber agora é que patrocinam uma festa de gala para a entrega de prêmios da ficção anual e que este ano estamos atrasadísimos. O júri está formado em parte pela conselho da biblioteca e em parte pelo comitê de leitura, que escolhe os nomeados e o ganhador.

— Acredito que ouvi falar disso. — respondeu Regina, enquanto se perguntava como ia trocar de tema para lhe falar do que tinha presenciado.

— Supunha que era assim. Em qualquer caso, necessito que tome notas na reunião. Tinha uma estagiaria que o fazia, mas não esta aqui no momento, então você terá que substituí-la. Reunimo-nos na Sala de Conferências, no segundo piso, às dez.

Regina sabia tudo sobre essa sala, uma das mais soberbas da biblioteca, mas nunca a tinha visto e estava emocionada por essa oportunidade que lhe apresentava. Mesmo assim, algo seguia turvando sua mente.

— De acordo. Mas antes da reunião, há algo que eu queria comentar...

— Agora não, Regina. Vamos.

Sloan fechou a página Web de noivas e pendurou sua bolsa Chanel no ombro.

Regina a seguiu obedientemente pelo corredor. Sua chefe não parecia ter vontade de falar, por isso ela fez o mesmo e ficou em silêncio.

A Sala de Conferências não a decepcionou; com o chão de madeira teca e a elaborada lareira de mármore branco, era a, muito mesmo, imagem da elegância. Uma inscrição sobre a lareira dizia: A CIDADE DE NOVA YORK ERGUEU ESTE EDIFÍCIO PARA O LIVRE USO DE TODOS MCMX.

Por cima de sua cabeça, o teto em baixo-relevo tinha uma forma oval, cercada por molduras de cor creme. Uma enorme luminária com forma de aranha de aço pendurava no centro da sala e, inclusive de onde se encontrava, Regina podia distinguir uns leões e umas máscaras de sátiros esculpidas.

Sentou-se na escura mesa de carvalho, debaixo do lustre. Todas as poltronas

estavam ocupadas exceto uma. Diante de cada um dos assistentes havia um caderno de notas, um lápis apontado e uma garrafa de água.

— Começaremos assim que Sebastian chegar. — comentou uma pequena mulher morena que se dirigiu ao grupo com uma voz aguda similar a um murmúrio.

Enquanto esperavam, Sloan se inclinou para a Regina e disse:

— Te apresentarei quando estivermos todos. Estamos esperando o diretor do conselho. — acrescentou Sloan. — Ah, aí está. Sebastian Barnes.

Regina seguiu a direção de seu olhar até a porta e quase se afundava pra baixo da mesa. Era o homem pervertido do quarto andar.

CAPÍTULO 7

— Começemos, então. — anunciou Sebastian Barnes enquanto tomava assento na presidência da mesa.

Sua escura beleza parecia inclusive mais espetacular no contexto daquela sala. Com suas maçãs do rosto altas e aquele cabelo glorioso, era como uma propaganda ambulante da colônia Pólo, de Ralph Lauren.

Regina estava sentada no meio da mesa, mas, de algum modo, seus escuros olhos pareciam centrados nela.

Sebastian Barnes. A coleção Barnes.

Ela baixou a vista para seu caderno de notas. O seu rosto queimava.

— Sebastian, antes que começemos... — interveio Sloan, olhando para Regina.

"Não, não, não", pensou ela.

— Quero lhes apresentar a nossa nova bibliotecária, Regina Finch. Assistirá à reunião e tomará notas.

— Bem-vinda a bordo, Regina. — saudou-a Sebastian.

O som de seu nome nos seus lábios foi surrealista. Sentiu que o resto da mesa a olhava, mas foi incapaz de formular uma resposta, nem sequer um simples "obrigado".

O que mais a espantou foi que não viu nenhum rastro de vergonha nele enquanto a olhava, nem sequer um sinal de reconhecimento que tinha sido

pego naquela situação tão constrangedora.

Era tão bonito como a lembrança que tinha dele, possivelmente inclusive mais. Sua beleza de Adônis poderia ter sido impessoal em qualquer outro, mas aqueles olhos negros e seu brilhante cabelo escuro lhe acrescentavam exotismo. E havia uma energia nele, algo vibrante e vivo inconfundivelmente sexual.

Iniciou a reunião com o tema da festa de gala para entrega dos prêmios de ficção. Durante os últimos onze anos, esses prêmios eram entregues na primavera, mas esse ano os membros do comitê da biblioteca desejavam que a festa se realizasse no outono, para assim inaugurar com ela a temporada e incrementar a arrecadação de fundos. Por desgraça, essa mudança de última hora tinha interrompido toda a agenda do comitê organizador.

— Isso não nos deixa tempo para ler, para planejar... É um calendário impossível — queixou-se uma mulher.

— Os membros do conselho acreditam que o acontecimento se desperdiçara se for celebrado na primavera. O feriado de Ação de Graças é uma época do ano em que se fazem obras de caridade, dão-se presentes e uma celebração como essa atrairá a atenção para a biblioteca que poderá ser valiosa.

— Não pode tentar conscientizá-los? — perguntou alguém.

— Temos centenas de propostas das Editoras. Mais que o ano passado, quando contávamos com o dobro do tempo. É impossível dedicar o tempo que necessitaria cada novela.

Sebastian negou com a cabeça.

— Teremos que obtê-lo. Os que querem assim têm a maioria dos votos.

A mesa se sumiu em uma enérgica indignação.

— Necessitamos mais leitores. — sugeriu a mulher. — Sloan, você vai ter que se encarregar de alguns destes títulos.

— Eu adoraria. — respondeu ela, embora, do jeito que agarrava o lápis, Regina suspeitava que quisesse dizer justamente o contrário.

— Todos sabem que está ocupada com a organização do casamento e que este é um trabalho que requer muito tempo. — interveio Sebastian. Logo, olhando a Regina, acrescentou: — Acredito que teremos que recrutar à novata para isto.

— O que? — Sloan e ela exclamaram ao mesmo tempo.

— Boa ideia. — assentiu a morena de voz aguda. — Todos têm que ajudar em algo.

— Um momento. — protestou Sloan. — Regina é minha empregada e é minha responsabilidade que seu tempo seja investido de um modo sensato...

— Não estou pedindo que leia no trabalho, Sloan. — interveio Sebastian. — E já ouviu Betsy. Todos têm que dar uma mão. — Logo, como se com isso já estivesse tudo decidido, voltou a olhá-la. — Regina, é oficialmente uma de nossas leitoras no comitê de leitura. Já explicarei como funciona depois da reunião. O essencial é que este prêmio foi criado para apoiar o trabalho de jovens escritores de ficção com menos de trinta e cinco anos. As Editoras enviam os seus concorrentes e nós selecionamos os finalistas. O prêmio são dez mil dólares. Como já disse podemos conversar depois da reunião. Agora temos que tratar o tema das sessões das conferências do outono. Jonathan Safran Foer não virá, assim necessitamos de um substituto para novembro...

Regina o observou quase sem escutá-lo, fascinada por sua segurança, seu domínio da reunião. Ainda não sabia os cargos e a hierarquia da biblioteca e todos os diversos sistemas de arrecadação de fundos e patrocínio de eventos, mas tinha a impressão de que fossem quem fosse os assistentes ou o acontecimento, Sebastian sempre estava no comando.

Regina se refugiou no seu caderno. Tomar notas era a única coisa que podia

fazer para evitar ficar olhando fixamente para ele; o modo como gesticulava com suas grandes mãos, como a camisa listrada ajustava aos ombros largos, seu sorriso que sugeria que, o que acontecia naquela sala estava a quilômetros de distância do que estava passando pela mente dele.

O tempo pareceu deter-se e voar ao mesmo tempo. Regina não desejava que acabasse a reunião, como se ele desaparecesse quando se esgotasse o tempo do relógio de areia. Sabia que isso era irracional. Entretanto, a sensação que lhe provocava o simples fato de estar no mesmo cômodo que ele era algo ao que ainda não queria renunciar.

— Devo ir. — anunciou Sloan. — Tenho um almoço com a Coligação de Mulheres Leitoras do East Side.

Regina olhou seu relógio. Era quase meio-dia.

— Não importa, já acabamos. — disse Sebastian levantando-se. — Regina, espere um momento, por favor. Explicarei a você o processo de seleção dos nomeados.

Sloan se voltou e dirigiu a ambos um estranho olhar.

— Sebastian, ela tem que voltar para seu trabalho.

Soltou uma risadinha forçada, como se na realidade não fosse tão importante, mas estivesse obrigada a dizê-lo.

— Não lhe entreterei muito. — disse ele. — Vá em frente, me agrade. — E lhe deu uma piscada.

Sloan sorriu e, aliviada agora que ele a tinha convertido em cúmplice, partiu da sala.

Os outros membros do comitê também se retiraram. Quando a sala ficou vazia, só com eles dois, Sebastian lhe indicou que voltasse a se sentar e se acomodou de novo na presidência da mesa.

— Pode se sentar mais perto. Ninguém vai ocupar estes lugares.
— sugeriu, enquanto sorria olhando as quatro cadeiras vazias que Regina tinha deixado entre os dois.

Ela engoliu a seco e se sentou ao seu lado, com o caderno de notas na mão.

Não podia olhá-lo.

— É maravilhoso ter você na equipe.

Perante este comentário, ela conseguiu olhá-lo nos olhos e ele lhe sorriu como se compartilhassem um segredo, coisa que, na realidade, era certo. Regina desviou o olhar.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Duas semanas. — respondeu.

— É de Nova Iorque?

— Não. — respondeu incômoda pelo bombardeio de perguntas. Acreditava que estavam ali para falar do prêmio de ficção, não dela. Ele a olhava com atenção e se deu conta de que esperava que continuasse e dissesse de onde era.

— Sou da Filadélfia. Dos subúrbios da Filadélfia, da zona de Main Line.

— Ah, a refinada Main Line. — comentou Sebastian com um sorriso.

Regina não sabia se estava rindo dela.

— Minha família não é assim. — protestou à defensiva.

— E quando mudou a Nova Iorque?

— Faz um mês.

— Eita. Realmente é uma novata. Regina sentiu um golpe de desgosto.

— Não sou uma novata no que se refere a livros. Sou licenciada em Arquivos e Bibliotecas e fiz pós-graduação de Bibliotecas e Informática. Graduei-me com honras.

Por que havia dito isso? O que lhe importava o que ele pensasse dela?

Sebastian assentiu como se avaliasse toda a informação que lhe tinha dado.

— Então, suponho que é uma leitora rápida. Você gosta de ficção?

— Sim — respondeu, cruzando os braços.

— Quais são seus autores favoritos?

Voltou a olhá-lo contemplando-o com receio.

— Contemporâneos ou clássicos?

— Qualquer um deles.

Sorriu claramente encantado, ou ao menos, levemente divertido. Sua atitude pareceu condescendente e irritante, mas por nada do mundo fugiria a pergunta.

— Bom, em primeiro lugar, Henry James.

— Ah, sim. A Fera na Selva.

Regina olhou para ele surpreendida.

— Você o leu?

— Não ponha essa cara de surpresa. Sou licenciado em Filologia Inglesa. E sim, eu li. É um de meus contos favoritos.

— Só um deles?

— Uns quantos de Raymond Carver ocupam os primeiros lugares de minha lista.

Ela assentiu. Era difícil atingi alguns de Raymond Carver.

— Bom isto é encorajador. — afirmou ele, ao tempo em que unia as palmas das mãos. — Ao menos, sabemos que compartilhamos o mesmo critério para os relatos curtos de ficção. — Seus olhos brilhavam.

— E dos contemporâneos?

Regina pensou durante um minuto, com a mente subitamente em branco. Aquilo era ridículo, não tinha que provar nada àquele homem. Pouco importava se era licenciado ou não em Filologia Inglesa. Aquele era um tema de conversação no que ela se sentia segura.

— Jess Walter. — disse ao fim. — Todas seus romances são surpreendentes e totalmente diferentes uns dos outros. Logo, suponho que Tom Perrotta, Michael Chabon...

— Interessante. — afirmou Sebastian, como se lhe tivesse revelado algo.

— O que?

— Todos os escritores que menciona são homens. Deve se conectar bastante com a sensibilidade masculina.

Era certo? Não tinha mencionado nenhuma escritora? Nem mesmo uma única?

Sentiu uma pontada de desgosto. Quem era ele para julgar suas respostas, para analisa-las como se a estivesse submetendo a uma espécie de “Test Rorschach” literário?

— Não sei o que se supõe que significa isso. — replicou. — E, a propósito,

não me engana nem por um segundo. Toda esta conversa sobre ficção não muda o fato que você é o tipo de pessoa que pode... Que pode... — titubeou repentinamente consciente de que a violência de sua indignação levou-a a um beco sem saída.

— Que pode o que? — insistiu ele, claramente divertido.

Seu lindo sorriso, o modo como se inclinou para ela, esperando ansiosamente sua resposta, foi o insulto definitivo.

— Fazer sexo na biblioteca. — sussurrou.

— Calma. Acredito que não deveria ir por aí fazendo umas acusações tão graves. — respondeu de uma maneira tão inocente que Regina quase acreditou que tinha imaginado tudo.

E então Sebastian começou a rir.

— Não posso acreditar que ache divertido. — disse ela.

— Ah, não nos esqueçamos de que foi você quem entrou às escondidas numa sala privada. É uma garota travessa.

De repente, deixou de sorrir e a olhou de uma forma que fez seu estômago encolher. Sua mente se encheu com a imagem daquela mulher inclinada sobre o banco, com o cabelo caindo até o chão... E a expressão de prazer no seu rosto enquanto Sebastian a investia uma e outra vez...

Regina se levantou e saiu correndo da sala.

— Como vai o mundo bibliotecário? — perguntou Derek, enquanto

colocava a mão no pacote de bolachas Oreo de Regina e comia dois de uma vez só.

Ela deu uma olhada a Carly para que repreendesse o seu namorado, mas sua colega de apartamento estava distraída, sentada no banco da cozinha, pintando as unhas dos pés de um verde fluorescente.

— Bem. — respondeu Regina a Derek enquanto abria a geladeira e tirava os espaguetes que tinham sobrado do jantar da noite anterior.

— Algum outro encontro com alguém nu? — insistiu Carly.

— Não. — respondeu ela.

— Finalmente disse a sua chefe? — interessou-se Derek. Regina colocou o prato de massa no micro-ondas.

— Não, não lhe disse nada.

— Deixou que o pervertido seguisse por aí solto? — exclamou Carly com satisfação.

Ela se encolheu de ombros.

— Não sei se ele é realmente um pervertido. Estava numa sala privada e acontece que é uma sala que sua família doou ou algo assim.

Dirigiu-se à mesa de jantar e puxou a última pilha de revistas de moda de Carly.

— Ei, não pode nos deixar assim depois de fazer esse estranho comentário.
— protestou sua colega, enquanto veio andando com os calcanhares e com os dedos dos pés separados.

Derek a seguia.

— O que quer dizer com sua família doou a sala? Como se chama?

— Não quero dizer isso a vocês. — respondeu Regina. Carly riu.

— Por que não? Até que enfim tem algo interessante a dizer e vai nos ocultar?

— Irá publicá-lo no Twitter ou em um blog ou o que seja que faça.

— Não o farei. — replicou a outra garota. — Prometo-o. Seu amiguinho pervertido da biblioteca será nosso pequeno segredo. Não sairá desta sala. De acordo, Derek?

— De acordo. — assentiu ele.

Regina vacilou um momento, mas sua necessidade de confiar em alguém superou a sua prudência.

— Sebastian Barnes. — alfinetou.

— O que tem ele? — perguntou Carly.

— Esse é o cara.

Carly separou uma cadeira da mesa e se deixou cair nela com os olhos arregalados.

— Tá de sacanagem.

— Absolutamente. Por quê? Você o conhece?

Derek se aproximou. Era evidente que estava muito interessado na resposta desta pergunta. Carly agarrou uma revista W do monte e passou as páginas apressadamente. Ao não encontrar o que procurava, agarrou outra. Então o encontrou e plantou a revista diante do rosto de Regina. Estava-lhe mostrando uma foto em branco e preto de uma mulher com um vestido de costas nuas, inclinada para frente, com a coluna arqueada. As mãos chegavam aos pés e tocavam os elegantes sapatos de salto agulha.

— Quem é? — perguntou Regina, estranhamente assustada por que Carly

poderia lhe responder que era a noiva do Barnes.

Embora o que importaria? Mas em vez disso, sua companheira assinalou a legenda impressa debaixo da imagem. Fotografia: Sebastian Barnes.

Custou-lhe um minuto assimilá-lo.

— Me deixe ver isso. — Agarrou a revista e passou uma página, logo outra.

A fotografia que Carly tinha mostrado era primeira de toda uma reportagem de Sebastian.

— É um cara muito importante neste campo. — explicou a garota.

— Quando publicaram pela primeira vez suas fotos nas revistas, as pessoas pensaram que era um hobby, por todo o dinheiro que tem. Mas sossegou todas as críticas com fotos como estas.

Regina deixou a revista sobre a mesa.

— Bom, me alegro por ele. Mas isso não lhe dá direito de usar a biblioteca como seu pátio de recreio pessoal.

Carly suspirou.

— Relaxe, garota. Deveria reconhecer um grande momento de Nova Iorque quando o tem diante do nariz.

— Ou quando te mostram sua bunda nua na cara. — brincou Derek.

Riram e Regina removeu o espaguete no prato. Cansada de ser o objeto de suas mordazes brincadeiras, finalmente perguntou:

— O que me sugerem que faça? Carly pôs uma mão no seu braço.

— Tome-o como brincadeira. Sabe como fazê-lo, Regina?

CAPÍTULO 8

Pela manhã, encontrou uma pilha de romances sobre sua mesa, todas publicadas recentemente e todas com boas críticas. Já tinha lido duas delas. Na parte de cima do monte havia uma nota num post-it azul:

Desfrutei de nossa conversa de ontem sobre ficção, embora terminou muito repentinamente. Eu gostaria de continua-la durante o jantar. esta noite Te pego na frente da biblioteca às seis.

Regina olhou rapidamente a seu redor, como se a tivessem pegado fazendo algo errado, e meteu a nota na bolsa.

— O que acontece, Finch? Pagam-lhe com livros? — perguntou Alex.

— Não. — respondeu ela, enquanto deixava os livros de lado. — Tenho que ler algumas coisas para o júri do prêmio de ficção.

— Ah, mas tem uma coisa mais. Um cara deixou isto para você. Alex entregou-lhe um grande livro ilustrado, com uma morena bastante linda de roupa clara. Usava a franja curta e seu estilo lembrava à mulher do espetáculo Burlesque. O título do livro era Bettie Page: Uma história fotográfica. O nome era familiar.

Deu a volta ao livro. Não pertencia à biblioteca.

— Espera o que é isto? — perguntou para Alex. O menino deu os ombros.
— Achava que possivelmente tinha decidido investigar um pouco por sua conta.

E então Regina recordou que Alex havia dito que usava o mesmo corte de cabelo que Bettie Page. Folheou o livro. Todas as fotografias, em branco e preto, eram da impressionante morena em várias poses nuas; algumas muito estranhas e sexuais para olhá-las sem se ruborizar. No meio do livro havia uma página marcada com um pequeno envelope. A foto nela reproduzida era uma imagem em branco e preto de Bettie Page sentada no encosto de um sofá de aspecto normal. Seu cabelo caía até os ombros em ondas suaves e vestia umas luvas negras até o cotovelo, um espartilho preto, meias arrastão presas com liga e sapatos de salto com, no mínimo, dez centímetros.

Dentro do envelope havia um pequeno cartão branco parecido aqueles que normalmente acompanham as flores. Com a mesma letra escura e bela do post-it dos romances, dizendo: *Seus deveres de casa*.

Voltou a colocar o cartão no livro e olhou a seu redor para assegurar-se de que ninguém a estava olhando. Então se deu conta de que a entrevista para jantar com o Sebastian Barnes não era um convite. Era uma ordem.

CAPÍTULO 9

As seis, Regina desceu a escada sul até a porta de entrada da biblioteca e saiu para a quente tarde de verão.

A verdade era que não esperava que Sebastian Barnes estivesse ali. Depois de trabalhar um dia todo, tinha chegado à conclusão de que o livro de Bettie Page e as notas era uma bobagem, uma brincadeira como castigo por havê-lo surpreendido no quarto andar.

Mesmo assim, o pulso ia a mil por hora quando desceu a ampla escada de mármore até a Quinta Avenida. Uma vez ali, alisou timidamente a saia e se abanou com o livro de bolso que levava.

— Onde está o livro de Bettie Page?

Sobressaltada, virou-se e viu Sebastian atrás dela. Estava incrivelmente bonito, com um traje escuro e uma gravata de uma intensa cor púrpura. Seus olhos, que pareciam pretos em contraste com o leve tom dourado de sua pele, estavam fixos nela com uma intensidade que a deixou sem respiração. De novo se maravilhou da perfeição de seu rosto, de seus espetaculares e elegantes traços que, de algum modo, eram lindos, mas também muito masculinos.

— O que?

— O livro ilustrado que te dei de presente. Não acredito que caiba nessa esfarrapada e pequena bolsa que carrega. — respondeu, olhando com desdém sua bolsa Old Navy.

— Tudo o que preciso levo nesta bolsa, muito obrigada.

— Espero que isso inclua o livro.

Ela ajeitou a bolsa no ombro e respondeu:

— Não, não o inclui.

— Pegue-o — ordenou-lhe.

— Perdão? "Que cara!"

— Olha-me como se eu tivesse dito algo ofensivo. Minha nota não dizia que eram "deveres de casa"? Isso significa que devia levar o livro. Certo?

— Sim... Exceto não sei por que eu deveria ter dever de casa. Ele sorriu, revelando uma covinha na bochecha direita.

— Suponho que eu gostaria de ser seu professor. — Então ficou sério. Seguia com os olhos cravados nela, desconcertando-a. — Ficaria surpresa com o que poderia aprender.

Regina engoliu a seco.

— Vamos, me agrade. — pediu-lhe.

Com um suspiro, ela decidiu seguir com o jogo. No momento. Voltou a subir a escada.

— E rápido. — gritou-lhe.

Regina virou-se e o fulminou com o olhar. Sebastian soltou uma sonora gargalhada que tornou impossível não sorrir.

Certo, às vezes, podia ser encantador. "Mas isto é uma loucura", pensou. Por que estava deixando aquele cara lhe dar ordens? Não sabia se era pela curiosidade de descobrir o que tramava, por sua tendência a querer agradar às pessoas, ou, a opção mais patética, a embaraçosa atração que sentia por ele.

Em qualquer caso, entrou com toda a pressa na biblioteca, dirigiu-se a sua

mesa, agarrou o livro e o abraçou, surpreendida com seu peso. De repente, veio-lhe à cabeça uma idéia inquietante: e se quando saísse ele tivesse ido embora?

Não soube por que isso a colocou tão nervosa. O que estava acontecendo? Descartaria todo o assunto como um louco momento próprio de Nova Iorque. Mas assim que saiu, o viu na porta, tinha subido também. Voltou a fixar-se no seu aspecto impecável, do terno sob medida até aos impecáveis sapatos. Em contraste, sentiu-se mal arrumada com sua saia longa e a blusa simples de manga curta que tinha desde o primeiro ano de faculdade.

— Me deixe levar isso — ofereceu Sebastian e Regina deu-lhe o livro. — depois de você — acrescentou mostrando a Quinta Avenida.

Ela desceu as escadas com cautela, com ele atrás.

Uma reluzente Mercedes preta os esperava na esquina da Rua Quarenta e um. Sebastian abriu a porta.

— Aonde vamos? — perguntou Regina, vacilante.

— Para jantar. Não recebeu meu bilhete? — perguntou.

Ela deslizou no assento traseiro e Sebastian entrou depois.

Ao volante estava um chofer vestido a caráter, que pôs o carro em movimento imediatamente.

— Recebi os outros livros. — comentou Regina. — Os romances. Sebastian assentiu.

— Possivelmente descubra o novo Tom Perrotta. Ela o olhou desconfiada.

— Está rindo de mim?

— Não — respondeu sorrindo e negando com a cabeça. — Por que teria que fazê-lo? Alguém vai descobrir o próximo grande escritor. Por que não poderia ser você?

— Não sei — admitiu, sem saber ainda se falava a sério. O carro avançou

devagar pelo intenso tráfego.

— Deixa eu perguntar uma coisa — disse Sebastian — Por que mudou para Nova Iorque?

— Para trabalhar na biblioteca — respondeu ela com convicção.

— Essa é a única razão?

— Bom, sim — respondeu Regina, duvidando de sua própria resposta. — Quero dizer, não é suficiente?

— Não sei — ele respondeu. Havia um desafio nos seus escuros olhos. — É?

Sentiu-se nervosa e, instintivamente, devolveu-lhe a pergunta:

— Bom, e por que você se mudou?

— Eu não me mudei, eu nasci aqui. Mas caso contrario, o teria feito. Isso é certo. E a maioria das pessoas que eu conheço que não nasceu aqui, não é que se mudaram, mas sim veio correndo para conseguir seu objetivo.

— Ou possivelmente saíram correndo porque fugiam de algo — comentou Regina, pensando na sua mãe.

Imediatamente, lamentou ter dito isso, mas felizmente ele não a pressionou a respeito.

— Então, alguma vez teve vontade de ser atriz, modelo ou algo assim?

Regina cruzou os braços; agora já segura de que estava provocando ela.

— Não, — respondeu com frieza.

— Interessante — comentou. — A maioria das mulheres com seu aspecto o teriam feito. Não posso acreditar quão inconsciente é de sua beleza.

Ela sentiu que se ruborizava. Não era que não lhe tivessem feito elogios antes; as pessoas lhe diziam que tinha uns olhos ou um cabelo bonito, e que era "Mona". Ela nunca se preocupou de sua aparência ou seu peso, como muitas de suas amigas, mas certamente não era uma beleza. Tinha uma altura média o nariz muito grande para seu gosto e o lábio superior muito fino para poder fazer páreo com a sedutora beleza de uma Scarlett Johansson, Kim Kardashian ou Angelina Jolie. Desde então, nunca tinha se sentido objeto de desejo verdadeiro, embora possivelmente, em parte, isso fosse culpa dela, por não acreditar ser digna de semelhante atenção.

O trânsito melhorou e passaram junto a Park Avenue como uma nuvem. Em um determinado momento, o chofer virou na Quinta. Deteve-se em frente de um edifício que Regina reconheceu: o hotel Four Seasons, de 52 andares, projetado por I. M. Pei. Conhecia muitos de seus edifícios. Era um dos arquitetos favoritos de seu pai.

Um porteiro do hotel abriu a porta do carro. Sebastian saiu primeiro e logo estendeu a mão para ajuda-la. Ela vacilou, não sabia se devia dar a mão, mas inclusive com sua instintiva relutância, não podia ter antecipado que seu contato faria um tremor percorrer como uma corrente elétrica.

Sebastian a guiou ao interior do vestíbulo de pedra calcária, inspirado na Art Déco com tetos que deviam ter mais de nove metros de altura.

— Espere aqui. — disse ele e deu-lhe uma chave eletrônica. — É do apartamento 2020.

Regina ficou olhando o cartão, mas não o pegou.

— Não entendo.

— Não pensou que podia sair para jantar vestida assim, não é? — perguntou.

Ela sentiu que o sangue lhe subia à cabeça e não soube se sentia-se mais envergonhada ou ofendida.

— Se não posso ir vestida assim para ir ao restaurante, então possivelmente deveríamos ir a outro lugar.

Sebastian a olhou com uns olhos sérios que mostravam o que Regina estava começando a reconhecer como seu habitual desafio.

— Sério? Pensei que alguém com sua curiosidade intelectual poderia gostar de ver outro aspecto da vida.

Regina pensou no sentimento que a tinha atormentado desde que tinha uso da razão: o medo. Medo do que aconteceria se não fizesse o correto, de se arriscar, de chamar atenção. E ao mesmo tempo, o medo de perder as oportunidades, ficando sempre por fora. Agarrou o cartão.

CAPÍTULO 10

O vigésimo andar estava em silêncio. Regina avançou pelo corredor acarpetado certa de que alguém a deteria e lhe perguntaria o que estava fazendo ali, mas ninguém o fez.

Encontrou o quarto 2020 e colocou o cartão na ranhura, enquanto uma parte de si mesma esperava que não abrisse. Mas quando fez pressão no trinco, este se moveu sem problemas sob sua palma.

Uma vez dentro, encontrou-se rodeada de tons bege e rosa, madeira clara e mármore. A decoração era sóbria, mas moderna. Esperava que fosse mais opulenta, tendo em conta o vestíbulo, mas se sentiu surpreendentemente cômoda com a relativa normalidade do ambiente. As janelas viradas para sul ofereciam uma impressionante vista da cidade, a vista mais alta que já tinha visto.

— Regina?

Uma mulher apareceu do nada, dando-lhe um susto de morte.

— Assustou-me! — ofegou, quando pôde respirar de novo.

— Sinto muito. Não pretendia fazê-lo — disse a desconhecida, com acento britânico. Usava uns jeans brancos e uma túnica turquesa. Tinha o cabelo acobreado recolhido em um coque solto e se enfeitava com umas elegantes joias de platina. — Sou Jess. Sebastian me pediu que viesse se por acaso precisasse ajuda.

— Você... Trabalha para ele?

— Trabalhei com ele. — esclareceu Jess. — Sou estilista e maquiadora. Mas aqui vim como um favor pessoal. Ele pensou que poderia precisar de mim.

Regina assentiu, como se tudo aquilo tivesse uma absoluta lógica.

— A roupa para esta noite está no quarto. — indicou-lhe Jess, apontando para direita. — Me avise se quiser algo. E vista tudo o que Sebastian deixou aí para você. Insistiu muito a respeito. É muito detalhista, como provavelmente já saiba.

Não, não sabia, mas estava começando a ter uma ideia.

Dirigiu-se ao quarto. Havia duas sacolas de papel e uma capa de tecido sobre a enorme cama. A capa tinha as palavras Miu Mil impressas. Uma das sacolas era rosa com um arco preto e nela se lia: Agent Provocateur. A outra era laranja, da Prada. Conhecia o nome Prada, mas não os outros dois.

Começou pelo conhecido e olhou primeiro dentro da sacola Prada, onde encontrou três caixas de sapatos. Abriu a primeira e encontrou um par de sapatos fechado de salto, bastante conservador, que ela mesma poderia ter escolhido. Só que os saltos mediam dez centímetros e eram de metal. Pareciam mais uma vara ou um prego que parte de um sapato.

— Isto não é um sapato, é um instrumento de tortura. — murmurou e o deixou de lado.

Abriu a segunda caixa e encontrou os mesmos sapatos, mas meio número maior. Na terceira encontrou o mesmo. Os primeiros que tinha tirado eram o seu número exato. Isso a irritou mais do que a surpreendeu.

Voltou-se para a capa de tecido, segurou pelo cabide forrado de veludo, com uma mão enquanto baixava o zíper com a outra, perguntando-se o que estaria fazendo Jess no outro aposento e se estaria zangada porque Sebastian havia pedido que ela fizesse papel de criada. Tudo aquilo era muito embaraçoso.

Tirou o cabide da capa e descobriu um simples vestido preto sem mangas, mas de pescoço alto, comprido até o joelho. Parecia algo que Audrey Hepburn poderia ter vestido. Algo que lembrasse Hepburn, tanto Audrey como Katharine, parecia-lhe bem. Esse tinha sido um avanço positivo, depois dos sapatos que poderiam ser usados perfeitamente como uma arma branca.

A seguir, pegou a sacola rosa. Teve que revirar um monte de papel de seda dessa mesma cor, para encontrar uns pacotes planos envoltos em papel preto. Com cuidado, desembalhou o primeiro e descobriu um delicado sutiã tomara-que-caia preto. Era caro, não tinha nada a ver com o simples sutiã de algodão da GAP que ela tinha usado toda sua vida. A trabalhada renda com um sistema de minúsculos e elaborados colchetes, o objeto não lhe pareceu nada prático. O colocou de lado e desembalhou o próximo pacote. Encontrou mais roupa íntima preta, mas não conseguiu identificar o que era. Tinha a forma de um sutiã posto ao contrário e dele dependuravam quatro cintas com ganchos. Era tão desconcertante que o colocou novamente na sacola. Por último, encontrou umas meias pretas, tão finas e sedosas que pareciam uma pluma.

Bateram uma vez na porta do quarto.

— Esta tudo bem aí dentro? — perguntou Jess.

Regina recordou que Sebastian estava esperando-a no vestíbulo, assim seria melhor que se apressasse.

— Sim, obrigada — respondeu.

— Lembre que tem que vestir tudo isso.

Ela olhou para a exibição de roupas sobre a cama. Aquela misteriosa roupa íntima a encheu de ansiedade e pensou: "Posso partir agora".

Podia passar pela porta, desculpar-se com a ruiva inglesa e dizer que não necessitaria da sua ajuda. Podia deixar a chave eletrônica na recepção e comunicar a Sebastian que não estava interessada em se passar por Eliza Doolittle para seu Henry Higgins particular.

Então iria para casa, para seu pequeno quarto e... O que? Se perguntaria do que poderiam ter falado durante o jantar? Imaginaria como poderia ter sido vestida como alguém que tivesse saído diretamente das páginas da Vogue? E mais tarde, seis meses ou um ano ou talvez dois, sentaria sozinha naquele mesmo quarto e recordaria o momento em que o homem mais bonito que já tinha visto lhe havia dito que era bonita.

"Por que veio a Nova Iorque?"

Regina tirou o misterioso objeto de renda preto da bolsa, aproximou-se da porta do quarto e olhou com cautela.

— Jess, sinto incomodar...

— Estou aqui para ajudar. — interrompeu a ruiva, de bom humor.

— Não sei o que é isto. — Levantou a renda preta como se fosse um animal raivoso.

— É uma cinta-liga. Pode ser complicado colocá-lo. Deixe-me ajuda-la. Não se ofenda, mas certamente para você levaria uma eternidade.

Jess provavelmente teria coisas mais importantes para fazer do que ajudar a vestir uma mulher adulta como se fosse uma desabrigada pré-escolar. Não sabia se queria abreviar.

— Ok, obrigada — aceitou Regina e deu um passo para o lado para que Jess pudesse entrar também no quarto.

Esta cruzou os braços e examinou o desdobramento de roupas sobre a cama.

— Um vestido bonito. E perfeito para você. Sebastian tem muito bom gosto.

— Mas os sapatos — disse Regina, enquanto os olhava como se fossem o inimigo. — Não serei capaz de caminhar com essas coisas. Acredito que irei com os meus postos.

Jess olhou o calçado da Regina e negou com a cabeça devagar.

— Eu sei que você não o faria. Ela assentiu.

— OK. Suponho que terei que caminhar muito devagar — cedeu. Jess pareceu visivelmente aliviada.

— Boa idéia. Agora ponha o sutiã e a calcinha. Logo te ajudarei com a cinta-liga e as meias.

Regina esperou que saísse do quarto, mas a mulher não fez gesto de dar-lhe qualquer tipo privacidade.

— A verdade é que não estou acostumada a me trocar diante de outras pessoas. — reconheceu timidamente.

— Regina, — respondeu Jess — sou estilista. Vi algumas das mulheres mais famosas do mundo nuas. E Sebastian está esperando no vestíbulo. Se eu estivesse no seu lugar, me apressaria.

Regina se sentiu tola. Aquela mulher só tratava de ajudar e ali estava ela, fazendo um drama de sua presença no quarto.

Tentando não se sentir inibida, tirou o casaco. Jess o pegou e o dobrou. Depois desabotoou a blusa e abaixou o zíper da saia e lhe entregou os dois. De repente, sentiu o ar frio e se arrepiou. Notou que os mamilos endureciam sob o sutiã. Não queria tirá-lo, mas o de renda preto estava esperando-a. Levou as mãos até as costas para desabotoar, mas seus dedos se moveram entorpecidos sobre o fecho que tinha aberto e fechado incontáveis vezes.

— Deixa te ajudar. — ofereceu-se Jess e antes que ela pudesse protestar os dedos da mulher lhe roçaram as costas entre as omoplatas e lhe desabotoaram o sutiã.

Regina deixou que o simples sutiã de algodão caísse no chão e cobriu os seios cruzando os braços sobre eles. Jess pegou o sutiã preto e encaixou-lhe as alças pelos ombros. Depois o fechou.

— Não entendo como pôde saber qual era o número exato. — comentou

Regina e sentiu imediatamente que era o sustiã que melhor se ajustava de todos os que já tinha usado.

— Tem bom olho — repetiu Jess e seus olhos verdes brilharam. Algo no seu tom de voz fez que Regina se perguntasse se ela teria conhecido Sebastian em outros níveis, além do profissional. — Agora isto. — indicou a mulher, entregando-lhe a calcinha.

Ela as pôs o mais de pressa que pôde e elevou a vista só uma vez para assegurar-se de que Jess não a estivesse olhando.

Mas o estava fazendo.

— A cinta-liga — assinalou e lhe estendeu aquele objeto desconcertante.

Regina o agarrou e o sustentou com dois dedos.

— Não tenho nem idéia...

Jess agarrou a cinta-liga e se colocou diante dela. Primeiro o prendeu ao redor da cintura e logo puxou para baixo até que ficou à altura dos quadris. As quatro cintas ficaram pendurando sobre suas coxas como tentáculos.

— Ponha meias e eu ajeitarei isso.

Regina se sentou na cama, muito centrada na tarefa para continuar sentindo-se envergonhada. Pegou as meias com delicadeza e as subiu devagar até as coxas.

Quando acabou, ficou em pé.

Jess se colocou de joelhos e ajeitou as quatro cintas na beirada das meias, uma na parte da frente e outra na parte detrás de cada coxa.

— Incrível — murmurou quase para si mesmo e logo acrescentou

— Por que não se olha no espelho?

— Não, assim está bem — resistiu Regina, embora sentisse uma secreta curiosidade.

Jess lhe estendeu o vestido preto para que o pusesse.

— Dê a volta — disse e lhe subiu o zíper.

— Pronto, acabou — sussurrou Regina.

— Quase — Jess colocou os sapatos na frente e ela os pôs com cautela. Sentiu-se como uma Cinderela de romance.

Olhou no espelho e não reconheceu nada do que via do pescoço para abaixo.

— Posso te recomendar algo mais? — perguntou Jess.

— É óbvio — respondeu.

Jess lhe deu um batom. Era preto com umas letras brancas que punham NARS. Regina o abriu e viu uma barra nova de intenso vermelho fosco.

— Deixou isto para mim também? — perguntou. Jess não respondeu, mas esperou que o aplicasse.

Fazia muito tempo que Regina não pintava os lábios, desde seu baile de formatura. Tinha ido com o Robert Wellers, seu co-editor do jornal do instituto. Mais tarde, na festa posterior ao baile na casa de praia da Samantha Sinclair, esperava que Robert a beijasse na escura praia banhada pela luz da lua, mas ele disse que era gay.

Regina sentia a mão tremer e custou um momento para acalmá-la o suficiente para poder passar nos lábios. Uma vez que o fez, se surpreendeu ver como o intenso vermelho ressaltava os seus olhos azuis.

Sorrindo, saiu do espelho e deu o batom a Jess.

— Pronto — Disse-lhe — Está lindíssima. Agora vá. Sebastian não é um homem paciente.

Regina atravessou o vestíbulo do Four Seasons, vacilante sobre os saltos. Pela primeira vez na sua vida, ficou consciente de que as pessoas ficavam olhando quando passavam ao seu lado. Ao princípio, pensou que era porque caminhava como uma gazela dando seus primeiros passos fora do útero materno. Mas logo viu a expressão de um homem de negócios e identificou algo que nunca tinha visto dirigido para ela: desejo.

Desorientada pela atenção dos estranhos, o elegante vestíbulo e aquela roupa, absolutamente familiar para ela, quase chocou contra Sebastian.

— Oh! Não vi você — disse a ele, estancou.

Os olhos dele percorreram-na dos pés a cabeça. Quando Regina se deu conta de que ele sabia o que levava debaixo do vestido, sentiu que enrubescia de vergonha. Esperou que ele fizesse algum comentário sobre seu traje, mas não disse nada. Limitou-se a avaliá-la com um olhar intenso e imperturbável.

Em seguida estendeu o braço e agarrou a velha bolsa que tinha pendurado do ombro.

— Isto é horrível.

— Bom, é questão de gostos. E cumpre sua obrigação.

Agora que já não carregava a bolsa, voltou a olhá-la e, aparentemente satisfeito, ofereceu-lhe o braço. Regina levantou o olhar para Sebastian e logo se apoiou nele como se a acompanhasse a um baile de debutantes. Pensava que se dirigiriam ao restaurante do hotel, mas voltou a guiá-la para a rua.

— Não vamos jantar aqui?

— Não, — respondeu Sebastian. — Meu restaurante favorito daqui fechou

no começo deste ano, L'Atelier do Joel Robuchon — explicou sorrindo. — Mas não se preocupe esta cidade não tem falta de grandes restaurantes.

Abriu-lhe a porta do carro e Regina voltou a entrar no Mercedes, mas desta vez o fez com cuidado, prestando atenção aos sapatos de salto e ao vestido. O carro avançou por Park Avenue e justo quando começava a sentir-se cômoda, deteve-se na Rua Sessenta e cinco. O chofer rodeou o veículo para abrir a porta e ao sair se encontrou com um lindo edifício neoclássico. Sobre a porta, com letras grandes, dizendo DANIEL.

No interior, tudo era arte de mais de cinco metros de altura, balaustradas, arcos e pilastras esculpidas. A arquitetura clássica foi compensada pelo mobiliário moderno e o tratamento com intensas cores neutras, noqueira e creme, compensados pelas cadeiras de jantar vermelhas. Todo o espaço era banhado numa luz quente que vinha dos lustres e castiçais de parede, e Regina pensou que aquele ambiente impressionaria sua mãe.

Tudo no restaurante transmitia elegância e agradeceu ter aceitado o pedido de Sebastian para trocar de roupa.

O Maître cumprimentou-o calorosamente.

— O Salão Bellecour está preparado, senhor Barnes. — anunciou o homem.

Sebastian deu-lhe passagem e Regina seguiu o Maître através do salão. Novamente sentiu os olhares sobre ela, e tudo que ela podia fazer era em se concentrar em não tropeçar nos sapatos. Sentia-se como Julia Roberts no Pretty Woman, toda glamorosa com seu vestido vermelho de braços com Richard Gere.

Sentiu uma espécie de agitação no estômago, uma felicidade louca .

O Maître abriu a porta de um salão privado que caberiam cem pessoas, mas que estava preparado com uma única mesa. Puxou-lhe a cadeira e Regina se sentou com rigidez, enquanto Sebastian tomava assento em frente a ela.

— Poderíamos jantar lá fora. — comentou com uma risada nervosa. —

Aqui há muito espaço.

O Sommelier trouxe a lista de vinhos, mas Sebastian apenas a olhou.

— Tomaremos o cardápio degustação, assim traga algum vinho que seja apropriado — comentou. Em seguida dirigiu a Regina: — O cardápio degustação consta de oito pratos. Espero que não tenha pressa.

Ela se limitou a negar com a cabeça enquanto tentava não se deixar levar pelo pânico. Do que falariam durante um jantar de oito pratos? Era tão boa a comida para que alguém quisesse comer tanto?

— Está linda. — disse-lhe Sebastian. — Esse vestido te cai bem.

— Oh! Obrigada — respondeu, com o olhar fixo na sua taça de água. — Acertou as medidas.

— Passo muito do meu tempo contemplando as mulheres — comentou.

Regina ruborizou com tal afirmação, mas logo se deu conta de que devia estar se referindo a sua ocupação de fotógrafo.

O garçom apareceu com o aperitivo. Deixou três pequenos pratos diante deles e anunciou:

— Mosaico de frango e rabanete Daikon, geleia de cogumelos e salada de legumes frescos.

— Obrigada — disse Regina, desejando desesperadamente reconhecer algo do que lhe tinham servido.

Então, Sebastian piscou e o seu estômago encolheu de tal forma que não seria capaz de comer qualquer coisa.

CAPÍTULO 11

Regina remexia a comida no prato e, quando olhou para cima, encontrou Sebastian observando-a fixamente.

— Você me decepçiona, Regina. – comentou. — Não pensei que fosse das que não comem.

Ela sentiu que corava e o desconforto e o absurdo da situação finalmente pesaram mais do que quão excitante poderia chegar a ser.

— Desculpe que eu não pule no prato, mas na última meia hora eu não fiz mais que receber ordens, e isso me fez sentir mais numa representação extravagante do que num jantar, me fez perder o apetite.

Ele riu, mas não com um sorriso educado, mas com uma profunda e rouca gargalhada, jogando a cabeça para trás.

— Hum, uma cliente descontente. Isto é algo novo para mim — brincou, exasperando-a ainda mais.

— E como vou recuperar minha roupa? Porque eu não vou voltar a esse quarto de hotel depois do jantar.

— Parece-me bem — afirmou ele, claramente divertido, o que a irritou ainda mais.

— Aviso-te para que estejamos na mesma página e que não haja mal-entendidos.

— Na mesma página, né? Falou como uma verdadeira bibliotecária. — afirmou.

Sem saber o que responder a esse comentário, Regina provou o vinho. Estava delicioso e o líquido deixou um rastro de calor líquido na sua garganta.

— E agora que o mencionou, não íamos falar dos livros? Pensava que era disso do que tratava este jantar.

— Impaciente para entrar na matéria.

— Sim — assentiu e tomou outro gole de vinho.

"É o último, agora vou parar", assegurou-se a si mesmo.

— Por que não tem celular? — perguntou Sebastian.
Regina foi surpreendida com essa pergunta que parecia surgir do nada.

— Oh, não sei. — respondeu. Negava-se a reconhecer sua obrigatória austeridade a alguém que andava por aí num carro com chofer e que usava um dos hotéis mais caros do mundo como vestiário.

— É pouco prático — comentou.

— Para mim não.

— Tinha usado cinta-liga alguma vez? — perguntou-lhe. Regina quase cuspiu o vinho.

— Como?

— Você disse que queria entrar na matéria. — Seu olhar era intenso e sua expressão séria. Era evidente que a pergunta sobre o móvel tinha sido só de aquecimento. — Como se sente vestindo a roupa íntima que comprei?

— Como se usasse um disfarce. — respondeu.

— Você diz isto como se fosse algo ruim.

Levaram os pratos e a aparição do garçom deu a Regina uma pausa temporária do interrogatório. Eles Colocaram um novo prato a sua frente, tão elegantemente apresentado que mais parecia arte do que comida.

— Mousseron e raviólis de acelga, queijo nettlesome, cogumelos St. George em conserva, samambaias cabeça de violino. — anunciou o garçom.

O sommelier retirou a taça de vinho de Regina, embora ainda estivesse meio cheia e trouxe outras taças limpas. Apresentou então uma nova garrafa a Sebastian.

— Domaine Drouhin Meursault, Burdeos 2008.

Regina fez gesto para recusar mais vinho, mas uma crítica olhada do Sebastian a deteve.

Quando voltaram a ficar sozinhos na sala, ele levantou sua taça.

— Pelos disfarces. — disse com um sorriso.

— Por que bebemos pelos disfarces? — perguntou ela, enquanto chocava com delicadeza sua taça contra a dele.

— Porque inspiram. E liberam. "Para você é fácil dizer", pensou.

— O que tem de liberador em me dizer o que vestir? — perguntou.

— Bom, pensa nisso. Imagina se eu avisasse que íamos a um restaurante e que você tivesse que se arrumar. Não saberia que roupa pôr, como encontrá-la, quanto gastar... Eu simplesmente cuidei de todo esse trabalho e aborrecimento. Abrir mão do controle é a liberação máxima.

— Que tal dar alternativas?

— Você tinha alternativas. — replicou. — Poderia ter recusado sair comigo. Poderia ter recusado usar a roupa.

Regina assentiu, lembrando que ela tinha pensado em sair do quarto do hotel. Provou os raviólis. Estavam deliciosos e surpreendentemente

suculentos, não se parecia com nada que tivesse provado antes.

— Eu quero ver a cinta-liga e o sutiã. — afirmou.

Regina se engasgou com a comida. Tossiu e bebeu vinho.

— Isso não vai acontecer — respondeu, embora só com as palavras que tinham saído de sua boca, Sebastian tinha provocado um formigamento entre as pernas igual o que sentia quando estava na cama, sozinha e acordava no meio da noite e se tocava.

— Não tem que haver sexo — explicou ele. — Inspiro-me muito com a beleza e tenho curiosidade em ver como ficaria com esta lingerie desde o primeiro momento em que te vi.

— Sei que é fotógrafo — comentou Regina.

— Ah... A vida na era do Google. Tiram-nos qualquer oportunidade de aproveitar a descoberta ou o mistério. Você não acha?

— Não te procurei no Google. Minha colega de apartamento estuda na Parsons e tem uma de cada revista de moda do mundo. Vi suas fotos em uma delas.

Sebastian assentiu.

— A fotografia de moda sempre é um exercício interessante. Mas normalmente só é um trabalho. Meu tipo favorito de fotografia é muito diferente.

— E que tipo é esse?

Ele sorriu e algo na forma que a olhou fez com que Regina se sentisse mais exposta do que quando se despiu na frente de Jess.

— Se me permitir, eu mostro a você.

— Buscarei no Google. — afirmou furiosa pelo efeito que tinha sobre ela e

sem desejar que ele se desse conta disto.

— Não vai achá-las na Internet. — advertiu-lhe. — Não poderá as encontrar em nenhuma parte.

— Nesse caso, suponho que não as verei.

— Tenho plena confiança que o fará. — replicou Sebastian. — Falando de fotos, folheou o livro de Bettie Page?

— Um pouco. — respondeu. — Estava no trabalho, assim não pude...

— Olhe antes de se deitar.

Ela bebeu outro gole de vinho.

— Por que você gosta tanto de Bettie Page?

Pareceu que Sebastian considerava a pergunta com cuidado, embora, evidentemente, tinha uma resposta preparada.

— Ela, e o efeito que tem sobre as pessoas, eu acho fascinante. É compreensível por que teve tanto êxito na sua época: poucas mulheres posavam como ela, mas por que ainda impressiona até agora? Hoje em dia, há mulheres nuas por toda parte. As fotografias na web são muito mais explícitas do que qualquer coisa que Bettie Page já fez. Há muitas mulheres mais bonitas. Mas, mesmo assim, ela é única.

Estava totalmente animado e o fato de que era fotógrafo de repente pareceu mais real a Regina. Vivia-o. Pensava nas fotografias como ela pensava nos livros.

Desejou poder deslumbrá-lo com algum comentário digno da Camille Paglia sobre a semiótica de Bettie Page, mas o certo era que nunca tinha ouvido falar dessa mulher antes do comentário que Alex fez sobre o corte de cabelo.

— Quero que leve isto a sério — pediu Sebastian de repente, olhando-a nos

olhos. Ela respirou fundo. — Não te convidei para jantar para conversar sobre besteiras, Regina. E, apesar do que crê não te pedi que saia comigo para poder te foder, embora pense nisso.

O estômago deu um nó e desviou o olhar. Uma parte dela desejava que deixasse de falar e outra rezava para que não o fizesse.

— Você está chateada porque disse isso? — perguntou-lhe.

— Não. — respondeu com um sussurro apenas audível.

— Você me olha com esses enormes olhos azuis e não sei se é tímida ou se está me julgando em silêncio — reconheceu.

Ela olhou surpreendida.

— Por que ia julgar você?

— Fez no dia que me viu fodendo aquela mulher na biblioteca. Regina estremeceu por ouvi-lo usar de um modo repetido e despreocupado a palavra "Foda".

— Bom, sim. Acredito que a biblioteca não é o lugar adequado para esse tipo de coisas...

— Posso dizer uma coisa? — Ele perguntou, e algo em sua voz e o modo que a olhou, como seu olhar se moveu de seus olhos para seus lábios e de novo para seus olhos fez que todo seu corpo se retesasse.

— Sim — sussurrou.

— Penso em foder você na biblioteca.

Todo o sangue se concentrou no rosto. Baixou o olhar para a mesa e sentiu um pulsar de desejo assustador entre as pernas.

Depois do jantar, o Mercedes esperava na porta do Daniel. Virou para o oeste e avançou pela Sétima Avenida.

— Para onde estamos indo? — perguntou Regina.

— Te levo para casa. — respondeu.

Ela tentou não se sentir decepcionada.

— Para isso não precisa do meu endereço? — ela perguntou.

— Tenho seu endereço.

— O que? — Fosse qual o feitiço que tinha sido lançado com o vinho, a roupa elegante e o bate-papo sobre sexo se rompeu de repente.

— Como você o conseguiu?

— No escritório da biblioteca.

— Não podem dar meu endereço a qualquer um!

— Eu não sou "qualquer um", Regina. Me conhecem.

— Essa não é a questão!

— Você sente como uma violação? — perguntou.

E alguma coisa no modo que a olhou fez que soubesse que não estava falando de seu endereço.

— É que não é... apropriado. — queixou-se.

Sebastian pareceu considera-lo e balançou lentamente a cabeça lentamente.

— Pode ser que não seja apropriado, isso é certo. — afirmou. — E eu não me sinto muito bem em pedir permissão. — Pegou a sua mão e a olhou a nos olhos. Sua intensidade a afetou de um modo como nunca antes tinha acontecido. — Suponho que deveria saber isto sobre mim se formos passar

um tempo juntos.

Ao ouvir essas palavras, a irritação de Regina se evaporou. Iam passar um tempo juntos.

Quando o carro se deteve em frente ao edifício em que morava, conseguiu dizer:

— Obrigada pelo jantar.

Sebastian pegou sua mão e o seu contato pareceu pesado e quente que a fez sentir vontade de aninhar-se nele.

— Falava a sério quando te disse para folhear o livro da Bettie Page esta noite. Quero saber sua opinião. Quero te conhecer, Regina.

— Ok. — concordou.

Mais uma vez, os olhos dele se cravaram nos seus. Na escuridão e sob o imperturbável foco de seu olhar, sentiu como se, de algum modo, fizesse uma promessa importante. Embora não fazia a mínima idéia do que tinha prometido.

CAPÍTULO 12

Regina não conseguia dormir. Horas depois que Sebastian a deixou em sua casa, sua mente continuava a mil por hora, revendo trechos da conversa e recordando como a olhava. E embora mal havia tocado-a durante toda a noite, uma mão no seu braço de vez em quando, um roçar de seu ombro contra o seu, estava tensa, rígida como uma mola que sabia que teria que soltar.

Deitada na cama, levantou a camisola até os quadris e se tocou levemente por cima da calcinha de algodão. Logo deslizou a mão por baixo e se tocou daquela outra forma infalível que sempre dava satisfação. Esfregou o clitóris e moveu o dedo indicador dentro e fora de sua vagina, mas apenas sentiu uma pontada de prazer.

Que diabos estava errado?

Tentou pensar em Sebastian enquanto se tocava de novo, mas com isso só conseguiu se sentir envergonhada. Confusa, ela sentou-se. Era melhor parar a tempo do que se sentir ainda mais frustrada.

Levantou-se e olhou para fora por entre as cortinas. A lua estava meio cheia e brilhante. Abriu-as para que a luz noturna iluminasse o quarto. E então, ao observar como as sombras brincavam na parede, recordou que Sebastian lhe tinha pedido que olhasse o livro do Bettie Page.

Ele estava na mesa de cabeceira. Pegou-o e o colocou sobre a cama. A bela morena sorria-lhe da capa, quase lhe piscando, como se dissesse: "Não se preocupe".

— Aposto que você nunca teve este tipo de problema. — Regina suspirou.

O luar não era forte o suficiente para que ela pudesse ler, assim ela se levantou e acendeu a luz do teto. Piscou com força e voltou para a cama com o livro.

Passou as páginas procurando alguma pista do que Sebastian parecia tão interessado. Sem dúvida, era uma mulher bonita. Mas, era mais que isso, parecia segura de si mesmo. À margem de suas poses provocadoras, em seus olhos azuis havia um "brilho", como teria dito o pai da Regina. E em muitas fotos esboçava um grande sorriso que, de algum modo, era muito antiquado, muito americano em sua ingenuidade.

A primeira parte do livro, "Prelúdio de uma pin-up", mostrava imagens de uma jovem Bettie Page vestida de um modo muito normal, uma garota nada especial embora bonita. Nem sequer usava aquela franja típica dela. A próxima parte mostrava-a quando se mudou para Nova Iorque, um pouco antes de se converter em modelo. O texto dizia: "Era uma secretária anônima que trabalhava toda a semana e dava longos passeios solitários nos fins de semana, enquanto sonhava com uma vida mais glamorosa".

Regina não podia imaginar que a bonita mulher e de aspecto dominante que viu na última parte do livro pudesse ter-se sentido solitária ou ter tido um trabalho monótono de escritório como secretária.

Virou as páginas e estudou a progressão de Bettie, que começou vestindo sutiãs e meias com ligas, e terminou erguendo chicotes e sendo atada e amordaçada.

Fechou o livro.

Perguntou-se se Bettie havia sentido alguma vez como ela se sentiu aquela noite sob o olhar de Sebastian; em parte emocionada e em parte envergonhada. Perguntou-se se havia desejado alguma vez que um fotógrafo a tocasse.

Pensou no pedido de Sebastian de fotografá-la. O que ela havia-lhe dito era certo? Odiava que a fotografassem? Sentia-se inibida enquanto a

focalizavam e normalmente não gostava de seu aspecto. Não acreditava ser vaidosa, mas a ideia de como se via na sua mente não coincidia com o que via nas fotos.

Perguntou-se como teria sido para a Bettie Page. Teria resistido a princípio? Ou teria feito por dinheiro? De onde tirava a coragem para tirar roupa? Regina nunca poderia fazê-lo e isso que ela vivia em uma época em que era mais normal que as mulheres se despissem. Quem não tinha fotos sem roupa na Internet nesse momento? Ou uma gravação sexual? Às vezes, ela se sentia como se fosse a única.

Olhou para o chão, onde se encontrava a lingerie, empilhada num escuro montinho. Tinha se sentido muito cansada inclusive para lavá-la. Agarrou a liga e brincou com os pequenos ganchos. Ela saiu da cama, pegou a lingerie e aproximou-se do espelho de corpo inteiro que tinha apoiado na parede, junto ao pequeno armário, tirou a camisola e contemplou seu corpo nu, coberto só com a simples calcinha de algodão branco.

Pensou em provar a cinta-liga para ver que como ficava com ela, mas deu preguiça. Em lugar disso, sentiu o impulso de tocar-se. Passou as mãos pelos seios. E não viu a si mesma, mas sim teve visões da atriz de Burlesque, a gota de geleia de mirtilo entre os seios, o dedo que subia por seu corpo até a sua boca.

Não compreendia como aquela mulher era capaz de fazer isso diante das pessoas, ou como podia Bettie Page tirar a roupa em frente à câmara. Gostavam que as pessoas as olhassem? Fazia com que se sentissem lindas?

Passou a mão pela barriga até os seios do mesmo modo que o tinha feito a atriz. Acariciou os mamilos e observou como se endureciam e se convertiam em dois pequenos pontinhos e imaginou que alguém a olhava. Desviou o olhar do espelho envergonhada. Embora fosse inegável o que seu corpo necessitava que fizesse.

Retornou à cama, apagou a luz e deitou sobre as mantas. A salvo na escuridão, voltou a tocar os seios; dessa vez não parou até que sentiu a familiar palpitação entre as pernas. Moveu uma mão para acariciar

levemente o clitóris, enquanto com a outra seguia esfregando os mamilos com delicadeza.

Fechou os olhos, imaginou que Sebastian estava ali, sentado na beira da cama, observando-a, e pedindo que não parasse. Diria que não podia fazer isso diante dele e ele perguntaria: "Não é por isso que se mudou para Nova Iorque? Para fazer algo sexual, vivo e real?".

Regina gemeu baixinho e mergulhou um dedo no seu interior. Imaginou Sebastian pedindo que deixasse-o fazê-lo. Ela negaria. "Não posso". Mas ele pegaria a sua mão e a tocaria junto com ela. E então cederia e Sebastian a acariciaria com suas grandes mãos... tocando a de um modo que nem mesmo ela sabia se desejava ser tocada.

Seu dedo se deslizou rapidamente dentro e fora, fazendo que se umedecesse com sua própria excitação. Manteve os olhos fechados com o rosto e a voz do Sebastian vívida na sua mente, enquanto sentia os primeiros tremores da liberação, uma quebra de onda que a alagou uma e outra vez até que pôde deixar que a arrastasse até o mais profundo do sonho.

O som do despertador a assustou. Como podia ser já de manhã? Abriu a cortina. Não cabia nenhuma dúvida, o sol tinha saído com força. Regina voltou a recostar-se nos travesseiros.

Ela tinha estado agitada e deu voltas a noite toda e, inclusive enquanto dormia sua mente não tinha parado de funcionar a mil por hora, com sonhos que a faziam despertar empapada em suor, mas que era impossível recordar. Por um momento ela pensou que o jantar com Sebastian Barnes tinha sido um desses sonhos, mas o vestido Miu-Miu no chão junto com os sapatos de salto eram a prova de que a noite tinha sido real e não um produto de sua ativa imaginação noturna.

E então, envergonhada, recordou a fantasia que tinha tido enquanto se masturbava.

Uma chamada na porta a sobressaltou.

— Está aí? — perguntou Carly.

— Sim. Está tudo bem? — perguntou Regina enquanto se sentava e passava uma mão pelo cabelo.

Sua companheira abriu a porta. Ainda estava de pijama, uma camiseta do Juicy Couture e uns leggings da Athleta. Usava o cabelo em um rabo de cavalo meio despenteado e seu Iphone não deixava de soar já com mensagens de texto.

— Não estava aqui ontem à noite quando sai. E não estava segura se havia chegado mais tarde.

Então olhou a pilha de roupa no chão. Agachou-se e pegou o vestido Mil-Miu.

— Que diabos têm feito? Roubou a Bedford's?

Regina se levantou da cama, passou a seu lado para ir à cozinha e abriu a torneira de água.

— Sério. — insistiu Carly, seguindo-a. — O que está acontecendo? Sei que este é um vestido de mil e seiscentos dólares no mínimo. E esses sapatos! Pensava que sentia devoção por seu fornecimento vitalício do Tom'S...

Regina abriu a geladeira e tirou um pote de manteiga de amendoim Skippy e pegou uma grande colherada.

— Como pode comer tão cedo? — perguntou Carly. Regina lambeu toda a manteiga de amendoim da colher.

— Ontem à noite jantei com Sebastian Barnes. — explicou. Sua companheira arregalou os olhos, com um novo respeito.

— Saiu com o Sebastian Barnes — repetiu.

— Exato — confirmou e voltou a colocar a colher na manteiga de

amendoim.

— É uma bruxa com sorte! — gritou Carly entusiasmada. — OH, meu Deus, você me enganou, Regina. Passando-te por aqui como alma penada, tão caladinha, metida nos seus livros... Nunca teria imaginado.

—Acredite em mim, eu tampouco.

— É bom na cama? — perguntou Carly.

— O que? Não me deitei com ele. — disse Regina envergonhada.

— Bom, isso foi um erro. — decidiu sua companheira. — Aonde foram?

— Ao Daniel. — respondeu ela, enquanto procurava na gaveta cheia de bolsinhas de chá o mais forte que pudesse encontrar.

— Adorooooo o Daniel. — exclamou Carly fazendo um beicinho.

— Quantos anos têm? É mais velho que nós, não é? Os meninos de nossa geração, de vinte anos, não sabem o que é um bom encontro. Entende?

É obvio que Regina não entedia. Não sabia nada de como eram os encontros com os meninos de sua idade, nem de nenhuma outra idade. E, por outro lado, nem sequer estava segura de que, o da noite anterior tivesse sido um verdadeiro encontro. Parecia mais como um estranho tipo de exercício, uma demonstração de poder de um cara que gostava de sair por aí esbanjando dinheiro e que provavelmente teria dormido com todas as mulheres de Nova Iorque e estava procurando carne fresca.

— Eu não chamaria isso de um encontro — respondeu. — Não vou mais pensar nisso.

— Ah, não. Não vou permitir que faça isso. — advertiu-lhe Carly.

— Fazer o que?

— Que fique obcecada. Não sabe como se divertir, Regina? Todas as mulheres de Nova Iorque desejam ter uma oportunidade com Sebastian Barnes e você tem isso, aproveita-a. Vixe um pouco. A vida é algo mais que pôr livros em estantes numa biblioteca.

— Possivelmente não para mim. — replicou ela. Mas pela primeira vez começava seriamente a duvidá-lo

CAPÍTULO 13

— Isto é o Balcão de empréstimos?

— Sim. — respondeu Regina e elevou o olhar da pilha de pedidos. Era um dia de muito trabalho, as sextas-feiras sempre eram. Era o último dia da semana do horário normal na biblioteca e, além disso, Regina imaginava que a maioria das pessoas não desejavam trabalhar durante o fim de semana.

A jovem a sua frente estava com cabeça raspada, pircings por toda a orelha esquerda e um braço coberto de tatuagens. Também viu uma bolsa de mensageira cruzada sobre o peito e uma capa de roupas no braço.

— Tenho um pacote para... — tirou um papel enrugado do bolso, vestia luvas de pele sem dedos —... Regina Finch.

— Sou eu. —confirmou.

Ate então, Alex que já estava de olho na mensageira duende e rondava perto, claramente tentando entrar na conversa.

A garota entregou a capa de roupa. Regina sentiu que ficava corada. Era a roupa que tinha usado na noite anterior.

— OH, obrigada... — resmungou e colocou rapidamente a capa atrás da mesa.

— Um segundo, há mais. — advertiu a garota, fazendo uma bola com o chiclete. Remexeu na bolsa e entregou-a uma carta dourada fechada. — Assina aqui. — indicou, estendendo-lhe uma prancheta e uma caneta.

Regina assinou.

A mensageira guardou a precheta na bolsa e partiu.

— Estava indo tão bem. — protestou Alex. — por que não a entreteve mais um pouco?

— Entretê-la para que?

— Estava me preparando para entrar na conversa. — ele respondeu.

Regina revirou os olhos.

— Da próxima vez, seja mais rápido.

— O que é isso? — perguntou.

Uma senhora se aproximou do balcão e entregou a Regina um monte de pedidos. Ela os passou a Alex, desfazendo-se dele com eficácia.

Esperou que a mulher retornasse a sua mesa e que Alex desaparecesse em busca dos livros antes de abrir o zíper da capa. Na verdade, dentro viu as roupas que tinha deixado no Four Seasons. Justo quando a noite passada começava a parecer algo que tinha imaginado. A saia, a blusa e o casaco que tirou como se tratasse de uma velha pele reapareciam como se fosse o sapato de cristal de Cinderela, para demonstrar que tudo tinha acontecido de verdade.

Colocou tudo debaixo da mesa e abriu o envelope dourado. Dentro havia um cartão preto com letras douradas.

A esperamos na recepção inaugural da exposição

Beginnings, com fotografias do Luc

Carle, Joanna Lunde e Sebastian Barnes.

Galeria Manning-Deere, C/ Greene 42, às 18:00 horas.

O convite era para aquela mesma noite. A única coisa que podia pensar era que Sebastian desejava voltar a vê-la.

A idéia de ir a punha nervosa, mas sabia que se não se obrigasse a sair de sua zona de conforto, passaria o resto de sua vida escondendo-se no seu quartinho enquanto todos os demais teriam uma vida.

— Regina, por que não atende o telefone? Estou cinco minutos te chamando.

Levantou o olhar e encontrou com Sloan inclinando-se para ela sobre o balcão.

— Sinto muito. Não o ouvi.

— O que é isso? — perguntou sua chefe, olhando o convite que tinha na mão.

— É... Não sei. Encontrei-a sobre minha mesa.

Sloan a pegou das mãos e esboçou um leve sorriso.

— Alguém deve ter perdido. — comentou; o pôs debaixo do braço e olhou para Regina como se a visse pela primeira vez.

Regina entrou no apartamento com uma pilha de livros que ainda tinha que ler para o prêmio de ficção. Fechou a porta com o pé e se surpreendeu por ouvir uns estranhos sons que vinham do quarto de Carly.

"Genial — pensou. — A última coisa que eu precisava é ouvir a Carly praticando sexo durante toda a noite." Mas quando entrou na cozinha se deu conta de que, desta vez, o que ouvia não eram gemidos e grunhidos de paixão, Carly estava chorando. Deixou as bolsas no seu quarto e atravessou

a sala como um raio para dirigir-se à porta do quarto de sua companheira. Chamou timidamente.

— Carly? Está bem?

Não houve resposta, além dos crescentes soluços.

— Carly, posso entrar?

Esperou uns segundos, logo ouviu movimento. A garota abriu a porta. Tinha o rosto inchado, avermelhado e sulcado de lágrimas.

— O que aconteceu? Está bem? — perguntou-lhe Regina.

— Rob terminou comigo. — explicou Carly e isso provocou uma nova onda de soluços.

— Quem é Rob? — perguntou ela.

Parecia uma pergunta inofensiva, mas, de algum modo, fez que a jovem chorasse com mais intensidade.

— Meu namorado. — respondeu.

— E Derek?

— Derek? Derek era só, já sabe um substituto até que Rob estivesse preparado para comprometer-se. De verdade não pensava que eu estava saindo a sério com Derek, não é?

"Claro que soava que era sério todas as vezes que me acordou no meio da noite", pensou ela.

— Eu juro, Regina, a dor é quase física. Sinto como se fosse morrer. — lamentou-se com dramatismo. — Estou apaixonada por ele. Apaixonada. Já estive apaixonada alguma vez?

Ela negou com a cabeça.

— Bom, pois tem sorte. Não desejaria este inferno nem a meu pior inimigo.

E então, para seu espanto, Carly a abraçou e seu magro corpo se sacudiu entre soluços.

— Tudo vai se arranjar. —consolou-a Regina, enquanto lhe dava umas tapinhas na cabeça.

E então lembrou do convite para a exposição de fotografia. Sentiu-se egoísta ao pensar nisso quando sua companheira estava tão magoada, mas não o pôde evitar. Não sabia o que pensar do convite e da insistência de Sloan em que teria extraviado. Passou o dia todo esperando impacientemente poder falar com Carly, mas teria que esquecê-lo no momento. Seu drama imaginário era menos importante que o coração quebrado tão real da garota.

E então, Carly lhe disse:

— Não estrague tudo com Sebastian. Regina a olhou surpreendida.

— Por que diz isso? — perguntou.

— Porque eu estraguei tudo e eu estou tentando impedir que se sinta como me sinto agora. Ele ligou?

— Não.

— Hum. Isso sem sexo não é nada atraente, Regina. Provavelmente deveria propor-lhe isso.

Ela ignorou o comentário e disse:

— Convidou-me a uma de suas exposições de fotografia. Carly se ergueu.

— Quando?

— Esta noite. Mas não estou totalmente segura de que queria me convidar.

Contou-lhe o comentário de Sloan e Carly revirou os olhos.

— Essa é uma vadia. Quem se importa que o convite fosse entregue no lugar errado? Agora você joga na primeira divisão, Regina. Lançe-se. Como é o lema? É melhor pedir perdão do que pedir permissão.

Regina não estava convencida. Embora tivesse querido convidá-la, era consciente de que se arriscava ao ridículo. Estava se iludindo como uma colegial com um homem que ela não chegava nem à sola do sapato dele. Possivelmente estava se divertindo, pode ser que tivesse um vazio na sua agenda social e se entretinha convertendo à última garota que acabava de chegar à cidade em seu bichinho de estimação. Essa era a única maneira de explicar as loucuras que ele havia dito sobre vê-la usando apenas sapatos de salto alto ou seu desejo de fotografá-la. O motivo de que nada daquilo tivesse sentido era que não era real. O melhor seria esquecer tudo e esquecer dele.

— Não sei. Não vou. — decidiu Regina.

—É claro que deve ir. Não há razão para que nós duas fiquemos aqui sentadas, afundadas na miséria — assuou o nariz. — Por outro lado, te ajudar a vestir me dará algo útil para fazer.

— Não preciso de ajuda para me vestir.

— Regina, agora sim sou como uma louca. Anda, abre meu armário.

Regina o viu assim que entrou na galeria de paredes brancas e tão bem iluminada da Rua Greene.

Sebastian estava rodeado de pessoas no centro da sala. Ia vestido com sua descuidada elegância. Usava a gola da camisa aberta, mantinha os largos ombros retos e sua resplandecente e escura cabeça superava em alguns centímetros os demais ao seu redor. Ele olhou para cima e seus olhos escuros se fixaram nela. Regina sentiu um choque e mal conseguiu manter a compostura. Não queria interrompê-lo e decidiu dar uma volta para ver as fotografias. Mas Sebastian já estava se afastando do grupo e aproximando-se. Quando a olhou, também o fizeram a maior parte dos presentes na sala.

— Estou feliz que tenha vindo. — Sebastian disse sorrindo.

Assim, o convite sim era para ela, depois de tudo. A descoberta fez sentir-se um pouco tonta. Sabia que deveria dizer algo despreocupado, como: "Não queria perder isso" ou indiferente como: "Estava pelo bairro". Mas a única que pôde fazer foi esboçar um tímido sorriso e ele parecia contente com isso.

Então, Regina se deu conta do que a única coisa a dizer era o que pensava com sinceridade.

— Parabéns. Não entendo muito de fotografia, mas tenho certeza que isto é algo grande.

Sebastian riu, embora não de zombaria.

— Diria que é algo menor ou médio. Mas poderia considerar como se eu estivesse abrindo caminho para o estrelato.

Então, uma familiar loira se deslizou entre a multidão como mercúrio e apareceu de repente a seu lado. Sloan tinha prendido o cabelo loiro platinado num rabo de cavalo baixo, uma saia lápis preta e um Top sem mangas, o que lhe permitia mostrar seus braços bem tonificados e bronzeados.

— Que surpresa te ver aqui, Regina — exclamou. Seu tom foi cordial, mas qualquer um que visse o olhar que ela lhe lançou teria compreendido porque a jovem estremeceu. Por sorte, Sloan desviou em seguida a atenção para Sebastian. — Assim no fim conseguiu a exposição que desejava.

A afirmação indicava uma familiaridade entre eles que surpreendeu a Regina.

Sua chefe ergueu sua taça de champanhe em um discreto brinde.

— Não é exatamente o que queria, mas é um passo a mais na direção correta. — respondeu Sebastian. Seu tom foi mais educado que amistoso. — Desculpa-nos por um momento?

E isso foi mais uma ordem que um pedido. E se Sloan se sentiu desprezada, dissimulou-o.

— É claro, está trabalhando. Vê... para socializar. Vou estudar a concorrência. — ela disse-lhe com uma piscada.

Sebastian guiou Regina através das pessoas que os rodeavam. Ela resistiu ao impulso de voltar-se para Sloan, consciente de que, de algum modo, faria pagar o desprezo de Sebastian.

Ela se sentia fora do lugar e desejou que Carly tivesse concordado em acompanhá-la.

Seguiu-o até o fundo da sala e percebeu que numa das paredes estava escrito seu nome com grandes letras pretas.

— É este seu trabalho? — perguntou, detendo-se.

— Sim. — respondeu ele.

— Quero vê-lo. — disse, enquanto se aproximava das fotografias. Sebastian parecia impaciente e isso a surpreendeu: — Não é para isto que me convidou? Para que veja suas fotografias?

— Te convidei porque queria te ver.

Não soube o que responder, assim se voltou para a parede. Todas as fotos eram em branco e preto e se deu conta de que todas eram da mesma mulher, um rosto tão famoso que inclusive Regina a reconheceu: a modelo holandesa Astrid Lindall.

— São incríveis. — afirmou. — Para qual revista a fizeste?

— São fotos pessoais. — respondeu ele. — Nunca foram publicadas.

Regina sentiu uma desagradável chama de ciúmes... e insegurança. Tinha saído com Astrid Lindall? E se era assim, como podia estar interessado agora nela?

— São realmente... lindas. São as suas favoritas? — perguntou. Sebastian soltou uma risada.

— Não, por quê?

— Bom, as escolheu para a exposição.

— Eu não as escolhi, é o que a galeria me pediu. As fiz quando estava começando. Em parte é por isso as tenho expostas aqui. Esta exposição é sobre os inícios da carreira dos três fotógrafos. Conhece o trabalho do Luc Carle? Se for assim, se surpreenderá com a temática de suas primeiras fotos.

Regina não sabia nada do Luc Carle. No que se referia à fotografia, era uma completa ignorante. A única razão pela que tinha reconhecido

Astrid Lindall era porque seu rosto esteve onipresente durante a juventude da Regina.

— Sebastian, bravo! — exclamou uma mulher de cabelos brancos e curto, com uns grandes óculos de aros pretos e redondos. — Que série tão magnífica. Sabe? Faz muito tempo que ouvia falar de suas fotografias com Astrid, mas acreditava que era só um mito... Como o do Pé Grande. — A mulher riu.

— Obrigado por vir. — disse ele, mas não se incomodou em ocultar que estava distraído.

Com a mão em suas costas, guiou Regina até um discreto canto sob as escadas.

Ela se deu conta de que Sloan os olhava, embora fingisse não fazê-lo.

— Por que não está usando os sapatos que te dei de presente? — perguntou Sebastian.

Ela o olhou, surpreendida.

— Está em sua exposição de fotografia e se preocupa em quais sapatos uso?

— É evidente que sou uma pessoa visual, Regina. Disse-te que esse tipo de coisas era importante para mim. Ao menos usa a lingerie?

— OH, sim. — mentiu.

Ele a olhou fixamente e ela riu nervosa.

— Me siga.

Começou a subir a estreita escada preta e Regina foi atrás dele. O segundo piso estava mais escuro e com as paredes nuas. Havia mesas e cadeiras amontoadas a um lado da sala e umas grandes caixas de papelão rebatidas apoiadas numa parede.

Estavam totalmente sozinhos.

— Acredito que não deveríamos estar aqui acima.— sussurrou Regina.

— Eu estou seguro de que não. — respondeu com um sorriso devastador.
— Agora me mostre sua roupa interior.

— Não vou fazer isso!

— Sabia que mentia. Ardia-lhe o rosto.

— Ok, menti. Mas mesmo que tivesse feito, não te mostraria a roupa íntima. Por favor, deve estar brincando.

— Não poderia falar mais a sério. — afirmou Sebastian.

E seu modo de olhá-la fez que o seu coração parasse um segundo. Ele se aproximou dela, até que apenas um par de centímetros separavam seu corpo do dele. No início, a pôs nervosa que pudesse tocá-la. Então, quando não o fez, sentiu-se decepcionada. Passou um minuto e Regina olhou para baixo. Notou os olhos do Sebastian sobre ela e se sentiu envergonhada.

— Na próxima vez, faz o que te peço. — sussurrou. E, então, passou a seu lado e desceu as escadas.

CAPÍTULO 14

Por mais que Regina tenha tentado resistir à tentação de ler enquanto estava no balcão de empréstimos, porque parecia uma falta de respeito com as pessoas que necessitava de sua ajuda, nesses momentos se justificava dizendo que era para o prêmio de ficção dos Young Lions.

Essa manhã, quando os pedidos de empréstimos ainda não tinham começado a amontoar-se sobre sua mesa, abriu um dos textos que a havia tocado. Era o primeiro romance de uma jovem britânica cujo pai era um premiado romancista. Regina estava absorta lendo, tentando discernir a influência estilística do pai, quando ouviu que Alex exclamou com um tom de voz muito alto:

— Olá de novo!

Sobressaltada, Regina se deu conta de que não falava com ela, e sim com a mensageira das tatuagens, que havia retornado.

— Hey — disse a garota olhando para ela, e não para Alex. — Assina aqui.

Entregou-lhe uma bonita bolsa preta e rosa, que ela escondeu imediatamente atrás da mesa. Assinou e praticamente conteve a respiração enquanto esperava que a garota partisse.

Então, olhando para baixo, para a bolsa que tinha ao lado de seus pés. Viu que havia um envelope preso com um clipe nas alças pretas de plástico. Pegou e o abriu.

Bom dia, Regina:

Fiquei contente de ver você na noite passada na galeria. Espero que tenha gostado da exposição e de nossa conversa, o que me leva para a bolsa que lhe foi entregue. Dentro encontrará um par de sapatos Louboutin e um pouco de roupa íntima. Por favor, se troque e coloque as duas coisas agora mesmo.

S.

Suas mãos tremiam quando colocou a nota dentro de sua bolsa Old Navy.

— Agora, sério, Finch, o que está acontecendo? — perguntou Alex, aparecendo atrás dela.

— Nada. — respondeu.

O telefone da mesa tocou e, por sorte, seu colega se afastou para atendê-lo, deixando-a sózinha com a bolsa. Olhou dentro e viu uma caixa preta plana, envolta com um laço dourado. Nela estava escrito em relevo com letras douradas: AGENT PROVOCATEUR: SOIRÉE.

Era impossível que pudesse abri-la na sua mesa sem que ninguém se desse conta.

— É para você. — disse Alex passando o telefone.

Regina o olhou com curiosidade e ele encolheu os ombros.

— Alo? — disse.

— Regina é sua mãe.

Sentiu que o estômago encolhia.

— Mamãe, estou no trabalho. Por que ligou aqui?

— Não o faria se me telefonasse de vez em quando. Acha que isto é fácil para mim?

— Ok, sinto muito. Está tudo bem?

— Sim. Estou me acostumando a ficar sozinha. Se é que a gente pode acostumar-se a isto.

Regina tinha a esperança de que sua mudança para Nova Iorque a fim de obrigar a sua mãe a começar a viver sua própria vida, a parar de usar seu status de viúva e mãe solteira como desculpa para evitar tudo. Mas era evidente que tinha sido uma idéia ingênua e simplista.

— Mamãe, de verdade, agora não posso falar.

— O que vamos fazer para seu aniversário?

— O que?

Faltavam duas semanas para isso. Regina não tinha pensado muito nisso e, certamente, não tinha contado com a presença de sua mãe.

— OK, se você insiste, eu vou te ver e jantaremos juntas. Reserve algum

lugar perto da biblioteca. Quero ver seu escritório — disse a mulher.

— Regina? — Ela olhou para cima e encontrou Sloan. — Que diabos está fazendo?

— Ah... Nada. — respondeu ela. Logo se dirigiu em voz baixa ao telefone.
— Tenho que desligar.

— Isso era uma chamada pessoal?

— Não. — mentiu.

Viu que Sloan viu a bolsa de compras e Regina a chutou para baixo da mesa.

— Diga a Alex que ocupe seu lugar. Há uma reunião dos Young Lions dentro de dez minutos.

A sala de conferência estava menos cheia que na última reunião. Aparentemente, só estavam presentes os membros do comitê de leitura do prêmio de ficção, o que fazia ser impossível Regina passar despercebida.

— Sente-se aqui, Regina — indicou Sloan, puxando uma cadeira a seu lado, enquanto ela se sentava junto ao Sebastian.

Regina pôde sentir o olhar ardente sobre ela, mas manteve os olhos fixos no caderno de notas que tinha diante dela. Ela pensou na nota com as instruções que tinha ignorado. Irracionalmente, teve um momento de pânico. Então se deu conta do absurdo que era isso. O que importava que ele não gostasse de seus sapatos? Quem ele pensava que era para lhe dizer

como devia se vestir? Possivelmente ela preferisse os sapatos cômodos e a roupa íntima prática. Ela era uma pessoa normal, não uma foto da Astrid Lindall na parede de uma galeria de arte ou Bettie Page naquele livro.

Sebastian começou à reunião com uma revisão dos candidatos ao prêmio e um prazo para que todos fizessem a sua seleção entre os livros que deviam ler. Uma discussão se seguiu sobre a eliminação de uma coleção de histórias curtas, mas Regina mal podia seguir uma palavra do que foi dito. A única vez que se atreveu a olhar para cima, Sebastian estava gesticulando com as mãos e ela imaginou essas mãos tocando-a, ajudando-a a se vestir como Jess tinha feito, mas, ao contrário da ruiva, ele a abraçaria e cobriria seus seios nus...

— Regina? — disse Sebastian.

Ela o olhou e sentiu como o calor invadia seu corpo. Em questão de segundos, tinha a frente úmida de suor. Qual era o problema? Estava tendo um ataque?

— Sim? — respondeu.

Sua voz tinha saído normal? Não sabia. Era tão condenadamente lindo... Como os presentes podiam mostrar-se indiferentes a esse fato? Todos exceto Sloan. Regina não pôde deixar de notar em como sua chefe se inclinava para Sebastian, sorrindo e atuando de um modo quase frenético. Era difícil associar esse comportamento com a irritação frequentemente que tinha de enfrentar quando lidava com ela.

— Tem algum comentário sobre os romances que tem lido até agora?

Ele sorriu paciente.

Regina sentiu os olhos espectadores de todos os presente.

— Isto... Sim. — respondeu. — Acabo de terminar um romance policial que recorda a Tana French, mas ambientada no sul durante os anos setenta. Sem dúvida, uma aspirante a ter em conta.

— Sorte que dei com alguém com tempo para ler. — exclamou Sloan, como se ela pessoalmente tivesse encontrado Regina debaixo de uma pedra.

— É uma lástima que Margaret não pode ajudar este ano. — lamentou outro dos leitores do comitê com saudade. — Tem um gosto impecável.

— Por que não pode ajudar este ano? — interessou-se Regina. Tudo aquilo tinha sido uma má ideia. Possivelmente Margaret pudesse ocupar seu lugar no comitê. Desse modo não teria que ir ao trabalho sem saber quando eles iriam ter reunião com Sebastian. Era muito prejudicial para sua tranquilidade. Demônios era muito prejudicial até para sua respiração.

— OH, por favor, Regina. A pobre mulher quase não pode ver, nem pensar de ler uma pilha de livros num mês. — respondeu Sloan.

— Temos todos os leitores que necessitamos. — interveio Sebastian. — Quanto aos escritores, já é outra história. Como levamos a substituição do Jonathan Safran Foer? Alguma proposta?

Alguém sugeriu Jay McInerney e todo mundo grunhiu:

— Outra vez?

Regina sabia qual a escritora que desejava ver na biblioteca. Acabava de ler pela segunda vez *State of Wonder*. E adorava que Ann Patchett tivesse aberto sua própria livraria em Nashville quando todos outros estavam fechando.

— Que tal Ann Patchett?

Ouviu-se um murmúrio na mesa.

— Preferimos alguém de Nova Iorque. — objetou Sloan. — Precisamos que estejam presentes a muitos eventos e as pessoas de fora da cidade sempre pedem reembolso com os gastos de viagem.

— Não é má ideia. — contradisse Sebastian. — A vi num reavivamento do programa "Colbert Report". É realmente encantadora.

— É uma tremenda defensora da comunidade de leitores. — comentou alguém.

— Exploremos a possibilidade. — decidiu Sebastian. — Incluam na lista de candidatos. E Dóris, talvez você possa ligar e verificar com Harper Collins como está a agenda.

Regina viu que todo mundo se levantava e recolhia papéis e canetas. A reunião tinha terminado.

Ficou de pé de maneira apressada e pendurou a bolsa no ombro.

— Regina, fique. Quero repassar algumas coisas que precisam ser feitas. Sloan pode se arrumar lá embaixo sem ela um pouco mais de tempo?

A mulher estava visivelmente irritada.

— Não pode fazer disso um hábito. — protestou, mas não disse mais nada.

Quando o último atrasado se retirou, Sebastian fechou a porta. Com chave.

— Adeus a minha teoria de sua sensibilidade só para os autores masculinos

— comentou. — Foi uma boa sugestão. Fico feliz que tenha dado a sua opinião.

Para Regina o comentário pareceu condescendente.

— Não tenho nenhum problema em dar minha opinião. — replicou.

— Mas sim tem um problema em seguir instruções. Vejo que não usa os sapatos que te mandei.

— Não quero usar esses sapatos no trabalho. — justificou nervosa. Sabia que era um absurdo sentir-se em falta, como se fosse uma colegial que não houvesse cumprido uma norma. Mas, era assim exatamente como se sentia.

— Onde estão?

— Bom... Na minha mesa.

— Vá buscar a bolsa com eles e a lingerie. E depressa.

Deu a ordem como se não tivesse nenhuma dúvida de que Regina obedeceria. Só isso já foi suficiente para que lhe desse vontade de lhe dizer que esquecesse, de que podiam se divertir com esses jogos em hotéis e restaurantes, mas não no trabalho.

Mas algo a fez conter-se. Deu-se conta de que, embora soubesse que isso era o que deveria dizer, não era o que desejava. O que ela queria era ver aonde tudo aquilo os levaria. Se não o fizesse, se saísse fugindo, que diferença haveria entre ela e sua mãe?

Sem olhá-lo, saiu depressa da sala e subiu as escadas até o terceiro andar. Passou a toda velocidade pela Sala do Catálogo com a esperança de não ver

Sloan. Seria difícil explicar por que estava por ali dando voltas.

Havia algumas pessoas em pé enfrente ao balcão de empréstimos e Alex estava tomando conta de tudo.

— Já voltou? — perguntou-lhe.

— Ainda não, me dê mais alguns minutos. — resmungou.

Apenas podia pronunciar as palavras enquanto sua mente ia a mil por hora. Assim devia se sentir alguém quando estava drogado.

Passou a mão pela frente dele e agarrou a bolsa.

CAPÍTULO 15

Regina fechou a porta da Sala de Conferências. Sebastian voltou a fechar com chave. Não a tocou, mas roçou o ombro com o seu quando esticou o braço para a fechadura.

Entregou-lhe a bolsa.

— Porque me deu isso? Coloque. — exigiu.

Regina deixou a bolsa na mesa e tirou a caixa de sapatos. Tirou o que usava com dois chutes e colocou rapidamente os de salto de Louboutin.

— Pronto. — afirmou, ao tempo que se virava para ele.

— Muito melhor. — assentiu. — Agora a roupa íntima. Queria que se despisse ali mesmo?

— Eu não... Não posso fazer isso.

Sebastian se aproximou dela e segurou o queixo com dois dedos para olhá-la nos olhos. Ela tinha a esperança de que a beijaria e se deu conta de que desejava mais que nenhuma outra coisa que tivesse desejado.

— Regina, eu acho que você é incrivelmente bela. E eu adoro o fato de que não seja consciente disso. Sinto um forte desejo de lhe mostrar como você é linda e eu quero experimentar essa beleza por mim mesmo. Tentei ser claro com você. Quis te explicar da melhor maneira que eu sei, o que pretendo e o que eu gosto. Mas agora vejo que possivelmente estou te pressionando muito numa direção que você não quer ir.

Sorriu-lhe e foi um sorriso de tal magnetismo que ela sentiu que algo podia quebrar-se no seu interior.

— Não é que não queira... ir nessa direção — reconheceu devagar, sem sequer estar segura do que estavam falando. — É só que estou no trabalho.

Sebastian pareceu considerar suas palavras.

— É Isso o que te faz vacilar?

Regina assentiu. Provavelmente haveria muitas outras coisas que a detinham, coisas que não desejava analisar nesse momento. Mas se a desculpa do lugar de trabalho a tirava do apuro estaria contente de usá-la.

Sebastian segurou a sua mão e a atraiu com delicadeza para que se aproximasse um pouco mais dele. Olhou-a com tanta intensidade que ela teve que desviar o olhar. Seu coração trovejava no peito.

Beijou-lhe o dorso da mão e Regina o olhou surpreendida. E então ele partiu da sala.

Regina se deitou na cama com o romance que estava lendo apoiada no seio. Estava a cinco minutos olhando fixamente a mesma página, a mesma frase.

Lá fora, a chuva batia na janela, uma intensa chuva de verão que fazia que o quente ar cheirasse a cimento molhado. Abriu a cortina e observou como a água formava riachos no vidro.

Ela se perguntou se teria cometido um erro na Sala de Conferências. Tinha sido muito covarde? Possivelmente merecia essa vida insignificante que tinha. Alguns meses antes havia demonstrado sua seriedade e autocontrole

como se fosse algo de que devesse se orgulhar. Na Filadélfia nunca pareceu que jogar pelo seguro tivesse um preço. Estudava muito, fazia pequenos trabalhos e economizava dinheiro, tivera alguns encontros, mas nunca se permitiu distrair ou envolver-se muito. Tinha tudo sob controle.

Entretanto, desde que se mudou para Nova Iorque, ela não tinha a menor dúvida de que estava ocupada controlando a sua vida que estava esquecendo-se de vivê-la. E agora tinha estragado sua oportunidade com o homem mais incrível que já havia conhecido ou que provavelmente chegasse a conhecer, quando nem sequer estava ali sua mãe para fazer com que se sentisse culpada por sair. Não tinha a ninguém a quem culpar exceto a si mesma.

— Quer ver um filme do canal pago? — perguntou Carly da sala.

A garota, que ainda estava se recuperando da traição de seu "namorado" Rob, estava em casa sozinha, algo raro nela.

— Claro. — respondeu Regina. De qualquer forma, não poderia ler nada.

Saltou da cama, deixou o livro na mesinha de cabeceira e foi para a sala. Carly estava encolhida no sofá com sua legging e uma regata. Apontava à televisão com o controle remoto enquanto repassava os filmes disponíveis.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse Regina.

— Claro. — respondeu a garota, com ar ausente.

— Na outra noite insinuou que possivelmente as coisas tinham ido mal com o Rob por uma decisão que você tomou ou por algo que tenha feito.

Carly encolheu de ombros.

— Naquela noite não estava em meu juízo perfeito. Na realidade, é o seu problema que não seja capaz de comprometer-se. Nós, como mulheres, sempre nos culpamos. Mas são eles que têm o problema.

— Ok, esquece isso — Regina pensou, embora não o dissesse em voz alta, que o comportamento de sua companheira não tinha sido precisamente o de alguém muito comprometido. — Digamos que, em certo modo, foi sua culpa. Tentaria arrumá-lo ou o atribuiria para que o destino decidisse se era ou não para ser?

— Em primeiro lugar, não acredito no destino. Acredito em fazer que as coisas aconteçam. Isso ajuda?

Regina assentiu. Possivelmente estivesse enganada, mas Carly começava a dizer coisas com muito sentido. Inclusive parecia, se atreveu a pensar, uma pessoa sensata. Era como um Yoda loira e mal-humorada.

Tocou o interfone.

— Derek vai vir? — perguntou Regina.

Carly a olhou como se tivesse sugerido que Papai Noel fosse visita-las.

— Já lhe disse isso: Derek foi um substituto até que eu conseguisse o Rob. Se não houver Rob, não há necessidade de Derek.

Isso não tinha nenhum sentido para a Regina. Adeus a Yoda.

Carly se levantou do sofá a contra gosto e apertou o botão do interfone.

— Quem é?

— Sebastian Barnes. — Regina ouviu sua voz estalar através da estática do

interfone. — Por favor, diga a Regina que desça.

Carly olhou para ela com os olhos arregalados e conteve uma risada. Depois vocalizou as palavras "OH, meu Deus" em silêncio.

— Diga que preciso de alguns minutos. — pediu Regina.

Sentia o coração acelerado. Correu imediatamente para o seu quarto e fechou a porta, depois de ouvir como Carly transmitia sua mensagem.

Se a vida fosse, como sua companheira disse, uma questão de "fazer as coisas acontecerem", então, aquela era sua oportunidade, sua segunda oportunidade. E talvez a última.

Onde demônios estavam as lingerie?

CAPÍTULO 16

Sebastian jogou as chaves sobre uma mesa de vidro e pegou o guarda-chuva das mãos.

Apesar da chuva implacável, Regina estava totalmente seca, porque tinham estacionado o carro numa garagem que dava diretamente ao edifício. Pegaram o elevador até o último andar e a porta abriu diretamente num enorme apartamento que tinha umas janelas que iam do chão até o teto e que se podia ver o rio Hudson.

O espaço era grande o suficiente para deixa-la atordoada, mas, além disso, o interior era incrível, uma mistura espetacular de madeira e mármore escuro. Os quartos não contavam com muito móveis, mas os poucos móveis que havia se adaptavam perfeitamente, criando um efeito artístico. As paredes brancas estavam cheias de fotografias com molduras pretas.

— O que é tão importante que você tinha que me trazer aqui, em meio a este dilúvio? — perguntou.

— Você disse que estava desconfortável no trabalho. Assim aqui estamos. Sem mais desculpas — afirmou. — Eu vou tomar uma taça de vinho. Você quer? — perguntou, enquanto se dirigia à cozinha de mármore preto.

— Ok. — assentiu nervosa.

Aproximou-se da primeira parede de fotografias. Mesmo à distância, pôde ver que se tratava de fotografias de moda como as que tinham visto na revista de Carly. Eram mais refinadas do que o estilo bruto que tinha usado para as fotos instantâneas de Astrid Lindall, mas também nessas reconheceu

muitas modelos que tinha visto nas capas de revistas, em fotos grandes e brilhantes nas janelas da Quinta Avenida e em anúncios nas laterais dos ônibus.

Caminhou devagar de um lado a outro da parede, detendo-se a cada passo para contemplar as imagens. Não entendia muito de fotografia, mas se sentiu atraída por elas a um nível visceral, do mesmo modo que poderia responder a alguma canção especial no rádio ou na página inicial de um grande romance.

— Não te trouxe para que veja essas. — disse Sebastian, que de repente estava atrás dela.

Regina se sobressaltou levemente, mas se recompôs. Ofereceu-lhe uma taça de vinho.

— Qual quer que eu veja? — interessou-se e tomou um gole.

— No jantar, eu disse que a fotografia de moda não é minha categoria favorita, lembra?

— Sim — respondeu.

Sentiu que seu corpo se encostava ao dela, embora seus braços e suas mãos não a tocavam. Isso foi suficiente para que o coração começasse a bater com força. Bebeu outro gole de vinho. Era suave e estava fresco e teve que lembrar a si mesma que devia bebê-lo devagar.

— Siga-me. — indicou-lhe em voz baixa.

Pegou a mão livre e a guiou para o fundo do apartamento. Segurou-a com firmeza e autoridade, algo que notava inclusive nesse simples contato. Regina desejou impor-se de algum modo, dizer, por exemplo, que não tinha terminado de olhar as fotografias no salão. Embora fosse consciente de que

todos seus protestos seriam em vão. Ele sabia, e ela também, que a partir do momento em que foi ao seu apartamento, estava disposta a aceitar suas condições.

A sala de Sebastian descrevia um ângulo fechado, onde as paredes se estreitavam para criar um longo corredor. Guiou-a pelo penumbra até que ele apertou um interruptor que iluminou o espaço e Regina se deu conta de que estava rodeada de fotos em preto e branco que ocupavam toda a parede, do chão até o teto, todas de mulheres com poucas roupa e extraordinariamente belas. Tinham os seios descobertos e algumas estavam completamente nuas. Usavam cinta-ligas, sapatos de salto, simples vestidos pretos abertos na frente. Sua pele era como a nata fresca, algumas com tatuagens, outras intactas como um manto de neve. Seus grandes olhos, muito maquiados, sedutores, sonolentos, lascivos, zangados, contavam-lhe milhares de histórias.

Continuou caminhando devagar, fascinada pelas imagens. À medida que avançavam pelo corredor, estas se voltavam mais intensas: uma foto granulada mostrava uma mulher atada a uma cadeira com uma corda, nua, exceto pela cinta-liga e as meias arrastão, com uma mordaca na boca. Ao fundo, outra mulher num smoking segurando um chicote. Depois, duas morenas beijando-se com uma lingerie similar ao que Sebastian tinha comprado para ela, enquanto que, em primeiro plano, via-se a imagem imprecisa de outra mulher que as observava empunhando uma vara. A seguir uma foto de uma mulher de joelhos, com uma juba de cabelo preto até a cintura, as costas arqueada, a da levantada e usando apenas meias arrastão com sapatos de verniz preto de salto alto com plataformas. Outra foto da bunda nua de uma mulher, de pele tão pálida e limpa como a nata, exceto pela marca vermelha com a leve, mas inconfundível forma de uma mão.

— Fez também todas estas? — perguntou Regina, embora já soubesse a resposta.

— Sim. — confirmou Sebastian.

Ele ficou logo atrás dela e apoiou as mãos em seus ombros.

— Estava... saindo com todas estas mulheres? — quis saber.

— Não — riu. — São somente modelos. Embora, quando faço fotografias, minha modelo poderia ser minha amante. Minha noiva. Minha esposa. A mulher que está diante da câmara é a única no mundo para mim.

Regina engoliu em seco e sentiu algo muito parecido ao ciúme, por mais absurdo que parecesse.

— Como você entrou na fotografia? — perguntou.

— Minha madrasta me introduziu.

— Era fotógrafa?

Seu rosto se escureceu.

— Não. Modelo. — Apertou-lhe os ombros — eu adoraria te fotografar.

Regina se virou bruscamente e o olhou como se estivesse louco.

— Isso não vai acontecer — afirmou. Sebastian riu.

— Você diz muito isso, sabe? Por que não pensa talvez dois segundos antes de decidir?

— Eu não gosto de ser fotografada. — insistiu.

— Isso é porque não se sente digna de ser o centro das atenções. Pude ver quando percorreu o vestíbulo do Four Seasons na outra noite. Quero te

ajudar a superá-lo.

— Bem, obrigada, mas não desejo ser uma espécie de projeto seu. Já posso ver que tem muitas colaboradoras prontas e dispostas no seu... isto... repertório de modelos.

— São modelos profissionais. Não as desejo. Eu desejo você.

— Vou continuar lendo para o prêmio de ficção. Isso deve nos proporcionar muitas ocasiões de trabalhar juntos.

Ela riu desconfortável. Mas quando ele pegou o rosto dela entre as mãos e a olhou nos seus olhos, o coração começou a bater tão forte que pensou que possivelmente alguma coisa estava errado, que alguma coisa estava acontecendo.

— Olhou o livro da Bettie Page?

— Um pouco — respondeu e se ruborizou ao recordar o que fez depois.

Sentiu-se perturbada ao pensar em Sebastian tocando-a como ela se tocou sozinha no seu quarto essa noite.

— Você já pensou sobre o que te pedi para pensar no jantar? O que tem Bettie Page nessas fotos que não tem nenhuma destas mulheres?

Era uma pegadinha? Regina repassou uma lista mental: Franja? Seios? Um traje de banho retrô?

— Não sei.

— Alegria — afirmou Sebastian. — Parece que se diverte. É como qualquer mulher e, entretanto, como nenhuma outra. Tinha uma dualidade de

inocência e sensualidade que nunca se voltou a repetir. Mas a vejo em você.

— É só pelo corte de cabelo — respondeu Regina em voz baixa.

— Há um milhão de garotas com esse mesmo corte de cabelo. — replicou. — E por que não pode aceitar um elogio?

— Não entendo por que está tão obcecado por mim. Não é que eu estou sendo modesta ou qualquer coisa assim. Simplesmente não entendo.

— Você estava linda, tão indefesa e tão perdida nos degraus da biblioteca. Ver você foi como ver a sequência inicial de um filme em que sabe que a atriz vai ser uma estrela. E então eu falei e... senti alguma coisa. Sei que você também o sentiu, não é isso?

Regina concordou lentamente. É obvio que havia sentido algo. Sebastian era o homem mais bonito que ela já tinha visto antes. Mas, mais do que isso, sua proximidade física fez tremer tudo por dentro. Foi o que aconteceu quando ele devolveu a tampa da garrafa térmica naquele dia e também quando se sentou a seu lado depois da reunião dos Young Lions. E fazia um instante, quando ele tinha estado atrás dela por alguns minutos enquanto contemplava as fotografias de nus, o leve contato de seu corpo nas costas fez que algo se agitasse no mais profundo de seu ser.

Ela moveu seus pés, doíam-lhe o peito dos pés e sentia os dedos apertados na parte da frente.

— Você se importa se eu tirar os sapatos? — pediu-lhe permissão.

— Sim. — respondeu. — eu me importo. E não quero mais te ver com sapatos baixos.

Ela o olhou perplexa. Sebastian pegou a taça de vinho das suas mãos.

— Venha. — disse-lhe.

O seguiu novamente para o salão.

Ele se sentou no sofá preto e Regina ficou em pé, nervosa, à espera que a convidasse para sentar-se também.

— Poderia me sentar... ali? — perguntou-lhe, apontando uma poltrona de couro preta.

— Não. Ficaré de pé. É uma mulher linda, Regina. Não uma garota, uma mulher. É inaceitável que não saiba usar sapatos de salto.

Não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Acredito que, depois de nossa conversa na biblioteca, está aqui porque deseja estar aqui. Está certo? — continuou.

Ela assentiu.

— Diga-o. — ordenou-lhe.

— Eu desejo estar aqui — afirmou.

— Bem — assentiu. — É a última vez que eu vou perguntar isso Regina. A partir de agora, estamos de acordo em que o que acontecer entre nós será consentido. Mas ao mesmo tempo, tem que aceitar o fato de que o que você deseja não importa.

Ela teve o impulso de esticar o braço e remover um mecha de cabelo escuro da testa. Era tão bonito que a distraía.

— Não sei do que está me falando.

— Venha aqui. — disse ele, indicando o sofá. Quando ela se sentou a seu lado, Sebastian colocou a mão dela entre as suas, a mão dela parecia pequena, como a de uma criança. — Desejo ter uma relação física com você, Regina. Uma relação física muito específica.

— Ok. — respondeu devagar, incapaz ainda de segui-lo.

Estava falando de sexo? As pessoas sempre se lançavam e dizia assim?

— Eu quero dominar.

— O que quer dizer?

— Especificamente? Quero te dizer o que deve fazer e quero que me obedeça sem me questionar, seja para usar um certo tipo de roupa íntima, ou sapatos, ou para despir-se quando e onde eu o diga ou para chupar o meu pênis quando te ordenar isso.

Regina engoliu em seco, convencida de que devia ter o rosto vermelho como um tomate. Sebastian lhe acariciou a mão.

— Às vezes pode desejar fazer outras coisas também, mas tudo se resume a que me ceda o controle. E se houver alguma coisa que realmente não deseje fazer, podemos discuti-lo, mas é de fundamental importância que se entregue para mim.

Ela assentiu enquanto sua mente seguia bloqueada, como um DVD riscado, repetindo as palavras "chupe-me o pênis" uma e outra vez. Essa não era uma frase que Regina estivesse preparada para ouvir dirigida a ela. Mas ao mesmo tempo, a expressão dos olhos de Sebastian refletia o mesmo sentimento: uma poderosa combinação de curiosidade e desejo.

Acabou, disse a si mesmo. Acabou de ver passar a vida do lado de fora.

Estavam-lhe oferecendo tudo o que sempre tinha pensado que estava fora de seu alcance: a emoção, a paixão, o sexo. Se tiver a coragem de aceita-lo.

— O que diz Regina? — ele perguntou

Ela assentiu sem confiar na sua voz. Mas para Sebastian esse gesto bastou.

— Se levante. — ordenou-lhe. Regina vacilou durante um segundo, logo ficou em pé desajeitada e se colocou na frente dele. Seus olhos a percorreram de cima abaixo. Ele então acrescentou: — Foi uma garota muito malvada na biblioteca ao me desobedecer desse modo.

Ela soltou uma risadinha, uma risada nervosa que foi tão involuntária como o seria um tic. Os escuros olhos dele se nublaram e a olhou com tal intensidade que Regina não pôde seguir mantendo o contato visual.

— Deite-se no meu colo. — ordenou-lhe. Ela ficou paralisada e o olhou incrédula.

— Deite-se no meu colo. De barriga pra baixo — ordenou.

— Por quê? — perguntou.

— Isso é o estou falando, Regina. — disse ele — Não quer me agradar?

"Sim", pensou com todas as fibras de seu ser.

Ela moveu-se lentamente e se sentiu desajeitada, para ser colocada no seu colo na posição que ele havia indicado.

Sebastian se ajeitou sob o peso de seu torso e as pernas dela ficaram estendidas sobre o sofá.

— Mova pouco para frente. — indicou.

Regina se moveu de forma que a cintura ficou sobre o colo.

— Sinto-me ridícula. — protestou.

— Não fale — a repreendeu.

Durante o que pareceu uma eternidade, esteve estendida imóvel, com a cabeça virada para um lado e apoiada nos braços dobrados.

E então, sentiu que Sebastian subia-lhe o vestido. Seu primeiro impulso foi se erguer, mas se obrigou a ficar quieta. Sabia que se protestasse, certamente teria que partir. E não queria ir, ainda não. Levantou-lhe o vestido para cima da cintura. Era um vestido de Carly, um sem mangas azul marinho de corte viés da Alice and Olivia. Quando o tinha pegado emprestado essa noite, não imaginou que acabaria enrugado por cima de seus quadris, deixando as pernas e a bunda no ar.

A respiração acelerou e tentou não imaginar que aspecto teria seu traseiro com a calcinha que tinha pego apressadamente da gaveta de cima de seu quarto. Apenas a tinha olhado desde que a lavou, depois tê-la colocado a primeira vez, e agora nem sequer podia lembrar se era transparente ou não. Esperou ter colocado a cinta-liga corretamente.

Ninguém nunca a tinha visto de calcinha. Os poucos namorados que tinha tido só tinham posto a mão na escuridão dos quartos da residência a noite ou entre as sombras do assento dianteiro de um carro.

Nenhum deles a tinha tocado realmente, não desse modo.

— Alegra-me te ver com a lingerie apropriada, Regina. Mas mesmo assim, ainda vou ter que puni-la pelo de hoje. Vou tirar sua calcinha. — informou, enquanto começava a baixar-lhe com delicadeza.

— Não! — exclamou ela, enquanto que levava a mão para trás para segurar a calcinha no lugar.

Sebastian não disse nada, mas ficou quieto. Regina também. Então, lentamente, ela retirou as mãos.

Ele continuou abaixando a calcinha. Regina notou o ar fresco da moradia sobre a pele e se sentiu covarde. A idéia de que Sebastian estivesse olhando fixamente seu traseiro nu era insuportável.

De repente, deu-lhe uma forte palmada na nádega esquerda.

— Ah! — gritou ela, colocando a mão para trás para esfregar esse ponto. — Isto dói.

— Foi uma garota má. — repetiu ele. — Não volte a me desobedecer nunca mais. Se te disser que ponha sapatos de salto e lingerie, ponha sapatos de salto e lingerie. Se te disser que te troque diante de mim, troca-se. Entendido?

Regina não podia acreditar. Não disse nada, não podia dizer nada. O que poderia dizer? Sim? Ou pior, não?

Voltou a golpeá-la no mesmo lugar. Aquilo era normal?

— Quer que pare? — perguntou.

— Hm... Sim... Não... Não sei... — vacilou.

— Se levante Regina.

A cabeça ia a toda velocidade. Levantou-se devagar. Não queria ficar de pé com o vestido levantado por cima da cintura, mas calculava que voltaria a

descer assim que se erguesse de tudo. Então, como se lesse a mente dela, Sebastian ordenou:

— Segura o vestido aí acima. Ou vai ter que tirar isso.

Ela sentiu que o rosto ardia e soube que provavelmente estaria roxa. Mesmo assim, fez o que lhe ordenava. Ficou de pé frente ao sofá, com o vestido enrugado seguro por cima dos quadris. Olhou em todos os lugares menos para ele, embora pudesse sentir seus olhos fixos nela e sua própria excitação.

Sebastian esticou o braço e a acariciou entre as pernas, apenas roçando o pelo. Sua mão se moveu devagar e tocou o clitóris com o polegar. Regina segurou o ar e depois sentiu seu dedo mergulhando em seu interior.

— Está molhada. — afirmou. — Sabia que o estaria.

Ela gemeu e as pernas quase dobraram. Seu dedo se deslizava dentro e fora. Agarrou-se a ele e Sebastian, rapidamente, cercou a cintura com um braço para segurá-la, enquanto aumentava a pressão no seu centro pulsante.

Regina sentiu que suas pernas se abriam para ele, que afundava o dedo mais profundamente até alcançar um ponto que a fez ofegar. Sebastian retrocedeu rapidamente e voltou a lhe acariciar uma vez mais antes de sair de seu interior para riscar lentos círculos ao redor do clitóris.

— Não. — gemeu ela reclinando-se sobre ele.

Sentiu seu rosto contra o seu e como lhe sussurrava "chist" no ouvido tão baixinho que poderia ter imaginado. Seus dedos seguiram com essa dança de contato e distância, dentro e fora, até que sentiu uma crescente pressão que acabou num estalo de prazer que a fez gritar.

Sentiu-se envergonhada pelo som que emitiu algo animal e completamente

desconhecido para ela. Sentiu que seu sexo se convulsionava ao redor da mão dele, que seguiu movendo-se ao mesmo ritmo que os espasmos, até que seu corpo se estremeceu e ficou imóvel.

Voltou a guiá-la até o sofá e Regina se deitou com todo o corpo tremendo. Era a primeira vez que tinha um orgasmo com um homem. Algo que sempre se perguntou como seria e se poderia acontecer tendo alguém ao seu lado, no fim tinha resposta.

Sebastian ficou sentado ao seu lado. Para surpresa de Regina, inclinou-se e tirou seus sapatos. Então acariciou seu cabelo. Ela fechou os olhos, muito envergonhada para olhá-lo. Depois de um minuto, quando sentiu que voltava a respirar com normalidade e a palpitação entre suas pernas cessou, levantou-se e disse:

— Tenho que ir.

De repente, só desejava estar sozinha no seu quarto para poder processar tudo aquilo.

— Fique. — disse Sebastian empurrando o rosto para o seu para força-la a olhar para ele.

Era tão bonito que atrapalhava-a pensar na lascívia com que se comportou diante dele. Tinha perdido o controle de si mesma e quanto antes saísse dali e tentasse encontrar um sentido para tudo aquilo, melhor.

— É tarde — insistiu, enquanto voltava a calçar os sapatos e se movia com dificuldade pelo apartamento, procurando a bolsa.

Sebastian o deu.

— Te levarei. Deixe-me pegar meu casaco.

— Não — respondeu ela. — Não há necessidade. Quero ficar sozinha.

Dito isso, deu meia volta e partiu.

CAPÍTULO 17

Regina entrou às escondidas com o copo da Starbucks na biblioteca. Não podia acreditar que estivesse desobedecendo a uma norma tão importante sobre entrar com uma bebida na Sala Principal de Leitura, mas só assim poderia passar a manhã.

Como tinha dormido umas poucas horas e cada uma delas se foram interrompidas por estranhos, e inclusive violentos, sonhos sexuais. De vez em quando, despertava empapada em suor, com a mão dentro da calcinha.

Tentou descartar as lembranças de seus sonhos e todos os pensamentos da noite anterior, mas a noite se agarrava a ela como um aroma.

As carícias do Sebastian tinham deixado o corpo e a mente afiados. Sentia-se esquisita e sensível a tudo: sons, luz... Inclusive sabores. Fixou-se pela primeira vez na terrosa cor do café da manhã e em como cada gole acabava num toque doce, como o chocolate amargo.

Quando se aproximou de sua mesa, viu que tinha uma caixa branca em cima. Observou-a com mais atenção e reconheceu o inconfundível logotipo da Apple.

— Que demônios?

Levantou a tampa e descobriu um envelope de papel no interior. Dele tirou um Iphone novo de última geração. E um pequeno cartão branco. Abriu-o.

Querida Regina:

Suponho que chegou a casa bem ontem à noite.

A próxima vez que sair correndo assim, por favor, no mínimo, me mande uma mensagem me informando de que está bem. Ou, melhor ainda, chamarei neste telefone para comprová-lo por mim mesmo.

Sim, este telefone é seu, mas só para usá-lo entre nós dois.

Quero que fique com ele e o leve sempre com você e ligado S.

Pelo visto, consegui descobrir que ele era provavelmente o único homem no planeta que enviava Iphones em de vez de flores.

— O que acontece, Finch? — perguntou Alex, sobressaltando-a.

— Nada. — respondeu. — Você sabe como funciona esta coisa? — Entregou-lhe o Iphone.

— Sei respirar, não? — disse ele, ao tempo que apertava um botão. O logotipo branco da Apple apareceu na tela.

— Onde estava todo esse talento quando você queria ligar para a mensageira? Certo, quando toca, como atendo?

Alex suspirou e deu um curso rápido deslizando os dedos e pulsando por toda a tela.

— Onde está o teclado? — perguntou Regina. — Não posso escrever com isto.

— Sim. — respondeu ele. — Você deve ser mais das do BlackBerry. — Dito isso, partiu para voltar com mais livros.

Regina meteu o telefone na bolsa e leu a nota uma outra vez, incapaz de reprimir o sorriso ou alguns pensamentos que não cabiam numa biblioteca.

CAPÍTULO 18

Regina tinha esquecido que tinha prometido á Carly de saírem juntas. Naquele momento, estava desejando fazê-lo, mas agora era a última coisa que queria. Sua mente tinha estado enevoada pelo Sebastian. Durante todo o dia no trabalho, a única coisa que tinha podido pensar era como se tinha sentido quando a tinha acariciado entre as pernas. Reviveu a cena uma e outra vez num círculo infinito mental, enquanto processava mecanicamente os pedidos de empréstimo. Pensou em como a tinha tocado com seus escuros olhos enquanto movia os dedos no seu interior. Apenas recordar a cena fazia que se excitasse de um modo insuportável.

Quando seu táxi parou em frente ao Nurse Bettie, Regina viu que a fila para entrar dava a volta na cidade. Entretanto, Carly correu para a entrada e ela se esforçou por segui-la com os sapatos de salto. Diante da insistência de sua companheira de que morreria, tinha decidido usar o vestido preto e os sapatos que Sebastian tinha comprado.

— Parece que está cheio. — comentou Regina. Carly olhou às pessoas que esperava.

— Sim, esses pés-rapados não entrarão nesta vida. — afirmou.

Ela, então, pegou a mão de Regina, foi até à porta e entregou um pequeno cartão ou convite de algum tipo ao porteiro, que retirou a corda de veludo vermelho e as deixou passar.

— Como conseguimos entrar?

— Esta noite só entra com convite. — explicou-lhe Carly. — Eu estou na lista.

Dentro, não era que só houvesse lugar de pé, mas que simplesmente não havia lugar. Regina se moveu incômoda e lamentou ter decidido colocar aqueles sapatos de salto, porque os pés já lhe doíam.

— O que está acontecendo hoje? — perguntou.

Havia um espaço junto ao palco e uma bandeira britânica de grandes dimensões pendurada da parede.

— Katrina Darling atua esta noite. — explicou-lhe Carly. Regina a olhou sem entender. — É a prima da Kate Middleton.

A prima de Kate Middleton era uma atriz de Burlesque? O mundo realmente ia direito ao inferno, como estava acostumada dizer sua mãe.

— Irei pegar algo para beber. Espera aqui.

Antes que ela pudesse oferecer-se para acompanhá-la, Carly começou a abrir espaço entre as pessoas. De repente, Regina se surpreendeu ao notar que algo vibrava na sua bolsa. Então se lembrou do Iphone. Tirou o aparelho que ainda era algo totalmente desconhecido para ela e tentou averiguar se estava tocando. Viu o texto na tela.

Onde está? Estou na porta de seu prédio.

O coração começou a bater descontroladamente. Seu primeiro pensamento foi chutar-se por não estar em casa. Mas então pensou que possivelmente o fato de que ele soubesse que era capaz de sair e divertir-se por sua conta, não era uma coisa ruim.

Sai.

Escreveu desajeitadamente, apertando cada letra e cometendo enganos de modo que a aplicação de autocorreção escreveu mais palavras na tela das que ela tinha conseguido teclar.

— Ei, você me lembra alguém. Você atuou aqui na outra noite? Regina levantou o olhar e viu um rapaz loiro bem atraente que sorria-lhe. Usava uma camiseta em que se lia: SPiN New York.

— Você falou comigo? — ela perguntou e sentiu que o telefone voltava a vibrar.

— Sim. Atua aqui?

— Atuar? Eu? Não — respondeu, perguntando-se se aquele rapaz realmente pensava que era uma atriz de Burlesque ou se simplesmente se tratava de uma indecente paquera.

O telefone vibrou com outra mensagem:

Onde está?

Regina sorriu, e escreveu "Nurse Bettie" e voltou a colocar o telefone na bolsa.

— O que quer beber? — perguntou-lhe o rapaz.

Como por arte de magia, Carly apareceu com dois coquetéis e deu um a ela.

— E você quem é? — perguntou-lhe Carly insinuante.

— Brandon. — respondeu o rapaz

— Carly.

Regina bebeu. Era o mesmo que tinha tomado na noite que estiveram ali com Derek e seguia sendo fatal. Mas voltou a fazer a tentativa.

— Estava dizendo a sua amiga que se parece com uma das atrizes. — explicou o rapaz.

— Certamente que sim. — assentiu Carly, ao tempo que piscava os olhos para a Regina. Sua expressão lhe pedia que seguisse o jogo.

Ela olhou o palco, perguntando-se quando começaria o espetáculo. Um dos amigos de Brandon se uniu a eles e Carly conversou animadamente com os dois.

— Por que está tão calada? — interessou-se o amigo à Regina enquanto apoiava uma mão no ombro e sorria.

Era muito magro e cheirava a tabaco.

— Aqui dentro há muito barulho. — desculpou-se. — Não é o lugar ideal para falar.

— Como se chama? — perguntou-lhe com os olhos fixos nos seus seios.

— Regina. — resmungou a contra gosto.

— Genial. Eu sou Nick. — apresentou-se.

Ela assentiu e olhou para outro lado enquanto bebia. O ardor no fundo da garganta foi uma grata distração da indesejada companhia. Ao olhar para Carly, viu que esta não se sentia do mesmo modo. Estava inclinada para

Brandon, sacudindo o cabelo e sorrindo para tudo o que ele dizia.

— Ei! — Nick chamou Brandon e Carly. — Audrina diz que aqui há muito ruído. Possivelmente deveríamos sair.

Regina não se incomodou em corrigir seu nome.

— Saíamos daqui. — propôs Nick e Carly assentiu.

— Mas se nem sequer começou o espetáculo. — protestou Regina, um pouco em pânico.

Por nada do mundo iria a nenhuma parte com aqueles caras, mas tampouco queria que a deixasse sozinha no bar. Nem sequer sabia onde estava a parada de metro mais próxima.

Nick riu.

— É muito graciosa. — disse lhe acariciando o braço. Regina se separou dele e os três avançaram para a porta.

— Espera. Posso falar um segundo com você? — perguntou, puxando Carly pela blusa.

Sua companheira se aproximou de Brandon para dizer algo que Regina não pôde ouvir logo se afastou para um lado com ela.

— Mas o que acontece com você? — espetou. Seus olhos cor avelã estavam brilhantes por causa do álcool. Regina se perguntou como podia embebedar-se tão rápido. — Esses rapazes são ótimos. Sabe como fiquei mal por causa de Rob. Vamos nos divertir um pouco.

— Não vou com eles e acredito que você tampouco deveria. — insistiu ela.

— Tem que relaxar. — aconselhou-lhe Carly e se dirigiu para onde os dois rapazes já esperavam perto da porta.

Regina os olhou partir, mas não se moveu. Carly se voltou para ela e indicou que ela a seguisse. Quando ela não o fez, a garota encolheu os ombros como lhe dizendo: "Você está perdendo a diversão".

Regina observou como Carly e Brandon saíam e se sentiu mortificada quando viu que Nick voltava de novo junto a ela.

— Qual é o problema, Audrey? Confia em mim, não vai perder nada aqui. Prometo fazer com que se divirta.

O sorriso do Nick não alcançou seus olhos.

— Não gostaria de ir a nenhuma parte. Mas não se impeçam por mim. Estou certa de que terá uma grande noite.

— Vamos. — disse-lhe, aproximando-se mais. — Vai me dar um cano. Não quer fazer isso, não é?

Regina desviou a olhar, desejava olhar a qualquer parte exceto para ele. Estava muito perto e deixava pouco espaço para mover-se. E então, por cima do ombro do Nick, viu algo que lhe fez pensar que estava sonhando.

Sebastian avançava direto para eles.

Sentiu que a respiração acelerava e que não podia desviar os olhos dele. Movia-se pela sala como um tubarão cruzando a água, sem alterar-se pela densa multidão. Nick seguia falando, mas Regina já não o ouvia. Em questão de segundos, a grande mão de Sebastian esteve sobre o ombro do rapaz e o fez voltar-se.

— Dá licença. — Estalou com brutalidade e a segurou pela mão.

CAPÍTULO 19

Em silêncio, subiram no elevador privado até o apartamento de Sebastian. Apenas tinha falado desde que tinham saído do Nurse Bettie. Fora do bar, esperava-os o carro com o chofer. Sebastian abriu-lhe a porta e então se acomodou a seu lado sem dizer nada. Parecia tenso e zangado e Regina se mostrou reticente a perguntar por que estava tão furioso.

Nesses momentos, no apartamento, seguiu sentindo as gélidas vibrações.

— Me siga. — ordenou-lhe, enquanto se dirigia para a parte de trás do apartamento sem sequer a olhar. Ela o seguiu desajeitadamente com os sapatos de salto sobre o duro chão de madeira.

Sebastian a levou além da primeira parede de fotografias; quando passaram as eróticas, chegaram a uma área que Regina não tinha visto na sua primeira visita. Depois do corredor, o apartamento se dividia em duas salas. Ela fez gesto de como fosse conhecer uma, mas ele fechou a porta rapidamente.

— Por aqui. — disse ele e abriu outra porta. Regina entrou e viu que era seu quarto.

As paredes eram de um intenso verde militar, a imensa cama estava emoldurada por uma robusta madeira escura. Um lado do quarto estava ocupado por umas janelas que ocupavam toda a parede e davam ao rio Hudson. Outra parede estava cheia de pinturas; reconheceu umas quantas porque as tinha visto nos livros de texto da faculdade. E duvidava que fossem cópias.

Resultava-lhe familiar uma em particular, um belíssimo quadro do Marc Chagall de uma mulher cavalgando sobre um cavalo azul. Um homem

montava atrás dela e rodeava a cintura dela com os braços. O rosto dele estava meio oculto pelos braços erguidos da mulher. A parte de acima do vestido vermelho caía por debaixo dos seios, deixando-os expostos.

Curiosamente, não havia nenhuma fotografia nas paredes. Sebastian apertou um interruptor e uma pesada e escura cortina cobriu as janelas. Regina estremeceu com um repentino calafrio. Então, ele se voltou para ela.

— Quem era o cara que você saiu esta noite?

— Eu não saí com ninguém. Saí com minha companheira apartamento e ali conhecemos esses dois rapazes...

Sebastian levantou uma mão para silenciá-la, como se só escutar isso já fora uma afronta.

— Este vestido era para que o usasse só comigo, só para mim. Assim agora quero que me devolva isso. Tire isso.

A essas altura, Regina sabia que não brincava, que não tinha ouvido mau e somente podia fazer uma coisa.

Com as mãos tremulas, jogou os braços para trás e abriu o zíper. Sebastian a olhava com grande intensidade e muito sério, e ela compreendeu que o ato de tirar o vestido estava carregado de um grande significado.

Estremecendo-se com timidez, deixou que o objeto caísse no chão. Ali de pé, diante de Sebastian, com o sutiã GAP branco e as simples calcinhas de algodão, sentiu-se envergonhada. Então pensou em como a havia tocado na última vez que se viram e sentiu uma intensa palpitação entre as pernas.

— É linda, Regina — afirmou ele, enquanto percorria o corpo de cima abaixo com o olhar. — Mas, sabe que não pode usar esse sutiã e essas calcinhas velhas comigo. Por favor, tira isso também.

O coração começou a bater com força e sentiu as palmas escorregadias de suor. Custou-lhe soltar o fecho do sutiã, que já abriu e fechou uma infinidade de vezes e, durante um minuto, não soube se seria capaz de tirá-lo. Mas, finalmente conseguiu e o deixou cair no chão.

Sentia os olhos do Sebastian sobre ela, mas não podia suportar olhar para ele. Tentando pensar que estava sozinha na sua própria casa, deslizou as calcinhas pelos quadris e os tornozelos e as tirou.

— Seu corpo me põe tão duro... — afirmou ele.

Regina se ruborizou tanto que inclusive sentiu que lhe formigava o rosto. O coração martelava com força no peito e se perguntou se seria possível sofrer um ataque cardíaco por pura vergonha.

— Deite na cama — ordenou.

Regina se virou para olhar a enorme cama, perguntando-se como poderia subir nela sem lhe oferecer uma clara imagem de seu traseiro nu.

Sebastian viu sua vacilação e, como se lesse a mente dela, moveu-se a seu redor até ficar justamente atrás dela.

— Vai — insistiu.

Sem nenhum lugar onde esconder-se, Regina obedeceu.

— De barriga para baixo — ordenou.

Regina seguiu suas ordens, afundou o rosto na curva do braço com o traseiro exposto para ele. Depois de uns segundos sem ouvir nada, virou-se para olhar o que estava fazendo.

— Não se mova — disse Sebastian em voz baixa. Ela voltou a esconder o rosto.

Passaram alguns minutos mais sem que nada acontecesse. Regina voltou a virá-la novamente. Dessa vez, respondeu lhe dando uma palmada na bunda.

— Ah! — exclamou ela.

—Te disse que não virasse — advertiu com voz paciente, como se falasse com uma criança indisciplinada.

Regina ficou totalmente quieta, preparando-se para outro golpe. Passou mais um momento e nada.

Ouviu-o mover-se pelo quarto. Logo, a cama se afundou sob seu peso.
— Abre as pernas — ordenou-lhe.

Obedeceu e passaram mais segundos torturantes sem nenhum movimento. Finalmente, sentiu que Sebastian lhe acariciava o traseiro no ponto onde a tinha golpeado. Deslizou a mão entre suas pernas e inundou o dedo no seu interior. Notou como se umedecia e então retirou o dedo e o voltou a introduzir dentro e fora, até que umas intensas faíscas de prazer saltaram no seu interior.

— Vire-se — disse ao mesmo tempo que retirava a mão.

Regina sentiu a ausência de seu contato, a vagina palpitava. Não havia espaço para a vergonha na sua descontrolada mente quando os seus olhos percorreram o corpo de Sebastian. Percebeu que sua camisa estava desabotoada e que uma ereção esticava o tecido de suas calças pretas.

Abriu-lhe as pernas e ela esperou ansiosamente sentir de novo suas mãos sobre seu corpo e no seu interior. Em troca, para seu choque e horror, ele colocou o rosto entre suas pernas.

Regina se levantou e se afastou dele. A ideia de que a visse lá abaixo era demais.

— Não te dei permissão para mover-se. Deite novamente de barriga para baixo — ordenou-lhe.

Ela voltou a deitar-se e se virou, apoiando de novo a cara nos braços. Não a surpreendeu notar o golpe no traseiro, desta vez mais forte, fazendo-a sentir

dor de verdade. E outra vez.

Ela mordeu os lábios e logo ofegou quando o dedo dele voltou a abri-la e indo até esse lugar tão sensível no seu interior. A vagina lhe convulsionou contra o dedo e ela gemeu de um modo que fez que lhe resultasse difícil reconhecer sua própria voz.

Sebastian retirou o dedo e abriu as pernas dela. Sentiu calor e umidade no sexo e se deu conta de que tinha sua boca junto a ela. Recorreu a toda sua força de vontade para não separar-se. Mas quando começou a acaricia-la com o dedo ao mesmo tempo, esqueceu-se de mostrar resistência, esqueceu-se da vergonha, esqueceu-se de tudo, exceto das ondas de prazer tão intenso que era quase doloroso. Gritou algo ininteligível, algum tipo de comunicação animal e indigna indicando que não se detivesse, que queria mais.

Mas Sebastian parou e o sentiu movendo-se atrás dela na cama.

— Vire-se — ordenou. Sua voz soou rouca de desejo.

Ela deitou de barriga para cima e o descobriu nu. Seu corpo era inclusive mais bonito do que tinha imaginado. Os ombros largos e a cintura estreita eram perfeitos; era um homem inclusive mais bonito do que ela acreditava que poderia ser. Mas então se focou do que não podia desviar os olhos, era na sua ereção, grande e apontando para ela. Não era só que nunca tinha visto um homem nu, ao menos, não na vida real. Era que o membro de Sebastian, grosso e inchado, representava um inegável sinal de seu desejo.

Inclinou-se e Regina viu que ele estava pondo uma camisinha. Esse foi o primeiro instante em que admitiu para si mesmo o que estava a ponto de acontecer, o que desejava que acontecesse. Quando Sebastian se moveu sobre ela, Regina rodeou-lhe os amplos ombros com os braços e fechou os olhos.

Beijou-lhe o pescoço. A seguir, baixou até os seios, brincou com os mamilos com os dentes e a língua, até que o apanhou com a boca, sugando

ganancioso. A vagina dela palpitava e desejava que inundasse os dedos no seu interior como não tinha desejado nada antes.

Moveu os quadris por debaixo dele, empurrou para cima, implorando. Mas no lugar de sua mão, sentiu a ponta de sua ereção mergulhando nela. Ela ficou tensa, mas Sebastian se moveu lentamente, avançando com delicadeza, mais e mais profundamente, até que quase a encheu. Deteve-se então um momento e a seguir arremeteu com força.

Regina sentiu uma aguda dor e logo uma cálida umidade quando seu corpo lhe deu as boas-vindas.

Sebastian se retirou imediatamente.

— Por que você não me disse? — perguntou, segurando o seu rosto. Seus olhos estavam turbulentos com algo que ela não pôde identificar. Fúria? Confusão?

— Não queria que você parasse — respondeu-lhe.

Quando Sebastian apoiou a cabeça no seu ombro, ela tocou o cabelo dele, o acariciou, sentindo-se ainda mais perto daquele estranho homem do que nunca havia se sentido antes com nenhum outro ser humano. Sentia uma profunda calma, mas seu corpo ainda palpitava de necessidade.

— Não pare — pediu.

— Tem certeza?

— Sim — respondeu.

Beijou-a na boca e Regina rodeou o pescoço com os braços enquanto ele voltava a colocar-se vacilante sobre ela, mas sem penetrá-la. Pode notar sua vacilação e murmurou:

— Não vou quebrar. — Embora sabia que uma parte dela já o tinha feito.

Deslizou as mãos até seu bumbum para empurrá-lo para dentro. Lentamente, Sebastian voltou a enchê-la e dessa vez sua vagina se adaptou a ele como se aquele fosse o lugar onde ele pertencia. Ele entrava e saía. Gemeu uma vez. E esse som desencadeou seu próprio prazer, uma sensação que se estendeu por sua pélvis e subiu por todo seu corpo. Sebastian se moveu então mais rápido, arrastando-a com ele. A sensação se intensificou e em seguida, explodiu como uma onda.

— Sebastian! — gritou impotente, em pleno orgasmo.

Seu corpo se movia com o seu numa espécie de dança instintiva que estava além de seu controle.

As investidas se tornaram mais rápidas, quase frenéticas, até que ele gritou com um rugido parecido ao de um animal. Regina se surpreendeu que seu corpo fosse capaz de lhe oferecer semelhante êxtase. Isso a fez sentir-se poderosa pela primeira vez em sua vida.

E quando ele desabou sobre ela, com o escuro cabelo úmido de suor e um braço ao redor de seu torso, soube que não haveria dor que não estivesse disposta a suportar para tê-lo.

CAPÍTULO 20

Regina despertou desorientada.

O quarto estava às escuras, mas algo lhe disse que era de manhã, não de noite. Virou-se e se encontrou olhando fixamente uma parede cheia de quadros dignos de um museu, um aviso de onde estava e como tinha passado a noite.

O lado do Sebastian estava vazio, embora tenha dormido com ele a seu lado. Esticou o braço para o abajur da mesinha de cabeceira e a acendeu para orientar-se. As cortinas faziam que ficasse difícil saber que horas eram, mas tinha a sensação de que ia chegar tarde ao trabalho. Então viu uma folha de papel dobrado sobre o travesseiro do Sebastian. Pegou-o.

Querida Regina:

Espero que tenha dormido bem.

Quando estiver pronta, se encontre comigo na sala para tomar o café da manhã.

O banheiro está à esquerda. Encontrará toalhas limpas e um roupão. S.

Ela se levantou da cama. Apesar de que estava sozinha, sua nudez a embaraçou. Sebastian tinha insistido em que dormisse nua e, embora ela houvesse protestado dizendo que nunca seria capaz de dormir

profundamente sem usar nada por cima, a intensidade da noite a tinha deixado exausta e caiu num sono profundo, assim que apoiou a cabeça no travesseiro.

Ela entrou no banheiro e fechou a porta com o trinco. Como ela esperava, tudo estava impecável e era elegante e moderno, cheio de espelhos e mármore preto. Havia uma banheira grande e um duche, os azulejos eram brancos rodeados por um boxe de vidro.

Como ele falou, atrás da porta estava pendurada uma camisola e um robe combinando da La Perla. Sobre uma bancada preta, encontrou uma escova de dente ainda sem abrir, uma pilha de suaves toalhas pretas e uma bandeja de prata cheia de produtos Kiehl e Molton Brown.

Ela escovou os dentes e lavou o rosto com um sabonete de soja. Seu cabelo estava desgrenhado, a franja torta e soube que o que realmente precisava era de um duche.

Abriu a porta de vidro. Não se parecia com nenhum outro duche em que já tivesse estado. O chuveiro estava pendurado no centro da cabine, perfeitamente redonda e plana como um crepe. Quando abriu a torneira, água caiu como se fosse chuva.

Encontrou xampu na prateleira. Sabia que se procurasse pelo banho, provavelmente encontraria um barbeador elétrico, mas não queria demorar muito. Quando ensaboou o corpo, suas mãos se demoraram nos seios e entre as pernas, onde se lavou com delicadeza. Sentia-se dolorida, mas era uma dor que acolheu com agrado.

Seu corpo era como um novo amigo desconhecido. Quem teria dito que poderia dar tanto prazer a ela mesma e a outra pessoa. Pensar em Sebastian fez que sentisse um delicioso estremecimento. Fechou os olhos e visualizou seu membro e sentiu uma intensa sensação quando o tinha tido no seu interior.

É claro, fazia tempo que imaginava como seria praticar sexo pela primeira

vez. Mas agora se dava conta das ingênuas e limitadas que haviam sido suas fantasias. Como poderia ter imaginado o aroma de sua pele, o modo que sentia sua boca nos seios, a pressão das mãos atrás dela quando a guiou para seu membro ou como abriu o seu corpo para ele como se estivesse oferecendo alimentos depois de uma greve de fome...?

Fechou a torneira. Aquilo era uma loucura. Tinha que voltar para a realidade. Não tinha nem ideia de que horas eram e tinha que passar em casa antes de ir trabalhar, porque a única roupa que tinha era o vestido preto que tinha usado no Nurse Bettie.

Secou-se, penteou-se e arrumou a franja. Pegou a camisola da La Perla e viu que ainda estava com a etiqueta. Arrancou-a e a vestiu. O tecido era tão suave que era como se acariciasse a sua pele. E se deu conta de como era transparente. Pôs o fino robe por cima e o amarrou à cintura. Finalmente, olhou-se no espelho e pela primeira vez na sua vida se sentiu verdadeiramente bonita.

— Bom dia — saudou Sebastian com um sorriso.

Vestia uns jeans escuros e uma camisa branca com as mangas dobradas por cima dos fortes punhos. Tinha o cabelo molhado e os olhos brilhantes e desafiadores, como sempre.

Ele estava sentado numa mesa de café da manhã. Era estreita e preta e brilhava como se a cobrisse com uma capa de gelo. Ele estava numa ponta, com um laptop, rodeado por pratos de bolo, fruta fresca, muffins e uma jarra de café. Serviu-lhe uma xícara quando se sentou em frente a ele.

— Isto está... muito bom — comentou ela, sentindo-se repentinamente envergonhada. — Mas vou chegar muito tarde ao trabalho. Tenho que ir — afirmou.

— Já liguei para a Sloan — anunciou.

— Você fez o quê?

— Eu disse à Sloan que você não iria hoje porque íamos trabalhar fora do escritório.

— Não tem o direito a fazer isso. Não pensou que talvez eu quisesse ir trabalhar?

— Você não tem direito a querer nada. Você está se comportando pessimamente, e vai ter que ser castigada.

À luz do dia, essa conversa parecia muito menos razoável que às onze da noite.

— Isto não é um jogo — protestou Regina enquanto deixava a xícara de café na mesa.

— Tem razão. Estou falando à sério. A questão é: e você? — perguntou zangado.

— O que você acha que isto significa?

— Como pôde não me dizer que era virgem? Ela se ruborizou.

— Sinto muito, mas não parecia que era o momento certo. Quero dizer, sentia-me estúpida soltando-o assim sem mais.

— Nunca teria te fodido desse modo se eu soubesse. Ela não podia acreditar na sua arrogância.

— Como e quando me fodem, como você o chama, não é decisão sua — replicou.

— Se você é tão boa para tomar esta decisão, por que não a tomou antes? Se você tivesse confiança para decidir por si mesma, já o teria feito. Mas tem medo. Eu a ensinarei a não ter medo. Se me deixar.

Ela ficou surpresa ao sentir que seus olhos se encheram de lágrimas.

— Esta tudo bem, Regina — a tranquilizou. — Será bom para você que eu assumo o controle. Você não tem que pensar em nada. Não há necessidade de entendê-lo. Não tem que pensar o que é o correto. Renda-se a mim e verá como gosta.

O ar ficou preso na garganta.

— Agora coma alguma coisa — ordenou Sebastian. — Precisa recuperar as forças.

CAPÍTULO 21

Sebastian parou a seu lado, em frente a um quarto do apartamento que Regina ainda não tinha visto. A porta estava fechada.

— Ponha estes sapatos — pediu-lhe.

Ela olhou para baixo e viu um par de sapatos com salto agulha de dez centímetros de cetim branco. Os pôs.

— Agora tire o robe — ordenou-lhe.

Depois de vacilar somente um segundo, cambaleando-se sobre os saltos, desamarrou o robe e o tirou. Sebastian o pegou das mãos.

— Fique de costas e feche os olhos — disse-lhe. Ela obedeceu.

Sentiu que algo suave se deslizava sobre seus olhos e percebeu que os estava tampando com alguma coisa forrada de pele. Instintivamente, levantou as mãos para tocá-lo.

— Mantenha as mãos de lado — ordenou-lhe com firmeza. Regina fez o que ele dizia. O coração acelerou.

— Eu sei que falamos que ao vir aqui está dando seu consentimento, mas sabe que pode sair pela porta a qualquer momento, que sempre terá uma alternativa. A maioria dos meus... pares ainda estão muito consciente dos seus limites, seus limites intransponíveis, os chamamos. Mas como tudo isto é novo para você, irá descobrir o seu caminho. Por isso, se estamos fazendo algo e me diz que pare, vou ignorar.

— Ignorar? — repetiu Regina. Perdi alguma coisa?

— Sim. Se realmente não pode continuar, terá que dizer "limite

intransponível".

— Limite intransponível — repetiu, quase para si mesma.

Ouviu como girou a maçaneta e abriu a porta. Parecia incrível poder identificar sua ação por um som tão leve, mas se deu conta de que privada da visão, seus outros sentidos se aguçavam instantaneamente.

— Dá dez passos para frente — ordenou.

Caminhou devagar, concentrada em não cair com aqueles saltos. Ele estendeu a mão e agarrou seu braço para firmá-la. Nunca teria imaginado como distante poderiam parecer dez passos.

Os sapatos que calçava faziam muito ruídos sobre o duro chão.

— Pare aqui — disse ele.

Ouviu um som metálico e estremeceu.

— Levanta os braços acima da cabeça. Regina obedeceu sentindo-se estúpida.

— Mais abertos — ele pediu.

Sentiu que algo deslizava por seu pulso, algo suave, mas firme, como se fosse pele. Logo ouviu um clique quando seu braço ficou seguro, imobilizado e esticado acima da cabeça. E depois o outro braço.

— Não se mova — Sebastian advertiu. — Eu vou usar a tesoura e se você se mover posso cortá-la sem querer.

— O quê? — exclamou e se contorceu instintivamente, com o pulso acelerado.

Então sentiu a fria folha de metal nas costas e o sussurro do tecido ao rasgar-se. A camisola de seda se deslizou por seu corpo quando a tesoura a cortou pela metade e as duas folhas roçaram a carne enquanto desciam por

seu corpo.

Sentiu o ar frio do quarto sobre a pele. Só usava os sapatos de salto. Começou a sentir um formigamento nas mãos pela postura tão pouco natural.

Ouviu os passos de Sebastian se afastando dela e fechando a porta.

E soube que estava sozinha.

Regina já não sentia os braços. Durante um tempo, tinha tentado dobrar os joelhos ou inclinar-se para frente ou para trás para fazer que o sangue continuasse a circular. Mas no final se deu conta de que quanto mais erguida e quieta permanecesse, menos tensão suportavam os músculos das costas e das pernas, que em alguns momentos lhe queimavam com a dor.

Não sabia quanto tempo tinha passado. Vinte minutos? Uma hora? Duas?

Sua mente estava a mil por hora, debatendo se deveria chama-lo, mas alguma coisa lhe disse que não o fizesse.

Apenas quando pensava que não o suportaria mais, que se desmoronaria e gritaria "limite intransponível" a todo pulmão, algo a alertou: a porta se abriu. Ouviu os passos de Sebastian aproximando-se e o som do metal. Alegrou-se ao pensar que ia soltar-lhe os braços. Mas em seguida se deu conta de que não, que ele limitou a baixa-los para que pudesse dobrar os cotovelos. Ainda assim, foi um doce alívio. Embora a deixasse nessa postura mais um tempo, podia suportá-lo.

Sebastian estava de pé na frente dela. Sentiu que estava tão perto que se ela se inclinasse para frente poderia roçá-lo. Mas ficou completamente imóvel.

Ele colocou a mão entre as pernas e seus dedos encontraram imediatamente esse doce ponto que até a noite passada ela não sabia que existia. O contraste entre as duras e agradáveis carícias de seus dedos e a dor incômoda que estava sofrendo foi tão intenso que as pernas fraquejaram.

— Fique reta — ordenou, e Regina se esforçou para manter-se erguida.

Ele retirou seus dedos de seu interior e acariciou-lhe o sexo com delicadeza, brincando com seus clitoris. De repente, sentiu uma rápida e úmida carícia de sua língua e Sebastian voltou a mergulhar o dedo nela. Ela gemeu, doíam-lhe os braços, as pernas se esforçavam por manter o equilíbrio e o controle enquanto seu sexo palpitava com sensações que nunca teria podido imaginar.

Ele a levou até o limite da liberação e logo deixou de tocá-la. Se estivesse com as mãos livres, teria terminado ela mesma sem hesitação. O quão desesperada era a sua necessidade. E então sentiu o inconfundível contato de seu membro roçando a entrada de sua vagina, mas apenas abriu os lábios antes de afastar-se.

— Por favor — rogou, envergonhada de si mesma, mas consciente de que aquilo estava só começando.

Sebastian abriu os lábios do seu sexo com as mãos, e Regina voltou a sentir a pressão da ponta do seu membro contra ela, mas não se moveu. Gemeu e se balançou contra ele.

— Eu estou aborrecido com você — disse. — Quero que me prometa que não haverá mais segredos. Não sobre sexo — acrescentou.

— Está bem — ofegou.

— Prometa.

— Eu prometo — disse, mas sua soava distante.

Seus dedos ainda estavam brincando com ela e era insuportável. Sebastian soltou os pulsos rapidamente e, incapaz de manter o equilíbrio, Regina caiu sobre ele. Acariciando-a ainda com uma mão, ele a deitou no chão sentindo o duro e frio nas costas.

— Por favor — repetiu.

E dessa vez sentiu que ficava em cima dela. Em qualquer outro estado de ânimo, se sentiria envergonhada pela forma como abriu as pernas, como o agarrou e gritou quando a preencheu com seu membro e se arqueou contra ele até que sua palpitante necessidade ficou silenciada com um violento orgasmo.

Sebastian a alcançou segundos depois, com a boca úmida e aberta contra seu seio, murmurando coisas que Regina não conseguia entender. Depois, carregou-a em seus braços como se não pesasse nada. Ainda com os olhos vendados, apoiou a cabeça no seu ombro e, para seu horror, começou a chorar.

Sentiu que ele esticava os braços ao redor de seu corpo e se movia rapidamente pelo apartamento. Em poucos segundos, ela se encontrou estendida na cama e com os olhos descobertos.

— Você está bem? — perguntou.

Seu belo rosto estava tenso de ansiedade. Ele a beijou na testa, levantando a franja para poder encostar a boca a sua pele pálida.

— Sim — respondeu, tentando recuperar o controle de si mesma.

— Foi tão... intenso.

— Isso é bom — respondeu. — Se não for intenso, para que fazê-lo? Pelo menos, é o que eu acredito.

— Não posso acreditar que estar fisicamente desconfortável possa traduzir-se em sentir-se bem. É... estranho.

— Nem tanto, se pensar nisso. Temos que experimentar o contraste para sentir algo plenamente. Tristeza ou felicidade, trabalho ou relaxamento, solidão ou conexão com outras pessoas. O que é o um sem o outro? Nós não saberíamos.

— Sim — respondeu Regina. — Entendo perfeitamente. Apertou-a contra

ele. — Sabia que o entenderia.

CAPÍTULO 22

Já estava no meio da tarde quando Regina entrou no seu apartamento como se estivesse flutuando numa nuvem. Carly olhou por cima do sofá. Tinha um caderno de esboços no colo.

— Onde você estava? Por que não voltou para casa ontem à noite? Estava muito preocupada com você — disse, enquanto soltava o lápis.

Ela se inclinou para desabotoar os sapatos. Sebastian a mandou para a casa vestida de Prada da cabeça aos pés. Como sempre, os sapatos eram incriminadores.

— Estou surpresa que tenha voltado para casa ontem à noite — comentou Regina. — Da maneira como ocorreram as coisas no Nurse Bettie, não o esperava.

— Não tente desviar a atenção para mim. Onde você estava? Não pode desaparecer assim, Regina.

— Eu não desapareci. Foi você que partiu, lembra?

— Sinto muito. Ultimamente tenho estado tão deprimida que eu precisava de alguma coisa para tirar Rob da cabeça.

— Por isso me deixou com aquele asqueroso no bar?

— Nick não é um asqueroso. Além disso, foi ele quem me disse que você tinha saído com um cara.

— Não era um cara, era Sebastian. Mas de todos os modos, sinto por tê-la preocupado.

Sentiu-se comovida por Carly ter se preocupado com ela.

— O que Sebastian estava fazendo ali? Perseguindo você?

Regina encolheu de ombros e se dirigiu à cozinha. Não tinha comido nada do café da manhã e, de repente, deu-se conta de que estava morta de fome. Esticou o braço para pegar um prato da segunda prateleira do armário, mas os ombros lhe doíam tanto que ela mal conseguia levantá-los por cima da cabeça.

— Ai! — gritou, incapaz de alcançar o prato.

— O que foi?

— Pode me baixar um prato? Carly apareceu na porta.

— Não até que me fale o que está acontecendo?

— Doem-me os braços — explicou-lhe.

— Sim, eu posso ver isto. Assim, a menos que tenha jogado uma partida de tênis a meia-noite no Central Park, eu me pergunto porque.

Olhou- a com as mãos nos quadris.

Regina não pôde evitar sorrir. De algum modo, sua relação com o Sebastian tinha convertido a sua mordaz companheira de apartamento em uma supermãe.

— Se me der o prato, contarei tudo — disse. Carly pegou o prato, passou-o e insistiu:

— Cuspa-o, Regina.

Sentaram-se à mesa, comendo as sobras de arroz com frango e bebendo garrafinhas de cerveja Corona. Regina tinha colocado uma calça de moletom e uma velha camiseta da Drexel. Estava fisicamente exausta, mas tinha a mente acelerada como se estivesse na sexta marcha que não sabia

que tivesse.

— Ele gosta do que suponho que poderíamos chamar dominar — começou a contar.

— Fazendo o que, exatamente? — perguntou Carly.

Agora que tinha chegado o momento, estava morrendo de medo de contar a alguém o que estava acontecendo. Não sabia se Carly diria que era uma loucura, que devia afastar-se desse tipo ou se, em troca, confessaria: "Claro, eu faço coisas assim todo o momento". De qualquer maneira, Regina necessitava de uma confidente.

— Isto... bom, me deu de presente um celular e me disse que tinha que levá-lo sempre ligado e que só era para usá-lo entre nós dois. Manda-me mensagens que, na realidade, são ordens. E me diz o que tenho que vestir. Sempre devo usar sapatos de salto e um tipo específico de lingerie.

— Bom, sinceramente, Regina, não foi tão ruim um pouco de orientação sobre o seu jeito de vestir.

Ela lançou um olhar furioso antes de continuar:

— Se não faço o que me diz, ou seja, se não me visto do modo adequado, me "castiga".

Agora sim ela tinha toda a atenção de Carly. À frívola, entediada e sabido da Carly de repente arregalou os olhos.

— Continua — insistiu.

— Bom, digamos que me dá... uns tapas.

Não pôde dizer nada mais. Não pôde falar do quarto. Sua companheira assentiu.

— já ouvi falar desse tipo de coisas — comentou, enquanto arrancava a etiqueta de sua garrafinha de cerveja.

— Sim? — exclamou Regina surpreendida.

— Claro. É BDSM básico.

— BD quê?

— BDSM: bondage, disciplina, sadomasoquismo. É uma subcultura bastante difundida.

— É mesmo?

— Claro. Tem muita gente que faz isto.

— Então, você não acha... estranho? Carly encolheu de ombros.

— Para mim não serve, mas, eu tenho certeza de que em pequenas doses poderia ser muito erótico. Conheci uma garota que usava uma coleira.

— O que quer dizer?

— Usava uma colar de couro, como uma coleira de cachorro. Disse-me que, na comunidade, isso indicava a outros que tinha um dono.

— Está de brincadeira.

— Não.

Isso fez que Regina se sentisse muito melhor. Ao menos, ela não tinha chegado tão longe.

— Então, está-me dizendo que tudo isso é relativamente normal

— concluiu.

— OH, bom, não é muito normal — replicou Carly. — Mas enquanto você se sinta bem, a quem importa? Principalmente se você conseguir com isso um guarda-roupa inteiro da Prada, te diria, deixe-o chicoteá-la até que se canse.

Regina corou e olhou para o seu prato. Possivelmente Carly não fosse a melhor escolha como confidente, mas era tudo que tinha no momento. E ao menos, a partir daí, podia nomear aquilo que estava enfrentando: BDSM.

Teria que investigar um pouco, embora algo lhe dizia que não encontraria um livro sobre esse tema em particular na biblioteca.

Pela manhã, quando chegou ao trabalho se encontrou com o Alex sentado no seu lugar, organizando uma pilha de livros.

— Oi — saudou Regina. — Desculpe por ontem. Espero que não tenha tido muita bagunça.

— Não, foi tudo bem. Mas Sloan quer ver você em seu escritório. Regina teve um mau pressentimento.

— Por quê? — perguntou, enquanto deixava a bolsa atrás da mesa.

— Não sei. Mas a julgar por seu tom quando ela ligou, eu não a faria esperar muito.

Aquilo não era bom sinal. Regina se dirigiu ao segundo andar.

A porta do escritório de Sloan estava entreaberta. A viu antes de entrar, levava o cabelo loiro platinado preso num coque perfeitamente descuidado, as mangas da blusa azul marinho dobradas até os cotovelos e os pulsos bronzeados enfeitados com alguns delicados braceletes de ouro. Estava tomando seu café da Starbucks enquanto folheava The New York Post “on-line”.

Regina bateu na porta.

Sloan olhou para cima e entreabriu os olhos.

— Bem, bem, bem, que amável da sua parte se dignar a aparecer
— disse.

— Sinto por de ontem — desculpou-se, nervosa por ter que pedir desculpas e se desculpar tão cedo.

Tinha ensaiado mentalmente esse momento no metro, mas tinha sido incapaz de pensar numa razão plausível pela que Sebastian e ela tivessem que trabalhar "fora" no dia anterior.

— Sente-se, Regina — pediu-lhe Sloan.

A contra gosto, entrou no escritório. A única cadeira disponível estava cheia de revistas de noivas. Como Sloan não fez gesto de limpá-la, ela o fez e se sentou nervosa com as revistas no colo.

— Sei que quando começou a trabalhar aqui sentiu que o balcão de empréstimos não era digno de você.

— Não, não é isso. Só pensei...

— Por favor, não me interrompa. Como ia dizendo, sei que sentiu que não era digno de você por sua licenciatura com honras e tudo mais. Mas numa biblioteca deste nível, o balcão de circulação é vital. Vital. E se não posso confiar em você que esteja aqui todos os dias, não poderei mantê-la nesse posto.

— Sloan, estarei aqui todos os dias. Não voltará a acontecer.

Ela sentiu pânico. Poderiam demiti-la por faltar um dia ao trabalho? Deus, o que eu estava pensando? O que estava errado?

— Bom, terá que me provar isso E, enquanto isso, trabalhará no balcão de devoluções.

Regina sentiu que empalidecia.

— Sloan, isso não é necessário. Prometo que não voltará a acontecer.

— Isto não é uma discussão aberta, Regina. Agora vá informar ao balcão de devoluções. Alguém ali vai ensiná-la como organizar o material nos carros e como colocar tudo de volta nas estantes.

Sentiu-se a beira das lágrimas, mas não queria que Sloan visse como ficou chateada. Levantou-se, voltou a deixar as revistas sobre a cadeira e se dirigiu à porta.

— Regina, mais uma coisa — disse sua chefe. Ela virou-se.

— Eu realmente espero que o sua relação com Sebastian Barnes seja só profissional. Embora o apoio financeiro de sua família é indispensável para esta biblioteca, não gostaria que nenhum membro da minha equipe mantivesse uma relação íntima com ele. Seria inapropriado e prejudicial. Ficou claro?

— Sim — respondeu Regina, incapaz de olhá-la nos olhos.

— Bem. E no seu horário de almoço, por favor, vá a Vera Wang e me busque uma amostra de tecido. Depois necessitarei que a leve a meu florista.

Regina assentiu e partiu rapidamente.

No caminho para as escada, cruzou com a Margaret. A senhora a saudou com a mão.

— Olá, Regina. Tem estado desaparecida ultimamente. Gostaria de almoçar na escada hoje?

— Eu gostaria de poder, mas Sloan me pediu para fazer um favor. Margaret negou com a cabeça.

— Oh, sinto muito. Vamos ficar em outro momento.

Regina se sentiu extremamente triste. Perguntou-se se a senhora pensaria que a estava enrolando ou que a estava evitando.

O celular vibrou na bolsa. Enquanto subia a escada para o balcão de devoluções, leu a mensagem:

O carro estará esperando lá fora às seis.

E só com isso, tudo voltou a estar bem no seu mundo.

CAPÍTULO 23

Regina olhou o relógio que havia frente ao balcão de devoluções pela enésima vez nesse dia. Finalmente, o ponteiro das horas quase roçava às seis.

Por si só o tédio do trabalho nas devoluções não fora tão ruim, todavia ainda sentia os músculos das costas e dos braços tão doloridos pelo dia anterior que quase que não podia suportar o esforço de carregar os livros no carro e voltar a colocá-los nas estantes. No caminho a Vera Wang, fez uma parada rápida numa farmácia para comprar um frasco de Advil.

Quando o relógio marcou oficialmente às 6.01, colocou a pilha de livros sobre a mesa, pegou sua bolsa e praticamente saiu correndo até o vestíbulo da entrada. Assim que chegou ao alto da escadaria, pôde ver o Mercedes preto esperando-a.

O chofer saiu e rodeou o veículo para abrir a porta. Não havia ninguém dentro.

— O senhor Barnes se reunirá com você no seu destino — explicou-lhe o homem.

— Ah, está certo — assentiu, enquanto se acomodava no assento traseiro.

Era estranho estar ali sem Sebastian e esperava que fosse um trajeto curto.

Então, olhando pela janela, viu que Sloan descia a escadaria com sua bolsa Birkin ao ombro e falando pelo celular. Regina se agachou, na esperança que não a visse.

O carro se pos em movimento e, em questão de uns poucos minutos, deteve-se em frente ao hotel Four Seasons. Regina se perguntou se Jess estaria outra vez esperando-a. Ao pensar nessa primeira noite com Sebastian, em quanto a desconcertou a lingerie e a tola que se sentia com os sapatos de salto, surpreendeu-se a comprovar tudo o que tinha acontecido num espaço de tempo tão breve. O chofer abriu-lhe a porta.

— O senhor Barnes pediu que se dirija ao balcão da recepção e que dê seu nome — informou-lhe.

— Está certo. Obrigada.

Entrou no distinto saguão, impressionada novamente pelo elegante e vasto espaço.

Quando se aproximou do balcão da recepção, sentiu que suava de nervosismo. Ela puxou o decote de seu vestido sem mangas de quadros azuis.

— Bem-vinda ao Four Seasons. No que posso ajuda-la? — perguntou-lhe um jovem com um amplo sorriso e uns olhos brilhantes que fizeram sua pergunta parecer mais sincera que rotineira.

— Meu nome é Regina Finch. Acredito que alguém deixou algo para mim.

— Ah, sim. — O jovem colocou a mão por debaixo do balcão e pegou uma chave eletrônica.

— Apartamento 2020. Desfrute de sua estadia, senhorita Finch. Ela pegou o cartão e atravessou o vestíbulo para os elevadores.

Ouviu uma mistura de idiomas estrangeiros a seu redor. A maioria das pessoas caminhavam depressa, decididas; alguns vestidos de gala, outros vestiam trajes de negócios... Viu alguns turistas com bermudas e camisetas, mas eles eram a exceção.

O elevador anunciou sua chegada ao vigésimo andar com um som delicado. Regina saiu no corredor silencioso. A temperatura parecia estar dez graus

mais baixa que o do vestíbulo e sentiu que arrepiavam os pelos. Colocou o cartão na porta e entrou uma vez mais no apartamento 2020.

— Bem-vinda senhorita Finch.

Regina virou para o lugar de onde vinha o duro sotaque do Leste Europeu. Decepcionou se em descobrir que não era Jess que estava esperando-a, e sim uma loira muito alta com os lábios pintados de bordeaux e uns frios olhos azuis.

— Sou Greta e a auxiliarei esta noite. O senhor Barnes deixou sua roupa no quarto. Por favor, troque o mais rápido possível e me chame se necessitar de alguma coisa.

Vestia o uniforme do hotel: blazer e saia azul marinho com meias e um par de sapatos com um salto razoável. Naquela mulher, o traje parecia mais militar que elegante.

— Você... trabalha para o Sebastian? — perguntou ela.

— Não. Sou uma empregada do hotel. O senhor Barnes é um hóspede extremamente apreciado e nos esforçamos ao máximo por satisfazer todas suas necessidades.

— OK... Obrigada — respondeu ela.

Rogou ao céu que não precisasse de nenhuma ajuda. A última coisa que desejava era de que aquela mulher a vestisse.

Fechou a porta do quarto. Desta vez não havia bolsas de lojas sobre a cama, a não ser um espartilho de cetim preto e uma saia de couro preta com um complicado sistema de laços para fechá-la.

"OH, não! — pensou Regina com preocupação. — Não vou conseguir pôr isso sozinha."

E então, no chão, aos pés da cama, viu uns sapatos de verniz pretos com uns

saltos de vinte centímetros, plataforma e umas amplas tiras de couro com fivelas para prendê-las ao redor do tornozelo.

Pareciam mais instrumentos de tortura do que algum tipo de calçado.

Despiu o vestido que usava e o dobrou antes de deixá-lo sobre a cama. Ao ver o espartilho e a saia, deu-se conta de que não poderia usar lingerie. Desabotoou o sutiã, baixou as calcinhas e as tirou. Deixou tudo em cima do vestido.

Totalmente nua, estremeceu e olhou o espartilho com receio. Decidida a vestir-se sozinha, analisou o desafio que tinha entre mãos. Teria que afrouxar os laços o suficiente para colocá-lo pela cabeça e então os puxaria com força para fechá-los. Possivelmente a garota-propaganda do Terceiro Reich no quarto ao lado tivesse que lhe atar os laços no final, mas isso seria tudo.

Então, ela percebeu o quanto tinha julgado mau a tarefa. A dor nos ombros tornou impossível esticar os braços até as costas.

Angustuada, virou-se para a saia de couro. Ao menos isso sim poderia colocar e desejava estar mais vestida o possível antes de pedir ajuda. Mas aquele objeto não tinha parte de trás, à exceção da dúzia de laços que a prendia.

Não havia mais remédio; não poderia vestir aquilo sem a ajuda de outro par de mãos. Procurou no quarto uma toalha ou um robe ou algo com o que cobrir-se. Como não encontrou nada, puxou a pesada colcha e puxou o lençol branco que havia sob a manta. Enrolou-se nele como se fosse uma toga e se aproximou da porta.

— Greta? — chamou.

Ela ouviu os saltos da mulher sobre o chão de mármore antes de vê-la.

— Sim? — respondeu com os braços cruzados.

— Preciso de um pouco de ajuda, por favor.

A expressão do rosto dela não era de aborrecimento, mas sim algo do tipo o que você estava fazendo até agora?

— Começaremos com a saia — comentou com decisão, como se já tivesse analisado o assunto.

— Você tem certeza? Ah, ok.

Regina pensou que ia morrer de vergonha. Como ia fazer sem colocar o bumbum nu no rosto dela?

Greta já estava trabalhando com a saia, soltou todos os laços, de forma que ficou aberta numa só faixa de couro.

— Vire-se. De a volta para mim e tire o lençol — ordenou. Envergonhada, Regina obedeceu.

A mulher a envolveu com o couro da frente para trás, e logo começou a atar os laços. Suas mãos se moviam com agilidade. Mesmo assim, o processo pareceu durar muito tempo e Regina se sentiu aliviada ao notar o último puxão dos laços.

— Perfeito — exclamou Greta quase para si mesma. — Agora o espartilho. Levante os braços.

Regina obedeceu, embora com certo esforço.

— Já posso abaixá-los? — perguntou, quando a parte dianteira do espartilho ficou no seu lugar e sentiu que já tinha alguns laços ajustados.

Greta resmungou algo que pareceu ser permissão para baixar os braços e Regina o fez com alívio.

Pôde sentir como ia atando os laços da base das costas até os ombros. Então, os puxou tão forte que lhe cortou a respiração.

— Está muito apertado — queixou-se.

— Tem que ser apertado — respondeu Greta sem disfarçar seu desprezo. — Agora os sapatos.

Os sapatos! O terrível processo de entrar na saia e no espartilho fizeram que esquecesse por completo o calçado assustador.

Olhou para baixo. Era impossível se curvar para afivela-los vestida desse modo. Sentia-se como se estivesse usando uma camisa de força.

Greta ficou de joelhos e sustentou um sapato para que Regina deslizasse o pé dentro. A diferença de altura entre um lado de seu corpo e o outro a obrigou a se inclinar e se apoiar nos ombros da mulher para poder equilibrar-se.

— O outro pé — disse-lhe Greta.

Colocou o pé esquerdo e se levantou devagar. Tinha aumentado tanto de altura que todo o quarto tinha uma perspectiva diferente. Quando a mulher se ergueu, Regina descobriu que agora era uns centímetros mais alta do que ela.

— Meu trabalho acaba aqui — anunciou Greta.

E dizendo isto, deixou-a sozinha no apartamento.

Regina estava com medo de se mover. Sentiu que poderia tropeçar e ficar caída no chão como um besouro de barriga para cima sem poder levantar-se. Mas no final a curiosidade provou ser um poderoso motivador e, devagar, avançou cambaleante para o espelho de corpo inteiro.

— OH, Meu deus! — ofegou.

Jamais teria se reconhecido. Seu corpo, apertado e alongado, parecia poderoso e erótico, como se estivesse saído de uma das fotografias do

Sebastian. Sua pele clara em contraste com o cetim preto parecia brilhar como madreperla e a saia curta combinada com os saltos muito altos fazia que suas pernas parecessem longas e poderosas.

Virou-se e olhou por trás. Ofegou. Os laços deixavam buracos que mostravam tentadores indícios de pele extremamente branca em comparação com o couro preto. Pensou na expressão que sempre tinha achado tão ridícula: sexo andante. Mas isso era exatamente o que parecia, e como se sentia.

Ouviu a porta do quarto sendo aberta e fechada em seguida.

— Onde você está se escondendo? — chamou Sebastian.

O coração começou a bater a toda velocidade, cambaleou até o quarto e retornou a sala de estar.

Ele estava irresistivelmente bonito, o tipo de homem que poderia conduzir uma mulher de um metro e oitenta vestida de couro. Vestia uma calça preta e uma camisa também preta e estava levemente bronzeado, como se tivesse passado todo o dia ao ar livre. Ela se perguntou o que teria feito desde a última vez que o viu e se sentiu possessiva, algo que nunca tinha experimentado antes.

— Você está sensacional — disse sorridente. — Chegue mais perto.

Regina caminhou lentamente, nervosa com medo que tropeçasse e caísse. Em todo momento sentiu seus olhos fixos nela.

Quando esteve perto o suficiente, Sebastian pegou a sua mão e a levou a uma sala com uma grande mesa de jantar de mármore. Havia duas taças junto a um balde de gelo que esfriava uma garrafa de vinho branco.

— Tem fome? — perguntou.

— Não muita — admitiu.

A ideia de comer com aquela roupa não lhe parecia muito atraente.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada. Estou bem.

— Acredito que deveria tomar um pouco de vinho — sugeriu-lhe, enquanto abria a garrafa e servia-lhe uma taça.

Regina a pegou e bebeu. Estava fresco e delicioso e descobriu que, depois de tudo, sim gostava.

— Você não vai beber?

— Não — respondeu, enquanto a observava.

Ela bebeu um pouco mais e quando ficou com a taça pela metade, ele a tomou.

— Vire-se, Regina — ordenou.

Fez o que pedia e se apoiou na mesa para aliviar a pressão nos pés.

Sentiu que soltava os laços da parte atrás da saia até que ficou aberta e seu bumbum descoberto. Passou as mãos pela pele, rodeando a curva de cada nádega antes de as deslizar até o centro para separá-las.

— O que está você está fazendo? — perguntou, enquanto se movia para afastar-se do seu toque.

— Fique quieta, Regina. E não me faça pedir duas vezes. Agora abre as pernas.

Nervosa, separou mais os pés.

— Incline sobre a mesa — ordenou. Regina obedeceu.

De novo sentiu que suas mãos abriam o seu bumbum. Parecia tão

humilhante que foi a primeira vez que considerou a possibilidade de detê-lo, mas uma sensação de choque paralisou seus pensamentos e toda sua atenção se centrou na pressão que sentiu no ânus quando ele colocou algo duro dentro.

— O que está fazendo? — perguntou, enquanto se esforçava por não virar-se e meter a mão usando toda a fibra de sua força de vontade.

Sentiu que voltava a fechar a saia com aquele objeto ainda dentro dela. Regina pôs a mão para trás e puxou os laços, mas ele a afastou com um tapa. Puxou os laços, amarrou-os de novo e a fez virar-se. Ela quase ofegava de ansiedade.

— Relaxe, Regina. É só um dilatador anal — tranquilizou-a.

— Não vai machucar você. Você só vai sentir uma sensação estranha até que se acostume.

Ele devolveu a taça de vinho e ela a acabou num gole.

— Quer que o tire?

— Sim — respondeu.

— Então o farei. Quando você me fizer gozar.

Regina o olhou com curiosidade. Pretendia que mantivesse relações com ele assim?

Sebastian desabotoou as calças e deixou que caíssem ao chão, em seguida abaixou os bóxers brancos. Seu membro estava duro. Ela se perguntou quando tinha começado a ficar ereto. Quando ele entrou no quarto? Quando tinha visto seu bumbum exposto, tal como ele tinha planejado, naquele traje? Quando ele tinha metido aquele objeto duro dentro dela?

— Ajoelhe — ordenou.

E então Regina ficou sabendo como ele queria que o fizesse gozar.

— Nunca fiz isto antes — advertiu, enquanto se colocava na posição.

— Fico feliz por você me dizer. Já sabe que eu não gosto de surpresas. Iremos devagar. Lambe-o como se fosse um sorvete, um que estivesse derretendo — indicou.

Ela colocou as mãos nos quadris e fez o que ele pedia. Pôde cheirá-lo e saborear o doce toque salgado de sua pele e a intimidade esmagadora desse ato bastou para que esquecesse a pressão no traseiro.

— Agora enfia isso na boca — disse ele, enquanto fechava as mãos no seu cabelo.

Regina o rodeou com os lábios e Sebastian apoiou uma mão por debaixo do queixo. Com uma leve pressão, indicou que deslizasse a boca para frente e para trás.

— Use a língua — disse e ela se concentrou em deslizá-la por todo o comprimento de seu membro enquanto o acariciava com os lábios.

Um estranho som veio dele e a excitou tanto como teria feito qualquer carícia. Moveu-se mais rápido e em seguida seus movimentos já não controlavam o ritmo, mas sim eram feitas com as investidas da pélvis dele entrando e saindo de sua boca.

Quando pensou que ia afogar se, Sebastian se deteve e a boca dela se encheu de um fluido salgado e quente. Sobressaltada, tragou instintivamente e então se separou para poder cuspir o resto. Tossindo envergonhada, cobriu a boca e lhe deu as costas.

Sebastian deitou no sofá macio, puxou-a para seu lado e a abraçou.

— Foi incrível — disse. E de repente tudo estava bom, melhor que bom. Ele beijou seu cabelo.— Agora vou cumprir minha parte do trato — acrescentou— Deite-se de bruços sobre o sofá.

Regina tinha esquecido do dilatador anal, mas agora que o mencionava, voltou a ser consciente da pressão, mais suave agora, mas sem dúvida presente. Deitou-se como ele pediu e apoiou o rosto na curva do braço.

— Abra as pernas — ordenou Sebastian. Quando o fez, em vez de tirar o dilatador anal, sentiu seus dedos deslizarem por debaixo dela indo para frente para esfregar o clitóris. Enquanto a acariciava com uma mão, retirou-lhe o dilatador com a outra. A justaposição de sensações confundiu seu corpo e, quando introduziu um dedo no ânus, provocou-lhe um espasmo de prazer.

Quando o orgasmo acabou, ficou quieta. Ouviu-o levantar-se e caminhar pela sala.

— Regina — disse quando retornou. — Se levante.

Com pernas trêmulas, conseguiu ficar em pé, embora teve que esticar o braço para ele para que a ajudasse. Uma vez em pé, Sebastian se agachou e desabotoou os sapatos. Regina os tirou aliviada e viu que levantava seu vestido. Desabotoou o espartilho e lhe entregou a peça. Regina ficou impaciente e quando o algodão suave cobriu seu corpo, sentiu-se como se estivesse envolta em uma manta quentinha.

Sebastian a rodeou com o braço e a levou de volta para o sofá. Regina se sentou e ele se acomodou a seu lado.

— Tenho algo para você — disse e estendeu-lhe uma caixa azul esverdeada, envolta com um laço branco.

Ela reconheceu o pacote. Era da Tiffany'S.

Desfez o laço com cuidado e abriu a caixa. Dentro encontrou uma corrente de ouro com um pequeno cadeado também de ouro pendurado, com as letras gravadas T & CO e o ano 1837. Era elegante e bonito, algo que Carly usaria sem problemas, mas totalmente diferente de alguma coisa que ela pensaria em usar.

— É bonito — disse, quase temendo tocá-lo.

Sebastian o tirou da caixa e o pendurou em seu pescoço.

— Vem, Olha.

Pegou sua mão e a levou até um espelho.

Ele ficou atrás dela, com as mãos em seus ombros. Seus olhos se encontraram no espelho e Regina ficou espantada pela intensidade de seu olhar.

— Sabe o que significa isto? — perguntou.

Estava prestes a reconhecer que não, que não sabia. Mas então recordou as palavras de Carly: "Conheci uma garota que usava uma coleira... como uma de cão. Disse-me que, na comunidade, isso indicava a outros que tinha um dono...".

— Sim — sussurrou.

— Diga-me — ordenou.

— Significa que sou tua — respondeu.

— Exatamente — assentiu em voz baixa— Sua buceta é minha e sua bunda, e seus seios... para eu fazer o que quiser, quando quiser, onde quiser. — Como se desejasse dar mais ênfase a suas palavras, rodeou-a com os braços e lhe tocou os seios, então abaixou a mão e a fez estremecer. — Agora o seu corpo é mais meu do que teu, você entende?

Regina concordou com os olhos fixos no espelho, no pingente. Sebastian a fez virar-se e beijou-lhe a testa delicadamente.

— Tenho outra coisa — acrescentou em voz baixa.— Espere aqui.

Desapareceu pelo corredor e retornou com outra caixinha. Essa era preta e levava um laço também preto. Entregou-a e, sem fazer nenhuma pergunta,

Regina a abriu. Dentro encontrou um pequeno objeto de aço inoxidável em forma de lágrima grande, com uma pequena base plana. Olhou para Sebastian confusa.

— É um dilatador para seu bumbum. Seu rosto ruborizou e ela fechou a caixa.

— Leva-o sempre com você. A qualquer momento mandarei uma mensagem para você pedindo que o introduza. E quero que o faça. Além disso, terá que usá-lo em todas as reuniões na biblioteca. Comprovarei que esta usando-o depois de cada uma delas, para me assegurar de que obedece minhas instruções. Se não o fizer, será severamente castigada.

Ele sorriu e acariciou o cabelo dela.

Regina se surpreendeu ao perceber que suas palavras a deixou molhada.

— O carro está esperando lá embaixo para levar você para casa.

CAPÍTULO 24

Pela manhã, o primeiro pensamento da Regina foi para o pingente. Suas mãos subiram ao pescoço, buscando-o, enquanto se perguntava se tinha sido um louco sonho erótico. Mas não, o pingente estava ali, sentiu seu peso sobre a clavícula e isso a reconfortou lembrava-lhe a realidade de que era escrava sexual de Sebastian: um símbolo de seu próprio desejo e de si mesma como objeto de desejo.

Era como se o mundo pudesse vê-la. Pela primeira vez, os homens a olhavam descaradamente quando caminhava pela rua. Não acreditava que tivesse um aspecto diferente, fisicamente falando; era mais como se pudessem perceber a paixão que fervia no seu interior, como se pudessem sentir a luxúria que a acompanhava por toda a parte.

Levantou-se da cama, com a euforia persistente da satisfação sexual. E então lembrou que era seu aniversário e que iria encontrar-se com a sua mãe.

Era quase meio-dia e levava horas ordenando alfabeticamente as devoluções quando foi interrompida pela visita de Margaret.

— Eu fui te buscar no balcão de empréstimos e me disseram que foi transferida para cá — comentou a mulher. Naquele dia, usava óculos com lentes tão grossas que seus olhos pareciam hipnotizados. — O que você fez para ser exilada assim?

Regina sorriu.

— Não sei por que, mas consegui obter o lado ruim de Sloan. Margaret suspirou.

— Essa mulher é uma tirana. Você trouxe o almoço? Eu pensei que poderíamos nos sentar nas escadas. Hoje não faz muito calor.

Era verdade, seu aniversário tinha levado embora a primavera. O céu estava limpo e não havia umidade.

— Eu adoraria — disse com um sorriso.

Colocou a mão debaixo da mesa e pegou o sanduíche de geleia e manteiga que levava no saco de papel marrom. Quando se agachou, o cadeado lhe golpeou o pescoço. Usava-o escondido sob a blusa e quase esqueceu dele.

Encontraram um lugar no alto da escada. Regina levantou o rosto para o sol. Pensou no primeiro dia que sentou nesse lugar, o primeiro dia que viu Sebastian. Se não fosse o jantar que teria com a sua mãe esta noite, quase seria feliz. Perguntou-se se ela já teria escolhido o cardápio quando a mulher começasse a fazê-la se sentir culpada.

— Quanto tempo mais terá que ficar no balcão de devoluções?

— perguntou Margaret.

— Não sei — respondeu Regina enquanto desembulhava o sanduíche.

Ela havia passado geleia e escorria do pão. A senhora balançou a cabeça.

— É uma pena que você chegou aqui numa época tão ruim. Posso ver que sente paixão por isso.

— Oh, é só a Sloan dando uma de chefinha. Não me preocupa. Posso esperar que passe.

Margaret negou com a cabeça enquanto pegava uma uva da salada de frutas que levava numa marmita de plástico.

— Não é só Sloan Caldwell, embora, em minha época, uma mulher como essa nunca teria levado o cassete. Mas hoje em dia tudo que importa é o dinheiro. Todo o sistema se está vindo abaixo. Todas as bibliotecas estão perdendo financiamento e o apoio dos políticos, que não compreendem o que fazemos. Luisiana perdeu os recursos estatais. As bibliotecas estão fechando, corte de pessoal, diminuindo as horas. Nunca pensei que veria isto.

— O que quer dizer com que Sloan não estaria levando o cassete?

— Ela não ganhou o posto. Seus pais estavam na comissão. Ainda hoje seguem fazendo grandes doações. Eles compraram-lhe o trabalho.

"Interessante", pensou Regina.

— Se só está fazendo isto porque foi um trabalho fácil de conseguir, então provavelmente não fique muito tempo. Parece bastante absorta nos preparativos do casamento. Possivelmente o deixe quando der o sim.

— Como eu disse, pessoas como Sloan Caldwell é apenas parte do problema. Todo o futuro das bibliotecas neste país está em perigo.

— Não fala a sério.

Margaret assentiu melancolicamente.

— Infelizmente, sim.

Regina sentiu que a bolsa vibrava. Pegou o telefone.

Vou examiná-la depois da reunião, a uma. Espero que você tenha seguido minhas instruções e levado com você a caixinha preta.

Voltou a colocar o telefone na bolsa. por que Sloan não tinha lhe avisado da reunião? Ou disse e o tinha esquecido? Não era próprio dela esquecer algo assim, mas em vista do tão distraída que ela andava ultimamente, não o descartava de todo. Não soube o que fazer. Se ia à reunião quando não deveria ir, Sloan se zangaria. Mas se perde a reunião quando deveria ir, seria muito pior.

— Tenho que voltar para trabalho — disse.

Colocou o que sobrava do sanduiche no saco de papel e sacudiu as mãos.

— Eu não queria assustá-la — desculpou-se Margaret.

— Não, não é isso. Acabo de me inteirar de que tenho uma reunião e Sloan não me disse nada. Não sei o que está acontecendo.

A senhora concordou com a cabeça, como dizendo: "Viu? Não disse".

Enquanto subia a escada, Regina lembrou que Sebastian mencionou na sua mensagem que não só havia uma reunião, mas também como devia preparar-se para ela. Ela parou e abriu a bolsa, procurou a caixinha preta quase certa de que a levava, mas durante um momento seu coração parou, não estava completamente certa. Quando seus dedos se fecharam sobre ela, suspirou aliviada.

Notando o ambiente frio do vestíbulo pelo ar condicionado, ela ficou arrepiada. Com um estremecimento, pensou no segredo que só Sebastian e ela compartilhariam durante a reunião e, com a caixinha ainda na mão, sorriu.

Regina entrou na Sala de Reunião e quando Sloan a olhou com visível irritação, soube que tinha cometido um engano ao participar da reunião, mas já era muito tarde para voltar atrás. Sem saber onde sentar-se, ocupou um lugar duas cadeiras depois da sua chefe.

Percorreu a sala com o olhar, mas não viu o Sebastian. Ela se mexeu desconfortavelmente no seu assento, o dilatador de metal que tinha posto tornava improvável que pudesse permanecer sentada durante toda a reunião. Ainda não podia acreditar o que acabava de fazer. Ela tinha se trancado no banheiro, abaixou as calcinhas e lentamente colocou o objeto no bumbum. Deixando de lado sua apreensão mental, o ato físico tinha sido surpreendentemente fácil.

— Sloan quer que você se sente a seu lado — disse-lhe Lesley Byrd, um dos membros mais antigo do conselho.

— De acordo — concordou Regina.

Ela se levantou e trocou de lugar. Sloan a observou com um olhar assassino. Quando se sentou a seu lado, inclinou-se para ela e sussurrou:

— Não a convidei para esta reunião.

— Sinto muito. Eu ouvi que havia uma reunião e pensei que talvez a tinha esquecido. Não sabia o que fazer. Achei que o melhor seria vir.

Justo nesse momento, Sebastian entrou na sala. Regina sentiu que o ânus contraindo de maneira automática ao redor do dilatador. Ele a olhou diretamente e o fato de que ele soubesse o que estava acontecendo dentro de suas calcinhas fez que se sentisse muito excitada. Sloan foi esquecida e o desconforto físico também, nesse momento estava presa no seu joguinho com Sebastian. Esse mundo, seu mundo de sombras com ele, tomou o poder.

— A reunião de hoje será breve — anunciou ele, de pé na cabeceira da mesa. — Sabem que têm dez dias para me dar seu voto para os candidatos ao prêmio, assim estamos num compasso de espera. Mas Lesley precisa falar das arrecadações de fundos para o inverno. Lesley, são todo seus.

O homem lhe dedicou um amplo sorriso.

— Obrigado, Sebastian.

Olhou seu caderno de notas antes enumerar sua lista de pontos importantes para a arrecadação de inverno. Suas palavras se converteram em som de fundo. A única coisa que Regina pensava era na pressão que sentia no bumbum, nisso e no esforço colossal que tinha que fazer para não olhar para Sebastian enquanto sentia em todo momento como Sloan a vigiava com atenção.

Como se estivesse escravizada pela pequena peça de metal no seu interior, sua mente seguia absorta na noite anterior. Imaginou os dedos do Sebastian no seu clitóris, como os tinha movido em sintonia com o duro objeto no bumbum, fazendo que seu corpo alcançasse uma sensibilidade deliciosa. Pensou em como se sentiu quando ele tirou o dilatador e que faltavam poucos minutos para que voltasse a sentir esse doce alívio.

Quando ouviu que Lesley dizia "E finalmente...", permitiu-se olhar para Sebastian, mas ele estava escutando ao homem com aparente concentração. Observou como suas mãos se apoiavam sobre um caderno de notas e se remexiam.

Quando todo mundo se levantou e pegaram suas notas, Regina soube que a reunião tinha terminado. Ao levantar-se, sentiu que mudou a pressão no bumbum.

— Volta para o balcão de devoluções — ordenou Sloan. — Não desperdice mais o tempo hoje.

Regina se sobressaltou.

— O que? — se entreteve procurando Sebastian com o olhar.

— Preciso que deixe a Regina durante alguns minutos

— ele comentou, e ela se deu conta que ele estava bem atrás dela, enquanto o resto dos membros do conselho se dirigiam à porta.

— De jeito nenhum — respondeu Sloan sem nenhum rastro da habitual jovialidade com que se dirigia a ele. — Já roubou bastante do seu tempo. É uma empregada remunerada, não uma voluntária.

— Eu não estou pedindo — replicou tão baixo que quase foi um sussurro.

Regina viu que, durante um fugaz momento, algo passou pelo rosto de Sloan, algo complicado e indecifrável.

Depois de fulminá-la com um olhar, sua chefe partiu. Regina olhou para o Sebastian de maneira inquisitiva, mas ele estava ocupado fazendo sair aos últimos retardatários. Então ele fechou a porta com a chave.

— Talvez eu deva ir...

Sem dizer nada, atravessou a sala e a fez inclinar-se sobre a mesa. Desabotoou a saia e a jogou no chão, em seguida puxou as calcinhas até os tornozelos.

— Abra as pernas — ordenou com a voz cheia de desejo.

Nesse instante, Sloan e tudo o mais foi esquecido. Regina obedeceu e foi premiada com a ardente sensação do dilatador ao ser retirado. Entretanto, sua ausência a deixou sem fôlego, desejosa de que voltassem a enchê-la. Sebastian a manteve nesta posição, deslizou uma mão por baixo e acariciou o seu clitóris com o polegar. Regina mordeu o lábio para evitar gemer e então ele parou de tocá-la. Ele continuou com uma mão apoiada na parte baixa de suas costas. Ela se contorcia incapaz de ficar quieta. Ouviu um som, mas se sentia desorientada pela necessidade de desfrutar da pressão de suas mãos sobre a pele, no seu interior. Somente quando acreditava que não poderia suportar mais, ele abriu-lhe as pernas ainda mais com as palmas das mãos e, com uma rápida investida, encheu-a por completo.

— Oh! — ela gritou, enquanto tentava segurar-se na mesa. Sebastian ficou quieto uns segundos, enquanto sua ereção inchada a dilatava. Então, devagar, investiu uma e outra vez enquanto a segurava pelos quadris. Regina sentiu que se perdia nesse ritmo, esqueceu de onde estava, incapaz de pensar em nada mais que na pressão que

aumentava na sua pélvis. Começou a gemer de maneira incontrolada e se estivesse minimamente com a cabeça no seu lugar teria ficado preocupada que alguém a pudesse ouvir. Mas todas as terminações nervosas do seu corpo estavam centradas no prazer. Quando chegou o orgasmo, tremeu como uma convulsão.

As fortes mãos do Sebastian a seguraram nessa postura até que acabou e, então, para sua surpresa, saiu devagar dela e a fez virar-se.

— Chupe — ordenou.

A palavra foi chocante e excitante e Regina se ajoelhou sem vacilar. Meteu o seu pênis na boca, surpreendida pelo sabor ácido de seus próprios fluidos. Mesmo assim, não deixou que isso a detivesse e moveu a língua por todo seu membro, envolvendo-o com a boca, repetindo a sequência até que arrancou-lhe um gemido.

Sebastian recuou.

— Levanta — ordenou com a voz forte.

Ele a ajudou a ficar em pé e a subiu na mesa, de barriga para cima. Abriu-lhe as pernas com o joelho e subiu em cima dela. Ele afundou dentro dela com ímpeto e iniciou um ritmo frenético que era quase violento.

Regina se surpreendeu ao descobrir que seu próprio prazer aumentava de novo, seu sexo reviveu como se o tivessem posto em pausa. Quando Sebastian gritou e ela sentiu as vibrações de seu orgasmo, uma nova onda de prazer a invadiu.

Depois, sentiu como se retirava de seu interior, mas não se moveu até que ele a ajudou a se levantar com delicadeza. Viu que tinha o rosto excitado e que parecia tão jovialmente bonito que quase encheram seus olhos de lágrimas. A enxurrada de emoções foi maior que qualquer experiência física, maior que qualquer coisa que já tivesse sentido em toda sua vida. Esse dar e receber pareciam não ter limites. Perguntou-se se isso seria o amor. A ideia a assustou.

CAPÍTULO 25

— Não posso recordar a última vez que desfrutei de uma refeição completa — comentou sua mãe, enquanto a olhava por cima do cardápio do Kellari, um restaurante grego a duas quadras da biblioteca.
— Não tem sentido cozinhar para uma pessoa sozinha. É bastante desconcertante não te-la perto, Regina.

Ela dedicou um tenso sorriso enquanto percorria o restaurante com o olhar. Era um espaço bonito e acolhedor, de tetos curvados com vigas de madeira. Ela se lembrou que era seu aniversário e que sua mãe estava ali para comemorar com ela.

— Não deveria deixar de cozinhar só porque eu não estou em casa, mamãe. Reduza as porções e faça o que sempre faz.

— Não é a mesma coisa — replicou a mulher.

Cairam num silêncio que só se viu interrompido quando o garçom se aproximou para tomar nota.

— Começarei com a tradicional salada grega — comentou Regina.

— E depois comerei o camarão rosa gigante grelhado

Devolveu o cardápio. O garçom sorriu e olhou com expectativa à mãe de Regina.

— Todos estes peixes são grelhados? — perguntou a mulher, apontando a página do cardápio de peixes.

— Sim, senhora.

— Não sei o que pedir. O que sugere, Regina? Há alguma diferença entre estes peixes? Lavraki... Pompano...? Todos são peixes brancos, não?

— Se quer algo suave... — O garçom começou a recitar a descrição de todos os peixes um a um e Regina soube que o pobre homem estava perdendo o tempo.

— Deixa que escolho por você, mamãe — sugeriu. — Comerá a salada grega para começar e o linguado de Dover.

— Muito bem, senhora.

O homem pegou os cardápios e se retirou.

— Eu pensei que provavelmente me mostraria a biblioteca antes do jantar. Acreditei que essa era a razão pela que tínhamos escolhido um restaurante nesta área.

De fato, no começo Regina tinha planejado levar a sua mãe na biblioteca para acostumar-se. Mas a ideia de que pudessem topar-se com Sloan ou, pior ainda, com Sebastian, a fez mudar de ideia.

— Bom, já sabe, mamãe, eu passo o dia todo trabalhando lá e às seis estou ansiosa por sair.

A mulher assentiu.

— No final das contas, é só um trabalho, não? Não importa o quanto seja impressionante o edifício. Assim depois de tudo, poderia ter ficado na Filadélfia, não acha? Não há nada de mágico em Nova Iorque.

Na hora Regina pensou em Sebastian e corou. Por sorte, sua mãe não percebeu.

— Eu gosto de Nova Iorque. Sinto não ter mostrado a biblioteca. Por que

não troca de planos e em vez de voltar para casa depois do jantar passe a noite aqui e eu a mostro pela manhã?

— Sabe que seria incapaz de dormir aqui, Regina. Muito ruído, toda essa aglomeração de gente...

— Mamãe, não haverá ruído nem aglomerações num quarto de hotel. — De novo pensou em Sebastian e no Four Seasons. Sacudiu a cabeça levemente para limpá-la da mente. — Eu sugeriria ficasse comigo, mas o apartamento é pequeno e minha companheira...

— Tudo bem, Regina. Você me mostra a biblioteca em outro momento.

Mas, como sempre, sentia que estava falhando. A necessidade que sua mãe tinha dela era entristecedora. Por isso nunca tentou solicitar a admissão em universidades fora da Filadélfia e não foi viver no centro da cidade enquanto estudava na Drexel, mas sim ficou com ela nos subúrbios. E se houvesse uma biblioteca na Filadelfia que pudesse competir com a Biblioteca Pública de Nova Iorque, provavelmente continuaria vivendo ali.

Pensou em como seria diferente se seu pai estivesse com elas ou se sua mãe tivesse saído com outros homens e iniciado um novo relacionamento. Mas era como se depois da morte de seu pai, ela tivesse renunciado a ter uma vida. O problema era que esperava que Regina fizesse o mesmo.

E ela não se deu conta do quanto a havia mimado até esse momento, esse momento em que finalmente tinha um pouco de distância. Se sua mãe tivesse vindo vê-la para tentar fazer que se sentisse culpada e que voltasse para casa, perdia o seu tempo.

O telefone vibrou e ela tentou olhar discretamente.

— O que é isso? Um celular? Você não me disse que tinha um celular novo. Por que tenho que ligar para o apartamento ou a biblioteca se poderia ligar direto para você no seu celular? Qual é o número?

Regina olhou a mensagem.

Estou enviando o carro para busca-la.

Ups.

Regina respondeu.

Não estou em casa.

— Regina, estou falando com você. Qual é o número do celular?

— O que? O... é do trabalho. Eu não posso dar o número.

— A biblioteca que paga isso?

— Sim, exatamente.

Vou ter que ir salvá-la de novo?

Regina respondeu:

Ah, se pudesse! Mas nem você pode me salvar de um jantar com minha mãe.

O garçom chegou com as saladas.

Não me disse que estaria ocupada esta noite. Isso é inaceitável. Vou castiga-la por isso.

Regina cruzou as pernas.

— Está sendo muito rude, Regina.

— Desculpe. — Deixou o celular em cima do guardanapo de tecido que cobria-lhe o colo.

Sua mãe a olhou com receio.

— Há algo que não me está contando? Conheço-te, Regina. Está acontecendo alguma coisa.

— Não está acontecendo nada — respondeu ela rapidamente.

— Está saindo com alguém? Não perca tempo com todas essas tolices. Deixou-me para trabalhar, assim espero que você esteja concentrada no trabalho.

Regina removeu a salada com o garfo.

— Terei que começar a sair com rapazes em algum momento, mamãe. Você conheceu papai quando tinha minha idade. Ou quase.

— E olhe aonde me levou.

Ela não tinha nem ideia do que queria dizer com isso e não queria sabe-lo.

— Vocês dois pareciam felizes, mamãe — insistiu melancolicamente.

— Até que me abandonou.

— Ele não te abandonou. Morreu. Por Deus santo!

— O resultado é o mesmo. Eu estou tentando dizer, é que você tem que cuidar de sua própria vida. Agora você revira os olhos, mas vai agradecer depois. Não se descuide.

Regina estava nua no meio do Quarto, como ela tinha começado a chamá-lo.

Assim que chegou ao apartamento do Sebastian, este ordenou-a que despisse. Ela ficou em pé na frente dele, só com o pingente de cadeado e depois a levou até esta sala. Vendou os seus olhos antes de fazê-la entrar.

Ali estava fazendo frio e sentiu que os seus mamilos endureciam. Ela se perguntou se Sebastian teria notado e se interpretaria como um sinal de excitação.

O certo era que não se sentia excitada. Estava nervosa. Sebastian apenas a tinha olhado quando entrou e não disse nenhuma só palavra depois do seu tenso "Tire toda a roupa". Nesses momentos, embora não pudesse vê-lo, sua fúria era evidente.

— Há um banco comprido aqui, Regina. — O som de sua voz a sobressaltou. — Deite-se de bruços.

Esticou as mãos e tocou uma superfície dura, mas que parecia estofada em couro. Meio sem jeito, deitou-se nele.

— Deixe os braços ficarem pendurados ao lado — ordenou Sebastian. — Agora feche as mãos e as passe por debaixo do banco até que se toquem.

Fez isto e imediatamente sentiu que a atava com uma espécie de algemas de um material suave mas firme.

— Mantenha as pernas retas ou terei que atá-las também. E, acredite, não vai querer que o fizesse.

O coração descontrolou. Sebastian rodeou o banco, seus passos soaram pesados e lentos. Regina tentou recordar-se que aquele era o homem que lhe

dava um prazer físico tão intenso, que fosse o que fosse que acontecesse, o prazer o seguiria. E então veio o mais estranho pensamento à cabeça: se alguém oferecesse-lhe pular essa parte, ir diretamente ao prazer, faria isso?

— Você me disse que entendia o que o pingente significava — disse ele.

— Eu sim...

— Não fale, a não ser que eu peça isso. Disse-me que compreendia o que o pingente significava: minha posse e sua obediência. É inaceitável que não esteja disponível para mim. Que não me informasse da visita de sua mãe é algo intolerável. Compreende?

Regina permaneceu em silêncio.

— Bem. Agora vai receber o seu castigo.

CAPÍTULO 26

Sentiu todo seu corpo tenso e soube que o que aconteceria a seguir não seria tão ruim quanto a antecipação. Apertou o bumbum, porque odiava te-lo tão exposto.

Foi surpreendida por um som alto, como um explosivo. Voltou a ouvi-lo e se deu conta de que era alguma coisa que batia no chão a alta velocidade. E então sentiu que o seu bumbum era golpeado causando-lhe uma dor rápida e aguda que não se parecia com nada que tivesse sentido até o momento. Ofegou e voltou a senti-lo, tão rápido que mal teve tempo de recuperar-se do primeiro golpe. E outra vez.

— Quer que eu pare, Regina? Pode falar.

— Não, — respondeu.

— Boa garota.

E outra vez. Sua mente acelerou, tentando descobrir o que estava acontecendo e se deu conta de que devia estar usando algum tipo de chicote. A ideia fez que a dor piorasse.

Sebastian a golpeou mais duas vezes.

Ela engasgou, incapaz de permanecer em silêncio. Preparou-se para mais, mas não aconteceu nada. Ficou tensa esperando, a pele do bumbum e da parte posterior das coxas ardia.

— Eu vou te dar um tempo para pensar no que fez de errado. Então ouviu-o saindo do quarto.

Saber que não estava ali para golpeá-la não fez que relaxasse. A solidão e

não saber quando retornaria eram sensações tão ruins como a dor física, possivelmente pior.

A ardência na pele reduziu levemente, mas sabia que quando se movesse, retornaria com toda a intensidade. Embora, no momento, era mais consciente da tensão nos ombros e braços. Virou a cabeça para o outro lado para que não retesasse o pescoço. Desejou poder ver o que cercava-a naquele quarto. Se havia móveis ou o que quer que houvesse, teria alguma pista do que aconteceria no futuro. Mas provavelmente era isso o que Sebastian não queria.

Voltou a colocar a cabeça na posição anterior. Moveu as pernas. Sua mente divagou e imaginou o que poderia fazer mais tarde, depois do Quarto. Usaria a língua? As mãos? Será que a excitaria antes de oferecer seu membro?

A porta se abriu. Regina se esticou. Teria que suportar mais o Quarto? Se ele tivesse continuado, ela teria aguentado. Mas agora, depois de ter parado, custaria a se concentrar, porque seu corpo já estava pedindo a gritos para foder. Era embaraçoso, mas certo. Se deslizasse as mãos entre as suas pernas, sentiria que estava úmida, sem nenhuma dúvida.

E então notou suas mãos, mas não no seu sexo. Sebastian esfregou com delicadeza as zonas sensíveis da pele que tinham sido castigadas. Liberou os pulsos e, quando a ajudou a se levantar, sentiu-se tonta. Apoiou-se nele com os olhos ainda vendados e saiu cambaleando a seu lado no corredor. Ouviu que fechava a porta e sentiu que suas mãos se moviam por atrás de sua cabeça e desatava a venda.

Regina virou-se para olhá-lo. Tinha os olhos escuros brilhantes, as bochechas coradas. Ele pegou o rosto entre as mãos e a beijou nos lábios com ternura. Regina abriu a boca para ele e grudou o seu corpo ao dele. Descaradamente, pegou-lhe a mão e a colocou entre as pernas.

— Espera — sussurrou e a levou até o quarto, onde, com delicadeza, ajudou a deitar-se na cama.

Ela estendeu a mão para ele.

— Relaxe — disse ele.

Regina observou como se despia e sua excitação aumentava. A visão de seu membro deu vontade de usar a boca com ele. Pensou em dizer-lhe, mas não se atreveu a dizê-lo em voz alta.

Sebastian deitou ao seu lado e percorreu com a mão do rosto até os seus seios. Colocou um mamilo na boca e sugou com delicadeza. Ela se contorceu ao sentir a familiar palpitação entre as pernas. Descendeu até o umbigo deixando um rastro de beijos até que a boca se abateu sobre seu sexo. Sentiu o calor de seu fôlego e então a grata pressão de sua língua sobre o clitóris.

— Sebastian — gemeu e o agarrou seu cabelo.

Abriu ainda mais as pernas e levantou a pélvis. Estava sendo descarada e não se importou. Ele moveu a língua sobre ela, provocadora, leve e ligeira como as asas de uma borboleta. Regina cravou os calcanhares na cama. Justamente quando parecia que não poderia suportar mais, enfiou a língua no seu interior.

— Sim — exclamou ela presa a sua boca, moveu-se com ele enquanto ele fodia-a com a língua.

Quando acariciou o seu clitóris com o polegar, o prazer a atravessou com força, tão intenso que competiu com a dor do chicote. Sentiu que todo seu corpo se esticava, então a liberação com o explosivo orgasmo quase a fez derreter-se.

— Vire-se — ordenou e, uma vez que estava de bruços, fez a ficar de joelhos, de quatro.

Acariciou o bumbum com a palma da mão e logo o abriu. Regina resistiu ao impulso de perguntar o que estava fazendo e então ele disse:

— Vou te foder por aqui.

— Por onde? — perguntou ela.

Então ouviu que pegava a camisinha e alguma coisa mais. Sebastian enfiou o preservativo e começou a lubrificar o ânus com algo frio, como geleia. Ia dizer que não era boa ideia, que não funcionaria, mas como tudo que ele tinha feito, disse-se que seguiria até onde o fosse possível sem detê-lo.

— Relaxe — disse ele e Regina repetiu mentalmente a ordem.

Ela sentiu a pressão de seu pênis, que quase abriu seu caminho forçando por onde ela achava que não poderia avançar. De algum modo, seu corpo, que apenas tinha deixado de vibrar pelo orgasmo, resultou surpreendentemente flexível. Estava dentro dela e era estranho, mas não insuportável. Não sabia o quanto ele introduziu e teve medo de perguntar se por acaso a resposta era que ainda não tinha acabado. Porque sentia que não poderia suportar mais. E, no entanto, o membro dele seguiu avançando sempre muito lentamente. Sebastian deslizou a mão para frente para acariciar seu sexo e então seu corpo lhe permitiu avançar mais.

— Está bem? — perguntou.

— Sim.

Começou a mover-se ritmicamente no seu interior, com delicadeza. A sensação era estranha, nem boa nem má. Era como se seu corpo estivesse confuso, pego entre sinais de prazer e dor. Com cada investida, a cada segundo que passava, sentia que poderia ir a uma direção ou outra. Mas de alguma forma, os movimentos calculados de Sebastian a mantiveram aí, bem no centro das duas sensações opostas. Prazer, dor, prazer... até que seu sexo foi acariciado com a mão para assegurar-se de que a balança caía na direção certa.

— Regina — sussurrou e então emitiu um som que não tinha ouvido até esse momento e investiu com mais força.

Ela mordeu o lábio, dizendo-se que não iria mais rápido. Mas o fez e justamentete quando tinha alcançado seu limite, Sebastian gritou e, embora não sentiu seu orgasmo do mesmo modo que sentia normalmente, percebeu a intensidade de sua liberação. Saiu de seu interior devagar e os dois ficaram deitados de barriga para cima, um ao lado do outro, respirando com dificuldade.

— Não tinha planejado fazer isto — reconheceu. — Mas ao ver você... te desejo tanto... desejo tudo de você, de todas as formas possíveis. E sinto que não consigo-o nunca. Nunca sinto que tenho o suficiente.

— Você diz como se fosse algo ruim — replicou Regina, enquanto pensava que ela também se sentia como se nunca tivesse bastante dele.

— Não é ruim — comentou. — É que não é ao que estou acostumado.

Atraiu-a para ele e a estreitou com tanta força que pareceu que não a soltaria nunca.

— Por que você não me disse que sua mãe vinha visita-la? — perguntou Sebastian.

Regina estava deitada sob seu pesado edredom, aconchegada com a cabeça apoiada no seu ombro.

Era de madrugada, ou na primeiríssima hora da manhã, para ser mais exatos. Regina tinha dormido um pouco e, quando despertou, descobriu que ele a abraçava. Sebastian disse que voltasse a dormir, mas ela respondeu que despertou.

— Uma vez que durmo, se voltar a despertar, demoro no mínimo uma hora a voltar a pegar no sono.

Sebastian disse que ele também ficaria acordado. Para Regina este gesto de intimidade a surpreendeu e não estava segura de como interpretá-lo. De algum modo, sentia que a intensidade do sexo que tinham compartilhado os tinha aproximado mais, embora só fora por essa noite.

— Nem me ocorreu te dizer que minha mãe viria me ver— respondeu com sinceridade. — É algo tão... afastado dessa parte da minha vida.

— O que eu disse foi a sério; quero saber tudo de você.

Regina não pôde reprimir um sorriso, embora tampouco soubesse como interpretar essa afirmação. Era outro modo de exercer seu controle? Ou um sinal de que desejava mais de uma relação?

— Como o que? — perguntou.

— Começa com sua mãe. Como é? O que fez com ela esta noite? Regina sabia que o problema importante e óbvio que se enfrentavam era por que sua mãe tinha vindo visita-la. Se não dissesse que era seu aniversário e ele o descobrisse mais tarde, ficaria furioso. Odiou dizê-lo, como se fosse algo importante ou ele tivesse que preocupar-se.

— Saímos para jantar porque é meu aniversário — reconheceu. Sebastian se ergueu sobre os travesseiros e ela se moveu para erguer-se a seu lado.

— Hoje é seu aniversário?

— Bom, tecnicamente, foi ontem.

— Se soubesse que estava me escondendo essa informação, teria recebido mais dez chicotadas — advertiu, embora sorrisse ao dizê-lo.

— Não é para tanto — respondeu ela.

— Serei eu quem decide isto. Embora não há muito que possa fazer a respeito no meio da noite ou já quase de manhã. Então, sua mãe veio à

cidade por seu aniversário. São muito unidas?

Regina vacilou um momento.

— Sim — reconheceu. — Suponho.

— O que significa isso?

— Bom, em casa estamos só nos duas. Meu pai morreu de um ataque ao coração quando eu tinha oito anos. Assim é obvio que estávamos unidas. Mas agora que estou longe dela e que começo a ver as coisas de uma certa distância, acredito que ela dependia muito de mim.

— Continua sendo assim?

— Mudei para Nova Iorque, assim... não. Não estou mais disponível para minha mãe como estava antes. Mas acredite, sinto-me culpada por isso. Sinto-me culpada todos os dias.

— Não deve — afirmou com uma veemência que a surpreendeu.

— Não posso evita-lo. Lembra quando me perguntou por que não tinha um celular? Disse a você que não queria te-lo ou algo assim. Mas o certo é que não quero que ela possa me chamar a qualquer momento. Disse a mim mesma que me desfazia do telefone para economizar dinheiro, mas na realidade tentava me desfazer dela.

Sentiu que começava a tremer.

— Regina — disse ele e beijou-a na testa. — Está tudo bem. Os pais podem ser... Bom, faz mais de dez anos que não falo com meu pai.

Ela se afastou um pouco para poder olhar para ele. Tinha um olhar ausente.

— Não? Por que não?

— Tivemos uma briga — respondeu num tom de voz que não animava a continuar a falar disso.

— E sua mãe?

Vacilou um momento, apenas o suficiente para que Regina não o notasse. Mas notou-o.

— Morreu quando eu estava na universidade — respondeu se erguendo de uma vez. Imediatamente, ela lamentou ter feito essa pergunta, porque desejava que a abraçasse de novo. Depois de um breve silêncio, Sebastian se virou e perguntou: — De quem herdou esses grandes olhos azuis?

Regina sabia que estava mudando de assunto de propósito e cedeu com um leve sorriso.

— De meu pai.

— Eu queria que me deixasse te fotografar. Mata-me que não me deixe.

Agora foi ela que se afastou.

— Já te disse isso, odeio ser fotografada. De qualquer forma, desde quando me pede permissão para fazer alguma coisa?

— Fotografar alguém é muito similar a dominá-lo: se a outra pessoa não estiver disposta, os resultados são bastante terríveis.

Regina assentiu. Gostaria que pudesse dizer-lhe que desejava tentar, mas não podia. Agora foi ela que mudou de assunto.

— E a quem você se parece? — perguntou.

— A mim mesmo — respondeu e a beijou.

— Falo a sério — disse, separando-se. — Não me obrigue a procurar no Google — brincou.

O rosto do Sebastian se escureceu.

— Se houver algo que deseje saber, não posso impedir que bisbilhoteie.
Mas a única que precisa saber sobre mim é que te adoro.

Voltou a abraça-la e Regina não disse nenhuma palavra mais. Sua adoração era tudo o que precisava. Ao menos no momento.

CAPÍTULO 27

Regina viu a mensageira tatuada no outro extremo da sala. A garota foi direto ao balcão de devoluções fazendo bolas com o chiclete.

— Trocou de lugar — comentou.

— Sim — assentiu.

— Mas encontrei você do mesmo jeito — afirmou ela.

— Isso parece.

— Isto é para você. E preciso que assine.

Regina pegou a grande caixa preta envolta com um amplo laço de cetim branco e deixou-a no chão. Assinou a folha que a garota lhe entregou e esperou que ela partisse.

— Há algo mais? — perguntou Regina.

— Parece que tem que me dar algo para entregar a ele.

— Do que está falando?

— Não sei — respondeu a garota e fez estalar a bola tão forte que alguns visitantes da biblioteca olharam-nas. — O cara disse que quando abrisse a caixa entenderia.

— Oh, Senhor! Tem que sair. Não quero que minha chefe veja isto.

— Esse cara dá umas gorjetas muito boas. Não irei.

— Bem. — Regina suspirou, desatou o laço e abriu a caixa.

Dentro, sob uma nuvem de seda branca, encontrou uma reluzente bolsa preta Chanel de couro acolchoado, com o grande logotipo do duplo C de cada lado. As argolas douradas tinham couro onde deviam descansar no seu ombro. Havia uma nota presa a ele.

Minha queridíssima R:

Feliz aniversário. Odeio chegar tarde, mas neste caso nós dois sabemos que não tive muita escolha. Espero que o presente te pareça útil. E como não desejo deixar isso ao acaso, dei instruções à pessoa que está entregando isso que recolha essa horrível bolsa de lona que usa e que me traga isso. Na Chanel me asseguraram que esta bolsa é mais que suficiente para carregar todos seus livros.

Dentro do bolso interior está sua chave do apartamento do Four Seasons. Sua roupa para esta noite e seu verdadeiro presente de aniversário estarão te esperando ali quando acabar de trabalhar. Até então, S.

— Podemos ir mais rápido com isto? — pressionou a mensageira. Regina tinha esquecido que ela estava ali.

— OH, sim... — respondeu.

Pegou a desgastada bolsa OldNavy e esvaziou o conteúdo no chão, a seus pés, para que a garota não pudesse ver o que estava fazendo. Em seguida a entregou. Sentiu uma pontada de nostalgia por sua velha bolsa, embora sem dúvida não o merecesse.

— Isto é o que acredita que devo entregar? — perguntou a mensageira

enquanto sustentava a bolsa como se pudesse ser infeccioso.

— Sim — respondeu Regina.— Isso.

Regina e Margaret encontraram uma mesa no Bryant Park, uma exuberante extensão de grama verde de trinta e seis quilômetros quadrados, com quiosques de comida, mesas e cadeiras, e inclusive um carrossel, tudo situado entre a Quinta e a Sexta Avenida, no limite oriental da biblioteca.

— Isto é tão maravilhoso. Por que não viemos comer aqui antes?

— perguntou Regina.

Sem dúvida era maravilhoso e seria ainda mais se a cadeira de metal não lhe cravasse no seu ainda sensível traseiro.

— Antes era uma jóia. Agora está abarrotado de turistas por todas essas tolices. Festivais de cinema, semanas da moda... Tudo o que pode e não haver. Eu o considerava parte da biblioteca, mas agora não mais.

Embora debaixo de todo este parque se encontram os arquivos subterrâneos.

— Arquivos da biblioteca? Não pode ser.

— Sim — assentiu Margaret enquanto abria a marmita com sua salada de frutas. — Começamos a ficar sem espaço nos anos oitenta, embora já tínhamos mudado muitas coleções a outros edifícios. Assim a solução foi criar milhares de metros quadrados de espaço para armazenagem por baixo do parque. Está conectado com a biblioteca através de um túnel de quase vinte metros de comprimento.

— Assombroso! — exclamou a garota, uma vez que olhava a seu redor. — E esse carrossel é tão encantador.

— Você acredita? Sigo sem poder me acostumar.

— É novo?

— Sim. Construíram-no faz dez anos. — Margaret entreabriu os olhos. — Um pingente interessante — comentou, enquanto contemplava o cadeado da Regina.

— Oh, obrigada — respondeu ao tempo que o tampava com a mão, inibida.

— Sloan tinha um igual — comentou a mulher.

Regina a olhou atônita. Quando foi capaz de voltar a falar, quase gaguejou.

— Nunca o vi.

— Faz muito tempo. Mas antes o levava sempre. Depois deixou de fazê-lo.

Ela demorou abrindo a garrafa de água com a cabeça encurvada, para que o cabelo ocultasse seu ardente rosto.

— Está bem? — interessou Margaret.

— Sim... faz calor aqui fora. Possivelmente comer atum não foi a melhor ideia. Sinto muito.

— Regina, me diga o que acontece.

Ela vacilou um momento, mas a dor que estava sentindo era muito grande para guardar para si mesmo.

— Estive... vendo alguém — disse devagar. Margaret assentiu encorajando.

— E me deu de presente este pingente. Tem um significado para ele... para nós. Também conhece a Sloan e o fato de que ela usasse o mesmo pingente não pode ser uma coincidência.

— Sloan está comprometida e vai se casar. Está dizendo que acredita que ela também está saindo com seu amigo?

Essa ideia fez que revirasse o estômago.

— Não... agora não. Deus, não. Mas em algum momento no passado, possivelmente — levantou-se, sentia-se enjoada pelo calor, o repentino movimento e as espantosas imagens que estavam passando pela sua cabeça.

— Tenho que falar com ele — decidiu.

— Regina, todo mundo tem um passado. Possivelmente seja difícil de compreender com a sua idade, mas tem que ver as coisas em perspectiva. Se é verdade.

— Está certo, talvez. Mas eu não deveria ser informada assim. Ele deveria ter me dito. Não é assim que se supõe que funcionam as relações? Falar sobre as coisas.

Margaret assentiu, reconhecendo que tinha razão.

— Mas Regina, se me permitir isso, se informe dos fatos antes de agir impulsionada pela emoção. Como mulheres, frequentemente esquecemos o quão importante é isso e logo fazemos e dizemos coisas das quais nos arrependemos.

— Se o que estou pensando é certo, e parece que o é, a única que me arrependerei é de me ter metido nesta situação, isso só para começar — replicou ela.

CAPÍTULO 28

Às seis e meia, Regina deslizou o cartão no apartamento 2020 do Four Seasons. Mas essa noite seria a única das instruções do Sebastian que seguiria. Dentro, o ar condicionado gelado a fez estremecer. Fechou a porta a suas costas.

— Olá? — disse, uma vez que entrava no salão. As flores cobriam virtualmente todas as superfícies, rosas, orquídeas, copos-de-leite, todas em vasos de vidro esculpido.

Por uma vez não havia camareira a esperando para ajuda-la a se vestir e isso foi um alívio. Possivelmente Sebastian supunha que já podia fazê-lo sozinha.

Deixou a bolsa Chanel na banquetta cor de cereja da entrada e entrou no quarto. A enorme cama estava cheia de sacolas e caixas envoltas com laços de todas as cores. Regina deu meia volta e retornou ao salão. Sentou-se numa poltrona de camurça e começou a bater o pé no chão ansiosa.

Agora tudo começava a fazer sentido. Sloan arrancando das suas mãos o convite da galeria. Como olhava para Sebastian nas reuniões e como tinha se mostrando cada vez menos tolerante a respeito de qualquer atenção que Sebastian tivesse com ela. Estava claro que não só tinha tido algo com Sebastian, mas também, com ou sem noivo, Sloan ainda sentia algo por ele.

A porta se abriu.

Sebastian entrou e sua surpresa foi evidente ao encontra-la sentada no meio da sala. O assombro no seu rosto foi provavelmente o primeiro momento de descuido que Regina viu nele e em outras circunstâncias esse gesto com toda segurança teria feito que lhe pegasse ainda mais amor. Mas não nesse

momento.

— Por que não está vestida? — perguntou mais alarmado do que irritado.

Claramente, foi bastante inteligente para saber que algo ia mau.

— Estou vestida — replicou e se levantou para atravessar a sala e ficar diante dele. — E vou. Só queria te dar isto.

Colocou o pingente na mão. Ele abaixou a cabeça e a olhou como se a visse pela primeira vez.

— Não entendo — disse.

— Não, sou eu quem não entendia-o. Não dava conta de que o pingente era algo comum entre o pessoal feminino da biblioteca.

Seus olhos brilharam pela compreensão, mas rapidamente lhe dirigiram um sereno olhar neutro.

— Duvido que alguma de suas companheiras do balcão de empréstimos leve esta corrente— afirmou.

— Ah, não ficou sabendo? Já não estou no balcão de empréstimos. fui rebaixada ao balcão de devoluções. Ao que parece, minha chefe não está muito contente comigo ultimamente. Tem alguma idéia por que poderia ser?

— Parece que você sim. Então por que não diz simplesmente o que tem na cabeça, Regina?

— Por que não me disse que tinha dormido com Sloan?

— Não falo de ex-amantes. E foi há muito tempo.

— Maldito seja, Sebastian! Não posso acreditar. Sinto-me tão estúpida... — Sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas e virou-se para que ele não

pudesse as ver. — Estivemos na cama falando durante horas ontem à noite e, mesmo assim, não sei por que, não pensou em mencionar isto?

— Não tem absolutamente nada que ver com você, Regina
— insistiu ele, apoiando uma mão no seu ombro.

Mas ela não se virou. Em vez disso, manteve os olhos fixos nas janelas, das que podia ver o centro da cidade.

— Não me parece isso — sussurrou.

— Foi há muito tempo, Regina. E foi algo breve.

— Estava apaixonado por ela? — perguntou em voz baixa.

— Nunca estive apaixonado. Tudo isto não tem nada que ver com amor.

As lágrimas surgiram mais rápidas, mais do que ela demorava em enxugá-las. O corpo começou a tremer pelo esforço de não chorar. Agarrou a bolsa e passou ao seu lado em direção à porta.

O sofá de Carly estava cheio de lenços amassados e empapados.

— Sinto muito — chorou Regina. — Estou deixando tudo feito um desastre.

Pegou o último lenço da caixa.

Carly se dirigiu ao armário do corredor e tirou outra caixa nova.

— Só precisa vê-lo objetivamente. O que eu disse desde o começo? Divirta-se e não espere mais nada. Olhe, agora tem roupas fantásticas. E jóias. Não posso acreditar que lhe devolvesse o pendente.

Ela negou com a cabeça.

— Não posso me divertir se não há nada mais, se não tem sentido. Posso te perguntar uma coisa? O que aconteceu com você e esse cara que você gostava de verdade? Rob?

— Oh, isso. — Carly soltou o cabelo, o retorceu e voltou a prendê-lo de novo antes de falar: — Ele não queria ter uma relação "exclusiva". A questão é que no começo eu me sentia péssima, mas logo pensei que a melhor forma de enfrentar isso era me mantendo ocupada.

— Com outros rapazes.

— Bom, sim. Dessa forma não pensava nele, nem ficava muito necessitada. Quando estava com outros caras, não me perguntava onde estaria Rob ou o que estaria fazendo. Pelo menos, não tanto como o teria feito se tivesse ficado sozinha em casa. Mas então ele descobriu o Derek e mais outro cara e ficou irradíssimo.

— Mas ele sabia que estava vendo outras pessoas? — Regina decidiu ser mais comedida em vez de ser mais exata e lhe perguntar: "Sabia que estava dormindo com um rapaz diferente a cada semana?".

— Sabia que, em teoria, eu podia ver outros meninos, assim é como ele queria que fosse a nossa relação. Mas quando se deu conta de que eu estava fazendo realmente, ficou louco. Embora ele estivesse saindo com uma garota, Amanda Donovan, que minha amiga Sherry conhece pelo Spence.

— Que hipocrisia! — afirmou Regina.

— Totalmente! Os homens podem atacar a torto e a direita, mas não receber. Assim ele ficou furioso e me disse que acabou.

Soou o interfone.

— Pediu alguma coisa para comer? Porque estou morta de fome
— perguntou Carly.

— Não, — respondeu Regina. — Não pedi nada. — E em seguida, para prevenir-se de que provavelmente seria Sebastian, disse rapidamente: — Não atenda.

Carly assentiu devagar enquanto seguia a direção de seus pensamentos.

— Então, não está em casa? — perguntou, enquanto se aproximava do interfone.

— Exato. Não estou — assentiu Regina. — De fato, nenhuma das duas está.

Sua companheira levantou os polegares e deu as costas ao interfone. Voltou a sentar-se no sofá.

Mas então bateram na porta. As duas se olharam.

— Que merda? — articulou Carly sem emitir nenhum som.

— Alguém lhe abriu a porta — sussurrou ela.

— Sei que está aí, Regina — gritou Sebastian do corredor. Sua voz soou forte, mas calma.

Ela se meteu debaixo da mesa de jantar.

— Que demônios está fazendo? Ele tem visão de raios X? Vá para o seu quarto. Vou dizer a ele que está dormindo.

Regina correu para o quarto e fechou a porta. Em seguida apoiou a cabeça nela e encostou a orelha direita à madeira, mas não pode ouvir nada, porque as paredes eram maciças. Malditas construções anteriores à guerra! Um forte golpe na porta a fez dar um salto para trás.

— Regina, eu não vou até que fale com você.

Maldita companheira de apartamento! Como podia ser tão fácil de usar?

Abriu a porta do seu quarto. Sebastian entrou como se tivesse estado ali dezenas de vezes. Aparentemente, era a única que estava desconcertada ao vê-lo em seu apartamento. Na verdade, parecia que ela estava sonhando acordada.

Ele fechou a porta e ela recuperou o equilíbrio sentando-se na cama de solteiro.

— Este lugar é pequeno — ele comentou. Ela assentiu.

— Regina, me escute. O que aconteceu com Sloan foi há muito tempo. Agora ela está noiva e vai se casar. Já sabe.

Ela voltou a assentir.

— Acho que eu pensei... Para mim isto é tão intenso... Eu achava que era especial. Não sabia que fazia com todas.

A idéia de Sloan no seu apartamento, do Sebastian atando-a, tocando seu corpo nu... dela tocando-o a enojou.

Levantou-se e deu-lhe as costas, mas ele apoiou as mãos nos seus ombros, e a fez virar-se com delicadeza e sentar-se na cama, a seu lado. Então passou os braços a seu redor.

— Regina, o modo como estamos juntos, as coisas nas que ensinei a você, não são exclusivas nossa. Assim é como sou sexualmente. E conheci outras pessoas, mulheres, que são como eu. Existe uma espécie de comunidade — explicou-lhe.

— Uma comunidade — repetiu Regina.

— Sim, a falta de uma palavra melhor. Conheci Sloan através de um amigo que também participava disto.

— O que quer dizer?

— Refiro-me que não são todas as mulheres com quem estou, que introduzo nisto. Conheci algumas que sabem seu papel como submissas, têm seus limites estabelecidos e entramos numa dinâmica fácil que se adapte a ambos.

— Sloan?

Regina tentou visualizar a sua dominadora chefe, arrogante e irritável sendo submissa no quarto. Só podia imaginá-la empunhando o chicote, não se curvando a ele.

— Sim. Nós nos conhecemos através de um amigo em comum, nos divertimos e depois continuamos sendo amigos.

— Amigos — repetiu Regina, aturdida.

— Sim. Acredito que estar comigo, ver meu interesse pela biblioteca, fez que aceitasse o trabalho.

Regina mal podia processar a informação. Era como assistir toda a sua vida em Nova Iorque através de um caleidoscópio que transformava tudo em um milhão de fragmentos de cor.

— Pegou este trabalho por você — disse.

— Não, por mim não. Estava procurando algo que fazer depois que seu cargo desaparecesse na Ralph Lauren. Eu sabia que necessitavam de alguém na biblioteca...

— Bom isso explica muitas coisas — comentou Regina.

Sebastian não mordeu a isca, embora se o tivesse feito, teria lhe dito que era evidente que para Sloan dava valor igual aos livros ou a biblioteca, que para ela era um mero passatempo até o casamento ou até que aparecesse outra coisa.

E então lhe veio outro pensamento à cabeça, um doloroso que a impulsionou a fazer uma pergunta cuja resposta não desejava saber realmente.

— Fotografou-a alguma vez? — perguntou em voz baixa. Sebastian a olhou diretamente nos olhos.

— Sim — respondeu.

Regina fez uma careta de dor, como se a tivesse golpeado. Assim tinham feito algo que ela, Regina, não fez e não poderia fazer, com ele. A sua relação física poderia fazer parte do passado, mas Sloan sempre a superaria nisso. E uma vez que o pensava, e uma vez que já sofria por isso, sabia que era irracional. Mas não pôde evita-lo.

— Deu-lhe a bunda? — perguntou.

— Não fale assim. Não soa bem vindo de você.

— Deu?

— Não, — respondeu.

Ela sentiu-se aliviada. E foi então quando se deu conta de que tudo aquilo não poderia ser nunca só diversão para ela. Não seria capaz.

— Regina, me escute. Estive fotografando mulheres desde os meus dezessete anos. Eu tenho dormido com mulheres desde os quinze. Tive infinitades de amantes, algumas habituais, e outras que conheci através do mundo BDSM, onde um se... envolve mais. Mas nunca senti com ninguém o que sinto quando estou com você. Nunca introduzi ninguém neste mundo.

— Por que não?

— Não quis. E, no começo, quando vi você, tampouco planejei fazê-lo. Pensei que era linda e que parecia um pouco perdida e, não quero ser grosseiro, mas tive um intenso desejo por você como uma conquista. Então

quando falei com você aquele dia depois da reunião dos Lions, soube que não me bastaria com isso.

Ela respirava depressa e sentiu que as lágrimas voltavam.

— E agora o que? — perguntou.

— Agora volta comigo para o Four Seasons e vamos continuar com a nossa noite.

Levantou-se e se dirigiu a penteadeira e começou a brincar com a escova do cabelo.

— Quero dizer, onde é que isto nos leva? Minha chefe me odeia cada vez mais, assim meu trabalho é um desastre. E nós continuamos com a nossa relação física até que alguma nova conquista te chame mais a atenção e eu fique... destroçada.

— Regina, o que é tudo isto? As coisas estão realmente ruim no trabalho? Falarei com Sloan.

— Não! — gritou, enquanto se virava. — Não. Não faça nada.

— Sloan é só uma amiga. Não estive com nenhuma outra mulher desde a nossa primeira noite juntos.

— Não? — O certo era que sua ingenuidade chegava a tal ponto que nem sequer lhe tinha passado pela cabeça a idéia de que pudesse estar vendo outras mulheres.

— Não, — repetiu, como se esse fato o assombrasse. — Não posso. E nem quero fazê-lo. E isso nunca me aconteceu antes — acrescentou.

— Não vê o quanto estou obcecado por você? Assim, a mecânica do que fazemos no meu apartamento, naquele quarto, não é exclusiva nossa. Mas como me sinto em relação a você, sim.

Ela assentiu, tentando processar tudo o que estava dizendo e conciliá-lo

com suas próprias dúvidas e preocupações. E por muito que desejasse fazer o que ele sugeriu, irem juntos e continuar com sua noite, não podia.

— Acho que você tem que ir.

— Por quê?

— Não posso continuar a fazer isto — respondeu. E começou a chorar brandamente.

— Regina — insistiu ele. — Não tem que fazer nada. Mas não vou embora.

Olhou-o assombrada. Apertava a mandíbula, mas seus olhos a fitavam com ternura.

— Não te convidei para ficar — replicou.

— Esta certo, perguntarei se posso ficar. Nem sequer temos que falar se não quiser.

Esboçou um sorriso vacilante. Ela resistiu ao impulso de devolve-lo.

— Eu quero falar — disse. — Mas de coisas que são reais. Este assunto sobre Sloan me fez perguntar o que mais não sei de você.

— Regina, a única coisa que precisa saber de mim: eu estou total e completamente deslumbrado por você.

Não pôde evitar que escapasse um pequeno sorriso, bem pequeno.

— Deslumbrado? Eu nunca tinha ouvido alguém usar esta palavra.

— Eu não sei que de outro modo posso descrevê-lo — admitiu.

— Normalmente, consigo manter minha vida muito bem organizada. Tenho meu trabalho e meus amigos e também minha via de descarga

sexual. O sexo é somente sexo. Mas com você é diferente. Penso em você a todo o momento. Estava tentando fotografar uma mulher a trabalho outro dia e a única coisa que eu conseguia pensar era que se fosse você, eu a faria em preto e branco, e você jogaria os cabelos para trás, para que seus grandes olhos dominassem a imagem. Estou impaciente para ir as reuniões da biblioteca só para ver você do outro lado da mesa na sala do conselho. Sempre está comigo, Regina. E fico pensando que se eu foder com você de novo ou fizer qualquer outra coisa com você, vou estar satisfeito. Mas eu nunca tenho o suficiente de você

— Diz como se fosse algo ruim — observou ela.

— Não é que seja ruim, é que não é o que quero. Sentiu uma desagradável sensação no estômago.

— O que quer?

— Sinceramente? Só a parte do sexo. Só... sexo sem complicações. Regina assentiu devagar, tentando não perder a calma.

— Isso não vai funcionar para mim — admitiu.

Sebastian a abraçou e essa ternura fez com que fosse impossível conter as emoções. Chorou e ele a estreitou mais forte.

— Me deixa ficar com você esta noite — pediu depois de um momento.

Regina assentiu contra seu ombro, molhando sua camisa com suas lágrimas.

CAPÍTULO 29

Como cada manhã, Regina despertou com o alarme de seu despertador, às sete e meia. Mas essa manhã descobriu Sebastian Barnes dormido a seu lado. Ficou deitada enquanto a conversa da noite passada voltava a toda velocidade pela sua mente.

Não tinham saído de seu quarto. Ao final, emocionalmente exausta, ela vestiu uma camiseta de alcinhas, uma calcinha e se meteu debaixo do cobertor. Sebastian se despiu, pendurou sua roupa com cuidado no seu apertado armário e só com os bóxers deitou-se a seu lado. Regina deitou-se olhando para a parede, como habitualmente fazia, e ele se aconchegou nas suas costas. Inclusive quando deslizou a mão por debaixo da camiseta e a deixou apoiada sobre sua fresca pele, ela soube que, pela primeira vez, seu contato não se tornaria sexual.

Sabia que poderia ficar na cama a manhã toda, analisando a conversa e procurando algum indício ou pista que lhe dissesse o que deveria fazer. Mas não encontraria nenhuma.

A contra gosto, passou por cima dele, movendo-se com cuidado, até que pôde apoiar um pé no chão e logo o outro. Deu um pulo quando Sebastian esticou a mão e acariciou seu braço.

— Sinto tê-lo acordado — sussurrou.

— Aonde vai? — perguntou.

— Ao trabalho.

— Não vá — pediu.

— Tenho que ir — replicou. — Alguém tem que fazer.

— Eu também tenho que trabalhar hoje — resmungou, virando. Tinha uma barba por fazer e Regina sentiu o impulso de passar os lábios nela.

— Mesmo?

— Mesmo. Vou fazer umas fotos para W. Gostaria que não tivesse que fazê-lo.

Sentiu uma onda de ciúmes ao imaginar às modelos desfilando em frente a sua câmera, enquanto seus olhos as devoravam e sua mente se centrava unicamente em encontrar o modo de converter sua beleza em arte. Mas não, pensou. Ele disse que quando as olhava pensava nela. Embora isso não importasse, lembrou-se. Queriam coisas diferentes. Ele nunca lhe daria o que necessitava. Essa relação, ao final, só lhe faria mal. Assim, por que não acabar agora com ela?

— Tenho certeza que vai se recuperar — disse, enquanto pegava de uma vez sua toalha do gancho da porta. — Vou tomar banho — acrescentou. — Não quero que esteja aqui quando sair.

Entregou-lhe o iPhone, pendurou a toalha ao ombro saiu.

— Senti a sua falta, Finch. O velho balcão de empréstimos não é o mesmo sem a sua dotada presença para a tecnologia — disse Alex.

— Obrigada... — respondeu Regina.

Estavam reunidos no saguão de entrada, onde tinha sido convocado todo o pessoal para um ensaio da entrega do prêmio dos Young Lions. Margaret era a única ausente. Já havia dito a Regina que não tinha intenção de

participar da festa de gala. "Nunca saio de casa depois das sete e meia da noite. E a festa de gala perdeu seu brio desde que faleceu o senhor Astor."

— E aqui, entre estas balaustradas, colocaremos a mesa para solicitar novos sócios — comentou Sloan.

Usava um vestido de linho azul marinho apertado na cintura e um colar de pérolas. O cabelo caía solto sobre os ombros e, rodava pelo grandioso vestíbulo, nunca a tinha visto mais imponente e bonita.

Regina imaginou-a nua e algemada, enquanto Sebastian lhe dava açoites na bunda...

— Regina, está entediada? — perguntou Sloan com os braços nos quadris.

Ela se deu conta de que todo mundo a estava olhando.

— O que? Oh, sinto muito. Não ouvi a última parte

.
— Disse que Alex e você estarão na mesa dos novos sócios. Já sei quão suscetível é com suas tarefas, Regina, mas deixe-me lembra-la, e que lembrar a todos, que atrair novos sócios é um objetivo vital neste evento. Dinheiro, dinheiro, dinheiro! O amor das pessoas pelos livros não será capaz de superar esta crise.

"Como se soubesse algo do amor aos livros", disse-se Regina.

E então a viu. A mensageira tatuada estava atravessando as portas centrais.

"Oh, não", pensou Regina.

Virou-se com a esperança de que não a visse. Possivelmente a garota deixasse o pacote no balcão de devoluções. Possivelmente um dos estagiários assinasse a prancheta. Tampou o rosto com a mão, mas sentiu como Alex lhe dava uns tapinhas no ombro.

— Acho que tem visita — anunciou.

— Chist — advertiu-lhe.

Mas Alex estalou os dedos e fez sinais para a mensageira com a mão.

— O que estão fazendo? — perguntou Sloan, interrompendo-se na metade de uma frase para fulminá-los com o olhar.

— Ah, olá, está aqui. Hoje você está num lugar fácil — comentou a garota, enquanto se aproximava.

Regina sentiu que os vinte empregados ali reunidos, mais o grupo de membros do conselho, viravam-se para olhá-la quando a mensageira lhe entregou um envelope. Horrorizada, apenas pode segurar a caneta para assinar.

— Hoje não tenho que levar nada, né? — comentou a mensageira. Regina negou com a cabeça, desejando que Sloan continuasse falando em vez de olhar para ela fixamente e converter aquilo num espetáculo.

— Obrigado. Passe bem. — Regina não estava segura, mas pareceu que a garota dedicava um olhar coquete a Alex. Perguntou-se, se em algum momento, seu amigo se armou de coragem para falar com ela, depois de tudo.

Colocou o envelope debaixo do braço. Temeu que Sloan a fizesse abri-lo, como uma professora severa, para dar exemplo do que teria que fazer com alguém que interrompia a classe. Por sorte, a única coisa que recebeu foi um olhar de desgosto.

— Ninguém nunca fica entediado com você, Finch — murmurou Alex.

Regina fechou a porta do banheiro e se apoiou nela. Antes que pudesse abrir o envelope, ouviu que alguém mais entrava no banheiro. Puxou a descarga para disfarçar o ruído do papel rasgando.

Por favor, encontre-se comigo na Sala Barnes às seis. Suponho que ainda lembre onde é.

S.

Regina rasgou o bilhete e o jogou no sanitário. Maldição.

Tinha sete horas para tentar esquecê-la. "Às seis nem sequer me sentirei tentada de ir vê-lo — pensou. — Irei embora da biblioteca sozinha."

CAPÍTULO 30

Todo o quarto andar estava em silêncio. Regina se deteve frente às escuras portas de bronze da sala 402 e tentou se acalmar. Depois de umas angustiosas horas dando voltas e mais voltas decidindo o que fazer, soube que não poderia sair da biblioteca sabendo que ele estava ali esperando-a. Talvez fosse uma idiota. Ou ainda só tivesse curiosidade por saber o que faria Sebastian. Ou quem sabe estivesse apaixonada por ele. Nunca tinha sabido o que significava essa palavra: "apaixonar-se". Agora estava claro que era uma maneira de dizer em código "tenho uma desculpa para me comportar de um modo estúpido".

Recordou a última vez que tinha entrado nessa sala e tinha descoberto uma mulher nua abandonada ao êxtase com Sebastian por trás, segurando-a pelos quadris, com a boca levemente aberta e os brilhantes olhos olhando diretamente para ela. Assim reconhecia à pessoa que era então. E não queria voltar a vê-lo. Moveu o trinco, devagar.

Cheirava a umidade. Não tinha percebido na última vez, mas o ambiente na sala estava carregado e não era de tudo agradável. Mas parecia tão linda como recordava por sua rápida olhada daquela vez: a decoração clássica inglesa, os livros do chão até o teto e, é óbvio, a robusta mesa de madeira.

Desta vez, Sebastian estava sentado e totalmente vestido.

— Feche a porta — pediu.

Regina virou-se e o fez. Ficou paralisada com a mão sobre o trinco, dizendo-se que devia manter-se firme. Diria a ele que somente tinha ido para dizer que acabou: não mais presentes, não mais mensagens, não mais pacotes. Não mais sexo.

Ele se levantou e se aproximou dela. Quando seus passos se detiveram, Regina virou-se. Manteve o olhar fixo no seu ombro, porque temia que se o olhasse no rosto, perderia toda a força de vontade.

— Lembra a última vez que estive nesta sala? — perguntou Sebastian.

— Sim — respondeu, sem levantar os olhos. Embora houvesse certa distância entre eles, sentia seu particular perfume e isso fez que desejasse pegar seu rosto, beijar aquele ponto onde o pescoço se encontrava com a clavícula.

— O que viu? — perguntou.

— Eu... vi você fazendo sexo com alguém.

— Estava fodendo com uma mulher — afirmou. — E sabe o que aconteceu quando se foi?

— Não, — sussurrou.

— Continuei fodendo. Mas imaginei que era você.

Regina quase desmaiou. Sebastian a segurou pelos braços.

— Olhe para mim — pediu.

Ela o fez e viu que estava perdida. Era tão bonito... Tinha os olhos fixos nela, cravados nos seus, entregando tudo e exigindo o mesmo em troca.

— Imaginei que era você que estava nua diante de mim, que meu pau se afundava profundamente no seu interior e que era de seus lábios de onde saíam os gemidos que me suplicavam mais. E então gozei.

Regina se afastou dele e avançou para o interior da sala. Respirava com dificuldade. Aproximou-se da bonita mesa e sentiu que Sebastian se movia

atrás dela.

— Desde esse dia, desejei inclinar você sobre esse banco, e a ter de verdade.

Ela sentiu que os dedos dele se moviam sobre os pequenos botões das costas do vestido e agarrou a beira da mesa. Sabia que devia dizer que parasse que cada segundo que passava ali enfraqueceria tudo o que havia dito a noite anterior e naquela manhã. Disse-se que cederia só uma vez mais. Uma última vez. Seu vestido caiu ao chão.

— Tire a lingerie e fique sobre o banco de mármore de frente para a porta.

Com as mãos tremulas, Regina desabotoou o sutiã e tirou a calcinha, deixando ambos num pequeno monte a seus pés. Caminhou então, devagar e tímida, até o banco de mármore junto a mesa. Imaginou que alguém entrava nesse momento, do mesmo modo que ela tinha surpreendido Sebastian na sua primeira semana na biblioteca e pensou: "Bom, isso fecharia o círculo". Esse seria o sinal do universo que indicaria que aquilo devia acabar.

Quis lhe dizer que fechasse a porta com a chave, mas algo a impediu de falar. E sabia que não haveria ninguém que pudesse interrompê-los. Não haveria nenhum sinal, nenhum sinal, nenhuma pessoa ou coisa que dissesse para parar. Tinha apenas a si mesma.

— Incline-se — ordenou. — Como ela estava. Sua bunda praticamente na minha cara. Sei que você se lembra, Regina.

Oh, era verdade. Ela concordava, lembrava o longo cabelo da mulher tocando o chão, as urgentes investidas de Sebastian...

Apoiou as mãos no banco e se inclinou. Sentiu que o sangue lhe subia ao rosto. Ele se despiu, seu cinto caiu no chão com um baque. E então sentiu suas mãos nos quadris.

— Já está molhada, Regina? Vou te foder agora. Isso é exatamente o que fiz

a ela. Sem carícias, sem preliminares. Limitei-me a afundar meu pênis no seu interior e ela o acolheu. Pode fazer isso por mim, Regina?

Ela não disse nada, mas o certo era que suas palavras estavam fazendo que umedecesse. E então sentiu a grossa ponta de sua ereção separando os lábios do seu sexo. Encontrou certa resistência, mas empurrou devagar e deslizou no seu interior, encheu-a até que Regina pensou que talvez não estivesse preparada. Entretanto, quando ele retrocedeu, desejou te-lo de novo no seu interior. Sebastian se afundou de novo, com força, e ela ofegou. Voltou a retirar-se quase por completo, logo avançando de novo, estabelecendo um ritmo que a levou ao prazer. Seu corpo balançou com o dele e, embora se sentisse um pouco enjoada e seus braços sofriam a tensão da postura, soube que teria que se deixar levar até o orgasmo.

As investidas de Sebastian se tornaram mais duras e rápidas e Regina recordou o que tinha pensado quando entrou e o encontrou ali aquela vez: que parecia haver uma fina linha entre o prazer e a dor. E nesse momento soube que isso podia aplicar-se na sua relação. Era uma fina linha e tinha que aprender a caminhar sobre ela, e não fugir.

— Oh, Meu Deus! — gemeu, ao sentir as vibrações no seu sexo que atravessaram o seu corpo, até que sua boca pareceu entoar um cântico de prazer.

E então percebeu que as vibrações vinham de Sebastian e na próxima vez que gritou, ele também o fez, ao mesmo tempo, seus corpos se uniram num turbilhão de prazer maior do que os dois juntos.

Sentado no banco, Sebastian observou como se vestia. Não fez nenhum gesto de vestir também a roupa e seu corpo nu a distraía. Ali sentado, com seus braços e seu torso bem esculpido, seu rosto de traços aristocráticos concentrados nela, apenas podia prestar atenção no que estava fazendo. Não deixou de dar umas olhadas, pensando que parecia uma obra de arte. Deveria ser ele a quem se fotografasse não quem estava atrás da câmara.

Moveu os braços para trás para abotoar o vestido e Sebastian se aproximou,

parou atrás e o fez por ela.

— Obrigada — disse.

— Espera, ainda não acabei.

Pegou os jeans escuros que tinha deixado sobre uma cadeira e colocou a mão no bolso dianteiro.

— Vire-se — pediu. Sentiu que colocava algo frio e pesado no pescoço. — Muito melhor — decidiu.

Soube inclusive antes de tocá-lo que o cadeado voltava a estar no seu lugar. E também soube que aquele era seu lugar.

CAPÍTULO 31

Margaret apareceu no balcão de devoluções na primeira hora da manhã. Regina apenas a tinha visto desde as revelações sobre Sloan durante o almoço, dois dias antes.

— Como vai? — perguntou a mulher.

— Não vou mal — respondeu Regina. — Vamos almoçar juntas?

— Hoje não como — informou Margaret. Ela recordou que ela havia dito que só almoçava algumas vezes por semana. — Mas queria falar com você um momento.

— Oh, está bem. — Não tinha nem idéia do que poderia ser. Olhou a seu redor.

— Vi você saindo da Sala Barnes ontem à noite — disse a senhora em voz baixa. Ela congelou. — Com Sebastian.

Regina se sentiu envergonhada e tentou imaginar o que ela teria visto. Estavam se tocando? Estavam colocando a roupa, indicando a qualquer um que pudesse estar olhando que tinham tirado-a fazia pouco?

— Ele é o homem que está vendo — continuou Margaret. Regina assentiu.

— Está apaixonada — acrescentou a mulher.

Muito típico dessa senhora de ir direta ao ponto. Possivelmente era a vivência própria de uma pessoa mais velha que permitia compreender que o sexo era o de menos.

— Oh, Margaret — exclamou Regina, apoiando a cabeça nas mãos.

— É tão sério como parece?

Ela assentiu sem levantar o olhar.

— Conheci sua mãe — comentou Margaret.

— Sério?

— Sim. Lillian era uma importante benfeitora. Mas não só doou dinheiro, embora contribuísse muito. Estava muito envolvida. Uma mulher encantadora e interessante. Sinto ainda a sua falta.

— Sebastian me disse que morreu quando ele estava na universidade.

— Adorava-o. Ele era o centro de seu universo. Foi uma grande tragédia. Um grande choque.

— Uma tragédia? — Regina sentiu que encolhia o estômago.

Foi uma premonição, como se aproximasse uma tormenta para a qual não estava preparada.

— Sim. Não contou isto para você? Se suicidou.

Ela ficou sem respiração. Não, não sabia por que, mas Sebastian não o tinha mencionado.

— O que ocorreu?

Margaret meneou a cabeça com saudade.

— Nunca voltou a ser a mesma desde que seu marido a deixou. Foi-se com uma jovem modelo que conheceu no baile de máscaras do Met. Foi um grande escândalo. Em todo caso, não estou contando isso porque eu goste de fofocar, mas sim porque conheço Sebastian Barnes desde que era um menino. Estava muito unido a Lillian e posso dizer a você pelo que vi e

ouvi que não se recuperou de sua perda e que provavelmente não seja o jovem ideal para manter uma relação.

Regina assentiu, sofrendo por ele e magoada porque não ter confiado nela. Na noite de seu aniversário parecia que estavam compartilhando algo, mas na realidade omitiu a parte mais importante. A parte dolorosa. Do mesmo modo que não tinha mencionado que tinha mantido uma relação com sua chefe.

— E isto é um aviso? — perguntou.

— Eu não diria tanto — respondeu Margaret. — Mas eu gostaria de ver que toma decisões bem fundadas.

— Não sei se há alguma decisão para tomar.

— Acredito que haverá — comentou a mulher. — Como disse, sempre o conheci. Acredito que é uma pessoa decente e um jovem interessante. Mas o vi em todas as funções beneficentes; tenho lido sobre ele nas revistas, vendo uma mulher, saindo com outra. É um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque. As mulheres nunca duram muito. Sinceramente, sua mãe teria se horrorizado. Mas estou certa que a maioria dessas jovens estavam contentes só pela repercussão na mídia, a diversão e o cachê que ganharam por ter saído com o Sebastian Barnes. Entretanto, acredito que você não é uma delas. Assim terá que decidir se vai ter o que deseja na relação. Se não, se prepare para o deixar, ou para que ele a deixe.

A jovem sentiu um vazio no estômago. Isso não era o que queria ouvir.

— Tentei deixa-lo na outra noite, mas não pude continuar com isso — reconheceu. — Não pude fazê-lo.

— Não seja muito dura consigo mesma — Margareth a tranquilizou. — Pode ser que não era o momento adequado. Eu tenho uma filosofia: se não souber o que fazer, não faça nada.

— Está certo — respondeu Regina mais aliviada, como se a mulher a tivesse tirado do apuro.

— Mas — acrescentou Margaret levantando um dedo — um dia saberá. O seu instinto o dirá. E então terá que arcar com as consequências.

Regina despertou na sábado pela manhã e descobriu que já tinha uma mensagem do Sebastian.

Estarei aí a meio-dia.

Através das finas cortinas de seu pequeno quarto se filtrava a luz do sol. O ventilador que tinha junto à cama fazia pouco para combater o calor, mas não gostava de dormir com o ar condicionado ligado, porque sempre acabava sentindo muito frio.

Olhou o relógio. Eram onze horas. "Não ligue para ele", pensou. Jogou os lençóis com um chute e discou o seu número. Sebastian atendeu ao telefone no primeiro toque.

— Não me diga que acabou de acordar — comentou.

— Bom... sim — reconheceu sorrindo. Adorava o som de sua voz, inclusive quando insinuava que era uma preguiçosa.

— Uma atitude muito pouco ativa de sua parte.

— É sábado.

— Exato. Se troque. Vamos às compras.

— Por quê?

— Precisa de uma roupa para esta noite.

— Desde quando você me inclui nas decisões sobre o traje? —
perguntou.

— Desde que me dei conta de que não compreende o quanto desejo que seja
feliz — replicou.

Ela ficou em silêncio.

— Pode nos dar outra chance? — perguntou Sebastian.

— Eu nem sei o que isto significa— disse ela.

— Me dê esta noite. Pode aceitar isso?

— Está bem — assentiu, pensando nas palavras da Margaret.

— De acordo.

CAPÍTULO 32

A loja de roupas estava escondida numa rua secundária do Village, não muito longe de seu apartamento. Apesar do perto que ficava de sua casa, nunca tinha reparado nela.

Chamava-se Guinevere e, a diferença das outras marcas extremamente conhecidas do distrito comercial, não havia manequins nem roupa na vitrine, só cortinas de veludo vermelho que ocultavam o interior.

Sebastian segurou a porta e Regina entrou. Ofegou. A loja era de estilo rococó, além de punk e com um pouco da Alicia no País das Maravilhas. A única coisa que faltava era que polvilhassem um pingo de pós-mágicos quando entraram.

As paredes estavam cobertas de murais fotográficos de mulheres de pele muito clara, longos e esvoaçantes cabelos loiros ou rosa claro como algodão doce, bochechas rosadas pelo blush e vestidos barrocos com toques punk próprios para os contos de fadas: botas de combate, espartilhos, asas de borboletas.

Os móveis — poltronas empetecadas, espelhos com molduras de bronze apoiados nas paredes e lustres de cristal de cinco andares — poderiam ter saído do set de filmagem de Maria Antonieta. Os vestidos, pendurados em cabides intercalados entre as ornamentadas peças de mobiliário, não eram vintage, a não ser interpretações contemporâneas de todas as fases do desenho romântico da era elisabetana.

— Pamela está? — perguntou Sebastian a uma das vendedoras.

A mulher era minúscula, ia vestida toda de branco e tinha uns olhos pequenos sob uma densa franja cortada de forma similar ao de Regina.

Quando esta inclinou-se sobre uma prateleira, quase derrubou uma taça de porcelana de bordas douradas.

— Está no camarim.

Sebastian pegou a mão de Regina e a guiou através do labirinto de vestidos, mesas e cabides até a parte de atrás da loja. Atravessaram outra cortina de veludo que dava a uma sala menor. Essa sala estava vazia, exceto por meia dúzia de vitrines.

— Olá, Sebastian — saudou uma ruiva alta que se levantou de uma poltrona eduardiana estofada em verde militar e dourado.

— Pamela — respondeu ele e a beijou no rosto.

Regina tentou não sentir ciúmes enquanto se perguntava se Pamela também fazia parte da "comunidade", como ele tinha chamado. Odiava como começava a ver todo mundo através da perspectiva de que relações tinham com Sebastian.

— Esta é minha amiga Regina.

Ela o olhou pensando que "amiga" era um estranho significado para descrever sua relação. Mas esse era o problema. O que eram? Amantes? Colegas de bondage?

— Um prazer em conhece-la — disse Pamela com um sincero sorriso, enquanto lhe estendia a mão. — E o que procuram hoje?

— Ela precisa uma máscara — respondeu Sebastian.

Regina o olhou surpreendida. O primeiro que lhe veio à cabeça foi uma dessas máscaras do Halloween que se exibiam no Ricky'S. Mas Pamela os guiou para uma das vitrines mais próximas e ali descobriu um colorido e sortido de ornamentadas máscaras próprias para um baile de máscaras formal. Dourados, azul lavanda, pretos, com lentejoulas, com plumas, com

franjas, adornados com brocados e laços.

— Essa leva duzentos cristais Swarovski incrustados — comentou a mulher ao perceber o interesse da Regina por uma peça dourada no centro.

Tirou um chaveiro, abriu a vitrine e estendeu-lhe a máscara.

— Prova esta — animou-a Sebastian quando viu sua vacilação. Regina o fez e a deslizou pela cabeça. Ele a ajudou a coloca-la para que descansasse na ponte do nariz. Surpreendeu-a com a claridade com que podia ver pelos buracos dos olhos. E também como parecia sólida, a diferente das máscaras de papelão que as pessoas usavam nas festas de fim de ano.

Pamela ofereceu um espelho. Regina se olhou e sorriu.

— É linda — exclamou.

— Foi fácil — comentou Sebastian. — Não há nada melhor que uma mulher decidida. — Dedicou-lhe um sorriso de aprovação e ela sentiu que uma onda de satisfação a inundava. Não estava acostumada a agradá-lo fora do quarto. Sentiu-se bem. Isso a fez pensar que possivelmente, depois de tudo, havia uma possibilidade de que a relação adquirisse outra dimensão.

Ela tirou a máscara e a entregou à Pamela.

— Algo mais? — perguntou esta, enquanto se dirigia à caixa, na parte dianteira da loja.

— No momento não, — respondeu Sebastian. — Mas se não encontrarmos o que necessitamos no centro, possivelmente voltaremos.

O carro os esperava do lado de fora.

— Para que tudo isto? — perguntou Regina, uma vez que pegava a bolsa da mão.

— Esta noite vamos ao Baile Bondage — disse-lhe, enquanto abria a porta

do Mercedes.

Neste dia era ele que estava dirigindo e ela se sentou a seu lado no assento do passageiro. Preferia isso à formalidade do chofer em suas habituais saídas.

— Oh, Meu Deus, o que é isso?

— Não é um baile de verdade. Só uma grande festa — esclareceu.

— Mas o bondage faz parte disso.

Regina engoliu a seco.

— Tem certeza de que é uma boa idéia? Quero dizer, não tenho nenhum problema com tudo o que fazemos, mas não posso imaginar estar em um lugar público...

— Não é público. É uma festa privada. E não tinha planejado ir, mas com a discussão que tivemos sobre Sloan me fez pensar que precisamos de um pequeno exercício de confiança.

— Não foi uma discussão exatamente... — apontou Regina.

— Está bem, um mal-entendido ou como quiser chamá-lo.

— Apertou-lhe a mão. — Fez que reconsiderasse ir ao do baile. Acredito que será bom para nós.

— Sloan estará ali?

— Não, — respondeu. — Por que estaria?

— Disse que ela formava parte da cena... ou da "comunidade", ou como é que o chama.

— Oh, sim. Bom, não desde que se comprometeu. Seu noivo é baunilha.

Regina não tinha nem idéia do que se referia. Que era branco?

— E eu não sou baunilha? — perguntou. Sebastian riu.

— Você é adorável.

— Não me trate com condescendência — protestou ela, sentindo-se estúpida.

— Não o faço! Não vê que estou louco por você? Acordo de manhã e já planejo nosso dia... e a nossa noite. Sempre está na minha mente, Regina. Cativou-me por completo. Sinto-me possuído. Sinto-me sob o feitiço de uma dessas fadas mágicas das paredes do Guinevere.

Ela se virou para olhar pela janela.

— Aonde vamos agora?

— Ao Louboutin. Como pode ir a um baile sem seus sapatos de cristal? — perguntou-lhe com uma piscada.

O Hotel Jane era um centenário edifício georgiano no longínquo West Side. O ultramoderno hotel boutique, em seu momento refúgio para os marinheiros cansados da viagem, era o lugar onde se celebrava o Baile Bondage.

— Este lugar tem muita história, um passado notável — explicou-lhe Sebastian.

Regina agarrava com força no seu braço, apenas capaz de caminhar pelas pavimentadas ruas do Meat Packing District com seus novos sapatos de salto Christian Louboutin. Estava menos preocupada com cair do que por danificá-los, porque eram uma magnífica obra de arte. Os saltos, de dez centímetros e de cetim preto, com a típica sola vermelha, levavam incrustações de cristais em forma de estrelas, similares a flocos de neve.

— Não é o passado o que me preocupa — especificou Regina.
— a não ser o presente.

Ainda não podia tirar da cabeça as palavras "Baile Bondage". E não podia dizer que gostava de como soavam.

— Trouxeram para cá os sobreviventes do Titanic. Os mantiveram aqui até que finalizassem a investigação judicial americana
— explicou-lhe Sebastian.

— Isso é assombroso — ela reconheceu, mas tinha seu próprio desastre para preocupar-se.

Sebastian a conhecia já o bastante bem para perceber sua ansiedade e lhe deu uns tapinhas na mão que tinha apoiado no braço.

— Relaxe. A única coisa que tem que saber desta noite é que ninguém tocará você além de mim. Entendeu?

Assentiu, mas não se sentiu nada reconfortada. Não sabia exatamente o que a preocupava. Possivelmente a ideia de que outra pessoa a "tocasse" era muito específica. Era uma inquietação maior a respeito de estar em público, estar entre pessoas num acontecimento social onde todo mundo sabia que o tema da noite era seu particular tipo de sexualidade. Embora ficassem ali de pé bebendo vinho e comendo salgadinhos de queijo, todos sabiam. Aquilo não era simplesmente um joguinho privado entre Sebastian e ela. Essa noite era de verdade.

E ainda estava pensando na conversa com Margaret.

Sebastian a pegou pela mão, subiram a escada do hotel e pararam em frente a porta.

— Ponha máscara — disse.

Ela estava segurando-a desde que tinham saído do carro e quase se

esqueceu dela, embora a levava sob o braço, porque era muito grande para que coubesse na sua pequena bolsa de mão.

Ele a ajudou a colocar e depois colocou a sua, uma totalmente preta. Usava um smoking também preto. Regina também ia com essa cor, com um assombroso conjunto de Morgane O Fay, que era mais um disfarce que um vestido. Estava composto por um Top de cetim e organza que se cruzava na frente e amarrava na cintura com um laço preto. A saia-balão era modificada, com metade da seção em tule opaco que fazia necessário um pequeno forro de seda. Se havia algo que servia de consolo era que não se sentia absolutamente ela mesma. Aconteça o que acontecer, poderia fingir que estava interpretando um papel.

Entrou com a mão segurando o braço do Sebastian. O vestíbulo era pequeno, com tetos altos decorados com plantas de grandes folhas em vasos de barro, a cabeça de um alce americano na parede, um candelabro e um antigo balcão de madeira com um mensageiro vestido formalmente, que incluía um colete marrom e um quepe. Regina se sentiu como se estivesse num filme do Stanley Kubrick.

— Boa noite — saudou-os o mensageiro.

Sebastian entregou a ele uma espécie de cartão preto, como um cartão de crédito. O rapaz comprovou uma lista com ele e em seguida o devolveu.

— Encontrará as normas para jogar no salão. Desfrute da noite, senhor Barnes.

Sebastian guiou Regina pelo vestíbulo até um pequeno bar, decorado com madeira escura e pouca luz. Estava cercado por um longo sofá.

Uma mulher alta com um brilhante vestido prateado se aproximou deles no meio da sala. Usava uma máscara roxa decorada com plumas verdes e debruada com lantejoulas também verdes. Tinha o cabelo loiro recolhimento num elaborado coque alto e os lábios pintados de violeta.

— Bem-vindos amigos — saudou-os. — Dirijam-se ao salão de baile. Lembro a vocês que todos os quartos do hotel estão disponíveis para uso dos convidados. Encontrarão adereços e artigos de toaletes em todas elas. Podem usá-lo como desejam. Mas as portas devem permanecer abertas em todo momento. Qualquer violação dessa norma dará lugar a sua expulsão do edifício.

Sebastian concordou e Regina o olhou inquisitivamente. Se ele percebeu o seu olhar, não demonstrou. Em lugar disso, a pegou pela mão e a guiou até a pista de dança.

CAPÍTULO 33

A pista de dança — se é que podia chamar assim— era mais como um salão de uma decadente mansão, propriedade de uma família fabulosamente rica de gostos luxuosos e excêntricos. Se tivesse que descrever o ambiente com uma só palavra, poderia definir-se como "vitoriano", embora esse termo não seria muito preciso. A enorme sala tinha tetos com painéis, bordas vintage, descoloridos tapetes persas, uma enorme lareira e espécimes empalhados; acima de tudo aquilo, pendurava uma gigantesca bola de discoteca. Havia sofás de veludo dourados e marrons, antigas mesas de madeira, cadeiras estofadas de zebra, grandes plantas em vasos de barro, lustres e vitrôs que iam do teto ao chão, cobertos por cortinas de veludo.

E nessa cortina de fundo da descolorida glória cuidadosamente idealizada, homens e mulheres vestidos de gala se relacionavam e dançavam ao som de um DJ que tocava a canção do Edwyne Collins *A girl like you*.

Havia um camarote e Regina teve vontade de subir para ter uma olhar panorâmico da sala.

Um homem aproximou. Usava um traje de veludo vermelho, o cabelo preto penteado para trás e uma máscara em forma de bico.

— Participarão da caça ao tesouro à meia-noite? — perguntou. — Se lhes interessar, há uma folha de inscrição junto à cabine do DJ.

— Não, obrigado — respondeu Sebastian.

Regina gostava de caça ao tesouro e a idéia de que se fizesse uma a meia-noite, com um disfarce assim, pareceu-lhe fascinante.

— Está seguro de que não quer participar? — perguntou a

Sebastian.

— Sim, é só um exercício para ajudar às pessoas a estabelecer vínculos e que assim possam passar a atividades mais... íntimas ao longo da noite. Nós não necessitamos disso.

A imagem de um homem com smoking seguido por outra pessoa a distraiu, era impossível saber se era homem ou mulher, que andava a quatro patas, coberta dos pés a cabeça com um traje preto de látex.

— Como pode alguém respirar com isso? — perguntou, estremecendo-se.

Parecia algo pouco natural e incômodo e resultou perturbador a ela.

— Estou seguro de que há buracos para o ar. Bom, não estou seguro. O látex não é o meu — ele comentou.

Apesar de que se esforçava ao máximo por não fazê-lo, Regina se encontrou seguindo com o olhar o estranho casal.

— Vamos subir — sugeriu Sebastian.

Ela o seguiu através de uma porta estofada em pele com incrustações de bronze. Pegaram um elevador até o segundo andar e percorreram um estreito corredor revestido de madeira. Como já tinham explicado, todas as portas dos quartos estavam totalmente abertas.

Regina olhou para o interior de uma e, imediatamente, desviou a olhar. A porta aberta revelou a uma mulher nua numa cama de solteiro, atada com um elaborado sistema de cordas que a mantinha deitada de barriga para baixo, com as mãos e os pés unidos e uma mordaca na boca. Tinha a bunda coberta de vergões vermelhos.

— Oh, Meu Deus! — exclamou Regina e agarrou a mão de Sebastian. — Acredita que ela está bem?

— É obvio que sim — ele assegurou.

— Alguém a deixou aí... — Essa imagem lhe resultou perturbadora, mas pensou que era uma espécie de representação, como uma das fotos bondage do livro de Bettie Page.

— Regina — disse Sebastian, — tenta lembrar onde está. E, acima de tudo, confia em mim.

Cruzaram com outro casal pelo corredor. A mulher ia vestida de branco, com um vestido que chegava até o chão. O homem vestia umas calças de smoking, sem camisa, e um colar de couro preso a uma corrente. Tinha as mãos à costas, claramente atadas, algemadas ou presas de algum modo. Embora os dois usassem máscara, havia algo vagamente familiar neles. Regina teve a clara impressão de que os tinha visto antes, que eram celebridades de algum tipo.

Sebastian encontrou um quarto livre e indicou que ela entrasse. O quarto era minúsculo, como um camarote de um navio. Tinha uma cama de solteiro, uma televisão de tela plana e uma mesa cheia com uma variedade perturbadora de objetos bondage: chicotes, algemas, mordanças, vendas, caixas de brinquedos sexuais sem abrir e uma bacia cheia de camisinhas.

— Isto me parece uma má idéia — ela comentou.

— Confia, Regina. Agora tire a saia.

Olhou-o, mas seus olhos se viam frios e decididos. Estava em plano autoritário e sabia que não lhe serviria de nada discutir com ele. De todos os modos, não importava tirar a saia de aro, porque ainda levava a outra de seda por baixo. Mas esse seria seu limite, até aí chegaria.

Desabotoou a saia e deu um passo para sair dela. Sebastian separou o objeto a um lado.

— Ajoelhe na frente da cama — ordenou.

Ela o fez e Sebastian tirou a máscara para substituí-la por uma faixa.

O coração de Regina acelerou.

— As mãos nas costas.

Sentiu a corda ao redor dos punhos e ele a apertou com força. Era menos incômodo que as algemas que usava no seu apartamento.

— Levante — ordenou. Ele a ajudou a ficar em pé. — Agora deite na cama de barriga para baixo. — Ajudou a colocar-se na posição, com a cabeça de lado para que pudesse respirar.

Então sentiu que ele abaixava o zíper da minissaia de seda.

— Isto não é uma boa ide...

— Não volte a falar até que saíamos deste quarto — ele interrompeu.

Sebastian tirou-a do objeto e ela levantou os quadris, obediente, para deixar que a descesse pelas coxas, os joelhos e os pés. Desse modo, ficou exposta da cintura para baixo. Só com a roupa interior de renda preta.

Ouviu os passos do Sebastian que se afastavam.

— Aonde vai? — perguntou.

O chicote lhe respondeu com um estalo de dor nas coxas.

— Disse que não era para você falar. Confie, Regina.

Ela se estremeceu de dor e se inundou na fantasia de seus dedos lhe abrindo o sexo, porque só essa doce pressão ou a de sua língua no seu clitóris deteria a dor.

Não se ouviram mais sons no quarto. Ouviu pessoas que iam e vinham pelo corredor e se envergonhou ao saber que apareceriam e a olhariam, igual a ela tinha visto aquela mulher atada no primeiro quarto. Seu único consolo

era seu anonimato e que não estava nua. Ainda.

O certo era que não sabia se Sebastian estava ali esperando antes de lhe tirar mais roupa ou se tinha ido desfrutar da festa no andar de baixo. Teve que fazer uso de toda sua força de vontade para não chama-lo. Começavam a lhe doer os braços e as cordas já lhe cravavam nos pulsos. Deu-se conta de que estava se retorcendo e que doeria menos se ficasse totalmente imóvel. Tentou não deixar-se levar pelo pânico. Pensou no que ele não tinha deixado de repetir sobre essa noite: confiança. Não a deixaria ali sem mais nem menos, não durante muito tempo.

Podia ouvir a música abaixo. Florence and the Machine. Tentou deixar-se levar por ela, imaginar que estava em outro lugar. Mas todos seus pensamentos se voltavam sexuais. Imaginou que destapava os olhos e o duro membro de Sebastian estava ali, na beira de seus lábios. Poderia tirar a língua e sentir seu quente sabor salgado, inchado e latejante por ela...

Ouviu uns passos entrando no quarto. O coração acelerou a um ritmo frenético. Desejava chama-lo, dizer seu nome assegurar-se de que era ele, mas sabia que não podia fazê-lo. Então sentiu que umas mãos lhe acariciavam o traseiro, que se moviam levemente sobre a renda das calcinhas. Eram as carícias de Sebastian? Não sabia e esse pensamento a horrorizou. Então recordou o que ele havia dito momentos antes que entrassem no hotel: "A única coisa que tem que saber desta noite é que ninguém vai tocá-la além de mim".

A lembrança desse comentário foi a única coisa que evitou que gritasse quando a mão subiu entre as pernas, deslizando-se por debaixo da roupa interior e um dedo lhe acariciou levemente os lábios do sexo.

O coração pulsava tão depressa que teve medo de deixar de respirar. "E acima de tudo, confia em mim". "Confia, Regina."

O dedo se inundou no seu interior. Sem dúvida gostou. Entretanto, não havia nada identificável nesse contato. Entrava, saía. Sua mente se agarrou ao medo de que fosse um desconhecido, mas seu corpo a traiu e se moveu

com a mão, ávido por um orgasmo. Embora só pudesse chegar até aí, porque seguiu esperando alguma pista que lhe confirmasse que era Sebastian. E quando não passou nada nesse sentido, sua mente venceu e seu corpo paralisou.

As carícias se detiveram. Sua roupa interior voltou para seu lugar enquanto lhe palpitavam as vísceras, ávidas de uma satisfação. Teve medo de que aquela pessoa saísse e a deixasse sozinha perguntando- se quem a estava tocando. Não poderia suportá-lo. Mordeu os lábios para evitar chamar Sebastian.

Justamente quando pensou que perderia a cabeça... que romperia o silêncio e mostraria, portanto, uma falta de confiança, sentiu que lhe destapavam os olhos. Abriu e se encontrou com Sebastian de joelhos junto à cama, olhando-a com olhos calculistas e intensos. Sentiu tal alívio, tal liberação depois da tensão, que começou a chorar.

— Regina, não chore. Eu falei que ninguém a tocaria além de mim. Não acreditou em mim?

Desatou-lhe os braços e ela se ergueu devagar, enquanto esfregava os pulsos.

— Sim... mas como podia ter certeza? E só de pensar que havia gente que passava... que me olhava.

Nesse momento estava sentada e olhava com receio a porta. Sebastian se levantou e a fechou.

— Teremos problemas — advertiu.

— Chist... tem que te acalmar — ele disse. Sentou-se a seu lado e a abraçou. — Não pretendia te magoar. Eu gosto de experimentar com os limites. Isso... pode unir mais às pessoas. Intensifica as coisas.

— Está bem — admitiu. E o dizia a sério.

— Quer partir? — perguntou.

— Sim — respondeu. E também o dizia a sério.

CAPÍTULO 34

Regina apoiou o pé na lateral da banheira. A espuma chegava quase até acima. Inspirou profundamente e desfrutou da água quente com aroma de lavanda.

Sebastian soube exatamente o que fazer quando retornaram a seu apartamento. Ajudou-a a tirar o conjunto Morgane O Fay, envolveu-a numa suave e enorme toalha e a levou imediatamente ao banheiro, onde a deixou sozinha para que relaxasse.

Não sabia quanto tempo tinha ficado na água. Tinha os dedos dos pés e das mãos enrugados. Sentia-se relaxada e nervosa ao mesmo tempo. E estava cansada de estar sozinha.

Puxou a alavanca com o pé para esvaziar a banheira. Levantou-se, um pouco enjoada a princípio, e se envolveu numa toalha branca. Secou a nuca e soltou os cabelos para que caísse sobre os ombros. Quando se olhou no espelho, viu que tinha borrado o rímel com as lágrimas. Usou uma toalhinha para limpar o melhor que pôde.

Entrou sem fazer ruído no quarto.

— Pensei que não fosse sair nunca — disse Sebastian com um sorriso.

Trocou-se. Usava uns bóxers brancos e uma camisa de um azul intenso desabotoada e com as mangas dobradas. Regina o adorava com camisa, como enrolava levemente o cabelo por trás, sobre o pescoço. Estava tão dolorosamente lindo, que fazia que tudo o que tinha pensado na banheira, resultasse muito mais difícil.

Ela viu as duas taças de vinho branco na mesinha de cabeceira. Sebastian, que tinha seguido seu olhar, pegou uma e a entregou.

— Obrigada — disse.

Estava frio e seco e, nesse momento, pareceu-lhe o melhor que já tivesse provado.

Ele se sentou na beira da cama e ela se acomodou a seu lado e se virou levemente para poder olhar o seu rosto. Quando ele sorriu, Regina quase perdeu a coragem ao ver aquelas covinhas. Mas não se permitiu acovardar-se.

— Sebastian, apreciei que tenha organizado tudo isto para solucionar o problema de confiança em nossa relação. Mas o que aconteceu esta noite... Assim não vamos aprender a confiar um no outro. Nem a nos conhecer. Ao menos, não do modo que eu desejo.

— O que tem em mente? — perguntou daquele modo zombador tão próprio dele.

— Você ficou furioso porque não disse que era virgem, por não revelar a verdade sobre minha experiência sexual. Mas você não me conta a verdade sobre seu passado, sua história, sua vida.

— É obvio que sim — protestou. — E já disse a você o que sentia por Sloan...

— Isto não tem nada que ver com Sloan. Ao menos, não com respeito a isso. Conhece a Margaret, da biblioteca? Falou-me de sua mãe.

O sorriso dele desapareceu.

— Ela não está um pouquinho velha para fofocar?

— Não estava fofocando. Viu-nos sair da sala na outra noite. Suponho que

sentiu que eu deveria saber algo sobre o homem... com quem estou saindo.

— Mas não disse nada a você sobre mim, não é? Falou de minha mãe.

— Vamos. Não aja como se não soubesse o que quero dizer. Por que não me contou toda essa história? Na noite de meu aniversário, estivemos falando sobre o que nos preocupava de nossos pais, e você não disse nenhuma só palavra sobre isso. Por quê?

— Porque, como já disse respeito de Sloan, não tem nada que ver com você.

— Pois eu digo que sim tem a ver. Se não falarmos sobre coisas reais, como poderemos confiar um no outro? O sexo espetacular não é o que faz que uma relação funcione.

— Como pode sabê-lo?

— O que quer dizer?

— Bom, até poucas semanas atrás era virgem, isso me leva a pensar que não teve muitas relações sérias, se é que teve alguma. Sexual ou de outro tipo. Teve?

— A verdade é que não, — reconheceu.

— Bom, eu sim. E minhas relações são todas assim. E assim é como quero que sejam.

— Disse que era diferente comigo. Sebastian suspirou.

— Sinto-me diferente com você.

— Como?

— Não sei Regina! — gritou exasperado. — Às vezes acredito que eu gosto mais que nenhuma outra com quem já estive. Sua falta de experiência me resulta estimulante. Acredito que tem bom coração. É assombroso que não

esteja cansada. É fácil te surpreender e te agradar. Mas isso não troca o que quero tirar disto.

— E o que é?

— Exatamente o que temos. Exceto o desejo de fotografar você. Agora foi ela que se exasperou.

— Isso outra vez não.

— Para mim, isso é intimidade. Compartilhar.

Ela se levantou de um salto da cama e derramou um pouco de vinho sobre a toalha.

— Não posso acreditar nisso. Estou dizendo a você o que sinto, o que me falta nesta relação ou como quer chama-la, e você está me pedindo mais? Por que deveria dar o que você deseja se você se nega a sequer tentar me dar o que eu desejo?

— Pensava que o estava fazendo — replicou impassível.

— Pois não, não o está fazendo — contradisse-o Regina.

Sebastian pareceu pensar nisso e logo assentiu devagar como se respondesse a uma pergunta.

— Vou leva-la para casa — anunciou em voz baixa.

— O que você precisa é um menino bonito e normal — afirmou Carly.

Era última hora da manhã, uma interminável manhã durante a qual Regina havia sentido como passavam as horas na escuridão, sem dormir, até que o sol finalmente lhe indicou que já podia levantar da cama.

Diante de pão-doces e café, não pôde evitar desmoronar-se diante de sua companheira de apartamento. Contou sobre o Hotel Jane, suspeitando que inclusive a imperturbável Carly se escandalizasse pelos acontecimentos da noite anterior. Mas esta se limitou a arregalar os olhos e a suspirar:

— Eu adoro o Jane.

Depois, como se lembrasse de repente que seus deveres de amiga e companheira de apartamento requeriam um pouco mais de empatia, apoiou uma mão no braço e disse:

— O que eu falei desde o começo? Divirta-se, mas não espere nada mais. Assim triunfou e agora pode indicar isto como uma louca experiência amorosa em Nova Iorque que poderá contar a seus netos algum dia.

Regina a olhou.

— Acha que esta é uma história que poderia contar aos meus netos?

— Bom, possivelmente aos seus não. Embora esteja certa de que os meus adorarão ouvi-la. — Riu as gargalhadas enquanto dava tapinhas nas coxas.

Regina levou os joelhos ao peito e os abraçou, desejosa de que o sofá a tragasse.

— Alegra-me muito que isto pareça divertido.

— Não estou rindo de você, Regina. Sabe que eu passei pelo mesmo.

Sim, Carly tinha experimentado esse tipo de sofrimento depois do seu rompimento com Rob. A dor que era quase física, a incapacidade de comer ou dormir. Era como se a explosão de energia que Regina sentiu quando viu pela primeira vez Sebastian, mas horrivelmente ao contrário.

E Carly tinha razão. Ela tinha avisado.

— Sabe que depois do Rob fiquei destrozada — continuou a garota como se

lesse a mente dela. — Mas o que fiz?

— Não sei — reconheceu Regina.

— Voltei a montar no cavalo, como diria minha mãe.

Regina não sabia a que se referia. Tanto quanto lhe dizia a respeito, não se tinha cavalgado muito naquele apartamento desde o rompimento. Embora possivelmente tenha estado muito absorta no seu drama para dar-se conta do que estava acontecendo ultimamente com sua companheira de apartamento.

— O que me sugere? — perguntou então, mais por continuar educadamente a conversa que por verdadeiro interesse.

Não havia nada que Carly pudesse dizer-lhe para que se sentisse melhor. Apaixonou-se loucamente por um homem inalcançável e sem dúvida fodido, destroçado, e as probabilidades de que ela encontrasse a felicidade com outro homem eram quase as mesmas que chegaria a Narnia através de seu armário.

— Eu vou organizar alguma coisa com alguém — comentou sua companheira.

— Eh... Não, obrigada — negou Regina, ainda estremecendo-se ao pensar em Nick e seus colegas no Nurse Bettie.

— Sei que não será fácil sair com um mero mortal depois de Sebastian Barnes, mas tem que confiar em mim — insistiu.

— Sim — afirmou Regina. — Ultimamente esteve ouvindo muito isso.

Voltou para seu quarto e fechou a porta.

Na segunda-feira pela manhã, Regina correu para o balcão de devoluções com seu café de copinho da Starbuck. De repente, viu que Sloan avançava na mesma direção, um metro na frente dela, andando depressa. Seu rabo-de-cavalo loiro platino flutuava atrás de sua cabeça como uma bandeira inimiga.

Regina atirou o café no primeiro cesto de papéis que encontrou e reduziu o ritmo. Mas foi impossível evitar Sloan, que, de fato, a esperava na sua mesa.

Havia um carro cheio de livros estacionado junto a sua cadeira que requeria sua atenção.

— Bom dia, Regina — saudou-a. — Hoje é seu dia de sorte.

Ela mal conseguia olhar para ela. Não compreendia o ciúmes e a desconfiança que borbulhavam em suas vísceras como o ácido. Ela lembrou a si mesma que fazia uns poucos dias Sebastian Barnes já não importava mais, nem seu passado, nem seu presente. Mesmo assim, havia algo em Sloan que a afetava.

— Ah, é mesmo? Como assim? — Deixou a bolsa no chão.

— Voltará para o balcão de empréstimos — anunciou.

Aquelas eram boas notícias, mas Regina não reagiu, limitou-se a perguntar:

— Tenho que ir agora?

— Em um minuto — respondeu Sloan. — Mas preciso que esteja disponível ao meio-dia. Tenho alguns recados que fazer e necessitarei ajuda.

— Sinto muito — ela respondeu.. — Vou almoçar com a Margaret. Sloan estremeceu ante o desprezo, mas se recuperou rapidamente.

— Bem, como não! Faça enquanto possa.

— O que significa isso?

— Eu não disse para você? Devido aos cortes orçamentários, eliminaram o seu cargo.

— Não podem dispensar a bibliotecária de arquivos.

— Ofereci a ela um lugar no balcão de devoluções — comentou Sloan como se não a tivesse ouvido. — Infelizmente, ela optou por retirar-se. Mas acredito que vai explicar isso tudo durante o almoço.

Regina saiu correndo e subiu a escada a toda pressa. Dirigiu-se à sala onde trabalhava Margaret enquanto se perguntava por que a senhora não tinha contado pessoalmente. E então lembrou-se de que Margaret tinha ido a sua mesa dois dias antes, mas Regina estava muito absorta na sua dor pelo rompimento com Sebastian para aceitar seu convite a tomar um café.

A Sala de Arquivos estava totalmente iluminada pelo sol, os raios deixavam ver franjas de pó no ar.

— Por que não me disse isso? — espetou Regina.

Margaret estava inclinada sobre uma mesa, lendo um enorme livro encadernado em tecido com uma lupa.

Levantou a cabeça devagar.

— Bom dia para você também — exclamou sorrindo.

— Não sei como pode parecer tão alegre. Sloan acaba de contar o que aconteceu.

A mulher deixou a pesada lupa sobre a página.

— Era inevitável, Regina — comentou. — Você não precisa me olhar assim. Não sou uma vítima. Supero a idade de aposentadoria faz tempo.

— Bom, mas acredito que o momento escolhido é realmente uma sacanagem. E as circunstâncias.

— Foi bom — replicou Margaret. — E eu já disse uma infinidade de vezes que aqui já não é o que era. Sabia que o ex-presidente desta biblioteca criou um plano para armazenar milhões de livros em Nova Jersey? Demoraria no mínimo, um dia para ter um livro na Sala Principal de Leitura a partir do momento em que o leitor fez o pedido.

— Não podem fazer isso — escandalizou-se Regina.

— Oh, sim podem e o farão. Acredite em mim, protestamos. Faz uns poucos meses, um pouco antes de que você chegasse, enviamos uma carta assinada por centenas de escritores e acadêmicos. E esse só é um problema. O orçamento para as compras abaixou vinte e seis por cento nos últimos quatro anos. É muito tarde, Regina.

Para seu espanto, esta começou a chorar.

— Oh, Regina. Está sentindo isso pior que eu.

Margaret caminhou ao redor da mesa e a abraçou. Ela cedeu ao gesto de carinho e chorou nos braços da Margaret como uma menina. A mulher tirou um lenço de tecido e pôs na mão dela. Regina enxugou as lágrimas.

— Obrigada. Sinto muito. Não sei o está errado. Margaret recuou e sorriu.

— Tudo vai ficar bem, Regina. A biblioteca sobreviverá. Eu encontrarei trabalho numa livraria. Ou possivelmente comece com alguma dessas coisas de blogs...

Ela riu.

— Mas o mais importante é que você estará bem. Regina assentiu não muito convencida.

— Obrigada por me contar do Sebastian. Tentei falar com ele sobre a sua

mãe, mas se negou.

— Tenho que lhe dizer isso Regina. Eu não sei muito de homens. Nunca me casei e não foi por acidente. Mas uma das poucas coisas que aprendi em minha época é que não se pode mudar um homem, nem tampouco corrigi-lo.

— Estou certa de que tem razão nisso — disse ela, fungando.

— Descubra o que você deseja, o que te faz feliz. E logo poderá decidir que homem permitirá entrar na sua vida.

— Então, nunca encontrou algum com quem desejasse se casar?

— perguntou Regina.

— Oh, houve muitos homens aos que desejei — respondeu a mulher com um sorriso matreiro. — E quando deixava de deseja-los, ia para o seguinte.

— Margaret! — exclamou Regina.

— O que? — protestou a senhora. — Posso suportar os antiquados livros velhos, mas não os romances antiquados.

CAPÍTULO 35

Regina não tinha nenhuma pressa por acabar de trabalhar. Olhou o relógio, viu que eram seis e dez e logo que pôde encontrou forças suficientes para mover-se.

— Bom, é fantástico te ter de volta, Finch. Mas já vou-me — disse Alex depois que lançava um último livro sobre sua mesa.

— Que tenha uma boa noite — despediu-se Regina.

— Com certeza que a terei — respondeu o menino com um amplo sorriso.

— Oh? Um encontro interessante?

— Poderia dizer que sim. Por que está ficando? Vai ajudar com o ensaio?

— Que ensaio?

— Sloan vai organizar o lugar para o baile de gala. Uma espécie de ensaio geral. Pensei que talvez você tivesse sido escalada para ajuda-la.

— Oh, Deus, ainda não. Mas obrigado por me avisar. — Colocou apressadamente as coisas na bolsa e anunciou: — Vou com você.

Desceram as escadas até o saguão de entrada e notaram uma antecipação do calor e a umidade que os esperava lá fora.

Havia gente sentada nela, embora menos que na hora do rush do almoço. A calçada da Quinta Avenida estava lotada de pedestres que corriam para Grand Central Station e Regina sentiu pavor pelo caloroso trajeto do metro

que a aguardava.

— Até mais tarde, Finch — gritou Alex, enquanto se desviava para o sul.

Estava ao ponto de lhe dizer adeus, mas as palavras ficaram presas na garganta quando viu o Mercedes preto estacionado do outro lado da rua.

“Você pode simplesmente virar para a esquerda, para a estação de metro”, pensou. E isso foi o que fez. Infelizmente, Sebastian a conhecia o suficiente bem para saber para onde se dirigia. E com suas longas pernas chegou lá antes dela e a interceptou na esquina da Quarenta e dois com a Quinta.

— Não atende o telefone — disse, colocando-se bem na frente dela e bloqueando o seu caminho.

Regina não se permitiu olhá-lo nos olhos. Se o fizesse, estaria perdida.

— Refere a este? — perguntou, enquanto tirava o iPhone da bolsa e o entregava.

Não o tinha ligado em três dias. Sebastian se negou a pegá-lo.

— Pode falar comigo um minuto? — perguntou.

Regina sabia que deveria seguir andando, mas em lugar disso olhou para ele. A visão daqueles aveludados olhos pretos e aquela boca tão masculina a afetou de tal maneira que ficou petrificada, incapaz de mover-se.

Sebastian interpretou seu silêncio como um sim.

— No carro? — voltou a perguntar.

— Não vou entrar no carro.

Olhou a seu redor, claramente incômodo.

— Vai ser difícil falar aqui.

Como mostrando que tinha razão, um homem de terno golpeou Regina com sua maleta.

— Vou me arriscar a ser atropelada pelas pessoas — respondeu.

— Fale por você mesma — ele comentou com um leve sorriso.

Algo se mexeu em seu interior. Amava-o, que Deus a ajudasse, mas manteve sua expressão impassível.

Sebastian voltou a olhar a seu redor e passou a mão pelo cabelo. Regina seguiu seu olhar até o outro lado da rua e viu que seu chofer tinha dado a volta no quarteirão e nesse momento estava parado na rua Quarenta e dois entre o Madison e a Quinta.

— Bem — ele cedeu — Você ganhou. Vamos falar aqui.

Pegou-a pelo cotovelo e a aproximou do edifício. Ela se apoiou em uma vitrine e o olhou aguardando.

— Meu pai deixou a minha mãe por uma modelo de vinte anos, uma garota que tinha três anos a mais que eu. A princípio, odiei-a, mas no final fizemos uma trégua e nos tornamos amigos. Levava-me às sessões fotográficas e aí é onde me interessei pela fotografia. Deixou que eu praticasse com ela. Mas no final deixou o meu pai, ironicamente por um fotógrafo. Então, o dano já estava feito e minha mãe, que nunca se recuperou da aventura de meu pai e do divórcio, se suicidou.

— Quem era a modelo? — perguntou Regina, enquanto as imagens da exposição do Sebastian na galeria vinham a sua mente como uma onda não desejada. E soube qual era a resposta.

— Astrid Lindall.

As palavras que confirmavam suas piores inseguranças sobre seu relacionamento foram como uma bala. O deles era um mundo que acabou e

seu interesse por ela não podia ser mais do que uma distração passageira.

— Eu aprecio... a...informação. De verdade. Gostaria que me tivesse contado estas coisas num momento em que poderíamos estar sentados na cama falando durante horas, nos conhecendo mutuamente. Mas agora já não sei o que deveria fazer com ela.

Os táxis buzonavam, as pessoas seguiam passando junto a eles e o calor e a umidade pesavam como se fossem um manto. Mas Regina não queria se mover; não queria que ele se fosse e, sem dúvida, não desejava regressar de metrô ao seu apartamento para passar outra noite desejando-o. A quem queria enganar ao pensar que ficando fora do carro ia evitar que sua resolução e indiferença caíssem como peças de dominó?

— Vamos conversar. Jante comigo.

Ela não desejava jantar. Desejava sentir o doce ardor da corda ao redor dos pulsos, o ar frio do quarto que nunca tinha visto, a intensa dor nas coxas, o explosivo alívio de seu membro entre as pernas.

Ela virou-se e caminhou para a entrada da estação.

— Espera. — Sebastian a pegou pelo braço e ela permitiu-o parar.

— Não quer mais fazer isto, de acordo. Tenho que aceita-lo. Mas não me rejeite como se tivesse feito algo mau. Nunca menti para você. Não te deixei. Está zangada porque acredita que não posso te dar o que quer.

— Pode?

— Não sei — reconheceu. Parecia inclusive mais triste admitir o que ela tinha sentido nos últimos dias para perceber. — Mas vim aqui para falar com você porque quero econ-lo.

— Tentar como?

— Não sei — repetiu. — Eu pensei que você disse que queria conversar.

— Não é tão fácil — protestou Regina. — Eu também estou pensando que possivelmente eu não posso te dar o que você quer.

— Mas dá.

— Por enquanto — ela acrescentou.

— É por querer te fotografar?

Regina mordeu os lábios, odiando ter que reconhecer-lo inclusive para si mesma.

— Pode me dizer que não se importa? Que pode estar com uma mulher que não tem interesse em ser sua musa?

— Mas aí é onde você se engana, Regina. Você é minha musa, você é. Penso em você cada vez que faço uma foto. Vejo-te em cada rosto, em todos os corpos que fotografo. O número de outubro de W deveria levar seu nome na capa. A única coisa que te peço é que me deixe ver o que acontece quando ponho à mulher que de verdade me inspira diante da câmara.

Ela pensou nas imagens em branco e preto das paredes de seu apartamento, mulheres com cordas, sob o chicote, nuas e imortalizadas num momento de desumanização de Sebastian.

— Não posso — repetiu.

— Confiou em mim em todos os sentidos. Você mal hesitou. E vai fugir porque tem medo que eu a fotografe?

— Parece ruim quando você fala assim. “Limite intransponível”, pensou. Ela virou-se e entrou correndo na estação de metrô.

O rosto da Regina era um desastre, estava inchado e cheio de lágrimas

quando colocou a chave na porta de seu apartamento. Chorar no metrô devia ser uma nova forma de chegar ao fundo do poço. Ou talvez a mulher não fosse uma verdadeira nova-iorquina se não se desmanchasse totalmente no metrô em plena hora do rush.

Entrou no apartamento e se consolou pensando que o refúgio de seu quarto estava a segundos de distância.

— Onde esteve? — perguntou Carly, surgindo na frente dela como se fosse uma aparição excepcionalmente bem vestida.

Usava o cabelo loiro preso em um descuidado coque na nuca e um vestido amarelo de verão que ficava perfeito com seu leve bronzeado. Passou gloss nos lábios e blush suficiente para dar ao seu rosto um brilho rosado. Mas nenhuma destas coisas era o motivo pelo qual Carly estava mais bonita que nunca. Regina se deu conta de que não era o bronzeado, nem a maquiagem perfeita ou o vestido. Era porque, pela primeira vez desde que Regina a conhecia, Carly Ronak parecia verdadeiramente feliz.

— Onde sempre estou até as seis, trabalhando — replicou.

Então ela percebeu de que não estava sozinha no apartamento. Um jovem pulou do sofá. Tinha o cabelo loiro avermelhado e covinhas. Usava uma camiseta do Dartmouth e uma calça cáqui e a saudou com um sorriso caloroso. Mais que bonito era lindo.

— Oi, Regina. Prazer em conhece-la finalmente. Sou Rob Miller.

— Você é... Rob? — perguntou ela. Aquele era o galã? O homem que converteu Carly num mar de lágrimas durante dias e dias?

— Estávamos esperando por você — interveio Carly, enquanto segurava a mão de Rob.

Regina não sabia como, no decorrer de uma tarde, Rob conseguiu aparecer na vida de Carly e estar na sua sala como se ele tivesse morado sempre aí e ela fosse a visita. Tinha vivido tão concentrada em seu próprio drama com o

Sebastian que não se inteirou de que sua companheira havia — como ela o teria exposto?— fechado seu trato com Rob?

— Nós convidamos um amigo de Rob, Andy, para beber alguma coisa, e queremos que se junte a nós.

Oh, Deus, uma encontro às cegas? Carly devia estar tão enevoada por sua nuvem de amor, porque era evidente que não tinha percebido de que Regina apenas estava em condições de escovar os dentes e ir para a cama.

— Em outro momento — disse ela. — Prazer em conhece-lo — murmurou a Rob.

Mas Carly não ia desistir tão facilmente. Seguiu-a até seu quarto.

— Hey — disse ao fechar a porta atrás dela. — Por que não vem conosco?

Regina atirou a bolsa Chanel sobre a cama. Desejou ter sua velha bolsa OldNavy. Não podia suportar ver o reluzente couro preto com as letras C douradas entrelaçadas. Era como levar Sebastian ao ombro.

— Por que não me disse que havia voltado com Rob? Só contamos as más notícias? É assim que funciona?

— Eu queria contar, mas não você não esteve muito receptiva nestes últimos dias.

Regina pensou no seu consumo de cereais, fechada no seu quarto, em como havia se acostumado a ir para a cama às nove em ponto para poder escapar de sua desgraça e acordava no dia seguinte o mais tarde possível para sair correndo ao trabalho.

— Acho que tem razão. Sinto muito. E o que aconteceu? Carly apontou para a sala, onde Rob estava esperando.

— Este não é o melhor momento para falar disso, assim, para resumir uma longa história, eu vou dizer que não resolvemos todos os nossos problemas.

Mas encontramos um modo de chegar a um acordo.

Regina assentiu.

— Bom, fico feliz por você. Parece um bom rapaz.

— Venha conosco. Andy também é legal. Não pode ficar sentada neste quarto chorando pelo Sebastian Barnes o resto de sua vida. Tem que seguir em frente.

Ela concordou. Em sua mente, ela o viu olhando para a Rua Quarenta e dois, esperançoso e decepcionado ao mesmo tempo. Tinha sido mais fácil pensar em seguir adiante quando o culpava, quando via si mesma como a que dava tudo, e a Sebastian como o vilão do relacionamento que não desejava se aprofundar. Mas ela sabia que ele tinha tentado mostrar, num raro momento de constrangimento, que tentaria lhe dar mais. Agora era ela que tinha percebido de que tinha dado tudo o que podia. E aterrorizava-a pensar que não era suficiente. Mas aquele não era momento para explicar tudo isso para Carly. Assim que se limitou a dizer:

— Ainda não estou preparada.

A expressão de sua companheira se suavizou.

— Ok, entendo. Eu passei pelo mesmo. Mas esta é a última vez que deixo você fugir impune. Direi para o Andy que quer adiar.

Regina deixou a bolsa no chão, deitou-se na cama e se aconchegou de lado. Viu o livro da Bettie Page sobre a penteadeira. Já não o queria em seu quarto, mas não sabia o que fazer com ele. Não tinha coragem para jogar no lixo. Talvez pudesse vendê-lo na livraria Strand no dia seguinte.

Levantou-se. Levaria-o para a sala e deixaria-o entre as revistas de moda de Carly, onde não tivesse que vê-lo. Ficou escutando na porta de seu quarto. Não se ouvia nada. Esperou alguns minutos a mais e quando esteve segura de que Carly e Rob se foram, pegou o livro e se dirigiu à sala. Pensando bem, talvez o levasse na livraria Strand nessa mesma noite. Só eram sete

horas e não tinha nada melhor do que fazer.

Ela se sentou no sofá, porque decidiu folheá-lo uma última vez. Era lindo e ela sentia uma fraqueza por belos livros. Passou as páginas até a metade, até o capítulo de fotografias bondage e fetichistas feitas pelo Irving Klaw. Recordou o que Sebastian lhe havia dito naquela primeira noite no seu apartamento, que Bettie tinha algo que nenhuma das garotas das suas próprias fotos tinha: "alegria".

Regina olhou com atenção a página que tinha na frente dela. Bettie usava um biquini de estampa de leopardo, os braços e as pernas algemados e uma corda bem escura na boca. Mas sem dúvida, seus olhos estavam sorrindo.

"Parece que está se divertindo", ele havia dito. E Regina tinha que reconhecer que era certo.

Mas não pôde evitar pensar como era estar realmente nessa posição, a vulnerabilidade, a sexualidade muito real de que isso era o começo. Não sabia como Bettie Page o fez. Talvez na sua vida sexual real não houvesse sido uma submissa e isso lhe permitia interpretar esse papel em frente a câmera. Sua "alegria", sua atitude brincalhona, surgia porque isso era o que tudo aquilo era para ela: um jogo. Não estava mostrando à câmara algo tão real como se estivesse entregando uma parte de si mesmo.

Virou as páginas até que chegou ao próximo capítulo: Bettie com umas botas brancas, sacudindo uma vara; Bettie vestida com um espartilho e umas luvas pretas até o cotovelo, agachada em atitude ameaçadora sobre uma mulher vestida com lingerie, deitada de barriga para cima, atada e amordaçada; Bettie com cinta-liga, meias e botas de plataforma que chegavam até os joelhos, amarradas na frente, olhando à câmera com o olhar, como se fosse comer o fotógrafo no almoço; Bettie estalando um chicote.

Regina levantou a olhar do livro e teve uma descarga de adrenalina.

"Não resolvemos todos nossos problemas — disse Carly. — Mas encontramos um modo de chegar a um acordo."

E, de repente, Regina soube o que devia fazer.

CAPÍTULO 36

— Esta é uma lista da compras bastante extensa — exclamou Carly, olhando a grande nota rosa que Regina escreveu ao longo dos dias.

Era sábado de manhã e Regina não pôde evitar pensar que fazia só uma semana tinha ido às compras com Sebastian para o Baile Bondage. Esse tinha sido um dia que começou com uma grande promessa e terminou com ela questionando tudo.

Esperava que essas compras lhe dessem as respostas. Seguiu Carly para o leste, até a rua Christopher.

— É por isso que eu preciso de você. Pensei que podia passar horas no Yelp, confiando em estranhos, ou podia recrutar a minha própria gurú da moda.

— Sou uma desenhista, não uma Personal Shopper — grunhiu Carly, mas Regina sabia que a fazia feliz de embarcar nesse projeto.

— Espero que possamos encontrar tudo em dois lugares. E você realmente já tem um espartilho e uma cinta-liga?

— Sim — reconheceu Regina, ruborizando-se.

Tinha escondido o espartilho no fundo do armário e não o tinha visto desde a noite em que Greta a tinha embutido nele, a noite em que Sebastian lhe tinha dado o dilatador anal.

A primeira loja se chamava My Cross to Bare, e a vitrine estava cheia de esbeltos manequins de plástico branco vestidos com espartilhos, boinas de couro, botas de plataforma e algemas pendurada nas mãos.

Carly tocou um pequeno sino branco e eles abriram a porta. Regina viu algumas vendedoras passando, mas nenhuma parecia ter pressa para ajudar. Provavelmente, supunham que os clientes que iam à loja sabiam o que queriam e como consegui-lo.

Carly puxou os cabelos para trás num rabo de cavalo rápido e improvisado, olhou a lista e pôs as mãos nos quadris, como se estivesse se preparando para a batalha. Então começou a percorrer a loja pegando os objetos em questão: umas luvas longas de couro preto e outras brancas; um espartilho de veludo preto com um zíper grande e visível nas costas; um chicote de couro trançado preto e tiras vermelhas e pretas; um chicote longo, espetacular e de aspecto muito pouco prático e uma vara de quarenta e cinco centímetros.

Entregou a pilha a Regina.

— Foi fácil — afirmou. — Agora, pode me dizer o que vai fazer com tudo isto?

— É minha versão de chegar a um acordo com o Sebastian — respondeu.

— Não entendi — admitiu Carly.

— Sei... é difícil de explicar. Eu mesma estou começando a entender.

Uma vendedora asiática apareceu.

— Precisam de um provador?

— Não, obrigada. Levaremos tudo isso — respondeu Carly, sorrindo para Regina.

Quando Sebastian abriu a porta de seu apartamento, Regina se deu conta de que, pela primeira vez, era ela que o surpreendia.

Ele sorriu e pegou as duas bolsas esportivas das suas mãos.

— Uma semana sem falar comigo e agora vai se mudar para cá?

— brincou, claramente encantado em vê-la.

Ao contrário do outro dia na rua, Regina o olhou imediatamente nos seus olhos e num instante soube que estava fazendo a coisa certa. Se funcionasse...

— Bom, isso de não falar não me está ajudando exatamente. Assim decidi testar uma tática diferente.

Sorriu, mas no fundo estava tremendo. E se ele se negasse? E se lhe dissesse que era uma idéia estúpida? E se Sebastian não pudesse trabalhar desse modo?

Ele pegou a sua mão e a levou para a sala de estar.

— E o que teria de ajudar isso de você não falar exatamente? — perguntou, enquanto se sentava a seu lado.

— Se supõe que tinha que me ajudar a pensar, algo que não posso fazer direito quando estou perto de você. Tudo se torna... impreciso. — Inclusive nesse momento, estar perto dele a distraía. Sentiu que se voltava para ele como uma planta que se inclinava para o sol em busca da luz que necessitava para a fotossíntese. — Eu devia ser clara no que queria e o que estou disposta a dar.

— Tenho que admitir, e talvez se deva a minha inexperiência com a intimidade emocional, que faz a sua aparição por muito que me pese, que eu não tenho nem ideia do que está acontecendo.

Regina engoliu em seco.

— Bom, eu acho que, na semana passada, na noite do Hotel Jane, eu disse que precisava mais desta relação, que desejava te conhecer e você ficou furioso porque eu mencionei o que Margaret me havia dito. E talvez isso fosse culpa minha. Foi uma maneira desajeitada de iniciar a conversa. Mas então, você deixou claro que não estava interessado em ter uma relação desse tipo. E nós dois pensamos que era o fim.

Sebastian assentiu.

— Mas então...

— Sim, eu sei — interrompeu rapidamente. — Você foi me ver depois do trabalho para tentar falar e eu disse... Bom, não recordo exatamente o que eu disse.

— Deixe-me parafrasear: "Muito pouco e muito tarde"

— comentou Sebastian, mas a olhava com carinho.

— Sim... algo assim. Embora acredite que o que me assustou foi me dar conta de que se você tentou, eu também teria que tentar. E me pediu que posasse para você e isso me obrigou a dizer não, justo quando você estava dizendo que sim ... e me senti encurralada. Ou disposta a deixar que isto fracasse e eu não quero ser quem o estrague.

Sentiu os olhos cheios de lágrimas. Piscou rapidamente para contê-las, mas elas escaparam de qualquer maneira. Sebastian estendeu a mão e enxugou as que caíam pelo seu rosto.

— Não está estragando nada, Regina.

— Talvez "estragar" é uma palavra muito forte. Estou-o limitando.

— Todo mundo tem limites. Não falamos sobre isso desde o começo?

Ela assentiu.

Ele a rodeou com um braço e ficaram sentados em silêncio por alguns minutos.

— Regina? — perguntou em voz baixa.

— Sim?

— O que há nas bolsas?

— Ah, sim. Por isso vim. Mudei de opinião: quero que me fotografe.

Sebastian a olhou como se esperasse o fim da piada. Então, ao perceber de que ela falava a sério, negou com a cabeça, devagar.

— Agradeço esse gesto, Regina. Mas eu também estive pensando muito desde a nossa última conversa. Recorda o que eu disse sobre o BDSM e a fotografia? O que tinham em comum?

— Acho que sim — respondeu.

— Eu disse a você que não se pode obrigar a ninguém a ser um verdadeiro submisso nem a ficar em frente a uma câmera. Os resultados seriam terríveis. Tampouco você pode obrigar a si mesma.

Ela se deu conta de que estava tentando tirá-la do apuro. Poderia voltar atrás nesse momento e poderiam ter uma relação física durante todo o tempo que durasse e isso seria tudo. Não voltaria a lhe perguntar se podia fotografá-la. Era livre para estabelecer seus próprios limites.

— Não estou me obrigando. Quero fazê-lo. Ele a olhou com ceticismo.

— Desde quando?

Regina se aproximou de uma das bolsas e abriu o zíper. Tirou o livro do Bettie Page e voltou para sofá.

— Você me deu isto — comentou enquanto o abria.

— Sim, eu me lembro.

Virou as páginas até a última parte do livro, para localizar as fotos que gostava.

— Poderia fazer algo assim.

Ele pegou o livro e o pôs no colo. Olhou a página, mas negou com a cabeça.

— Não posso copiar o estilo de outro — explicou. — Não é assim que funciona.

— Não me refiro ao estilo da foto. Refiro a como ela está.

— Regina não entendia por que lhe falhavam as palavras. Virou as páginas até a outra parte do livro e lhe mostrou uma foto de Bettie atada a umas vigas de madeira. — Mas estas fotos não. Não quero fazer este tipo de coisas.

— Quer ser dominante nas fotos? — perguntou. Regina assentiu. Sebastian pareceu considera-lo. — Mas não é assim que te vejo. Não é como é. Não seria autêntico.

— Não é você quem me disse que precisava...? Como o disse... evoluir? — perguntou sorrindo.

Sebastian a olhou sério. Passou um minuto. Ela sustentou o olhar. E depois outro minuto.

— Pensarei nisso — decidiu. — Mas tem que me vender a ideia de que pode projetar esse papel de um modo convincente. Vejamos o que tem nessas bolsas.

CAPÍTULO 37

Um simples giro do pulso poderia fazer a diferença entre golpear a alguém e cortá-lo. Pelo menos, foi isso que disse Sebastian.

De pé no quarto dele, com as botas pretas altas, o espartilho bem apertado, com as luvas pretas de couro até o cotovelo, Regina sustentava a vara e se sentia poderosa, apesar de que o único que estava açoitando era o travesseiro. Voltou a golpear.

— Não deve dar com a ponta. Se golpear a pessoa só com o extremo, deixará marcas embora não rasgue a pele — continuou Sebastian.

Estava sentado numa cadeira de respaldo alto do outro lado do quarto, dirigindo-a como o Francis Ford Coppola do sadomasoquismo.

Aproximou-se e pegou a vara.

— É de náilon ou de fibra de vidro? — perguntou.

— Não tenho nem ideia.

— Ok, tenta de novo. Voltou para seu assento.

Regina levantou o braço e golpeou de novo o travesseiro.

— Melhor — disse. — E lembre-se que a força do impacto é determinado pela rapidez com que desce a vara, não quanto músculo aplique.

— Não tinha nem ideia de que seria tão complicado — ela comentou.

— Requer um pouco de esforço e reflexão — explicou sorridente.

— O que? Você pensou que era tudo diversão e jogos para mim?

Regina golpeou o travesseiro uma vez mais.

— Eu não sei se você foi muito precisa com esse, poderia lhe ter dado mais na parte superior das coxas que no bumbum. Tem que olhar isso.

Ela o olhou.

— É um travesseiro. Como posso saber onde está um traseiro imaginário?

— Eu admito, este exercício tem certas limitações. — Ele levantou da cadeira. — Acho que é hora de passar para um palco diferente.

Regina se emocionou. Esperava que a levasse ao Quarto para poder vê-lo pela primeira vez. Mas então ela percebeu que ele tinha as chaves do carro na mão.

— Aonde vamos?

— Faremos uma saída de campo.

Se o clube tinha um nome, Regina não o viu lá fora. Dentro, estava muito escuro para poder ver.

Ela havia trocado de roupa e pôs algo mais normal, embora Sebastian tinha avisado que não estaria vestida por muito tempo. O clube tinha uma rigorosa política de "roupa interior ou menos" e tinhamos que entregar a roupa na entrada.

Regina se mostrou receosa, mas Sebastian assegurou que, uma vez que estivesse dentro, chamaria mais a atenção se fosse vestida que se deixasse levar e passaria despercebida entre a multidão. Tinha certa lógica, mas ainda tinha um sabor ruim na boca, pela aventura no Hotel Jane e não

estava pelo trabalho de "deixar-se levar". Entretanto, a mulher da porta, de uns quarenta e cinco anos, não parecia absolutamente intimidadora e quando indicou a Regina que entregasse-lhe a roupa com tanta educação e naturalidade, ela cedeu. Não pôde evitar sorrir ao ver o Sebastian despindo-se até ficar só com os bóxers.

— Não tinha pensando que a política de "roupa interior ou menos" incluiria você também. — comentou.

— Estou pela igualdade, neném — replicou.

Embora a noite tivesse dado uma volta inesperado, realmente já se sentia mais perto dele. E estava impaciente por ficar com a sessão fotográfica antes que a dinâmica entre eles voltasse a trocar para uma incerteza, ou antes, que ela simplesmente perdesse a coragem.

Mas Sebastian se mantinha firme em que experimentasse o papel que desejava refletir nas fotos. Regina se perguntou quanto tinha vivido realmente Bettie e quanto tinha sido simplesmente interpretação.

— Se desejam alugar chicotes, algemas, varas, máscaras ou qualquer outra coisa, os encontrarão abaixo à direita.

Regina entregou a roupa e a mulher lhe deu um recibo de cartão colorido, como o de um figurino.

— Não tenho nenhum bolso onde guarda-lo — disse para o Sebastian.

— Pode lembrar o número?

— Sim.

Pegou o cartão e o devolveu à mulher.

— Não nos entretenhámos mais, vamos. Entregou-lhe a vara.

Pegou a sua mão e desceram uma escada. Aquilo parecia umas masmorras

de luxo. A única luz que havia era a dos candelabros e revelava celas, chãos de pedra e arcos de madeira que dividiam os quartos. As peças do mobiliário, de aspecto medieval, serviam claramente como instrumentos de tortura e nas paredes havia cordas, correntes, ganchos e roldanas.

Sebastian estava certo, Regina não sentia que chamasse a atenção em lingerie. As outras pessoas presentes no clube a olhavam com o interesse passageiro de qualquer um que entra num quarto já ocupado ou chega a uma festa que está em pleno apogeu.

Sebastian a guiou pela estadia. Surpreendeu-a ver mais homens que mulheres atadas ou em diversas situações de bondage. Sua relação com Sebastian a tinha levado a pensar automaticamente nas mulheres no papel de submissas, mas no clube era a minoria.

— Não vai jogar com nenhum homem — advertiu Sebastian quando passaram junto a dois acorrentados à parede, um de frente e o outro de costas o quarto.

O que estava de frente tinha o pênis metido numa espécie de jaula de metal. Cada um deles estava nas mãos de uma mulher que erguia uma vara e outros instrumentos de castigo.

— Por mim está bem — respondeu Regina rapidamente.

Havia uma mulher com uma lingerie vermelha sentada numa grande cadeira parecida com um trono. Suas longas pernas estavam vestidas com umas botas de couro vermelha e tinha um homem de bruços no seu colo e com a bunda ao ar. Açoitava-o com uma palmatória e Regina teria jurado que tinha ouvido o homem chama-la "mami".

— Por aqui.

Sebastian a fez atravessar uma arcada e entrar em outra sala. Viu uma mulher numa paliçada de madeira, com os olhos vendados e nua da cintura para baixo. Ele pareceu contemplá-la durante um momento, mas logo se

aproximou de outra deitada de barriga para baixo, nua sobre uma mesa, com os braços e as pernas presos por cintas. A seu lado, um homem lhe dava açoites com a mão. A pálida pele da mulher já mostrava as marcas vermelhas.

Sebastian deteve Regina a poucos metros da mesa.

— Observa — disse em voz baixa, uma vez que a rodeava com o braço.

O homem da mesa voltou a baixar a mão e logo esperou um pouco mais para lhe dar o seguinte golpe. A mulher gemeu, não gritava de dor, mas sim gemia extasiada.

Como se percebesse que tinha público, o homem se voltou para olhá-los. Logo, voltou a centrar a atenção na mulher da mesa e deixou cair a mão sobre a carne com uma palmada que Regina poderia ter ouvido da outra sala. Finalmente, afastou-se.

— Aonde vai? — sussurrou Regina.

— Está nos dando uma oportunidade — respondeu Sebastian.

— Uma oportunidade para que?

— Para jogar com ela.

Regina arregalou os olhos, em choque.

— Nem pensar.

— Para isso estamos aqui — replicou.

— Pensava que tínhamos vindo para observar.

— Não sei o que te fez pensar isso — disse, lhe entregando a vara.

— Espera aqui um segundo.

Sebastian se aproximou da mulher e se inclinou para lhe dizer algo. Ela tinha o rosto voltado para o outro lado e Regina não pôde saber do que falavam.

Logo, ele se virou para a Regina e indicou que se aproximasse. Ela obedeceu a contra gosto. De perto, as marcas da pele da mulher se viam mais vermelhas. Regina desviou os olhos.

— Diz que não tem problema que use a vara — informou Sebastian.

Ela o olhou como se estivesse louco.

— Não vou golpear esta mulher.

— É por isto que está aqui — repôs ele. — E o que é mais importante, é para o que nós estamos aqui. — Acariciou-lhe a cabeça e seu tom mudou. — Ou recebe ela agora ou receberá você mais tarde — advertiu-lhe. — Na realidade, receberá igualmente. A questão é quanto severo serei.

Regina o olhou nos olhos, aqueles escuros olhos, e sentiu a familiar agitação que se estendia do estômago até a pélvis. Então se deu conta de que não deveria sentir-se mal por golpear a mulher. Provavelmente ela não tivesse um Sebastian e por isso ia a esse lugar, para sentir as coisas que Regina sabia que só uma pessoa era capaz de dar.

Levantou a vara e manteve o braço à altura que Sebastian lhe tinha ensinado. Indicou o traseiro da mulher, recordando que desse no seu objetivo e não golpeasse a parte posterior das coxas, porque isso seria muito doloroso.

Regina vacilou antes de baixar a vara, mas um rápido olhar para Sebastian deu a coragem suficiente para fazê-lo. Mordeu o lábio inferior e golpeou o rosado traseiro da mulher.

— Pode fazê-lo mais forte — disse ele.

Perguntou-se se o excitava vê-la. E levada pelo novo espírito de sua relação, mais aberta e comunicativa, decidiu perguntar-lhe.

— Isto te excita?

Sebastian negou com a cabeça.

— Não. — aproximou-se mais dela e sussurrou: — Estou recorrendo a todo meu autocontrole para não te vender os olhos e te atar nesse banco daí. Resistiria, mas te arrancaria as calcinhas e usaria a palmatória para ensinar a estes principiantes como se faz realmente. Isso sim seria excitante para mim.

Para Regina o coração começou a bater com força.

— Agora — murmurou, — quero que golpeie esta mulher quatro vezes e logo iremos. Diga-lhe que conte.

Perturbada, Regina se voltou para a mulher.

— Conta — ordenou-lhe nervosa, tentando manter um tom forte e firme.

Olhou para Sebastian e ele assentiu.

Baixou a vara, não muito forte, mas sem dúvida com ímpeto.

— Um — gritou a mulher com voz clara. Sebastian lhe indicou vocalizando: "Mais forte".

Regina fez descer a palmatória mais rápido e seu som ao impactar contra a carne foi quase muito para ela.

— Dois! — gritou a mulher.

Regina continuou. O braço começava a tremer.

— Faça-a gozar — disse-lhe Sebastian.

Ela o olhou desconcertada. Golpeou-a com mais força. A mulher gemeu levemente, não tão forte como o tinha feito com o predecessor da Regina, mas mesmo assim já era algo.

— Três — prosseguiu a mulher, com a voz levemente mais tensa. Regina voltou a golpeá-la, dessa vez com uma força que surpreendeu a ela mesma. Esta respondeu com um grito extasiado e logo clamou com voz grossa:

— Quatro.

Sebastian pegou a vara e a fez subir a escada.

Lá fora começava-se a notar o ar mais frio. Regina, aliviada por voltar a estar vestida, perguntou-se se tinha deixado para atrás a parte mais dura da noite ou isso ainda ia acontecer.

Alegrava-se de que Sebastian a tivesse levado ao clube, de que lhe tivesse deixado que experimentasse por si mesma o que era segurar a vara. Pareceu-lhe assombroso não ter sentido a mínima excitação na posição de poder. Deu-se conta de que a dinâmica sexual entre Sebastian e ela não era algo que aceitava para agradá-lo, a não ser uma coisa verdadeiramente ajustada a seus gostos.

É obvio o intenso prazer que sentia com isso já deveria ter deixado claro. Mas até que não se pôs na outra posição não tinha podido estar certa. Agora, depois de ter visto quem não era, tinha uma maior consciência de seu eu sexual. E inclusive, embora resultasse ilógico, saber que não era uma dominadora fazia que a sessão fotográfica resultasse mais fácil, porque revelaria pouco de si mesma nas imagens; estaria interpretando um papel. Sua própria sexualidade seguiria sendo um delicioso segredo entre Sebastian e ela, e ninguém mais.

Só esperava que ele pudesse retratar à dominadora de um modo convincente. Sentia um novo respeito por Bettie Page.

Sebastian pegou o telefone.

— Jess — disse. — Preciso que me faça um favor. Pode estar em minha casa em vinte minutos? Regina e eu necessitamos do seu talento.

Ela o olhou com curiosidade, mas ele se limitou a piscar um olho.

CAPÍTULO 38

— Olhe para o chão, mas mantenha a cabeça levantada e olhando para frente.

Jess, a britânica ruiva de sua primeira visita ao Four Seasons, estava a guiando com paciência em sua primeira sessão de maquiagem profissional.

Regina se recostou numa das cadeiras da mesa de jantar de Sebastian. As luzes do teto lhe estavam dando calor.

— Isto não é muita maquiagem? — perguntou, tentando falar enquanto mantinha a cabeça quieta.

Jess aplicou nos olhos o que lhe pareceu que era a terceira capa de sombra.

— Confia em mim, não é. Sei que Sebastian trabalha muito em branco e preto, assim precisa de mais contraste. Pode ser que pareça exagerado quando te olhar no espelho, mas para as fotos será perfeito.

Sebastian estava ocupado preparando tudo no salão, movendo móveis.

— Farei algumas fotos lá fora — informou para Jess. Tudo aquilo era novo para Regina.

— Com qual as fará? Com a Mark II?

Ele resmungou algo que pareceu uma resposta afirmativa.

— Cabeça quieta — repreendeu-a Jess.

Naquela postura, Regina tinha diante dos olhos os seios da mulher, que saíam da fina camiseta cinza dos Rolling Stones. Perguntou-se com que frequência teria trabalhado Sebastian com ela e se o teriam feito muito estreitamente. Odiou-se a si mesma por sentir ciúmes e porque sua mente automaticamente acabasse sempre aí. Perguntou-se quando se sentiria segura, se é que chegava a sentir-se assim alguma vez.

Jess olhou a variedade de pincéis, potes, pós, curvex, rímel, lápis, pinças e estojos de pós compactos pulverizados sobre a mesa de jantar.

— Quase lá — anunciou, escolhendo e descartando vários batons para os lábios.

Sebastian se aproximou para avaliar os resultados. Regina se sentia tão pintada e com as sobrancelhas tão depiladas que temeu ver sua reação com a transformação. Mas sua expressão admirada acabou com todas suas dúvidas.

— Jess, sempre posso contar contigo para que opere a sua magia — exclamou. — E quanto a você — aproximou-se e apoiou a mão no cabelo; Regina levantou o olhar e a encantada adoração que viu nos seus olhos fez que o coração desse um salto, — está verdadeiramente bela.

Regina posava sobre o terraço do edifício de Sebastian, sob o cintilante manto das estrelas do verão, com o rio Hudson fluindo a suas costas, prateado à luz da lua.

O chicote já lhe pesava nas mãos.

— Me olhe, mas ponha o corpo de lado — indicou-lhe Sebastian.

— Tenta colocar o chicote atrás da cabeça. Segura a pega com uma mão e o

extremo com a outra.

Regina fez o que sugeria. A essas alturas, depois de horas de sessão fotográfica, já sabia como obedecer suas instruções e acrescentar também algo mais. Embora sua indicação mais importante tinha dado o começo do processo. Lembrou-lhe que as melhores modelos eram as que desfrutavam do que estavam fazendo nesse momento, as que não o faziam pelo dinheiro ou pela experiência artística, mas sim pela felicidade que sentiam nessas trocas entre a câmara e elas.

— Se pode sentir essa felicidade — disse-lhe, — teremos encontrado ouro.

Deixou cair o peso num quadril e sorriu como se estivesse a ponto de fazer algo extremamente perverso. Era um sorriso que se refletiu também em seus olhos, disso estava segura.

Ofereceu-lhe diversas variações da foto e logo lançou o chicote para um lado.

— Mostre-me o bumbum — pediu ele.

Duas horas antes, essa ordem a tivesse feito titubear, mas até então estava cheia de ideias sobre o que podia fazer com seu corpo. Tinha começado com um espartilho e uma saia de couro, mas a essas alturas só levava um body preto, um corsário de renda também preto e as botas de plataforma que tinha comprado com Carly.

Deu-lhe as costas e enroscou o chicote entre as pernas, virou a cabeça para olhá-lo como se a tivesse pego no meio de alguma coisa.

Durante a primeira hora, tinha pensado em Bettie, centrou-se nela para superar a timidez. Mas agora já tinha estabelecido uma relação com a câmara que era só dela.

— Tira o chicote e sente-se no chão — ordenou Sebastian.

Ele subiu num banco para poder fotografá-la de cima. Regina levantou o

olhar quando ele levou a câmara aos olhos, mas viu que voltava a baixa-la.

— Onde está seu pingente? Quero que o use para estas.

— Sério? Está lá dentro. Tirei isso quando me troquei.

— Vá em frente. Quando olhar à mulher nestas fotografias, quero saber que é minha.

Sentia as cordas mais escuras, a atadura dos olhos mais escura, o quarto mais frio.

Era como se tudo estivesse levado a extremos para lhe recordar qual era seu lugar. Ele pode ter permitido ser dominadora no clube e nas fotografias, mas agora Sebastian estava decidido a fazê-la voltar para a realidade, sua realidade.

Deviam ser quatro da manhã e Regina estava atada exatamente igual como tinha estado a mulher do clube: de braços sobre a mesa, em cruz, com os braços esticados e as pernas abertas. Totalmente nua, sentiu o anseio da vulnerabilidade e a insuportável antecipação, um desejo que se não aliviasse e a deixaria louca.

Ouviu que Sebastian se movia a seu redor e então, sem prévio aviso, sentiu a fria pressão do metal deslizando-se no seu ânus. Regina ofegou e, embora reconheceu a sensação do dilatador anal, o coração acelerou.

— Quantos golpes deu à mulher? — perguntou Sebastian.

— Quatro — respondeu ela.

— Em nosso caso serão seis.

Regina se esticou, esperando que a golpeasse com o chicote ou com a vara. Em lugar disso, o que sentiu em seguida foi algo duro, embora levemente elástico, como de borracha, que fazia pressão contra os lábios de seu sexo. Seu primeiro impulso foi resistir, mas se obrigou a não contorcer-se e permitiu que ele começasse a fazer sexo delicadamente com o objeto. Enchia-a como um pênis e sabia que devia ser um vibrador de algum tipo. Com o dilatador anal, aquilo era muito e esteve a ponto de dizer que não poderia suportá-lo, mas quando lhe tocou um ponto que provocou um tremor de prazer, tentou relaxar-se. Então Sebastian parou de movê-lo e a deixou com aquilo imóvel no seu interior.

Regina sentiu que sua vagina palpitava a seu redor, desejando mais do prazer que lhe tinha antecipado. O ter no seu interior mas sem transar era um tortura.

— Ah! — A chicotada chegou quando menos esperava e a dor foi intensa.

Quase esqueceu a sensação de plenitude entre as pernas e o dilatador no bumbum quando seu corpo se esticou à espera do seguinte golpe, que foi igualmente duro.

— Conta — ordenou ele com a voz grave. — Vamos para o terceiro. De novo a dor, mais intensa dessa vez.

— Três — contou.

Seu único alívio foi saber que só chegariam a seis.

— Se perder a conta ou não contar em voz alta, começaremos de novo — advertiu-lhe.

A ameaça foi suficiente para quase fazer esquecer que número ia. Outra vez, um golpe. Não sabia se tinha sido menos duro ou se ela se estava intumescendo, mas não lhe pareceu tão forte.

— Quatro — disse, tentando manter a voz firme.

Pensou na mulher do clube e se perguntou como era capaz de suportar isso de estranhos.

Ouviu que o chicote caía ao chão e o que sentiu a seguir foi a mão de Sebastian golpeando o traseiro com força, provocando uma aguda dor numa zona mais ampla. Surpreendeu-a tanto que quase esqueceu de contar. Mas por sorte conseguiu sussurrar:

— Cinco.

E logo nada. Sentia-o ali de pé e todos os músculos de seu corpo estavam preparados para a dor. Mas ele não a tocou. Com a ausência de golpes, voltou a ser mais consciente da incômoda pressão na bunda e entre as pernas. Embora sentiu o impulso de fazê-lo, não se atreveu a mover-se, pois pensou que com isso podia fazer cair algum dos artefatos que tinha metidos no corpo. E em seguida encontrou-se desejando que Sebastian lhe infligisse a dor final, consciente de que só então a liberaria da tirania do metal e da borracha. A única coisa que podia pensar era em desfazer-se deles.

— Me golpeie — murmurou.

— O que? — perguntou ele, embora Regina sabia que a tinha ouvido.

— Me golpeie outra vez.

— Quer que te dê outro açoite?

— Sim — respondeu.

— Tem que pedi-lo bem.

— Por favor, me dê outro açoite — disse.

Esticou-se e, sem dúvida, o golpe final foi o mais duro de todos, choacada por sua força, seu som e a ardência que pareceu estender-se do bumbum até as pernas.

— Seis — sussurrou.

Tinha acabado. Com o coração trovejando nos ouvidos, Regina esperou.

CAPÍTULO 39

Sebastian esfregou com delicadeza a ardente carne do traseiro com as mãos e logo, para seu alívio, tirou-lhe devagar o dilatador. Depois sentiu que tirava também o vibrador. E então não houve nada. A ausência dos objetos, e de seus golpes, foi quase chocante para seu corpo. Sentia muito ar a seu redor e uma palpitante necessidade de que a tocasse de algum modo.

Sebastian liberou as mãos e os pés. Podia mover-se, mas curiosamente seu corpo não estava disposto a fazê-lo. Ficou totalmente imóvel sobre a mesa, com a esperança de que se não fazia nada, ele respondesse de algum modo à necessidade de seu corpo.

— Fique de barriga para cima — disse-lhe com suavidade. Devagar, virou-se. A visão do rosto do Sebastian foi um bálsamo para sua mente e seu corpo ofegantes. Seus olhos percorrendo-a eram um consolo, mas só seu contato poderia curá-la. Sem dúvida, ele sabia e por isso não importava que disfarce levasse ou que fotos tomasse, ao final, ela sempre se submeteria a ele.

— Fecha os olhos. E mantenha-os fechados ou terei que tapa-los— advertiu-lhe.

"Oh, não", pensou.

Não sabia quanto mais poderia suportar. Acreditava que já tinha acabado.

Mesmo assim, obedeceu e fechou os olhos com força. Ouviu que Sebastian se afastava uns passos e lutou com toda sua força de vontade contra o impulso de olhar.

Sentiu que se aproximava e então algo suave como uma pluma roçou a

clavícula. Percorreu-lhe os seios, fez-lhe cócegas nos mamilos, logo deslizou sem pressa pelo umbigo até que lhe acariciou a coxa.

— Abre as pernas — ordenou-lhe Sebastian.

Quando esteve aberta para ele, aquela suavidade revoou sobre seu sexo e lhe fez cócegas no clitóris até que sentiu que a pélvis arqueava para cima. Então notou a cálida carícia de sua língua que a levou quase ao clímax.

Regina gemeu, esticou os braços, puxou-o para pô-lo em cima dela, para que fizessem sexo. Mas Sebastian ignorou sua frenética demanda e se centrou só em seguir o rastro da língua com o dedo, até que o deslizou no seu interior.

Regina se contorceu contra ele. Sentiu o orgasmo perto e se surpreendeu baixando a mão para acariciar o clitóris e assim poder alcançá-lo, mas Sebastian a desviou.

— Se levante — indicou-lhe. — Te apóie em mim e mantenha os olhos fechados.

Tremiam-lhe as pernas e rodeou a cintura com um braço quando seus pés descalços tocaram o chão frio. Guiou-a pela quarto até que soube que estava no corredor.

— Agora já pode abri-los — disse-lhe.

Regina abriu os olhos e o viu nu, seu membro duro e mais que preparado para ela. Sebastian pegou a sua mão e a colocou sobre a ereção enquanto tirava uma camisinha. Regina moveu a mão devagar e o sentiu palpitar sob os dedos. Surpreendeu-a descobrir quanto desejava o ter na sua boca. Ajoelhou-se, esticou um braço por atrás dele e o atraiu para si. Sebastian gemeu e empurrou para frente, enchendo a boca mais rápido do que tinha esperado. Virou-se um pouco para trás, passou a língua por toda a longitude e logo voltou a inclinar-se para frente para abrange-lo inteiro.

Sebastian gemeu e o som de seu prazer fez que encolhesse o estômago de excitação. Acariciou-lhe a mandíbula com a mão e começou a entrar e sair

de sua boca a um ritmo enlevado, até que saiu de tudo e pôs a camisinha. Atraiu-a para ele, tomando seus seios entre as mãos e beijando-a com força. Regina sentiu seu membro contra o estômago e se prendeu a ele. Então, com um rápido movimento, Sebastian a pegou nos braços e a levou até ao quarto. Deitou-a na cama, onde sentiu o edredom frio nas costas. Mal teve tempo de abrir as pernas antes de que ele se colocasse em cima e a enchesse tão repentinamente que a fez gritar.

Sua mente se deslizou a aquele espaço que só encontrava com ele, uma suspensão do pensamento que a convertia em puro nervo, tremendo de prazer e avançando para a liberação. Sebastian entrava e saía de seu interior, reduziu o ritmo e ajustou o ângulo para lhe roçar o clitóris com o membro numa investida. Regina ofegou e cravou as unhas no traseiro, mantendo-o no seu interior enquanto o orgasmo chegava em ondas que fizeram que todo seu corpo se estremecesse.

— Goze — murmurou a Sebastian de uma vez que deslizava as mãos para cima para lhe acariciar as costas.

Ele o fez, com o rosto enterrado no seu cabelo e umas investidas mais rápidas e duras, até que seu corpo estremeceu contra o seu e ficou imóvel.

CAPÍTULO 40

Regina estava aconchegada junto a Sebastian, com a cabeça apoiada no seu peito, quando a primeira luz da manhã começou a filtrar-se no quarto. Apesar de que tinham tentado conciliar o sonho, ainda estavam totalmente acordados.

— É impossível eu resistir durante todo o dia no trabalho — queixou-se ela.

— Depois da noite que você teve? Precisa descansar. Nem pense em ir à biblioteca — alertou.

— Eu tenho que ir. Eu quero ir. O que você e eu temos é importante para mim, mas também é o meu trabalho. Não quero estragar.

— Você não vai estragar — ele disse. — Ligue a Sloan e diga que você não está bem e que irá mais tarde.

Regina assentiu.

— OK. Mas não posso continuar fazendo isto. Eu...

— Relaxe — insistiu Sebastian silenciando-a com um beijo.

— Posso perguntar uma coisa?

Ele se ergueu sobre um cotovelo e olhou para ela acariciando seu rosto.

— Oh, Oh! — exclamou. — Isso soa sério. E, de acordo com os termos recém negociados da nossa relação, eu acho que vou ter que responder.

— Exatamente — afirmou Regina.

— Você me fez tão fodidamente feliz de me deixar te fotografar... Tinha minhas dúvidas sobre o que queria fazer nelas, mas você esteve perfeita.

— Não mude de assunto — protestou ela, embora suas palavras a entusiasmassem. — Tenho curiosidade. Pode ter relações sexuais sem todo o... bondage e a disciplina?

— Claro — respondeu. — Embora, para mim, ir diretamente ao sexo é mais para uma parceira de uma noite... material descartável.

— E o que há com essa mulher que eu vi com você na biblioteca? Sebastian ri.

— Eu estava me perguntando quando você ia perguntar por ela. Esse é um exemplo perfeito, só sexo, nada especial. Uma vez e é tudo.

— Uma vez e já era — repetiu Regina. — É verdade o que disse antes? Que nunca se apaixonou?

Ela sentiu que se esticava e, por um instante, temeu que a pergunta os fizesse retroceder até onde estavam na noite em que a advertiu que não o danificasse e a mandou a casa.

— Não — respondeu — não é bem verdade.

— Ok — disse ela, praticamente segurando a respiração enquanto esperava a que ele continuasse.

— Eu expliquei como me meti na fotografia... que Astrid me introduziu nela.

— Sim — assentiu.

— Só tinha alguns anos a mais do que eu. Eu acho que ela se aborreceu rapidamente do seu casamento com meu pai. Este tinha muitíssimo dinheiro

e era bonito, mas não estava disposto a sair a clubes noturnos com ela ou a ir ver uma banda no Roseland. Assim, às vezes, quando dizia que estava muito ocupado ou muito cansado ou o que fosse, me fazia acompanhá-la.

— Está certo — concordou Regina em voz baixa, enquanto lutava com a imagem de um Sebastian adolescente passeando por Nova Iorque com uma das modelos mais famosas do mundo.

— Acredito que ele sabia que eu estava aborrecido e muito solitário também. Eu tinha amigos, mas era filho único. E, de algum modo, o dinheiro de meus pais me isolava. Em alguns aspectos, ela e eu tínhamos muito em comum. E então me ensinou a usar uma câmera e a me levar a algumas de suas sessões de fotos.

— Sim, isso você mencionou.

— E me apaixonei por ela.

Regina sentiu um frio na barriga.

— Como? Um caso de um estudante que perde a cabeça por um amor impossível?

Sebastian vacilou.

— Não, fomos amantes.

Ela se ergueu e virou-se para encará-lo.

— Sério?

Não sabia por que havia dito isso. Foi estúpido, como se ele fosse brincar com alguma coisa assim. Mas parecia inacreditável. Um adolescente tendo uma aventura com a mulher de seu pai...

— Sim, estava loucamente e profundamente apaixonado pela Astrid. Não sei o que foi para ela. Atração física, talvez. Um passatempo. Não sei. Mas

nos fomos descuidados e meu pai nos pegou, me expulsou de casa e me deserdou.

Regina não sabia o que dizer. Perguntou-se quanto disso seria de domínio público e então decidiu que não, ninguém deveria saber se não Carly ou até mesmo Margareth teriam mencionado. Voltou a apoiar a cabeça no seu peito.

— Sinto muito. Isso deve ter sido... Não consigo imaginar. Tornou-se público?

— Não. — Regina notou que seus braços se apertaram a seu redor.

— Meu pai tem muitos amigos e dinheiro metido nos meios de comunicação. Ninguém se atreveu a emputecê-lo. Mas minha mãe sim se inteirou. Supliquei a meu pai que não contasse... A mulher que tinha acabado com o seu casamento, tendo relações com seu próprio filho. Isso foi a única coisa de que me senti envergonhado. Mas ele não me escutou e explicou por que me expulsava de casa e me deixava sem dinheiro.

— Deixou de te manter? Mas você era menor, não?

— Sim, embora a família de minha mãe também tivesse muito dinheiro e ela conseguiu mais com o divórcio. Deixar de me manter era uma espécie de ameaça vazia. Acredito que por isso teve que ir mais longe e me castigou contando tudo para a minha mãe.

Mesmo agora, tantos anos depois, Regina podia ouvir a vergonha na sua voz.

— Ela havia perguntado por que você tinha transado. Não sei como teria podido evitar que soubesse.

— Meu pai e eu nunca nos demos muito bem. Acredite, poderia havê-lo evitado.

— Então, por que vivia com ele e não com ela?

— Depois do divórcio, minha mãe foi visitar seus pais no exterior durante um ano. Não tive muitas alternativas. Então, quando fazia uns poucos meses que havia retornado, recebeu o golpe seguinte. E dessa vez foi por minha culpa.

— Oh, Sebastian, era só um adolescente. E suponho que Astrid era pouco mais que uma adolescente também.

— Depois que eu sai da casa de meu pai, minha mãe suspeitou que eu continuasse a vendo e tinha razão. Distanciei-me de minha mãe, mentia, discutíamos. E então ela se suicidou.

A Regina prendeu a respiração. Levantou a cabeça para olhá-lo e a impressionou vê-lo a ponto de chorar.

— Sebastian, não me diga que se culpa.

— Não, não o faço — disse, mas sua cara dizia o contrário.

Ela beijou seu rosto e saboreou o sal de suas lágrimas. Rodeou-o com os braços e o abraçou com força. Ele afundou o rosto no seu cabelo e se agarrou a ela como se fosse uma tábua de salvação em que dependesse sua vida.

— Não foi culpa sua — disse, acariciando sua cabeça.

De algum modo, suas palavras liberaram uma corrente de pena e Sebastian chorou preso a ela como um menino. Regina sentiu que faria qualquer coisa para liberá-lo dessa dor.

— Meu agente recebeu ofertas de editores que querem fazer um livro com minhas fotos da Astrid. Mas eu não posso fazê-lo. Nem sequer desejo olhá-las. Acetei às expor porque era o que a galeria queria e era minha oportunidade de mostrar meu trabalho. Nunca mais fiz fotos desse nível. Os editores de moda não conhecem a diferença. Mas o mundo da arte, sim.

— Por que diz isso? Vi seu trabalho em revistas e as fotos que tem aqui na

parede.

— Estão boas, mas não são especiais. E, sem dúvida, carecem de inspiração. Antes pensava que era porque Astrid era a melhor modelo. Ao menos, tentava me dizer isso. Mas sabia que a verdade era que as fotos eram tão boas, por tudo o que sentia por ela e isso se refletia no trabalho. Essa é a razão pela qual eu estava tão desesperado por fotografar você, Regina.

— Por quê? — sussurrou.

Sebastian levantou a cabeça e rodeou o rosto com as mãos. Ela sentiu que acelerava o pulso. Ele tinha as pestanas úmidas e Regina sentiu o impulso de beijar as pálpebras.

— Porque pela primeira vez desde Astrid, estou apaixonado.

CAPÍTULO 41

Regina se deteve no pé da escada da biblioteca e em seguida se virou para despedir-se de Sebastian com a mão. Ele abriu a janela do Mercedes e gritou:

— Venho te buscar às seis.

— Ok — ela respondeu e viu como o carro preto desaparecia entre o tráfego da Quinta Avenida.

Sua mente flutuava com uma euforia que nunca tinha experimentado, mas seu corpo não sentia o mesmo tempo. Tudo lhe doía, as costas, os pés, os braços. O bumbum. Em frente ao leão de pedra Paciência, — ou era Integridade? — ajustou as sandálias de salto de tiras e a bolsa sobre o ombro, antes de iniciar a comprida subida até a porta de entrada.

Passava do meio-dia. Acordou com o alarme do telefone às sete, tinha ligado para Sloan e tinha deixado uma mensagem dizendo que não se encontrava bem e que iria um pouco mais tarde. A seguir, dormiu até as onze. Despertou sobressaltada, tomou o mais rápido duche de sua vida. Em seguida, Sebastian lhe mostrou o seu armário, onde encontrou uma blusa e uma saia da Prada com a etiqueta ainda posta. Vestiu-se rapidamente e, depois, ele dirigiu como um louco para deixá-la na biblioteca antes da hora do almoço.

O saguão de entrada estava frio e silencioso. Regina inspirou fundo e disse que tudo ficaria bem. As pessoas ficam doentes. Tinha consultas médicas. Entrava mais tarde. Subiu com toda pressa a escada central com o cadeado saltando pesadamente contra seu pescoço. A porta do escritório de Sloan estava aberta e esta a viu imediatamente.

— Ah, olhe quem decidiu levantar-se da cama e nos honrar com sua presença — exclamou.

Regina engoliu em seco, consciente de que as palavras que sua chefe tinha escolhido não eram só uma frase de efeito, mas sim eram intencionais e, se por acaso ficava alguma dúvida, o desprezo de seus olhos azuis a apagou.

Sloan bateu na coxa bronzeada com a mão esquerda e o enorme diamante do anel refletiu a luz do teto. Regina se descobriu observando-o fascinada.

— Sinto muitíssimo — desculpou-se, obrigando a encará-la. — Não voltará a acontecer. Agora já estou aqui e posso ficar até tarde...

Sloan olhou para seu pescoço e então ela se deu conta de que estava brincando com o cadeado. Imediatamente, baixou a mão.

— Você me decepcionou profundamente — disse a mulher com frieza. — Foi uma das melhores candidatas para o trabalho, mas sem dúvida não a única. A contratei não só por seu currículo acadêmico e as recomendações, mas também porque parecia o tipo de garota que daria prioridade a este trabalho acima de tudo. Que apreciaria...

— E o faço, Sloan. Eu aprecio isto. Sonhei com este trabalho quase toda minha vida. Ele isso me motivou durante os quatro anos de carreira. E embora eu ter chegado tarde e faltado um dia, isso não é indicativo do quanto eu levo a sério as minhas tarefas aqui. Cumpri no balcão de empréstimos e o tenho feito bem. Estou comprometida cem por cento com o prêmio de ficção. Eu...

— Está despedida — interrompeu-a Sloan.

Regina a olhou chocada. Algo no rosto da outra mulher lhe disse o quanto estava feliz por ter uma desculpa para despedi-la e sua surpresa se converteu em fúria.

— Tudo isto é realmente por meu trabalho? — perguntou, com o rosto vermelho e o coração acelerado. — Ou tem a ver com seus sentimentos

pelo Sebastian?

— Você pode culpar isso em qualquer coisa que queira. Mas continua demitida. Quanto a ele, não é um empregado remunerado desta biblioteca e eu sim. Eu contrato e demito conforme o considero conveniente. Se me puser a prova nisto, o lamentará.

Carly retornou ao apartamento às quatro da tarde e deixou escapar um pequeno grito de surpresa quando encontrou Regina sentada no sofá.

— O que faz em casa? — perguntou.

Tinha as mãos tão cheias de sacolas que quase não pôde fechar a porta sem puxar alguma coisa.

Regina, apesar de que ter tido várias horas para processar a horrível virada dos acontecimentos, não conseguiu responder à pergunta de sua companheira de apartamento. Seguia estupefata. Depois que Sloan a despediu, ficou tão desconcertada que partiu sem recolher os livros que tinha guardado sob a mesa nem dizer adeus a Alex ou a Margaret.

Ao pensar na senhora lhe deu um nó na garganta. Lembrou-se que esta ia sair de qualquer maneira. E então, na espiral de colapso do seu estado de ânimo, pensou no festa de gala dos Young Lions que seria em duas semanas e que ela perderia.

Todos os seus anos de esforço na faculdade, estudando em vez de ir a festas, fazendo recontagens de sua nota como se esses números fossem os blocos de construção de seu futuro, sonhando com o dia em que poderia encontrar um emprego numa biblioteca de verdade; os frios e chuvosos dias de março, quando ela foi fazer as entrevistas para a Biblioteca Pública de Nova Iorque; o perfeito dia de abril em que recebeu a chamada do

departamento de Pessoal da mesma e que mudou a sua vida. Tudo o que havia foi para o inferno.

— Despediram-me — comunicou-lhe, com os olhos cheios de lágrimas.

Carly ficou surpresa, como deveria.

— Está de brincadeira — replicou. Uma típica resposta de Carly. Abriu uma sacola do Whole Food e ofereceu uma espécie de muffin. Regina negou com a cabeça, tanto à oferta de comida como a seu comentário.

— Não, não estou brincando.

— Por que? O que aconteceu? Carly se sentou no sofá.

Regina não sabia como responder a isso. "Oh, deitei-me com o ex-amante da minha chefe e cheguei atrasada no trabalho, em meio de uma névoa sexual..."

— É uma longa história — disse.

— Eu escuto— insistiu Carly.

Seu celular tocou e, algo raro nela, o ignorou. Regina respirou fundo.

— Cheguei atrasada algumas vezes.

Carly deu os ombros.

— E? Essas coisas acontecem.

— E, aparentemente, minha chefe e Sebastian tiveram... — deixou a frase sem terminar deliberadamente.

— Não! — exclamou Carly, inclinando-se para frente com os olhos arregalados.

— Sim.

— Não posso acreditar! Apareceu na minha porta toda quietinha, tímida e inocente. E agora, olhe para você. Está vestida para deixar qualquer um boquiaberto, está saindo com um dos caras mais sexys de Nova Iorque e tem mais drama na sua vida de ninguém a quem eu conheça...

— Acredito que se esquece do tema chave desta conversa: perdi meu emprego. Fiquei sem meu trabalho. Estou tentando não me deixar levar pelo pânico, mas mudei para Nova Iorque por esse trabalho. Dependo dele. Não sei o que fazer.

— Em primeiro lugar, relaxe. Encontrará outro trabalho. Quer que ligue para algumas pessoas?

— Não ... eu não sei. Eu quero o trabalho que eu tinha. Eu queria ser uma bibliotecária desde que tenho uso da razão. Eu sei que parece insignificante para você e nada glamoroso, mas isto significa alguma coisa para mim.

A expressão de Carly se suavizou.

— Bem, ok. Se você acha que há alguma coisa que eu possa fazer, me diga. Quanto a seu aluguel, não se preocupe por ele. Sabe que eu não preciso do dinheiro. Só uma companheira de apartamento para que meus pais possam ser enganados pensando que não me meterei em problemas.

Regina a olhou surpreendida.

— Obrigado, Carly. Mas agora me sinto mal por não ter completado minha parte do trato, a de te manter afastada de problemas.

Sua companheira riu.

— Bom, isso sim seria um trabalho de tempo integral.

— Falo a sério, mas... obrigada. Embora não aceitarei seu oferecimento. Procurarei um emprego.

— O que disse Sebastian?

— Não contei ainda.

— Por que não? Ele poderia mover alguns fios por você em algum lugar.

Não disse porque não queria que parecesse que ia direto a ele quando se deparava com algum problema. Não se importava de mostrar-se indefesa no quarto. Mas na vida real era diferente.

Como que antecipando o seu raciocínio, Carly acrescentou:

— Olha, eu entendo que você não quer que ele a veja num momento de fraqueza. E faz bem em não querer. Mas esse cara se importa de verdade. Soube na noite que apareceu aqui depois de sua briga.

Regina assentiu.

— Sim, já sei que ele se importa. Durante um tempo, não tinha certeza, mas agora sim. Claro que tenho que dizer-lhe e o farei. Só precisava assimilar primeiro. — Olhou seu relógio. — Na verdade, ele vai me pegar em frente a biblioteca em uma hora. Não posso adiar mais.

Pegou seu iPhone e discou seu número. Caiu diretamente na caixa postal.

— Não responde. Vou ter que me encontrar com ele ali. Esperarei lá fora na frente dos leões.

— Os leões?

— Os leões de pedra ao pé da escada... Carly negou com a cabeça.

— Eu não vou a bibliotecas, Regina. E o digo a sério.

Apesar de sua intenção de se esconder na frente dos leões até que visse o carro do Sebastian, o metrô a deixou na biblioteca às cinco e quarenta e cinco e não podia ficar ali sem fazer nada todo esse tempo. Decidiu que

enquanto esperava falar com Margaret.

Ela deu conta de que não tinha seu número de telefone e duvidava que a mulher utilizasse o correio eletrônico. Nem sequer sabia quando era seu último dia de trabalho e isso a fez perceber, em pânico, que talvez nunca iria vê-la novamente.

Sabia que era irracional, mas foi esse pensamento o que a fez subir a escada e entrar na biblioteca, arriscando-se a encontrar-se com Sloan.

Por um momento teve o pensamento paranoico de que os guardas de segurança lhe pediriam para sair, mas logo se lembrou que aquela era uma instituição pública e que não tinha sido presa, só a haviam demitido. O guarda de segurança que a saudava com um gesto da cabeça a cada manhã, provavelmente nem soubesse. E assim foi, porque lhe disse olá com a mão quando atravessou a toda pressa o saguão e subiu a escada até o quarto andar.

Regina passou junto à Sala Barnes e desviou o olhar. Se Sloan tivesse descoberto a libertinagem que tinha acontecido ali dentro, a teria despedido há semanas.

A porta da Sala de Arquivos estava aberta. Regina chamou para não sobressaltar a sua companheira. Quando não obteve resposta, entrou.

— Margaret? — chamou de novo.

— Aqui.

Regina a encontrou subindo numa escada alta, colocando ou pegando um pesado livro numa estante.

— Tenha cuidado! Deixa que te ajude com isso — exclamou, enquanto se aproximava correndo.

A mulher olhou para baixo.

— O que está fazendo aqui? Tinha ouvido falar que você tinha sido praticamente escoltada até a rua — disse com um sorriso.

Regina a olhou estupefata.

— Estou exagerando, é obvio — tranquilizou-a Margaret .— Mas já sabe como vão os boatos. — Desceu devagar da escada. — Nunca pensei que veria chegar o dia em que alcançar minhas prateleiras favoritas seria um problema que não compensaria a recompensa

— comentou, respirando com dificuldade. Sacudiu as mãos no vestido.

— Então, o que aconteceu, querida?

— Um desastre — começou ela, tentando conter as lágrimas que escapavam de vez em quando durante as últimas cinco horas. — Faltei um dia e em seguida cheguei tarde e... acho que a verdadeira razão é que Sloan está com ciúmes da minha relação com Sebastian.

Margaret concordou.

— Tentei te avisar.

— Sei. Quando me disse do pingente.

— Tenho que reconhecer que não previ que chegaria a isto.

— Não sei o que fazer.

— Se precisar de uma recomendação, estarei encantada de te dar uma. Sloan pode ter sido a sua chefe, mas eu estive aqui o tempo suficiente para te poder abrir muitas portas. Talvez uma organização de alfabetização sem fins lucrativos?

— Oh, Margaret. Você tem sido tão maravilhosa... — A mulher a rodeou com o braço e ela respirou profundamente várias vezes para acalmar-se. — Quando é seu último dia? — perguntou em seguida.

— Tinha medo de não poder me encontrar com você.

— Termino na sexta-feira da festa de gala dos Young Lions. Mas por que pensava que não poderia encontrar comigo? Sempre pode me encontrar no Twitter.

— No Twitter?

— Sim. Ou em meu novo blog de resenhas de livros.

— Abriu um blog de resenhas de livros?

Margaret confirmou e procurou um pedaço de papel e uma caneta. Anotou seu número de telefone e o deu a Regina.

— Vejo você em breve. Deixa que as coisas acalmem antes de tomar qualquer decisão sobre seu futuro. Às vezes, é melhor começar um novo capítulo.

— Mas você esteve no mesmo emprego durante cinquenta anos.

— Assim é, e se eu posso confrontar a mudança, você também — afirmou a mulher com seus brilhantes olhos azuis e lhe apertou a mão.

— Não é a mudança o que não posso confrontar, é o fracasso.

— Fracassou? Só o tempo pode revelar isso. Em um ano, dois anos, cinco, quem sabe como verá este momento. Poderia ser o ponto de inflexão para o resto de sua vida.

CAPÍTULO 42

Viu o Mercedes assim que saiu da biblioteca. Sebastian ia ao volante. Mesmo daquela distância sentiu seus olhos sobre ela enquanto descia a ampla escada. Quando se aproximou, saiu e lhe abriu a porta. Só o fato de vê-lo fez que se sentisse melhor. Foi a primeira vez desde que a tinham despedido que não sentiu o tremor do pânico.

Sebastian lhe deu um rápido abraço antes que entrasse no carro. Uma vez que estava ao volante, Regina disse:

— Te liguei antes, mas atendeu o correio de voz. Ele assentiu enquanto entrava no trânsito intenso.

— Sinto muito. Passei o dia todo trabalhando nas fotos que fizemos ontem à noite. Não queria que nada me distraísse. — Desviou os olhos do meio-fio o tempo suficiente para lhe dar um amplo sorriso.

— Que tal saíram? — perguntou nervosa.

— Vou levar você a meu apartamento para que as veja por si mesma — respondeu.

Sua excitação era evidente e contagiosa. Regina esboçou um leve sorriso.

— Está certo — acessou. Sebastian apertou-lhe a mão.

— O que acontece? — perguntou.

Como podia saber que algo ia ruim? Tinha aspecto de ser alguém a quem acabavam de despedir?

— Bom, Sloan me despediu. Sebastian riu.

— Ela não pode fazer isso.

— É obvio que pode — replicou Regina frustrada. — É minha chefe. Você nunca teve um trabalho normal das nove à cinco, por isso não o entende.

— Falarei com ela — disse com confiança, como se isso solucionasse tudo.

— Não! — exclamou envergonhada só de pensa-lo. — Por favor, não o faça. Embora pudesse obriga-la a que voltasse a me admitir, e o duvido, seria deprimente para mim. Só preciso... eixa-lo estar.

A Quinta Avenida estava lotada com o trânsito da hora do rush. Sebastian virou para o oeste.

— Não estou de acordo com você nisso — insistiu. — Quer recuperar o trabalho ou não?

— Não o entende, Sebastian. Eu estraguei tudo. Eu queria este trabalho mais que qualquer coisa.

— Não fez nada que justifique sua demissão.

— É obvio que sim. A deixei ciumenta e logo dei uma desculpa para que me despedisse. Foi estúpido — reconheceu.

Voltava a sentir o nó na garganta.

— Mau manejo das relações de poder — reconheceu. — Lamenta ter saído comigo?

Regina negou com a cabeça.

— Não. Nem por um minuto.

— Bom, se o fizesse, acredito que quando vir as fotos, mudaria de opinião.

Regina estava sentada na mesa de jantar de Sebastian, observando as fotografias. Apenas reconhecia à linda, segura e extremamente erótica criatura em branco e preto que lhe devolvia o olhar. Tinha tentado evocar o espírito do Bettie Page, mas era uma encarnação mais escura e perigosa. Cada foto parecia revelar uma camada diferente de si mesma e a sequência em que as tinha organizado Sebastian, criava uma poderosa progressão de dominação e desejo.

As fotografias eram perturbadoras e emocionantes ao mesmo tempo.

— Não posso acreditar — afirmou em voz baixa.

— Eu sim — replicou ele, enquanto passava por trás dela e aparecia por cima de seu ombro de vez em quando. — Não te pressionei mais com o tema das fotografias para não te incomodar, nem tentar exercer nenhum tipo de controle, mas tinha a sensação de que o resultado seria algo especial. — Sentou-se a seu lado e pegou a mão dela. — E tinha razão.

— Há muitas fotos

— Sempre faço muitas durante uma sessão, o qual em si mesmo não é excepcional. Mas sim o é que todas sejam boas. Ou quase todas. Às vezes só podem ser usadas umas poucas de cada sessão, por isso me permito muita menos flexibilidade. Mas o que temos aqui... é ouro. — E logo a olhou muito sério. — Não quero que se preocupe com nada. Nem por seu trabalho, nem por mim nem tampouco por nós.

Tomou o rosto entre as mãos e a olhou aos olhos com uma intensidade que exigiam o mesmo em troca. Regina sentiu a habitual pontada no estômago e nos olhos dele viu o onipresente desejo, mas também algo mais. Havia algo diferente em como a olhava e se deu conta de que, pela primeira vez, havia um elemento de admiração.

Sebastian baixou a cabeça e a beijou no pescoço, fazendo que sentisse um

calafrio. Regina estremeceu e se inclinou para ele quando a rodeou com os braços. Encheu seus pulmões com seu perfume e sentiu que seu corpo se via alagado pelo desejo, apesar das persistentes dores da noite anterior.

Beijou-a na boca avidamente, como se tivessem estado separados durante semanas. Desabotoou o sutiã. Sua mão se deslizou sob a blusa para procurar os mamilos. Deixava-os eretos. Os acariciou uma e outra vez até que a Regina deixou escapar um leve gemido e só então abriu a blusa, tirando dela com tanta força que alguns botões saltaram e caíram ao chão com um leve tinido.

Seus lábios e sua língua se entretiveram nos seus seios, brincaram com os mamilos ao princípio e logo os sugaram tão forte que doeu. Regina ofegou com as mãos no seu cabelo, assombrada de que seu corpo fosse seu pior inimigo. Desejava-o descaradamente apesar da dor persistente que sentia, devido de como havia transado a menos de vinte e quatro horas. Mas notou a umidade entre suas pernas e se contorceu de desejo.

Sebastian se levantou e Regina sentiu o ar nos mamilos úmidos e machucados. Desviou as fotos com um tapa e a colocou sobre a mesa. Desabotoou a saia e a tirou, jogando-a ao chão junto com a calcinha.

— Venha para a beira — ordenou com uma voz cheia de desejo.

Ela se deslizou e as pernas ficaram pendurando na lateral da mesa. Sebastian se recostou na cadeira e as abriu. Então se inclinou para frente para lambe o sexo com a língua numa longa carícia. Regina gemeu e arqueou as costas e ele deslizou um dedo em seu interior.

— OH, Meu Deus! — sussurrou ela.

Sua língua brincava sobre seus clitóris enquanto seu dedo entrava e saía. Regina puxou o seu cabelo enquanto seus quadris se moviam brusca e ritmicamente. Seu cérebro zumbia como um motor, com todos os pensamentos dispersos e sem sentido. Até o momento que ele subiu na mesa e sentiu que seu pênis tocava o seu sexo, ela já tremia toda, nervo puro que só poderia aplacar enchendo-a.

Ele abriu mais as pernas enquanto que apertava o bumbum quase freneticamente. Pensou que seguiria excitando-a, e sabia que se a fizesse esperar não seria capaz de suportar. Mas por sorte se afundou no seu interior e a sensação foi tão brusca e rápida que notou quase imediatamente como sua vagina se convulsionava, espremendo-o num orgasmo tão forte que experimentou um momento de pânico com a perda de controle.

Começou a gritar palavras sem sentido e ele murmurou algo em resposta, com o rosto perto do seu, até que suas próprias palavras se converteram num potente grito que a surpreendeu, enquanto que seu corpo tremia e ele investia numa amostra quase violenta de seu próprio êxtase. Depois, Sebastian se moveu até ficar deitado de barriga para cima sobre a dura mesa, com ela aconchegada junto a ele.

— Não vou poder caminhar — disse em tom de brincadeira.

— Eu te levarei — assegurou ele e a apertou com força. E Regina soube que não estava brincando.

CAPÍTULO 43

Regina tinha passado na frente do Front Page Books, na esquina da Rua Quarta Oeste uma infinidade de vezes e sabia que era uma das poucas livrarias independentes que ficavam em Manhattan. Nessa manhã, no seu caminho de volta a seu apartamento, depois de passar quatro noites seguidas no do Sebastian, viu na vitrine um anúncio dos candidatos para o prêmio de ficção dos Young Lions, que incluía um dos títulos que ela tinha recomendado como finalista. Sentiu que se tratava de um sinal e abriu a porta de vidro fazendo soar uma campainha. Um grande gato malhado laranja veio correndo e rodeou os pés. Regina se inclinou e acariciou a cabeça suavemente. O gato se esfregou contra suas pernas com a cauda erguida.

— Merlín, vem aqui — uma mulher o chamou atrás do balcão. Usava uma camiseta e jeans e várias joias turquesa. Parecia jovem, não mais de trinta anos, embora tinha o cabelo quase cinza. — Sinto muito — disse para Regina. — Não sei o que lhe deu ultimamente. Depois de dez anos, de repente, saúda todos os clientes e nem todos desejam acrescentar esse complemento em particular a sua experiência de compras.

Ela veio e pegou o animal no colo, que ronronava com força.

— Posso te ajudar em alguma coisa? — perguntou, quase como se acabasse ocorre-lo.

Regina não sabia por que tinha entrado na loja, mas assim que a mulher perguntou se podia ajuda-la, a resposta foi óbvia.

— Perguntava-me se teria alguma vaga disponível.

— Possivelmente — respondeu a outra.— Tem experiência?

— Sou bibliotecária — afirmou Regina e gostou de dizê-lo.

— Oh, nossas pobres e atribuladas bibliotecas! — lamentou a mulher. — O que vamos fazer com todos esses cortes no financiamento? Sem bibliotecas não há livrarias. A história verá isto como a decadência de nossa civilização. Dizem que se julga a uma cultura por sua arte, não por sua política. Ou algo assim.

— Vi o anúncio dos candidatos ao prêmio de ficção dos Young Lions na vitrine.

Não mencionou que tinha formado parte do comitê de seleção.

— Como se chama? — perguntou a mulher.

— Regina Finch — respondeu.

— Deixe-me o seu número de telefone, Regina — pediu-lhe.

— Ligarei depois que eu tiver falado com meu sócio. Ou melhor ainda...

Deixou o Merlín no chão e retornou ao balcão. Indicou a Regina que a seguisse. Investigou numa gaveta e deu-lhe um cartão.

— Sou Lucy — disse. — Me envie por email o seu currículo.

— Genial — exclamou ela, tentando conter a excitação. —Farei isto. Obrigada!

Já na rua, voltou rapidamente para o seu apartamento. Só que tinha passado um tempo em casa durante as últimas duas semanas, mas tinha decidido que esse dia seria um dia de procurar emprego a sério e sentiu que Front Page Books era um começo prometedoro. Enviaria seu currículo para Lucy e se parecia um pouco ansiosa ao enviá-lo cinco minutos depois de seu encontro, que o parecesse. Sentia falta dos livros e desejava encontrar seu lugar entre eles. Como tinha tentado explicar ao Sebastian, isso não era só o

que precisava, era o que desejava profundamente.

Subiu a escada esperando que Carly estivesse em casa. Não tinha falado com ela há dias.

— Oi, desaparecida — saudou a garota quando ela entrou no apartamento.

Sentiu uma pontada de culpa, porque Carly tinha mandado uma mensagem na noite anterior dizendo que a ligasse o mais rápido possível e Regina, que estava no cinema com Sebastian quando o recebeu, esqueceu de lhe responder mais tarde.

— Olá — disse. — Sinto não ter respondido ontem à noite a sua mensagem. Estava no cinema e logo...

— Não continue — interrompeu Carly agitando a mão. — Só posso imaginar como são as coisas no ninho de amor do Sebastian. A propósito, sua mãe ligou umas vinte vezes.

Ela suspirou. Tinha evitando falar com sua mãe desde que a tinham despedido. Se lhe dissesse que não tinha trabalho, a campanha para fazê-la voltar para casa seria dolorosa e implacável.

— Sinto muito — desculpou-se.

— Sério, dê a essa mulher seu número de celular ou eu o farei! — ameaçou-a Carly, movendo o dedo num gesto de fingido aviso.

E foi então que Regina se fixou no grande diamante que brilhava no dedo anelar da mão esquerda de sua companheira.

— Oh, Meu Deus! — exclamou, atravessando a sala com alguns passos rápidos e agarrava a mão do Carly. — É isto o que eu acho que é?

A garota assentiu, sorrindo de orelha a orelha.

— Pediu-me ontem à noite. Por isso te mandei a mensagem. Regina a

puxou para levantá-la e a abraçou.

— Felicidade — disse e sentiu que enchiam os olhos de lágrimas de felicidade por sua companheira de apartamento.

Embora em seguida se sentiu envergonhada pelo pensamento tão egoísta que lhe cruzou a mente: nesses momentos não só não tinha trabalho, mas também provavelmente estava a ponto de ficar também sem casa.

Soou o telefone e soltou Carly para tirá-lo da bolsa.

— Me perdoa — se desculpou, — um segundo. Alo?

— Onde você está? — perguntou Sebastian. Soava levemente ansioso.

— Em meu apartamento. Por que?

— Pegue um táxi e se encontre comigo na Sessenta e seis com a Madison.

— Agora? Acabo de chegar — replicou, enquanto entrava no seu quarto e fechava a porta. Tirou o notebook. — E tenho que enviar um currículo...

— Não vai demorar muito. E depois te levarei de volta a seu apartamento se quiser.

— O que há na Sessenta e seis com a Madison?

— A boutique Gaultier. Meneou a cabeça.

— E por que eu vou me encontrar com você na boutique Gaultier?

— Porque acabo de encontrar o vestido perfeito para você — respondeu ele, como se fosse a resposta mais óbvia no mundo.

— Sebastian, não preciso de um vestido Gaultier. — Mesmo ela, apesar de sua total ignorância sobre moda, conhecia o Jean-Paul Gaultier e seus desenhos provocativos. Se não por outra coisa, por ser o desenhista da

excursão da Madonna, a Loira Ambição, dos anos noventa.

— É obvio que precisa — repôs Sebastian—. O que vais vestir para a festa de gala dos Young Lions?

Regina afastou o telefone do ouvido e lançou um desgostado olhar que teria dirigido a ele se tivesse estado de pé em frente dela. Logo voltou a aproximar-lhe.

— Despediram-me, recorda?

— E? Mesmo assim virá como minha acompanhante, não? Agora coloca seu bumbum num táxi. Suspeito que a única coisa que pode ser mais sexy que você nua será você com este vestido.

Regina sorriu.

— Ok. Espere aí. Irei o mais rápido possível.

Desligou. E logo abriu o notebook para enviar o currículo.

Não era tanto um vestido como uma criação, um vestido de baile de fina renda preta até o chão. Com o pescoço fechado e pequenas mangas curtas, flertava com o conservadorismo, enquanto o corpo do vestido se ajustava como uma segunda pele terminando numa cascata de delicado renda a seus pés

— Super, ultrasexy, não é? — perguntou o vendedor, um cara preto muito magro, chamado Marcel.

Usava o cabelo muito curto descolorido, quase branco, e os olhos

delineados. Regina, com um interesse recém-descoberto pela maquiagem da sessão fotográfica, resistiu ao impulso de perguntar pela marca de seu lápis de olhos.

— Muito sexy — assentiu Sebastian.

Ela se olhou no espelho e não pôde estar mais de acordo. O vestido era assombroso e sentia como se estivesse sido feito para ela. Só havia um problema.

— É muito... isto... muito transparente — comentou, afirmando o óbvio.

— Poderia forrá-lo — comentou Marcel devagar. Entretanto, pela rápida careta de seus lábios deixou claro que o considerava um sacrilégio. — Embora quando o senhor Gaultier o mostrou na passarela, desejou ressaltar a transparência da renda.

Agarrou uma grande pasta com três argolas e a abriu numa página marcada, para mostrar uma foto do vestido no desfile de moda de outono do Gaultier. A modelo o usava com um sutiã e uma tanga vermelha por baixo.

— Oh, isso não vai acontecer — previu Regina. — Vamos a um evento social na biblioteca — assinalou deliberadamente olhando para Sebastian, como se este o tivesse esquecido.

Marcel assentiu, mais pormenorizado agora que via que a reticência da Regina se devia mais à ocasião que a incompetência no vestido.

— Se quer manter o look sem ser muito arriscada, pode usar um sutiã de meia taça e um calções de renda. Pode usa-lo em vermelho ou, se realmente quer ir pelo seguro, em preto.

Na insistência do Sebastian de que usasse sempre lingerie, e sua dedicação a proporcionar-lhe, Regina dispunha de um enorme sortido entre o que escolher. Poderia encontrar praticamente qualquer cor para por debaixo do vestido na sua coleção pessoal.

— Vermelhos — afirmou Sebastian sorridente.

— Pretos — replicou Regina, cruzando os braços. Ele olhou para o Marcel.

— Arrematado.

Caminharam pela avenida Madison de mãos dadas. Passaram junto ao Barneys, Calvin Klein e Tod'S. Regina colocou bem a bolsa do Gaultier sobre o ombro.

— Poderia ter comprado o vestido sem me fazer vir — comentou. Sebastian a olhou como se tivesse feito uma sugestão terrível.

— Sem que você o provasse primeiro?

— Isso não acostumava te deter antes — replicou ela.

— Está certo, aí me pegou. Só queria uma desculpa para ver você.

— Mas se sai do seu apartamento esta manhã!

— Exatamente — afirmou ele. — Transcorreu muito tempo.

Regina sorriu e negou com a cabeça. As mulheres que passavam olhavam para Sebastian e em seguida para ela. Regina nunca sabia se as pessoas o reconhecia pelas revistas e pelos sites de fofoca ou se simplesmente o consideravam bonito; talvez a imagem de duas pessoas loucamente apaixonadas bastava para chamar a atenção.

— Você tem certeza que é boa ideia que vá à festa de gala?

— perguntou. — Sloan vai estar feito uma fera.

— A verdade é que não poderia me importar menos com o que Sloan pense e tampouco deveria importar a você. O único motivo pelo que não disse a ela exatamente o que penso sobre demitir você, é porque me implorou que não o fizesse.

— Eu me sentiria desconfortável— insistiu. Sebastian se deteve e a olhou.
— Não será assim. Você tem tanto direito a estar alí como qualquer outro. Trabalhou nesse prêmio e deveria vive-lo.

Regina sabia que tinha razão, não deveria importar o que Sloan pensasse. Já não trabalhava para ela. Aparecer na festa de gala poderia ser a melhor forma de deixar esse episódio para trás.

— Por outro lado — continuou Sebastian enquanto rodeava o rosto com as mãos e a beijava na boca. — Eu tenho que ir. Apresentarei o primeiro colocado. E se eu for, você vai; quero que esteja a meu lado. Sempre.

Aprofundou o beijo e Regina encostou seu corpo ao dele. Então soube exatamente por que as pessoas ficavam olhando.

CAPÍTULO 44

A beleza majestosa diurna da biblioteca se transformava de noite em algo diferente. A Sala Astor, iluminada suavemente por uns candelabros de reminiscência romana, era um majestoso espaço de mármore branco e espetaculares sombras. Regina apenas o reconheceu, preparada com mesas redondas formalmente arrumadas para os duzentos e cinquenta convidados, como o lugar que tinha atravessado diariamente. Agarrada ao braço do Sebastian, pensou que não deveria sentir-se incômoda por estar ali. Não era a mesma mulher que tinha subido as escadas com os olhos arregalados no seu primeiro dia de trabalho. Em alguns aspectos, nem sequer era a mesma mulher que Sloan tinha despedido fazia duas semanas. Com cada dia que passava, o amor de Sebastian, e agora sabia que era o amor mais profundo e claro do que jamais tinha ouvido dizer, estava ajudando a moldar uma nova versão de si mesma que nunca tinha sonhado que pudesse existir.

— Estes eventos são muito mais toleráveis quando você pula a hora do coquetel — ele comentou, piscando um olho.

Com seu smoking preto, era toda uma aparição, a personificação da beleza masculina. Regina sorriu-lhe. Graças aos Louboutin que usava, quase chegava ao nível dos olhos. Entretanto, Sebastian não teve nenhum problema em beijar os cabelos dela, que era o que estava fazendo quando um fotógrafo da revista New York fez uma foto. A atenção dos meios a surpreendeu, mas tentou ocultar sua reação.

— Será melhor que se acostume — disse Sebastian, mas ela não tinha nem ideia do que tinha querido dizer com isso.

Sem dúvida, ali haveria alvos mais valiosos para os fotógrafos. Apenas no outro lado da sala, viu um grupo de jovens famosos de Manhattan, o ator Ethan Hawke (bonito e vagamente desalinhado, mas aparentemente mais

velho do que ela pensava), Julianne Moore (deslumbrante com um vestido de seda cor ametista) e Adam Levine, o cantor do Maroon Five. Com sua jaqueta de smoking e as tatuagens tampadas parecia um cara normal de Nova Iorque. A única coisa que mostrou o seu status de estrela era a esbelta ruiva que tinha agarrada no braço, a que Regina reconheceu do anúncio de cuecas Calvin Klein num anúncio do Times Square.

Agradeceu que Sebastian a tivesse convencido de que ficasse com o espetacular vestido Gaultier. Se tivesse posto algo inferior, teria se sentido como o patinho feio entre os cisnes.

Como de costume, seus dedos tocaram o pingente com o pequeno cadeado de ouro que levava sob o pescoço de renda. Percorreu a sala discretamente com o olhar, perguntando-se quando se encontraria com Sloan e temendo que chegasse o momento. Mas em lugar de ver seu Némesis, ficou encantada ao descobrir Margaret, que estava conversando com um dos candidatos ao prêmio e que estava muito elegante com um vestido preto comprido e um impressionante colar de grandes pérolas ao pescoço.

Viu Regina quase ao mesmo tempo que ela e se desculpou para aproximar-se.

— Que surpresa tão agradável — exclamou Margaret.

— Acreditei que disse que não viria — ela comentou, enquanto apoiava a mão em seu ombro.

— Oh, tinha planejado não fazê-lo. Mas ao olhar da minha aposentadoria, vão me dar uma espécie de prêmio e teria sido de mau gosto não aparecer. — Virou-se para Sebastian e dedicou-lhe um sorriso caloroso. — Como está, Sebastian? Como sempre tão elegante... e cada ano que passa se parece mais com a sua mãe. Sei que estaria muito orgulhosa de seu trabalho aqui.

Regina apertou a mão dele, preocupada como ele tomaria o comentário. Mas bastou lhe lançar um olhar para seu rosto para ver que, longe de lhe desgostar, essas palavras o tinham feito ruborizar-se de felicidade.

— Agora, se me dão licença — desculpou-se Margaret, — ainda tenho que encontrar um garçom que me ofereça uma taça de vinho branco em vez de algum ridículo coquetel.

Regina ouviu uma voz familiar que a chamava.

— Finch! — virou-se e viu Alex, que se aproximava com sua acompanhante, uma jovem muito magra, com o braço coberto de tatuagens e o cabelo rapado.

Regina a reconheceu, era a mensageira duendezinha.

— Não liga, não escreve... Não posso acreditar que fosse assim
— disse-lhe, enquanto sorria para indicar que só brincava.

— Sim, foi um pouco repentino. Alex, este é Sebastian, Sebastian, este é Alex e...

— Marnie — disse a jovem, enquanto estendia a mão.

Regina puxou a manga do Sebastian.

— É a mensageira que me entregava todas as suas cartas
— explicou e observou como os olhos do Marnie se arregalavam.

— Você é o cara? — perguntou a jovem. — Tio, obrigado pelas gorjetas. Me pagou isto.

Estendeu o braço para lhes mostrar uma tatuagem recém-feita, uma linha de texto em itálico que percorria a parte inferior de seu antebraço: *A mente tem seu próprio lugar e pode fazer do inferno um céu e do céu um inferno.*

— É uma citação do Paraíso Perdido de Milton— comentou a garota com orgulho.

— Sabe? Eu a julguei mau — confessou Alex a Regina. — Deve ser realmente demais para que a despeçam depois de levar só três meses no

cargo.

Ela não teve nem ideia de como responder a isso, embora Marnie assentiu vigorosamente para mostrar seu acordo.

— Regina... — disse Sebastian enquanto apertava a sua mão. Quando ela olhou para cima, piscou um olho.

Um homem de cabelo prateado, baixo, mas de aspecto distinto atravessava a sala em direção a eles.

Assim que Sebastian o viu, seu rosto se iluminou.

— É bom ver você, Gordon — saudou-o — Quero que conheça a minha namorada, Regina Finch.

Ela sorriu para as suas palavras. O homem sacudiu sua mão.

— Regina, este é Gordon Mortimer, o editor do Taschen.

Ela conhecia Taschen, provavelmente a maior editora do mundo de livros de desenho, arte e fotografia. Sebastian tinha uma considerável coleção deles no seu apartamento: Dalí, Helmet Newton, David LaChapelle, Roy Lichtenstein.

— Sebastian, vi sua exposição no Manning-Deere. Um trabalho fabuloso. Estive falando com seu agente e deu-me muito coisa. Mas eu adoraria fazer um livro com você. Comentou-lhe isso?

Ele confirmou.

— Sim... e me sinto lisonjeado. Eu adoraria trabalhar com você, mas não tenho certeza de que as fotos de Astrid Lindall sejam o material adequado para meu primeiro livro.

— Tem outra coisa em mente?

— Poderia ser.

— Vamos almoçar juntos na próxima semana. — O homem sorriu a Regina e apertou a mão de Sebastian. — Estou impaciente para continuar a falar sobre isso.

Quando ela teve certeza que ele não podia ouvir, ela se virou o Sebastian.

— Isso é tão emocionante... — disse. — Queria falar com você mais tarde.

Eles começaram a se mover entre os convidados e, como um animal na selva, Regina sentiu mais que viu, que Sloan a observava. Ela virou-se apenas o suficiente para vê-la. Sua antiga chefe estava com um homem de aparência suave que a rodeava com o braço e Regina supôs que seria seu noivo, Harrison.

Regina encontrou seu olhar e, desviou o olhar rapidamente, porém, o estrago estava feito. Pôde interpretar claramente o que diziam seus olhos: "saia da minha festa, puta".

— Oh, Deus — sussurrou Regina.

— O que? — perguntou Sebastian

— É Sloan.

— Ignore-a — ordenou. — Não pode permitir que fique nervosa. E não poderá evita-la a noite toda. Está sentada conosco.

Sua mesa era a mais próxima do palco e estava composta claramente pelos convidados mais importantes da noite. Regina estava entre Sebastian e o

diretor da biblioteca. Em frente dela, Ethan Hawke os entretinha com relatos da primeira festa dos Young Lions, em 1999. Regina quase não que podia vê-lo por cima do centro de mesa de copos- de-leite, mas escutava as anedotas com muita atenção. Ao lado dele, Sloan jogava faíscas pelos olhos, com uma raiva que sem dúvida era invisível para todos exceto para ela.

A história dos desastres evitados por pouco da primeira festa foi acolhida com sonoras gargalhadas e isso animou a Harrison a contar sua própria anedota sobre a primeira vez que levou Sloan a Inglaterra para que conhecesse sua grande família e ela se viu obrigada a participar da caça anual da raposa. Seu relato divertiu a todos menos à própria Sloan.

— Sempre digo a ela que não se preocupe e, mesmo assim, sempre o faz, embora no final as coisas acabam magnificamente — concluiu Harrison.

— Possivelmente acabam magnificamente porque me preocupo. Ou, como eu gosto de dizê-lo, por meu duro trabalho — replicou Sloan.

Se alguém mais na mesa percebeu a tensão da troca, não o mostrou. Ethan estava respondendo perguntas sobre seu último projeto, uma sequencia do filme Antes do entardecer. Essa era a primeira vez que Regina ouvia falar disso e tentou reprimir o impulso de intervir e dizer-lhe o quanto tinha amado o filme. Deu-se conta de que o tinha visto quando possivelmente era muito jovem para apreciar plenamente a sua exploração da nostalgia, as oportunidades perdidas e os compromissos mais persistentes da vida, mas apesar de tudo tinha-a encantado. Até agora, era a razão pela que desejava visitar Paris. Pensou que deveria mencionar a Sebastian. Talvez algum dia pudessem ir juntos.

Embora lhe segurava a mão por debaixo da mesa, ele estava distraído conversando com o par de Adam Levine, a quem, ao parecer, tinha fotografado fazia uns poucos meses para a revista W. Houve um tempo, não muito longínquo, que isso teria feito Regina sentir-se ciumenta e insegura. Mas estava convencida de que seu lugar em frente a sua lente fotográfica, e em seu coração, não tinha rival. Quando pegou trechos da sua conversa com a modelo, sorriu ao escutar que Sebastian estava falando dela.

O diretor da biblioteca se desculpou.

— É hora de começar o espetáculo — comentou e se aproximou do palco.

O persistente murmúrio da sala ficou em silêncio quando o homem se aproximou do microfone para saudar à décima quarta festa dos Prêmios de Ficção Young Lions.

— Antes que comecemos com a apresentação de nosso primeiro candidato, desejo dar as graças a todo o conselho, este ano, seus membros fizeram o impossível para organizar esta noite seis meses antes da nossa habitual data. A sala estalou num caloroso aplauso.

— E agora tenho o prazer de lhes apresentar o presidente do conselho, Sebastian Barnes.

— Voltarei em seguida — sussurrou ele.

Em seguida se reuniu com o diretor no palco. Trocaram algumas palavras, e as apresentações foram feitas e no final um dos escritores finalistas tomou o microfone para ler um fragmento de seu primeiro romance.

Regina observou a graça e naturalidade com que Sebastian se desenvolvia em frente a multidão e pôde ver os olhos de todas as mulheres fixos nele, especialmente os de uma loira em particular, sentada em frente a ela. Quando Sebastian retornou à mesa, Regina se sentia cheia de orgulho e amor.

Ele não se sentou, mas sim acariciou-lhe levemente as costas.

— Vamos lá fora tomar um pouco de ar — sugeriu.

Não teve que repetir duas vezes. Estava ansiosa por compartilhar um momento a sós com ele. Imaginou um rápido mas apaixonado beijo no saguão.

Sebastian caminhou rápido segurando a sua mão. Não disse nenhuma palavra até que estiveram fora, na entrada.

Fazia frio e Regina estremeceu. Sebastian tirou a jaqueta e a pôs sobre os ombros.

— Parecia tão dominante aí acima — comentou.

— Você entre todas as pessoas é a que melhor sabe que aspecto tenho quando sou dominante.

Ela sorriu e negou com a cabeça.

— Já sabe a que me refiro.

Ele se virou para ela e lhe esfregou os ombros.

— Já se aqueceu?

— Sim — respondeu com um amplo sorriso.

Os faróis dos carros iluminavam a Quinta Avenida. Ela inspirou o ar, uma brisa que soprava do este.

— Regina, lembra o que disse o editor, certo?

— Sim. É obvio. É realmente emocionante. Já tinha me comentado algo.

Sebastian assentiu.

— Meu agente me disse isso há algumas semanas. Mas então não tinha nada que eu queria capturar num livro. Eu pensei que era muito cedo para fazer algo assim com o Taschen.

— Não se preocupe — ela o tranquilizou. — Tenho certeza de que a oferta ainda estará de pé quando estiver preparado.

— É isso que eu queria falar com você. Estava esperando o momento

oportuno, mas o fato de que nós nos encontramos com o Gordon esta noite... foi uma casualidade.

Regina o olhou com curiosidade.

— O que? Você está me deixando nervosa.

— Quero mostrar suas fotos. Para um possível livro.

Ela prendeu a respiração. Levou uma mão ao peito enquanto se dizia que devia manter a calma.

— Sebastian, você disse que essas fotos eram apenas para você. Para nós — acrescentou rapidamente, tanto que não sabia se ele a teria entendido.

— Eu sei. E pode continuar sendo assim. Só te estou dizendo que, de todas as fotos que já fiz, essas são as minhas favoritas. As melhores, com certeza. A paixão e o amor que sinto por você se refletem nelas. É o que estava faltando no meu trabalho todo este tempo. Eu te amo, Regina.

— Eu também te amo — disse e Sebastian a atraiu para seus braços.

Ela encostou o rosto no seu ombro, com cuidado para não manchar a camisa branca com o batom vermelho. Seus sentimentos por ele nesse momento eram tão fortes que faziam que a resposta a sua pergunta estivesse clara.

Estava orgulhosa do que tinham feito juntos. As fotografias eram o resultado tangível do seu encontro no meio termo, a descoberta do lugar onde pudessem amar um ao outro e também amar a si mesmo. Não havia nada de errado nessas imagens. Não tinha que insistir que ficassem só entre eles. Talvez até se não fosse capaz de entregá-las seguiria guardando uma parte de si mesmo. E desejava dar-lhe tudo.

— Quero que mostre as fotos — decidiu.

Sebastian se virou para trás e a afastou delicadamente.

— Não tem que aceitar. Mesmo assim, te amo — ressaltou.

Embora Regina podia ver que ele tentava ser discreto e que sua excitação era evidente.

— Sei que não tenho que aceitar. Falo muito a sério.

Ele olhou para baixo, voltou a olhar para ela e a surpreendeu ver lágrimas nos seus olhos.

— Me deu um verdadeiro presente, Regina. E não me refiro só às fotos.

Ela se aproximou e o rodeou com os braços. Sentia-se tão feliz que parecia que ia explodir de felicidade.

Sebastian a empurrou e então percebeu de que ele estendia uma caixinha azul. Uma caixa da Tiffany'S.

— O que é isto? — perguntou, sentindo um déjà vu da noite que lhe deu de presente o cadeado.

Sebastian sorriu com os olhos brilhantes. Regina desatou rapidamente o laço branco e a abriu. Encontrou uma chave de platina, de quase quatro centímetros de comprimento, coberta de diamantes. Tirou-a da caixa e viu que era um pingente.

Ele esticou os braços e ela percebeu que estava desabotoando o pingente de cadeado. Sebastian o guardou em sua mão.

— Eu adoraria vê-la com o novo — disse-lhe, enquanto o punha.

— Você não terminou de olhar para dentro da caixa.

A base de veludo sobre a que tinha estado o pendente se via vazia. Regina olhou para Sebastian com curiosidade. Ele estendeu a mão e puxou o forro da caixa. Ali, no fundo, havia uma chave desgastada de bronze, muito normal.

— O que é isto? — perguntou confusa.

— A chave de meu apartamento — respondeu. — Suponho que com sua companheira a caminho do altar necessitará de um lugar onde viver.

Regina levou uma mão à boca enquanto esboçava um sorriso idiota que ameaçava converter-se numa risada de êxtase.

— Isso é um sim? — perguntou Sebastian. Ela assentiu com os olhos arregalados.

Ele a beijou nos lábios com suavidade, e depois se inclinou para trás.

— É obvio, compreenderá que em minha casa há certas normas. Mas sei que é obediente.

— Oh, eu sou?

— Sim — respondeu, abraçando-a e pressionando a boca no seu pescoço.

— No quarto, pelo menos.

Ele pegou a mão dela e começou a descer com ela as escadas.

— Não podemos ir ainda — comentou Regina.

— É obvio que sim.

— Eu quero ver como entregam o prêmio a Margaret.

— Você vai me fazer sentar lá e engolir a cerimônia inteira? Regina sorriu enquanto assentia devagar.

— Tudo bem, pode fazer que me sente e engula isso. — cedeu.

— Mas quando chegarmos em casa, vou assegurar me de que você não possa se sentar por uma semana.

— Promessas, promessas — cantarolou Regina, inclinando-se sobre ele.

Entraram de novo na biblioteca de mãos dadas.

